

"Grippando escreve intensamente esta história labiríntica, mantendo-nos virando as páginas em um ritmo frenético."

Booklist

JAMES GRIPPANDO

UMA
MULHER PERFEITA

 Harper
Collins

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UMA MULHER PERFEITA

JAMES GRIPPANDO

Tradução de
Alyne Azuma

UMA MULHER PERFEITA

 HarperCollins *Brasil*
Rio de Janeiro, 2016

Título original: CANE AND ABE
Copyright © 2014 by James Grippando

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, eventos ou locais é uma coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G885d

Grippando, James

Uma mulher perfeita / James Grippando ; tradução Alyne Azuma. - 2. ed. -
Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.
336 p. : il.

Tradução de: Cane and Abe
ISBN 978.85.69809.67-8

1. Ficção policial americana. I. Azuma, Alyne. II. Título.

15-28279

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens, incidentes e diálogos foram extraídos da imaginação do autor e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com eventos ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

SUMÁRIO

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Capítulo trinta e oito](#)

[Capítulo trinta e nove](#)

[Capítulo quarenta](#)

[Capítulo quarenta e um](#)

[Capítulo quarenta e dois](#)

[Capítulo quarenta e três](#)

[Capítulo quarenta e quatro](#)

[Capítulo quarenta e cinco](#)

[Capítulo quarenta e seis](#)

[Capítulo quarenta e sete](#)

[Capítulo quarenta e oito](#)

[Capítulo quarenta e nove](#)

[Capítulo cinquenta](#)

[Capítulo cinquenta e um](#)

[Capítulo cinquenta e dois](#)

[Capítulo cinquenta e três](#)

[Capítulo cinquenta e quatro](#)

[Capítulo cinquenta e cinco](#)

[Capítulo cinquenta e seis](#)

[Capítulo cinquenta e sete](#)

[Capítulo cinquenta e oito](#)

[Capítulo cinquenta e nove](#)

[Capítulo sessenta](#)

[Capítulo sessenta e um](#)

[Capítulo sessenta e dois](#)

[Capítulo sessenta e três](#)

[Capítulo sessenta e quatro](#)

[Capítulo sessenta e cinco](#)

[Capítulo sessenta e seis](#)

para Tiffany

CAPÍTULO UM

Inacreditável era a palavra certa para ela. Samantha Vine era inacreditavelmente linda. Era inacreditável que ela tivesse se casado comigo. Mais inacreditável ainda era que estivesse morta.

Também era bem inacreditável que eu tivesse me apaixonado e me casado novamente. Mas resiliência é mais a regra do que a exceção, não é? Pessoas se apaixonam. Pessoas morrem. De alguma forma, as pessoas se recompõem e seguem em frente, aceitando ou não a canção espiritual reconfortante de que a morte não passa de uma grande mudança de endereço. Agora, a coisa mais inacreditável sobre Samantha não tinha nada a ver conosco. Para ser específico, não era nem sobre *ela*, era sobre o pai dela: Luther Vine tinha sido um escravo afro-americano.

Isso é loucura, você diria, e não porque acha que sou um branco maluco tentando se inserir na história dos negros por meio do casamento. Ou talvez seja parte do que você está pensando. Mas, em grande parte, é pela desconexão entre as gerações.

Entendo totalmente o ceticismo. A escravidão foi proibida em 1865 com a adoção da Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos. Samantha sequer havia sido concebida quando o então presidente Jimmy Carter vestiu um cardigã em uma Casa Branca gelada e pediu para que todos os americanos fizessem como ele: preservassem energia e baixassem o termostato para 13 graus à noite. Durante todo o inverno, Luther e Carlotta Vine deitavam na cama e se aqueciam à moda antiga. A questão é que o racismo continua existindo, mas Samantha estava tão distanciada do fim da escravidão como instituição que nunca conheceu uma Suprema Corte americana sem justiça para os negros. Ela não tinha lembranças da NFL, a Liga de Futebol Americano, sem um *quarterback* negro. Ela não saberia sequer citar

um sucesso do Prince de antes de ele se tornar “o artista anteriormente conhecido como Prince”.

Então, vamos voltar à linha do tempo complicada. Mesmo se o pai de Samantha de fato fosse um homem velho quando ela nasceu, a conta não fechava. Aliás, isso vai de encontro com a história. O último escravo americano morreu em 1971. Nenhum dos filhos de Sylvester Magee estava vivo para ver a lápide que finalmente foi feita em sua homenagem no Mississippi mais de quatro décadas depois de sua morte — coincidentemente, o mesmo ano em que perdi minha esposa.

Samantha Vine, filha de um escravo?

— De jeito nenhum — as pessoas me dizem. — Não, a menos que eu não esteja me lembrando de alguma coisa.

— Você não está se lembrando de alguma coisa.

— O quê?

— De que você não sabe de nada.

— Vá se foder, Abe. É você que não sabe merda nenhuma.

— Não — respondo. — Você não sabe de nada.

Estou falando da Açúcar Big.

No outono de 1941, um grupo de homens viajou pelo Sul dos Estados Unidos e visitou locais onde se encontrava a maioria da população negra em cidades como Memphis e Biloxi oferecendo “trabalho estável” para “agricultores de cor” de dezoito anos ou mais. Não importava que Luther Vine tivesse apenas 16 anos. Nada naquela oferta era legítimo. “Aproveite o sol da Flórida nos meses do inverno”, o anúncio prometia, “enquanto colhe cana-de-açúcar nas plantações da Companhia Nacional de Açúcar”. Luther não era idiota. Usar um facão o dia todo, cortando pés de cana de três metros e meio e da espessura do pulso de um homem e carregar toneladas de cana em um caminhão não era para garotos de faculdade. “Não importa como você corte”, Luther costumava dizer, “é sempre um trabalho braçal”. Mas a empresa prometia um bom pagamento, que podia chegar a trinta dólares por semana. Um bom alojamento, livre de aluguel e com refeições incluídas, transporte para a Flórida, atendimento médico gratuito e lazer, tudo estava incluído no pacote. Ele se inscreveu e embarcou no caminhão com os outros inscritos.

O destino deles era Clewiston, a “cidade mais doce do mundo”, onde milhares de acres de cana-de-açúcar tocavam a margem sul do lago Okeechobee nos Everglades da Flórida. A viagem levou dois dias. Os homens eram alimentados duas vezes ao dia, com mortadela e uma fatia de pão. Ao chegar, cada recruta recebeu uma conta de 11 dólares — o custo do transporte “gratuito” desde Memphis. Mais cobranças logo se acumularam. Setenta e cinco centavos por um cobertor. Cinquenta

por um facão. Mais trinta centavos por uma lima para afiar a lâmina. Um dólar por um crachá que identificava o trabalhador como funcionário da empresa. Cinquenta centavos pela água que não fosse suja demais para beber. Os trabalhadores estavam atolados até o pescoço em dívidas antes mesmo do primeiro dia de trabalho, que começou com o café da manhã às três e meia da madrugada. Eles chegaram ao canavial às quatro e meia, depois pararam para um almoço rápido e cortaram mais cana até escurecer. O pagamento pelo primeiro dia foi um dólar e oitenta centavos, quatro a menos do que a quantia prometida. Os superintendentes patrulhavam, armados com cassetetes e revólveres, ameaçando qualquer um que não trabalhasse duro o bastante ou que estivesse resmungando que gostaria de ir para casa. A melhor chance de fugir era à noite. Depois de três semanas — 21 dias de trabalho ininterrupto, chovesse ou fizesse sol, do nascer ao pôr do sol — nove trabalhadores escaparam dos alojamentos no acampamento da empresa. Luther era um deles. O plano era pegar carona até Memphis. Eles foram capturados a trinta quilômetros de Clewiston, multados em quarenta dólares por “vadiagem” e levados de volta ao campo. A única maneira de pagar a multa era cortar mais cana. Ingenuamente, Luther pediu permissão para converter a multa em encarceramento, preferindo a cadeia. O superintendente o acertou com o cassetete e disse que ele poderia ir assim que pagasse o que devia à empresa, e ele tinha uma dívida que aumentava a cada dia, pois bebia água demais no canavial e tinha precisado de atendimento médico por causa de uma picada de cobra.

Houve fugas suficientes para que as notícias chegassem a Memphis e, de lá, até o Departamento de Justiça em Washington, DC. O próprio Herbert Hoover aprovou o relatório de sessenta páginas da investigação do FBI. Um júri federal na Flórida indiciou a Companhia Nacional de Açúcar e diversos funcionários por “conspiração para violar o direito e o privilégio dos cidadãos de serem livres da escravidão de acordo com a Décima Terceira Emenda”.

Então, chamar Luther Vine de ex-escravo não era exagero, mesmo que a acusação tenha sido tecnicamente indeferida. Os advogados dos canavieiros alegaram que o júri estava comprometido, pois não havia nenhum fazendeiro. Claro. E Timothy McVeigh deveria ter reclamado da ausência de terroristas no júri que o indiciou pelo bombardeio de Oklahoma City.

De todo modo, o pai de Samantha estava chegando a seu nonagésimo aniversário. O velho e eu ainda éramos próximos, ou o mais próximos que podíamos ser. Luther estava demonstrando sintomas de demência e, mesmo tendo dias bons, ainda dizia às pessoas da clínica que seu genro era Abraham Lincoln. Um exagero,

claro, mesmo que eu fosse um advogado alto e branco com 87 julgamentos no currículo. Eu só concordava com qualquer coisa que Luther dissesse.

Só o deixava confuso ouvir que eu era o advogado sênior do Escritório da Promotoria do Condado de Miami-Dade, a referência para casos em que a pena capital estava envolvida.

— Estou procurando a agente do FBI Victoria Santos — informei à policial.

Seu carro preto, os faróis piscando, era uma das seis viaturas bloqueando o acesso a uma ponte de um quilômetro e meio que atravessava o coração dos Everglades. A Tamiami Trail era a via principal que ligava o leste e o oeste da Flórida abaixo do lago Okeechobee, o segundo maior lago dos Estados Unidos continentais.

— E quem é você?

— Abe Beckham, promotor público — respondi, mostrando meu distintivo.

Não era meu trabalho visitar todas as cenas de crimes do condado Miami-Dade, mesmo que houvesse um possível homicídio. Mas quando o FBI estava rastreando um serial killer, então era crucial que alguém de um escalão mais alto no escritório da promotoria se mantivesse a par da investigação. O assessor da promotoria tinha me pedido pessoalmente para dar andamento ao relato de um corpo nos Everglades e que parecia ser uma quinta vítima no sul da Flórida.

— Naquela direção — disse a policial, apontando para um grupo de agentes da polícia ao lado da ponte. Eles estavam na pista dupla da rodovia que corria paralela à ponte nova, e que não estava mais em uso.

Agradei e passei por baixo da faixa amarela da cena do crime.

— Olá, Abe! E aí?

Parei ao ouvir a voz familiar. Era a repórter policial do *Action News*. Estávamos a três quilômetros da fronteira oeste da área urbana, longe demais do centro de Miami para que os arranha-céus estivessem visíveis, mas dava para ver as torres das vans da imprensa na longa fila de congestionamento que seguia na direção do sol da manhã. Os helicópteros, com certeza, viriam na sequência. Não teria me surpreendido ver uma equipe de televisão ou duas chegando de barco — tudo para ter a notícia em primeira mão.

— Nada a declarar, Susan.

— Ah, qual é, Abe.

Susan Brown tinha coberto pelo menos uma dúzia dos meus casos de assassinato, e em geral eu revelava o que podia para ela, mas, desta vez, eu não tinha nada. Virei as costas e continuei caminhando pelo dique.

A velha estrada tinha passado por muitas melhorias desde que os primeiros Fords T passaram por ela, em 1928, e para muitos uma nova ponte elevada parecia um desperdício de dinheiro. Mas fazia parte de um projeto multibilionário de restauração dos Everglades, sendo que boa parte tinha como objetivo desfazer o impacto negativo da bem-intencionada, mas catastrófica, obra da Usace, o Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos no século XX. Aterros e canais construídos pela Usace abriram planícies de restinga para canaviais e outras fazendas, e estradas como a Tamiami Trail, com seus mais de 440 km, tornavam os pântanos trafegáveis por motoristas. O problema na obra toda era o fluxo de água essencial para a saúde dos Everglades. A nova ponte era elevada por estacas, adjacente à estrada antiga, para aliviar o efeito de represamento.

Pulei da barragem para a velha rodovia, mas não cheguei ao outro lado e afundi até os joelhos na lama.

— Ah, merda.

Não eram só os sapatos e a calça molhados: são mil anos de decomposição para criar trinta centímetros de turfa, e eu tinha acabado de liberar o fedor de 999.

— Me deixe ajudar, parceiro — disse um dos guardas.

Ele me puxou pelo braço, e a lama me puxou como uma ventosa conforme meu pé emergia da versão de areia movediça dos Everglades.

Cogitei lavar a sujeira preta na água parada do aqueduto, mas o jacaré de quase três metros tomando banho de sol na margem me fez mudar de ideia.

— Bem-vindo a Shark Valley — anunciou o guarda.

Da margem sul do lago Okeechobee, a água cor de chá corria por 150 km, ao sul da parte continental da Flórida e oeste do Golfo do México, parecendo leite derramado na mesa da cozinha. Cobrindo esses milhões de acres de águas tão calmas quanto um campo de trigo no Kansas, ondas de vegetação de restinga, uma espécie rara de junça que crescia há mais de quatro mil anos. Esse lendário “rio de grama” dividia a costa leste da Flórida da oeste, uma maravilha ambiental onde os visitantes encontravam répteis exóticos, peixes-boi e caracóis das cores do arco-íris, colhereiros, orquídeas-fantasma, imponentes palmeiras-imperiais e aroeiras-do-sertão. Aqui, nuvens bíblicas de pernilongos podiam escurecer uma canoa branca em questão de segundos, e oceanos de estrelas preenchiam o céu noturno intocado pelas luzes da cidade. Não havia outro lugar na terra como esse. Raramente vinha para cá, exceto de passagem a cem quilômetros por hora a caminho de Naples.

Ou, num dia como hoje, para resgatar um corpo.

— Que frio do cão que faz aqui — murmurei, mas meu amigo guarda já tinha se afastado para tirar algum outro idiota da lama. Dez graus em fevereiro é

simplesmente congelante para os padrões de Miami, e os agentes do FBI eram prontamente identificáveis com seus casacos impermeáveis azul-escuros com letras amarelas. Os agentes federais faziam parte de uma força-tarefa muito maior e multijurisdicional. A polícia de Miami-Dade estava no local, incluindo dois detetives do departamento de homicídios que eu conhecia bem e uma equipe da South Florida Homicide Clearing House, que tinha um papel fundamental em qualquer investigação que envolvesse uma cooperação interagências. A van do médico-legista estava estacionada na estrada. Vi apenas uma mulher com identificação do FBI, e ainda que ela provavelmente não se lembre de nosso encontro anterior, reconheci Victoria Santos. Fui em sua direção. A agente conversava com um membro da equipe de demarcação da estrada que estava repintando as faixas na ponte nova. Os olhos atentos dele tinham visto o corpo na vegetação à margem da estrada antiga.

— De início não parecia humano — disse o funcionário para ela.

Eu estava de lado, perto o suficiente para ouvir. Santos era uma mulher bonita, com cabelo curto e escuro, que refletia matizes carmim do sol da Flórida. Como era a coordenadora residente do Centro Nacional para a Análise de Crimes Violentos, estava na linha de frente como contato principal entre o FBI e a polícia local. Mas Victoria Santos era nova em Miami, e eu só a tinha visto uma vez, como instrutora do bureau de um curso somente para promotores convidados realizado na academia nacional em Quantico. Santos era uma veterana de vinte anos e uma espécie de lenda no FBI, não só porque era boa, mas também porque ela não tinha medo de desobedecer as regras, o que nem sempre significava fazer amigos na sede do FBI. Eu imagino que esse tenha sido o motivo pelo qual ela foi transferida da prestigiosa Unidade de Análise Comportamental, uma responsabilidade nacional, para o trabalho de campo em Miami, onde seu primeiro caso a afundou até o pescoço, por assim dizer, na lama dos Everglades.

— A primeira coisa que notei foi o anel — relatou a testemunha para Santos. — O diamante refletiu o sol e brilhou de um jeito que era impossível não ver. Eu estava na carroceria da picape, entregando os cones de trânsito para a equipe da estrada. Mas quando alguma coisa brilhou na vegetação e chamou minha atenção, eu apertei os olhos para ver melhor e pensei “O quê? Tenho certeza de que o anel está preso a um dedo”, então bati no teto da caminhonete e disse: “Charlie, pare a caminhonete!” Então Charlie e eu fomos até o guarda-corpo da ponte, e estávamos a quase vinte metros de distância, olhando para o pântano. Charlie concordou comigo. Com certeza era um anel na mão de alguém. Então joguei uma pedra naquela direção, e um jacaré monstruoso fugiu para lá. — Ele apontou para um monte a uns seis metros de distância. — Foi quando vimos o restante do corpo flutuando na superfície.

Santos era uma profissional e demonstrou pouca reação, mas o fotógrafo da cena do crime já estava fazendo seu trabalho, e eu sabia que um dia, em pouco tempo, se todos nós fizessemos nosso trabalho, eu teria de mostrar ao júri algumas evidências bem horríveis. Fiquei ouvindo discretamente por mais dez minutos e deixei Santos terminar de questionar a testemunha antes de me apresentar. Ela respondeu me dizendo que estava liderando a força-tarefa de investigação de um serial killer conhecido como o Cortador. Era procedimento padrão do FBI lembrar a polícia local de que estava no comando, mas naquela situação Santos não estava apenas se impondo. As quatro vítimas anteriores do Cortador viviam no condado de Palm Beach, mais de 110 km ao norte, os corpos foram encontrados nos canaviais perto de Clewiston. Como todo mundo do condado de Miami-Dade, eu era um estranho na investigação mais ampla e ainda não era membro oficial da força-tarefa.

— Podemos falar por um minuto? — perguntei.

Santos assentiu, e procuramos um espaço longe da multidão. Atrás de nós, depois de um campo cor de bronze, havia uma vegetação de restinga onde um bando de garças encontrou um lugar para descansar acima das raízes retorcidas do mangue. O reflexo dos pássaros brancos nas águas calmas e pretas parecia ter saído direto de uma exposição de Clyde Butcher.

— Você acha que é a vítima número cinco? — perguntei.

— Difícil dizer neste momento — respondeu Santos. — Até agora, temos alguns indícios em comum. Mulher jovem. Corpo nu. Já conto pelo menos um ferimento grave feito por lâmina, provavelmente um facão. Mas seria o primeiro ataque do Cortador fora do condado de Palm Beach.

— Ou pode ser uma vítima do condado de Palm Beach e o primeiro descarte do corpo em Miami-Dade — eu disse. — O que faria sentido, não é? Depois de quatro vítimas deixadas nos canaviais de Palm Beach, deve ser bem arriscado despejar outro corpo ali. Ele deve acreditar que a polícia está em alerta máximo naquela área.

— Concordo totalmente com você em relação a isso — respondeu ela. — Mas, neste momento, ainda é muito cedo para saber se é o mesmo assassino. Definitivamente existem semelhanças, mas vamos ter de esperar para confirmar a violência sexual e alguns outros indicadores.

— Quais são os outros indicadores?

Ela fez uma pausa, sabendo o que eu estava perguntando: a marca registrada.

Muito havia sido divulgado na mídia sobre o Cortador, o assassino que mutilava suas vítimas com um facão de cortar cana e descartava os corpos nos canaviais. Mas a polícia sempre omitia alguma coisa nas investigações de crimes

cometidos por serial killers, uma característica fundamental tão única dos crimes que funcionava como marca registrada do assassino.

— As marcas no rosto — disse Santos. — Mas vamos ter de fazer uma busca mais minuciosa para confirmar.

— Busca mais minuciosa para quê?

Santos olhou na direção da van do médico-legista, onde os restos da vítima estavam embaixo de um lençol branco em uma maca. Então o olhar dela percorreu os acres de vegetação ao longo da estrada, como se para medir a tarefa intimidante diante deles.

— Ainda estamos procurando a cabeça da vítima.

Eu inspirei e soltei o ar. Aquelas evidências tinham acabado de se tornar mais horríveis.

O assistente do médico-legista chamou Santos e caminhamos até a van. O FBI podia estar no comando da coordenação da investigação sobre o Cortador do ponto de vista administrativo, mas, em geral, homicídios eram questões locais, e o escritório do médico-legista do condado de Miami-Dade era meu território.

— Gostaria de apontar um grande desvio do perfil do Cortador — disse o legista.

— O quê? — perguntou Santos.

— Estamos muito longe de confirmar a identidade, e a decomposição acelerada que acontece nos Everglades pode tornar mais difícil a identificação da etnia da vítima. Mas posso afirmar com confiança que, se foi o Cortador, esta seria a primeira vítima não caucasiana.

Olhei para a maca, depois para o céu azul sem nuvens, meus olhos atraídos para o zumbido de um helicóptero. O primeiro helicóptero da mídia estava acima do local do crime, e eu podia sentir as questões intensas prestes a nos bombardear.

— A etnia de uma vítima costuma ser um componente crucial no perfil psicológico de um assassino — comentei, sabendo que não estava dizendo nada que Santos já não soubesse. — Isso muda sua opinião sobre ter sido o Cortador?

Ela pensou por um instante antes de responder:

— Você teria tempo para fazer uma viagem até o condado de Palm Beach comigo?

Eu tinha apenas um caso de apelação para reversão de pena de morte para prisão perpétua sem condicional, então minha agenda de julgamentos estava atipicamente livre.

— Claro. Para quê?

— Acredito que sempre podemos examinar as evidências com um novo olhar — respondeu ela. — E também adoraria ouvir você responder sua própria pergunta.

— Combinado — eu disse.

— Mas me faça um favor antes de nós irmos.

— Qual?

Ela olhou para meus sapatos cobertos de lama.

— Livre-se do visual de caçador de jacarés.

— Tudo bem. Eu posso fazer isso.

CAPÍTULO DOIS

Fomos na direção da fumaça, nuvens densas subiam pelos campos e escureciam o céu azul límpido. Fechei a saída do ar-condicionado do lado do passageiro do carro da agente Santos.

— Estou sentindo o cheiro de fumaça — comentei.

— Parece um pouco com milho na grelha, não é?

— Que passou do ponto.

— Fique feliz por não morar por aqui — disse Santos.

A fumaça dos incêndios controlados era uma parte familiar da paisagem de inverno nos canaviais vastos e privados dos Everglades da Flórida. Somente após a queima das folhas e da densa vegetação rasteira era possível que as lâminas dos homens ou as máquinas alcançassem a base dos pés de cana de três metros e meio.

Ninguém tinha certeza absoluta sobre como se descobriu que queimar um canavial facilitava a colheita sem reduzir a produção. Mas, por causa do meu sogro, eu sabia que a Companhia Nacional de Açúcar fazia isso desde 1941, pelo menos, quando Luther e os demais “recrutados” foram trazidos de Memphis. Depois de vencer a acusação de trabalho escravo do Departamento de Justiça, a Companhia Nacional e os outros fazendeiros desistiram dos americanos e passaram a contratar apenas estrangeiros para o trabalho sazonal com o programa do visto H-2. Jamaicanos, haitianos e dominicanos aperfeiçoaram as queimadas — e o corte. A cada temporada pelos cinquenta anos seguintes, dez mil homens deixariam suas famílias nas ilhas para viver uns em cima dos outros em alojamentos sem vida, pegariam ônibus antes do amanhecer, vestiriam capas e botas, e colocariam protetores de alumínio nos tornozelos, joelhos e nas mãos. Armados com facões, marchariam até campos cobertos de fuligem como gladiadores negros. Um em cada três se cortaria ou cortaria

outro trabalhador, perfuraria um olho ou tímpano com a ponta afiada de um pé de cana ou perderiam o pagamento de um dia por causa de insolação, picada de cobra ou um ataque de raivosas formigas-lava-pés. Eles se apressavam para cortar uma tonelada de cana por hora e, com a queimada apropriada, esperavam cortá-la *baixa*.

— Nada de tocos, cara — os jamaicanos mais bem-pagos, os que tinham caído nas graças da empresa, diziam aos novatos. — Você deixa um toco de um dedo, e a Companhia Nacional perde uma tonelada de cana. Abaixei, cara.

Em meados nos anos 1990, as máquinas tomaram conta, mas as queimadas continuaram.

— É uma imagem muito impressionante — disse Santos, os olhos fixos na estrada. — Quarenta acres queimam em 15 minutos.

Eu estava olhando pela janela do lado do passageiro, hipnotizado pela intensidade do fogo. A parede de chamas alaranjadas chegou a nove metros ou mais acima dos pés de cana. Lampejos de calor levavam as cinzas ainda mais alto no céu. Milhares de pássaros saíram voando, fugindo. Era como uma cena do filme *Bambi*, e eu me perguntei sobre os coelhos, os texugos e as outras criaturas que faziam da densa cobertura do canavial seu lar.

— A vítima número um sofreu queimaduras graves — disse Victoria.

— Você não quer dizer queimada viva, quer?

— Não — respondeu Santos. — Vou mostrar. Está logo ali.

De repente, estávamos além da área da queimada. Longas labaredas de fogo e o calor alaranjado e ofuscante deram lugar ao movimento de canaviais cheios de folhas. Os pés de cana eram mais altos que a vegetação de restinga oitenta quilômetros aos sul, mas eram parecidos na beleza, o que fazia sentido: a cana-de-açúcar também é mato.

Santos foi para o acostamento da estrada e parou o carro. O denso campo marrom do lado de fora da minha porta parecia impenetrável. No entanto, do outro lado da estrada ficava um terreno devastado pós-colheita. As máquinas tinham tirado tudo o que a terra podia oferecer. Toneladas de cana tinham sido cortadas e levadas. Tudo o que restava eram os tocos escurecidos e um campo queimado e colhido.

— Por aqui — indicou Santos.

Segui seus passos pela estrada de mão dupla deserta e entrei no campo. Ainda era possível ver o incêndio ao longe, mas um brisa fresca levava a fumaça na outra direção. O solo estava macio, mas não parecia a massa densa que tinha quase me engolido em Shark Valley. Na maior parte estava coberto pelos restos deixados pelas máquinas, mas, de vez em quando, uma baforada de cinzas e poeira subia das minhas pegadas, os vestígios da queimada pré-colheita. Era fácil ver onde longas

fileiras organizadas de pés de cana tinham estado, e, ao longe, ficava outro campo, que seria cortado. Pensei no pai de Samantha, aos 16 anos, parado no canavial com o facão na mão e querendo voltar para casa em Memphis, ondas de cana-de-açúcar até onde o olhar alcançava. Era um pouco como entregar uma colher de chá para uma criança para que ela esvaziasse o oceano.

Santos parou e apontou para uma clareira a várias fileiras de distância.

— A vítima número um estava ali.

— Quem a encontrou?

— Um dos responsáveis pela queimada. Eles jogam água no perímetro para impedir que o fogo se alastre com o vento e depois vão para o campo com fogareiros de cerâmica para atear fogo. Uma vistoria padrão é feita antes da queimada, mas nessa não encontraram nada. Há outra vistoria depois da queimada para retirar qualquer coisa que possa obstruir as máquinas, o que pode ser desde um jacaré queimado até uma máquina de lavar roupa velha descartada por um vizinho. Foi quando encontraram o corpo.

Santos agachou, revirou os restos no chão, pegou um punhado de cinzas e o moveu entre os dedos enquanto levantava, escurecendo sua pele.

— Essa é a marca registrada do Cortador.

— Cinzas?

— Vítimas mulheres e brancas, o rosto escurecido por cinzas.

Olhei de novo na direção da clareira, onde a vítima número um tinha sido encontrada.

— Como vocês conseguiram confirmar isso com o corpo carbonizado?

— Conseguimos identificar a vítima. Charlotte Hansen. Sabemos que ela é branca.

— Sei disso. Mas, se o corpo estava queimado, como vocês conseguiram descobrir que ela tinha cinzas no rosto?

— Não conseguimos. O Cortador a colocou muito no meio do canavial. Acredito que foi por isso que as vítimas dois, três e quatro foram bem mais fáceis de encontrar. O assassino as deixou no perímetro onde a cana é regada para conter a queimada. Ele aprendeu com o primeiro descarte e corrigiu seu erro. Ele queria que vissemos sua marca registrada.

Abaixei e peguei um pouco de cinzas. Eu já estava dentro da mente de um assassino, já tinha minha própria teoria, mas queria ouvir Santos falar.

— O que isso quer dizer, a marca registrada dele?

— Todas as quatro mulheres se relacionaram com homens negros.

O perfil do Cortador estava sendo redigido dentro da minha cabeça. Vítimas mulheres e brancas. Namorados negros. Forte violência sexual. Morte violenta e brutal. *Quer ser negra? Tudo bem, vadia, vou fazer você ficar negra.*

— Então temos um claro desvio do padrão em Miami-Dade — eu disse. — Uma vítima negra.

— Temos, sim.

— Meu chute é que você não esperava por isso.

— Não.

— E se ficar provado que a vítima negra tinha cinzas no rosto, o que isso significa para você?

— As cinzas no rosto são uma coisa que a força-tarefa nunca divulgou para a mídia. Então, se estiverem lá, vamos ter de repensar nosso perfil do racista branco e raivoso matando mulheres brancas que namoravam homens negros.

— E se não houver cinzas no rosto da vítima negra?

Santos limpou as cinzas dos dedos.

— Então talvez tenhamos dois assassinos.

— Uma imitação?

Ela não respondeu, mas não precisava. Santos tirou as chaves da jaqueta.

— Vamos esperar o que o médico-legista tem a dizer.

CAPÍTULO TRÊS

Às três da tarde, eu estava usando a terceira calça do dia. Risca de giz. Era o terno mais antigo no meu guarda-roupas que ainda servia, e eu o usava no tribunal sempre que precisava de sorte. Muita sorte.

— Estado da Flórida contra Jayden Tayshawn Vine — declarou o oficial de justiça, anunciando o caso.

A sala nove do Tribunal de Justiça Richard E. Gerstein era território familiar para mim. Era onde eu tinha afiado meus dentes como “assistente do fosso”, um promotor de nível básico no meu primeiro ano de crimes adultos, trabalhando sessenta horas por semana sob a orientação dos meus supervisores, ganhando a quantia astronômica de quarenta mil dólares por ano. Mas era a primeira vez que eu estava do lado da defesa na sala.

Jayden Tayshawn Vine era o irmão mais velho de Samantha.

— O que fazemos agora? — perguntou JT, sussurrando.

— Sente-se — eu disse com uma voz calma. — Vai ficar tudo bem.

Toda família tem bagagem. Na de Samantha essa bagagem era JT. Outro viúvo teria se afastado depois da morte dela, mas eu era a fortaleza de JT. Ele não tinha mais ninguém. E eu não queria que ele acabasse desabrigado de novo.

— Sr. Beckham, que bom vê-lo — disse a juíza. — Um rosto familiar em um lugar estranho.

— Sim, meritíssima — respondi, me levantando.

— O que ela quis dizer com isso? — JT me perguntou, com um pouco de urgência no sussurro.

— A juíza está apenas sendo educada — sussurrei de volta. — Vai ficar tudo bem.

O promotor no caso de JT era Leslie Highsmith, uma promotora assistente que estava tendo a oportunidade de conduzir o que era uma audiência bem rotineira de condenação. Apenas agressão em geral teria mandado JT para uma corte de delitos leves e uma sentença mínima. Infelizmente, a vítima era um funcionário da área de transporte, um motorista de ônibus, o que praticamente significava agredir um policial. Uma condenação anterior, dos tempos de JT morava na rua, não ajudava. Highsmith se levantou de sua cadeira — da cadeira que um dia já foi minha — e se dirigiu à corte.

— Meritíssima, a promotoria está disposta a aceitar a declaração de não contestação com pena de trinta dias de prisão domiciliar.

A juíza analisou o arquivo do caso que estava à sua frente.

— Ajude-me a lembrar, doutora. Tudo isso é por causa de um passageiro tentando descer de um ônibus?

— Correto — respondi.

A questão tinha sido direcionada à promotora, mas eu a interceptei. Não que eu não confiasse em Highsmith; em um escritório de mais de trezentos advogados, eu mal a conhecia. Mas JT tinha sua própria versão de tudo o que já tinha feito na vida, e não reagia bem a estranhos que mudavam a descrição da realidade como ele a conhecia.

— Abe, você não está na promotoria desta vez — disse a juíza, sorrindo para mim. — Vamos ouvir a doutora Highsmith primeiro.

A promotora agradeceu à juíza e continuou:

— Foi relatado que o sr. Vine estava andando pelo corredor do ônibus e esbarrando em outros passageiros. Quando o motorista pediu que sentasse, ele se recusou e continuou andando. Ele apertou o passo e finalmente começou a pular.

— Pular? — perguntou a juíza.

JT segurou minha manga.

— Não é verdade! — disse ele, furioso, mas conseguindo manter a voz baixa.

— Sim — disse Highsmith. — O sr. Vine então exigiu descer do ônibus. O motorista disse que ele deveria esperar até o veículo parar. Nesse momento o sr. Vine levantou a voz, dizendo que precisava descer imediatamente e ignorou os diversos pedidos do motorista para que ele se sentasse. Quando o veículo parou num semáforo vermelho, o sr. Vine correu para a porta. O motorista explicou que aquele não era um ponto de ônibus. O sr. Vine começou a esmurrar a porta. O motorista se levantou para impedi-lo de quebrar o vidro e se machucar. Então o sr. Vine o empurrou, e diversos passageiros se levantaram para contê-lo.

— Abe, ela é uma mentirosa — disse JT, a voz um pouco acima de um sussurro, mas alta demais para uma corte.

— Álcool ou drogas envolvidos? — perguntou a juíza.

— Acreditamos que não — respondeu Highsmith.

— Não estavam envolvidos — eu disse.

A juíza olhou na minha direção.

— Alguma informação que o senhor gostaria de acrescentar, doutor Beckham?

— O sr. Vine não consome álcool nem drogas. Ele interrompeu seus remédios e, o que a promotoria acabou de descrever, é o que acontece quando ele não segue o tratamento indicado.

— É por isso que estamos aceitando a não contestação sob a condição de prisão domiciliar por trinta dias — emendou a promotora. — Isso vai dar tempo para que os medicamentos recolorem o sr. Vine em um estado menos agitado. O sr. Beckham concordou em monitorar o réu e acompanhá-los às consultas médicas regulares durante esse período.

— Certo — disse a juíza. — Mas estou vendo diversas prisões anteriores por uso de drogas em espaço público.

Ela estava se referindo à época em que JT viveu nas ruas.

— Isso faz muito tempo — eu disse.

— Pode ser — disse a juíza. — Mas quero que o monitoramento do sr. Vine seja feito por uma tornozeleira SCRAM.

SCRAM — *Secure Continuous Remote Alcohol Monitor*, ou monitor de segurança contínuo e remoto de álcool — era uma tornozeleira que detectava o uso de álcool pelo suor do usuário. A juíza estava falando de um dispositivo dual que incluía o monitoramento tradicional de prisão domiciliar por rádio frequência.

— A promotoria não tem objeções — disse Highsmith.

Os olhos de JT estavam arregalados. O SCRAM não era o fim do mundo, mas era um desvio do que eu tinha apresentado para ele antes da audiência.

— Está tudo bem — eu disse a ele. — Mesmo, vai ficar tudo bem.

— Sem objeções — anunciei à corte.

— Muito bem — retomou a juíza. — Trinta dias, prisão domiciliar. A corte está oferecendo uma segunda chance muito generosa, sr. Vine. Não a desperdice.

A transcrição não mostraria isso, mas a juíza olhava direto para mim quando disse isso.

O escritório da promotoria ficava em frente ao tribunal de justiça, mas demorei duas horas para chegar lá.

O processo de colocar a tornozeleira aconteceu como o esperado. *Apertada demais, solta demais, você tem outra cor?* Levei JT para casa, coloquei os remédios no porta-comprimido e o fiz prometer pelo túbulo da irmã morta que os tomaria. Eu estava sentado atrás da minha mesa, revendo a transcrição de uma audiência de seleção de provas em um caso de assassinato marcado para dali a duas semanas quando meu telefone tocou. Era Victoria Santos.

— Você parece estressado — comentou Santos, trinta segundos depois de começarmos a conversar.

O telefone da minha mesa tocou. O identificador de chamadas mostrava que era JT. Deixei cair na secretária eletrônica, ainda que ela provavelmente estivesse cheia por causa das seis mensagens anteriores deixadas por ele, cada uma mais longa que a anterior.

— Eu? Estressado? Não.

— Eu só queria dar notícias — disse Santos.

— Obrigado. Como estamos na identificação da vítima?

— A pesquisa está em andamento para recuperar a cabeça dela. A decomposição está complicando a análise das impressões digitais. A equipe de perícia está trabalhando sem parar, então esperamos descobrir logo.

Peguei um lápis para fazer anotações.

— O que vocês têm até agora?

— Não muito mais do que você já sabe. Mulher afro-americana, trinta e poucos anos, 1,67 m. Considerando o peso médio de uma cabeça humana, o peso total está estimado em 55 quilos. Esmalte vermelho nas unhas das mãos e dos pés.

A ponta do meu lápis quebrou com a força que fiz. Foi uma reação totalmente exagerada de minha parte, mas não ouvi a pergunta seguinte de Santos.

— Abe, você ainda está aí?

— Desculpe. Eu tive... uma pequena distração.

— Está tudo bem?

— Está, sim.

— Você pode me encontrar no escritório do médico legista amanhã às sete horas? O doutor Hernandez vai fazer uma comparação dos ferimentos das vítimas para mim, e eu gostaria que você estivesse lá.

— Claro. Eu o conheço bem.

— Ele é o melhor, e me dá uma sensação boa saber que ele está trabalhando nisso. Vamos pegar esse cara.

— Eu sei.

— Mais uma coisa — disse ela. — Estou fazendo pressão na investigação de Miami-Dade. Nada contra o condado de Palm Beach, mas gosto da equipe que você está montando aí. Se a vítima mais recente for mais um assassinato do Cortador, minha preferência é fazer a acusação por Miami primeiro. E quero que você leve o caso a julgamento.

— Isso é uma decisão do promotor.

— Eu entendo. Estou pedindo a sua permissão para fazer uma solicitação usando seu nome.

Não precisei pensar muito.

— Permissão concedida.

— Obrigada, Abe. Vejo você amanhã às sete horas.

— Combinado.

Desliguei, respirando no silêncio do meu escritório. O lápis quebrado estava sobre meu bloco amarelo, vestígios do grafite sobre a última palavra que eu tinha escrito: *vermelho*.

Santos tinha fornecido apenas informações básicas e genéricas, que poderiam descrever milhares de mulheres. Mas, de vez em quando, do nada, mesmo depois de 19 meses, eu ainda tinha pequenos lembretes de como minha própria perda podia ser recente e crua, o que tornava desconcertante ouvir sobre uma vítima de homicídio descrita de uma maneira tão familiar, incluindo etnia, idade, altura, peso e cor do esmalte de unha.

Poderia ter sido Samantha.

CAPÍTULO QUATRO

Fui para casa por volta de nove e meia, depois de uma segunda-feira de trabalho que durou 15 horas. Do carro, liguei para minha mulher para avisar que estava a caminho. Angelina parecia tão cansada quanto eu.

— Certo, vejo você daqui a pouco — disse ela.

Éramos recém-casados, tecnicamente falando, fazia apenas sete meses. Mas Angelina e eu tínhamos nos conhecido pré-Samantha; nós namoramos um ano antes de irmos morar juntos e dividirmos um apartamento por um ano e meio. Nenhum rompimento era fácil, mas, às vezes, era melhor seguir em frente. Eu me apaixonei por Samantha e me casei; Angelina namorou uns dois sujeitos diferentes, nada sério. Quando Samantha morreu, Angelina me procurou pelo Facebook. A amizade foi retomada e, com o tempo, se tornou uma nova relação. Considerando tudo, pré e pós-Samantha, eu estava romanticamente envolvido com Angelina por mais tempo do que qualquer outra mulher na minha vida. Mesmo assim, é estranho quando se é branco, e todo mundo, brancos e negros, acham um pouco estranho você se casar com uma mulher branca. Alguns eram mais discretos do que outros. O brinde de JT na festa de casamento, uma tentativa desajeitada de humor, não exatamente o aproximou da minha nova esposa:

— Caramba, Abe. De uma negra para uma loira. Agora você é praticamente um negão.

Angelina estava no sofá assistindo a *The Bachelor* quando cheguei em casa.

— Fiz o jantar para você — disse ela, olhando para a TV.

— Obrigado — Eu me inclinei atrás do sofá para beijá-la, mas só recebi o rosto.

— Duas horas atrás — continuou Angelina. — Agora já está frio.

Deixei meu paletó na cadeira e fui para a cozinha.

Angelina era ótima cozinheira, e o espaguete à bolonhesa dela era incrível, mesmo que requentado no micro-ondas. Levei meu prato e me sentei ao lado dela no sofá.

— Está uma delícia — comentei.

— Que bom que você gostou. Como foi com JT hoje?

Tomei um pouco d'água e suspirei.

— Coitado. Ele está meio perdido. Mas voltou a tomar os remédios, então tomara que...

— É disse que estou falando. — disse ela, me interrompendo.

— O quê?

Ela colocou a TV no mudo, endireitou o corpo no sofá e virou os ombros na minha direção.

— Você se doa tanto para ele, e volta para casa todo agitado.

— Eu não estou agitado.

— Está, sim. Preste atenção a você mesmo. Você chegou em casa faz menos de cinco minutos, e tudo o que estou ouvindo é sobre o JT.

— Você me *perguntou* sobre ele. Então eu respondi.

— Claro que *perguntei*. Eu tenho que perguntar. Eu preciso saber se vou ter meu marido por inteiro, metade do meu marido, um quarto... que parte do Abe você vai dar para sua esposa esta semana?

Esse estava se tornando o *modus operandi* dela. Angelina preparava o que ia dizer com antecedência e não importava como nossa conversa se desenvolvia, não importava quão forçada fosse a rota para chegar ao estopim, Angelina descarregava seu discurso em mim.

— Estou muito cansado, Angelina. Podemos falar sobre outra coisa?

Ela levantou e foi para a cozinha.

— Merda — murmurei, mas não havia ninguém para escutar. Peguei o controle remoto e encontrei uma partida do Miami Heat. Eles estavam com uma vantagem de 35 pontos no quarto tempo, então, às dez da noite, coloquei no noticiário local.

“Serial killer em Miami?” era a matéria principal, o ponto de interrogação refletindo a ausência de confirmação sobre a vítima mais recente estar ligada aos assassinatos de Palm Beach.

Angelina voltou da cozinha e parou atrás do sofá, observando por sobre o meu ombro.

— Você está trabalhando nesse caso? — perguntou ela.

— Claro. Estou, sim.

—Um facão — comentou ela, se encolhendo. — Que horrível.

— Pois é.

— Por que estão sendo tão cautelosos sobre os assassinatos estarem conectados? Cinco mulheres, todas cortadas com um facão, todas encontradas nos Everglades.

— Foi a primeira encontrada em Miami-Dade. E é a primeira vítima negra.

— Certo, e imagino que também possa ser o primeiro corpo encontrado em uma segunda-feira com o vento soprando do noroeste a vinte quilômetros por hora. Juro, às vezes, acho que vocês exageram nessas coisas. Você realmente acha que é uma coincidência?

— É mais complicado do que você imagina.

— Se você está dizendo...

O telefone fixo tocou, Angelina atendeu. A reportagem sobre o serial killer estava acabando na televisão quando ela me entregou o aparelho.

— É o JT — disse, com um tom mais frio do que o jantar que tinha deixado para mim na cozinha.

— Fale para ele que ligo de volta amanhã cedo.

— Não, atenda.

— Não quero atender.

— Quer sim.

— Não quero mesmo.

— Não o evite só porque acha que estou brava. Ele parece um pouco nervoso. A última coisa de que preciso é você me culpando se JT sair por aí e se enforcar.

— Não tem graça, Angelina.

Peguei o telefone. “Nervoso” era pouco.

— Abe, eu preciso tirar essa coisa de mim!

Ele estava falando tão alto que precisei afastar o fone do ouvido.

— Fique calmo — pedi. — Que coisa?

— A coisa! A porra da tornozeleira!

— Escute, JT. Isso é muito importante. Você não pode tirar a tornozeleira. Se fizer isso, a juíza vai colocar você na cadeia.

— Eles estão ouvindo.

— O quê?

— É para isso que essa coisa serve. Eles conseguem ouvir tudo o que eu falo.

Eu me perguntei quem podia estar do outro lado da conversa de um sujeito que morava sozinho, mas isso era outra questão.

— É só uma tornozeleira — eu disse — Ninguém está escutando.

— Está. Está sim. Eles podem me ouvir, e também podem me ver. Eu preciso tirar isso, Abe!

— JT, ninguém está...

— Eu preciso tirar isso agora!

— JT, por favor. Quero que você respire para mim. Com calma e profundamente. Inspire e expire, inspire e expire, pode ser? — Fiquei escutando, mas não gostei do que estava ouvindo. JT estava praticamente arfando. — Mais devagar, JT. Bem mais devagar — Dei um momento para ele. — Melhorou. Vou desligar e...

— Não, não desligue!

— Escute o que estou dizendo, JT. Vou ligar de novo do meu celular, e vou até aí. Prometa que não vai encostar na tornozela até eu chegar. Você promete para mim?

Eu podia ouvi-lo respirando. Parecia tão trabalhoso.

— JT? Você promete para mim? — Mais respiração. — Ainda está rápido demais, JT. Mais devagar. Respire devagar, e eu chego aí em alguns minutos.

— Tudo bem — respondeu ele. — Mas venha logo.

Desliguei o telefone, peguei meu celular e a chave do carro e fui até Angelina.

— Desculpe, querida. Voltarei o mais rápido que puder.

Ela só balançou a cabeça, mais resignada do que brava.

— Vejo você amanhã.

— Não, não vou passar a noite lá desta vez.

Angelina só olhou para mim, nós dois sabíamos a verdade.

— Vá, Abe — disse ela, com a voz distante. — Vá cuidar da sua família.

Fui até a porta e a fechei, mas, antes de alcançar a metade dos degraus da entrada, ouvi Angelina trancar a porta com a corrente. Eu estava prestes a virar e tentar encontrar a coisa certa para dizer a ela quando meu celular tocou. Era o JT.

— Abe, cadê você, cara? Preciso tirar essa coisa...

— Tudo bem, tudo bem, estou a caminho.

Ele continuou falando, e continuei ouvindo e dizendo que ia ficar tudo bem enquanto entrava no carro e ia até o apartamento dele. Mais uma vez.

CAPÍTULO CINCO

Meu encontro com a agente Santos estava marcado para às sete horas da manhã no centro médico. Cinco minutos antes do horário eu ainda estava no trânsito da via expressa 836. O congestionamento de Miami parecia começar cada vez mais cedo toda vez que eu entrava no carro.

— Vou me atrasar um pouco — foi a mensagem de voz que deixei para Santos.

Passar a noite na casa de JT tinha significado dormir bem pouco. Não por culpa do meu cunhado — ele descansou bastante. O problema era eu. A maneira como Angelina tinha trancado a porta com a corrente, me dizendo para ficar com a minha “família” me atingiu como uma mensagem para não voltar para casa. Só isso já tinha sido suficiente para me manter acordado a noite toda. O complicador era que qualquer visita ao apartamento de JT era uma viagem ao meu passado. Samantha e eu tínhamos morado lá. Os móveis eram nossos. As cortinas, os tapetes, o papel de parede e cada detalhe tinham sido escolhidos por ela. Tinha sido a vontade de Samantha que JT tivesse um lugar para morar, e eu estava fazendo meu melhor para fazer isso acontecer. Era uma coisa boa, se boas intenções valem para alguma coisa; mas eu ainda sentia culpa por causa disso, o tipo de culpa que mantém um homem acordado a noite toda. Ela se instalou muito depois de JT dormir, quando subi para o quarto de hóspedes. Acabei dormindo no sofá. De jeito nenhum eu ia conseguir dormir na cama que tinha sido a *nossa* cama, onde eu tinha me deitado ao lado de Samantha, sussurrado no escuro, ouvido sua respiração, sentido seu coração bater, descoberto e redescoberto aquelas pernas sedosas. Ela tinha pernas incríveis. Tão firmes, tão fortes, a maneira como apertavam minha cabeça como um torno quando tinha um orgasmo. Uma noite me veio à mente.

— Eu amo fazer isso em você — eu disse a Samantha.

— Fico feliz que você ame.

— Estou falando sério, eu amo *mesmo*.

— Só estou feliz por ter um homem que quer fazer alguma coisa além de me pegar por trás.

Era uma piada, mas teria sido melhor ela tê-la guardado para as amigas.

— É muita informação, Samantha. É muita informação.

— Desculpe.

— Você meio que cortou o clima.

Ela me beijou, e eu vi aquela expressão em seus olhos que todo homem quer ver, uma expressão que torna o passado irrelevante, porque no futuro nenhum homem além de mim teria aquela linda mulher que tinha prometido ser minha esposa para sempre.

Ela jogou a perna sobre a minha cintura, montando no meu corpo, a abundância de seus seios diante do meu rosto, o cheiro de seu cabelo me chamando.

— Vou consertar isso — disse ela, deslizando para baixo dos lençóis. — Vou consertar de um jeito bem *gostoso*.

O escritório do médico legista do condado de Miami-Dade ficava no Centro de Patologia Forense Joseph H. Davis Center, um complexo de três edifícios no perímetro do *campus* da Faculdade de Medicina da Universidade de Miami e o Jackson Memorial Hospital. As manhãs eram sempre movimentadas perto do Jackson. Descobertas médicas sobre tudo, desde lesões na coluna até câncer, estavam misturadas com a trama institucional aqui, e todo dia pacientes vinham do país inteiro e de fora para se consultar com alguns dos médicos mais respeitados do mundo. De certa forma, tornava ainda mais difícil aceitar o prognóstico de Samantha.

Estacionei o mais perto que consegui do escritório do legista e acabei me atrasando apenas cinco minutos.

— O doutor Hernandez está pronto para nos receber — disse Santos.

Eu conhecia o doutor Hernandez e sabia bem que eu devia ficar de paletó ao entrar na sala de exames. O ar gelado soprou das saídas do ar-condicionado como o vento norte do Canadá.

Luzes claras brilhavam nas paredes brancas e estêreis e refletiam no chão de ladrilhos. O doutor Hernandez esperava por nós atrás de uma mesa de aço inoxidável, um lençol branco cobrindo o volume à sua frente. O médico ajustou o feixe de luz acima dele antes de levantar o lençol.

— Agora, considerem-se avisados — disse ele. — Nada que vem direto dos Everglades para o escritório do médico legista é bonito.

— Eu entendo — respondeu Santos.

Eu me perguntei se entendia mesmo. Mesmo ela sendo uma agente com muita experiência e treinamento em medicina forense em Quantico, nada poderia ter me preparado para minha primeira autópsia de uma vítima encontrada nos Everglades.

O médico puxou a parte inferior do lençol. Eu me preparei, mas o corpo estava em muito melhor condição do que eu esperava. Inchado, claro. A vítima tinha sido embalada enquanto ainda estava na água, e estávamos vendo em primeira mão como a riqueza de organismos dos Everglades potencializavam a liberação de ácidos e gases durante a putrefação. Precisei desviar os olhos quando minha visão foi parar em onde a cabeça deveria estar.

— Se fosse julho — disse ele — e estivéssemos falando de dias em vez de horas nos Everglades, estaríamos vendo uma decomposição bem acelerada, sem contar evidências de predadores. Mas com a temperatura de fim de inverno das águas e a localização relativamente rápida, temos muito mais com o que trabalhar.

— Quando você diz “localização relativamente rápida”, qual é a estimativa da linha do tempo? — perguntei.

— Vinte e quatro horas — explicou o médico. — Talvez um pouco mais. Eu diria que estamos olhando para um homicídio ocorrido tarde da noite no sábado.

— Alguma evidência de violência sexual? — perguntei.

— Nenhuma evidência anal ou vaginal — respondeu ele.

Santos entrou na conversa com a opção não mencionada:

— Existem evidências de sodomia oral forçada em todas as vítimas anteriores do Cortador.

O legista colocou o feixe de luz no exato lugar aonde meu olhos não queriam ir.

— Obviamente é algo que não podemos determinar, considerando a condição incompleta do cadáver.

— Também nos impede de confirmar a marca registrada do Cortador — emendou Santos. — A menos que sua autópsia tenha encontrado vestígios de cinzas de cana-de-açúcar em alguma outra parte do corpo.

— Negativo — disse o médico. — Mas vamos falar sobre os ferimentos.

Hernandez trouxe seu laptop para a mesa. E percorreu dúzias de fotografias forenses, procurando a correta.

— Aqui está — anunciou ele, congelando a imagem.

Era a autópsia de uma jovem, seu corpo nu na mesa de aço inoxidável, posicionada de uma forma bem parecida com a vítima número cinco que estava diante de mim.

— Esta é Elizabeth Gowan, vítima número três. O corpo continha basicamente as mesmas características que as vítimas de Palm Beach. Vemos diversos golpes de facão ou lâmina similar desferidos contra a vítima — explicou ele, usando o cursor para apontar para cada um.

— Muita raiva — comentou Santos.

Olhei para o corpo sobre a mesa.

— Não estamos vendo a mesma coisa nessa vítima.

— Exato. E tem mais uma coisa.

Ele clicou na imagem seguinte na tela. Era uma imagem com zoom da lateral do pescoço da vítima, um corte aberto horrendo. Alguns policiais conseguiam se manter distanciados em relação a essas coisas, como se a autopsia fosse um livro de teoria de medicina. Mesmo depois de dúzias de julgamentos de assassinato, milhares de evidências horrorosas, ainda me doía olhar.

— Aqui está o que achei interessante — apontou o médico. — No caso Gowan, como em todos os de Palm Beach, o golpe fatal provavelmente foi uma facada no pescoço, que cortou a artéria carótida. É um corte aberto com uma enorme perda de sangue.

— Mas não houve decapitação em nenhum dos casos de Palm Beach — interveio Santos.

— Correto. A verdade é que, a menos que você seja um executor habilidoso, são necessários diversos golpes fortes para cortar a cabeça de alguém com um facão ou uma espada.

— Mas temos uma decapitação aqui — eu disse.

— Na verdade, não temos — disse o médico.

Tanto Santos quanto eu olhamos para o corpo, a contradição era óbvia.

O legista balançou a cabeça.

— Um predador. Jacarés têm dentes muito afiados. Eles não lidam bem com presas grandes, então não é uma surpresa que um tenha encontrado o corpo, arrancado a cabeça com os dentes e sumido. Olhem aqui — disse ele, colocando a luz sobre o ferimento. — São marcas de dentes de jacaré. E aqui — apontou — a carne está rasgada. Não é um corte nem o movimento de um facão. É a marca clássica de um jacaré mordendo e rasgando, o que, do ponto de vista de um jacaré de um metro e meio, é muito trabalho para uma refeição. É por isso que, mesmo que o departamento de caça e pesca da Flórida receba 12 mil reclamações sobre jacarés todo ano, só vemos quatro ou cinco ataques a humanos. E nos últimos 75 anos, só uns dois casos fatais. Eles gostam de pássaros e tartarugas, que podem ser engolidos inteiros.

— Então não é um caso de desmembramento — concluiu Santos.

—Correto.

— O que nos alinha com os casos de Palm Beach, em que não houve desmembramento.

— É verdade — concordou o médico. — Mas, de novo, não temos múltiplos golpes no torso como tivemos em Palm Beach. Não vemos marcas de defesa nas mãos nem nos braços, o que seria esperado se a vítima estivesse lutando com o agressor. E não temos sinais de amarras nos pulsos nem nos tornozelos, que indicariam que ela foi amarrada e presa.

— São diferenças significativas — comentou Santos.

— E talvez eu possa explicá-las — disse o médico.

— Por favor, explique — pediu Santos.

— Como mencionei, enquanto vemos múltiplos golpes nos casos de Palm Beach, o golpe fatal provavelmente foi no pescoço. Meu medo inicial era que o ataque do jacaré tornasse impossível determinar se esta vítima sofreu um ferimento no pescoço como as de Palm Beach.

— Você está dizendo que consegue fazer a comparação? — perguntou Santos.

— Não definitivamente. Mas tenho uma tendência preliminar — respondeu ele.

E colocou a luz sobre o cadáver, voltada para o ferimento no pescoço.

— É difícil ver deste ângulo, com o cadáver deitado de costas. Vou mostrar as fotos que tirei antes. — O médico foi até o laptop de novo, abriu a imagem e aproximou o zoom. — Estão vendo esta laceração na base do pescoço?

— Estou.

— De novo, temos o efeito complicador do jacaré. Mas concentrem-se especificamente nessa parte lisa.

Cheguei mais perto. Estava cercada pelas mordidas e pelos rasgos dos dentes do predador, mas havia uma área de dois centímetros e meio que parecia lisa.

— De fato, parece diferente — comentei.

— Tenho quase certeza de que é um ferimento ocasionado por uma faca — disse o médico.

— Então esse caso é como os de Palm Beach? — perguntei.

— Ah, é aí que começa a ficar interessante — continuou ele. — O ferimento sofrido por cada uma das vítimas de Palm Beach foi no músculo esternocleidomastoideo. É o mesmo músculo que os jogadores de futebol americano exercitam para ganhar aquela aparência de que não têm pescoço. Se você é fã de *Star Trek*, como eu, é o músculo que os aliens bons sempre têm, e os maus nunca têm, porque esse músculo em particular é uma característica única dos mamíferos, o que o torna atraente para o olho humano.

O legista tinha uma tendência à digressão. Eu o trouxe de volta, como já havia feito diversas vezes no banco das testemunhas.

— O golpe foi na lateral do pescoço, é o que você está dizendo?

— Isso. Desculpem. O que eu quero dizer é que temos um golpe anterior na coluna cervical, entre as vértebras C1 e C2. E, se eu estiver certo, a *causa mortis* aqui pode ter sido um único golpe na nuca, que rompeu a medula espinhal.

— Como um pé de cana-de-açúcar — comentou Santos.

— Suas palavras, não minhas — disse o médico. — O importante é que foi um único golpe.

— Então a morte teria sido instantânea? — perguntei.

— Nem mesmo quando se usa a guilhotina a morte é instantânea — respondeu ele. — A Revolução Francesa está cheia de relatos históricos de olhos piscando, dentes rangendo e rostos corados depois da execução. Mas com certeza deve ter havido perda instantânea de percepção e consciência, e morte em questão de segundos. O que explica por que não vemos ferimentos de defesa nesta vítima, nenhuma evidência de que ela se defendeu. É muito diferente do que vimos nos casos de Palm Beach.

Santos e eu nos entreolhamos, e ela disse exatamente o que eu estava pensando.

— Então, a técnica nesse caso parece... bom, pode não ser o termo exato... mas parece quase misericordiosa, se comparada às vítimas anteriores.

O médico fez uma pausa, medindo suas palavras.

— Podemos levantar uma hipótese com algum grau de confiança de que esta vítima não viu o golpe se aproximando e que perdeu toda consciência instantaneamente. O mesmo não pode ser dito com nenhum grau de certeza médica sobre Palm Beach. Se foi “misericordioso”, é uma questão para a psicologia forense.

Ele desligou a luminária e fechou o laptop.

— Mas a patologia dos ferimentos é muito diferente — disse Santos. — O que me leva à pergunta: elas são tão diferentes a ponto de você achar que temos dois assassinos?

O legista hesitou.

— Ou um assassino — sugeri — que tem sentimentos diferentes em relação às vítimas de etnia diferente.

O médico olhou para mim, depois para Santos, como se fosse um jogo de cara ou coroa.

— Precisamos de mais informações.

Pensei na pesquisa em andamento para procurar a marca registrada do Cortador em Shark Valley, na parte do corpo que faltava e podia ter se perdido para sempre por causa de um jacaré faminto.

— Vamos continuar procurando as cinzas? — perguntei.

— Precisamos continuar — disse Santos, o olhar de volta ao cadáver. — Mas eu não teria muitas esperanças.

CAPÍTULO SEIS

Encontrei Angelina ao meio-dia para o almoço. Depois de uma noite na casa de JT, eu tinha muito o que compensar.

Almoçar era algo que raramente fazíamos juntos. Angelina era a gerente de empréstimos de um banco no centro da cidade, e trabalhava das nove às cinco no quarto andar de um desses prédios altos com uma fonte que, alguns previam, teriam três andares submersos em águas mornas antes do fim deste século. O escritório da promotoria ficava muito mais longe a oeste, do outro lado do rio Miami. Não tão distante quanto os corvos voam, mas quando as pontes levadiças estavam levantadas, era como se estivéssemos de lados opostos do Grand Canyon. Tive sorte com o trânsito e cheguei ao restaurante no horário. Angelina já estava sentada em uma mesa do lado de fora, parecendo uma estrela do cinema sob um guarda-sol, os óculos escuros de grife na cabeça. Tentei lhe dar um beijo e disse “oi” e desta vez ela não virou o rosto.

—Pedi bolinho de carne de caracol do mar — comentou ela.

Bom sinal, tinha sido atencioso da parte dela.

—Meu prato favorito. Você lembrou.

O restaurante Big Fish, bem no rio, era um lugar, a meu ver, perfeito para almoçar. Não era nada sofisticado, só um lugar para relaxar e comer ceviche de camarão, golfinho e atum fresco, apreciando a vista histórica do rio, uma parte da antiga Miami onde os fuzileiros navais em embarcações na margem oeste do rio andavam lado a lado com banqueiros e advogados das torres de escritório da margem leste.

—Desculpe ter sido tão chata ontem à noite — disse ela.

Um pedido de desculpas inesperado, mas me fez sorrir.

— Eu precisava e mereci um belo tapa na cabeça. Não se preocupe.

— É só que JT me assusta às vezes.

— Eu sei. Mas o psiquiatra me garantiu que ele está perfeitamente bem morando sozinho e que não é violento.

— Ele agrediu um motorista de ônibus.

— Não, não foi isso que aconteceu. Mas não vamos falar disso, tudo bem?

A garçonete trouxe nossa porção de bolinhos fritos.

— Alguma coisa para beber?

Angelina sorriu para mim.

— Tive uma ideia. Por que não pedimos uma jarra de sangria e não voltamos para o trabalho à tarde?

Era o que costumávamos fazer, antes do casamento — muito antes, na fase pré-Samantha da nossa relação.

— É muito tentador — respondi.

— Mesmo? Você quer fazer?

Eu detestava dizer não, mas a investigação do Cortador era só uma parte pequena do meu volume de casos, e do jeito que as coisas andavam, eu teria sorte de voltar para casa a tempo do jantar.

— Quero. Quero muito. Mas, eu sinto muito, não posso. Não hoje.

— Tudo bem. Eu também não. Mas uma garota pode sonhar, não pode? Um chá gelado — disse ela para a garçonete.

— Dois — emendei.

A garçonete deixou os cardápios e entrou.

— Eu me senti sozinha ontem à noite sem você — disse Angelina.

— Me desculpe.

— Fiquei acordada até tarde, repassando tantas coisas na minha cabeça. E fiquei me perguntando. O que você acha de tentarmos ter um filho?

Por essa eu não esperava, mas provavelmente isso não era a coisa certa a dizer.

— Uau. Um filho.

— O que isso significa?

O que significava era que eu não fazia ideia do que dizer.

— Um filho — repeti, ainda pensando no que dizer. — Uau.

— Uau. Um filho. Um filho. Uau. Ou estamos no gravador digital da TV e eu apertei o *rewind* por acidente ou você não está muito animado com a ideia.

— Não, não é isso. De jeito nenhum. É só que... um filho.

— Por favor, não diga “uau”.

A garçonete trouxe dois copos de chá gelado cobertos de gotas de condensação. Rapidamente abri meu cardápio e pedi o ceviche peruano.

— Você quer alguma coisa? — perguntei para Angelina.

— Você quer dizer, como um filho?

A garçonete levou meu cardápio.

— Esse é o seu departamento, patrão. Eu trago o peixe.

Angelina esperou a mulher ir embora. Em seguida, estendeu o braço sobre a mesa e pegou minha mão.

— Eu quero formar uma família, Abe. A *nossa* família.

E apertou minha mão em sinal de ênfase, e a discussão não mais parecia tão despropositada. Isso era sobre a *nossa* família. E não da Samantha.

— Você acha que eu estou pronto para ser pai?

— Acho que você seria um ótimo pai.

Ela estendeu os braços, apertando minha mão entre as suas. Eu estava olhando para o outro lado da mesa, para olhos tão grandes e azuis quanto o oceano.

— Certo. Vamos ter um filho.

Ouvi um grito de empolgação enquanto ela voou para o meu lado da mesa e me beijou. Então escutei meu celular tocando e deixei a ligação cair no correio de voz.

— Estou tão feliz — disse Angelina ao voltar para sua cadeira.

— Eu também.

Meu celular tocou de novo. Era a agente Santos. Pedi desculpas para minha mulher e prometi ser rápido.

— Você está perto de uma televisão? — perguntou a agente.

Havia um aparelho dentro do restaurante.

— Posso ficar.

— Ligue no *Action News* agora. Temos uma identificação para a vítima.

— Quem é?

— Uma advogada de 34 anos de Miami. O nome dela era Tyla Tomkins.

Agarrei o celular.

— Desculpe. Você pode repetir?

— Tyla Tomkins. Você conhece esse nome?

— Não, não — respondi. — É só a ligação que está ruim. Sua voz desapareceu por um segundo.

— Ligue a TV. É importante se manter atualizado com os relatos da mídia. Depois precisamos conversar. Você está disponível para uma *conference call* às duas?

— Não, tenho uma audiência de uma e meia em diante.

— Me ligue quando sair — disse Santos, e desligamos.

Angelina olhou para mim do outro lado da mesa.

—O que foi isso? —perguntou ela.

Contei rapidamente, prometendo voltar assim que a matéria acabasse e entrei correndo para assistir à TV.

Tyla Tomkins.

Pessoas em toda Miami estavam olhando para seus aparelhos de televisão incrédulas dizendo que não podia ser ela, não era possível ser ela. Mas minha cabeça não ia nessa direção. E pulou direto o primeiro estágio de choque e negação.

Era ela.

CAPÍTULO SETE

A agente Victoria Santos estava sozinha em seu sedan do FBI na MacArthur Causeway, o porto de Miami era um borrão na janela do lado do passageiro. As gigantescas embarcações que tornavam Miami a capital de navegação do mundo estavam no mar, mas havia diversos navios porta-contentores no porto, e rebocadores levavam diversos outros pela rota marítima de Government Cut. Victoria passou por três faixas de trânsito que seguiam para o leste, dirigindo a 110 quilômetros por hora em uma área de oitenta quilômetros por hora, ansiosa para chegar a South Beach.

Victoria era nova no trabalho de campo do FBI em Miami, mas a cidade não lhe era desconhecida. Em seu primeiro ano em Quantico, ela travou uma batalha mental com um serial killer geograficamente itinerante com meia dúzia de vítimas encontradas. A única pista era um informante anônimo de jornal que tinha uma estranha habilidade de prever cada assassinato, ocasião, local e vítima. Ou seria ele o assassino? Quem recebia as dicas era Mike Posten, um repórter policial do *Miami Tribune*. A caça em escala nacional tinha sido uma coordenação incomum entre a polícia e a imprensa, e houve diversas reuniões tarde da noite e conversas intensas entre Victoria e Mike. Ela era solteira, mas Mike era casado, o que impedia a “coordenação” em qualquer outro nível.

Tinha ficado para trás, junto com a ponte Tamiami.

Victoria passou por um caminhão que se deslocava devagar e continuou rumo a South Beach. Mas Mike continuava em sua mente. Naquela época, a sede do *Miami Tribune* ficava perto das margens da baía Biscayne, e a redação tinha uma vista impressionante de Miami Beach a leste. Santos se lembrou de uma noite, tarde, quanto o silêncio e a distância entre ela e Mike tinham se tornado ambíguos, até ele de repente

romper o contato visual, ir nervosamente até a janela e começar a bancar o guia turístico, só para mudar de assunto.

— Sabia que Miami Beach na verdade é uma ilha artificial? — perguntou Mike.
— O Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA a construiu, só para criar algum tipo de proteção contra um furacão no continente.

Ela não lembrava ao certo se Mike tinha usado o termo “faixa de areia de um bilhão de dólares” ou se essa lembrança vinha de algum outro relato de como essa área estreita de aterro tinha atraído milhões para trabalhar, se divertir e viver.

Tyla Tomkins estava entre essas pessoas, e seu apartamento em South Beach era oficialmente a mais recente cena de crime do condado.

Victoria forçou as lembranças a desaparecerem e olhou pelo retrovisor, vendo de relance o centro de Miami e a torre de escritórios de 55 andares onde Tyla tinha trabalhado com direito corporativo para uma das firmas mais poderosas da cidade. Mais para o interior do continente, a oeste da linha do horizonte cheia de prédios, era onde o dia de Victoria tinha começado — no escritório do médico legista, local de repouso temporário de Tyla.

Victoria atravessou uma antiga área residencial diversos quarteirões ao sul e o brilho e o glamour da lendária Ocean Drive e sua irmã mais nova e boêmia, a Washington Avenue. A condomínio de Tyla tinha sido construído seguindo um revival de estilo de South Beach nos anos 1980, não no clássico *art déco* original de Miami Beach, mas aquela vista de frente para o mar, aliada a um encanamento e sistema de ar-condicionado que funcionavam, era digna de nota. Todas as vagas dos dois lados da rua estavam ocupadas, o que era normal.

A fila dupla de carros parados sem dúvida era uma aberração, especialmente no meio da tarde. Victoria parou atrás de um dos carros verdes e brancos do Departamento de Polícia de Miami-Dade, deixando a sirene no painel, e entrou no prédio. Ela mostrou suas credenciais ao policial uniformizado de Miami Beach posicionado do lado de fora das portas duplas do lobby no térreo.

— Estou aqui para falar com o tenente Riddel — avisou Santos.

Riddel estava com o esquadrão de homicídios.

— Sétimo andar — respondeu ele. — Você vai precisar usar as escadas, que já foram liberadas. A equipe de investigação criminal ainda está trabalhando nos elevadores.

— Sem problema — respondeu Victoria.

O policial voltou sua atenção para um grupo de moradores que estava reclamando por não poderem entrar no próprio prédio. Victoria passou por baixo da fita de isolamento que demarcava a área e subiu as escadas.

Era fácil imaginar Tyla Tomkins naqueles degraus, preferindo fazer exercício em vez de pegar o elevador depois de um dia longo e sedentário no escritório. Até onde se sabia, ela era viciada em exercícios físicos e tinha sido abençoada com inteligência e com uma beleza impressionante. Uma aula de spinning perdida tinha sido o primeiro alerta.

— Tyla nunca perdia a aula das seis da manhã — disse o instrutor à polícia — não importava o que tivesse feito na noite anterior.

Victoria encontrou outro policial posicionado no sétimo andar. Ele a escoltou pelo corredor até o apartamento de Tyla. A porta estava aberta. Lá dentro, uma equipe de investigadores estava trabalhando, vasculhando tudo com feixes de luz, fazendo um pente fino em cada detalhe, embalando, rotulando e fotografando tudo o que pudesse ser importante. Victoria foi direto para a sacada, atraída pela vista do Atlântico, mas a equipe de investigação criminal já estava imune a ela, concentrada em sua tarefa. Ela encontrou o detetive Riddel na sala.

— Está basicamente limpo — comentou ele. — Não há uma gota de sangue em lugar algum.

Victoria já tinha trabalhado com ele anteriormente. Tinham se cruzado pela primeira vez três anos antes, quando o departamento de polícia de Miami-Dade chamou a Unidade 2 de Análise Comportamental para ajudar em um sequestro que, tragicamente, se tornou um homicídio. Ela sabia que Riddel era metódico e dedicado — tão dedicado que, rezava a lenda, raspava a cabeça só para evitar uma possível contaminação de uma cena de crime com seu próprio cabelo. O fato de isso deixá-lo parecido com Taye Diggs era só um efeito colateral benéfico.

— É consistente com nossas vítimas anteriores — disse Victoria. — Nenhuma delas foi atacada em casa. Mas ainda precisamos determinar o local do crime de fato.

— Depois de ver as fotos da autópsia, eu diria que ele usou seu facão em algum outro lugar. Mas ainda é possível que o assassino tenha estado aqui. Também não posso eliminar a possibilidade de a vítima ter morrido aqui e ter sido levada para outro lugar.

— Algum sinal de resistência?

— Até agora, nada.

O olhar de Victoria percorreu a sala. Os móveis eram modernos, do tipo caros, mas não muito confortáveis. As cadeiras basicamente eram tiras duras de couro sobre estruturas cromadas, de alguma forma amenizadas por almofadas. O sofá não era nem largo nem macio o suficiente para alguém desabar depois do trabalho, e não havia aparelho de TV para assistir. O medo de macular o tapete de seda tibetana teria paralisado qualquer convidado merecedor de uma taça de vinho. A aparência e a

sensação pareciam ter saído direto de um editorial de revista de decoração, o apartamento estiloso de uma jovem profissional que morava sozinha e passava muito mais tempo no escritório do que relaxando em casa, e ganhava mais do que o suficiente para contratar um decorador de sucesso e esvaziar um showroom de uma loja de decoração cara.

— Vou mostrar o quarto para você — disse Riddel.

Era um apartamento de dois quartos, mas o menor era um escritório. Victoria o acompanhou até a suíte, que não era muito pequena para um imóvel em South Beach, mas com certeza não era grande o bastante para a cama king-size que a dominava. Quase não havia espaço para caminhar entre o pé da cama e a cômoda. O espelho acima dela, virado para a cama, também era grande demais para o quarto.

— Pelo jeito, ela gostava de se ver dormindo — comentou Riddel.

Victoria entendia que o humor policial fazia parte do kit de sobrevivência da equipe de homicídios, mas lançou um olhar para ele que demonstrava zero tolerância para piadas sobre vítimas. O detetive entendeu a mensagem.

— Desculpe — disse ele.

A agente Santos foi até a cama. A roupa de cama tinha sido tirada, deixando apenas o colchão nu.

— Algum sinal de sangue ou fluidos corporais nos lençóis? — perguntou ela.

— Não que tenhamos detectado. O laboratório pode revelar outra coisa, mas eu duvido. A cama estava bem-feita quando chegamos aqui. Não parecia ter sido usada para dormir nem para outra coisa.

— Então se ela foi morta sábado à noite, que é o que o legista acredita, Tyla provavelmente saiu e não voltou para cá.

— É a minha aposta — disse ele. — Falei com a senhora Elias, uma moradora fofqueira de setenta anos. De acordo com ela, Tyla quase não dormia aqui nos fins de semana.

— Ela tinha um namorado?

— Estamos investigando. Não identificamos ninguém em especial até o momento, mas temos uma coisa interessante.

Riddel a levou até uma caixa de joias sobre a cômoda. A caixa estava aberta, revelando uma bandeja superior forrada com veludo marrom. Os diversos brincos e correntes de ouro eram bonitos, mas foram os anéis de diamante que chamaram a atenção de Victoria. Havia dois, cada um com uma aliança de ouro.

— Anel de noivado e casamento? — perguntou ela, confusa.

— É o que me parece.

Victoria olhou mais de perto, mas não encostou em nada. Os diamantes tinham um corte redondo clássico, em estilo Tiffany.

— O da esquerda parece ter meio quilate. O outro, provavelmente quase dois.

— Um belo anel — comentou Riddel. — Se for verdadeiro.

— Tyla estava usando um anel de diamante de um quilate quando o corpo foi encontrado. Era verdadeiro.

— Até onde eu saiba, ela nunca foi casada. É a mesma informação que você tem?

— Exato — respondeu Victoria. — Nunca foi casada.

— Então uma deslumbrante mulher solteira sai num sábado à noite usando um anel de noivado e uma aliança de casamento? E tem outro jogo em sua caixa de joias em casa?

— É o que parece.

— O que isso significa? — perguntou Riddel. — Tyla enrola os homens, os faz comprar anéis de noivado e termina com eles?

— Pode ser — disse Victoria. — Ou ela mesma os compra.

— De todo jeito, isso é bem interessante, você não acha?

Victoria olhou para a cama gigantesca, para o espelho exagerado e de volta para os anéis.

— Pois é — disse ela. — Muito interessante.

CAPÍTULO OITO

Eram quase dez horas da noite quando meu dia de trabalho terminou.

Minhas audiências tinham continuado noite adentro, seguidas de duas horas de preparação de uma testemunha na minha sala. Eu voltaria de manhã cedo. O nome oficial do principal espaço do escritório da promotoria do condado de Miami-Dade era Graham Building, mas eu o chamava de Bumerangue. O prédio tinha duas alas, e a planta tinha o ângulo de um bumerangue, mas a graça tinha mais a ver com o fato de parecer que eu nunca conseguia ir embora sem voltar.

Liguei para a agente Santos do carro e deixei uma mensagem curta:

— Alguma novidade?

Desde o nosso telefonema na hora do almoço, eu não tive mais notícias nem de Santos nem da unidade de homicídios da polícia de Miami-Dade. Teria sido um protocolo padrão da investigação visitar o apartamento de Tyla e entrevistar qualquer pessoa que a conhecesse, o que resultaria em algum tipo de atualização. Chequei duas vezes meu celular para ver se havia alguma mensagem quando parei num semáforo vermelho. Nenhuma de Santos, várias de JT.

O semáforo ficou verde, mas mantive o pé no freio por um instante, decidindo meu próximo passo. Angelina provavelmente teria preferido que eu deixasse JT quieto, mas ela estava no chá de bebê de uma amiga — o que com certeza tinha relação com a nossa conversa do almoço — e não vi nenhuma necessidade urgente de voltar direto para uma casa vazia. Trinta dias de prisão domiciliar sem pelo menos uma visita por dia de alguém parecia uma punição cruel e incomum. Virei à direita e fui para o apartamento de JT. Ele ficou tão feliz em me ver que mal consegui cumprimentá-lo em meio ao seu abraço de urso.

— Obrigado, Abe. Obrigado por vir.

JT estava vestindo um short de corrida e uma camiseta, pronto para ir para a cama. Estava com a boca cheia de espuma de pasta de dente e a escova na mão.

— Tomei meu remédio um tempo atrás, então vou dormir logo.

— Tudo bem.

— Já volto. Sinta-se em casa — disse ele escovando os dentes enquanto subia a escada para ir para o quarto.

Sinta-se em casa. Eu não tinha certeza se JT estava tentando ser engraçado ou se simplesmente tinha se esquecido de que eu já tinha morado ali com sua irmã. Fui até a sala de TV e liguei no noticiário local. Os destaque era o brutal assassinato da advogada de Miami Tyla Tomkins, o que me envolveu imediatamente. Os vizinhos a descreviam como “a pessoa mais gentil que você já conheceu”, mas a matéria também mencionava que Tyla era “a segunda mulher afro-americana a ser tornar sócia no maior e mais antigo escritório de advocacia de Miami, Belter, Benning & Lang”. O sócio-administrador grisalho, Brian Belter, falou sobre “uma advogada brilhante formada em Harvard que estava determinada a contribuir com a comunidade”.

A foto de Tyla apareceu de novo na tela, e eu fiquei hipnotizado.

— Abe, você ouviu o que eu disse? — perguntou JT.

— Hã?

Ele entrou na sala. Sua boca não estava mais cheia de espuma de pasta de dente, mas JT continuava escovando entre as frases.

— Meu Deus, Abe. Você pode pelo menos fingir que está ouvindo? Estou perdendo meu tempo aqui.

— Desculpe. Eu estava concentrado na TV.

Ele desabou no sofá ao meu lado. JT estava escovando os dentes furiosamente, mas continuava não havendo espuma.

— Você está usando pasta de dente? — perguntei.

— Só água. Estou tirando a pasta de dente.

— Por quê?

— Todo mundo tira a pasta de dente.

— Não tira, não, JT. E pare de escovar com tanta força. Assim a sua gengiva vai sangrar.

Ele continuou a escovação, os olhos fixos na tela da TV.

— É o caso de assassinato em que você está trabalhando?

— É.

— Você a conhecia?

— Conhecia quem?

— A vítima.

— Por que você me perguntaria isso?

— Por que você trabalharia o dia todo e depois sentaria na frente da TV para ouvir mais sobre ela? Eu tenho ESPN, sabia?

Peguei o controle remoto e mudei de canal.

JT escovou os molares e parou.

— Você ainda não respondeu minha primeira pergunta.

— Você está falando da que eu não ouvi?

— Tudo bem, vou perguntar de novo. Quando estávamos no tribunal ontem, por que você contou para a juíza que eu sou bipolar?

— Eu não contei.

— Você deveria ter dito a verdade, que eu sofro de estresse pós-traumático.

— JT, você não sofre de estresse pós-traumático.

— Então teve de dizer para todo mundo que sou bipolar, é isso?

— Eu não falei para ninguém que você é bipolar.

— As pessoas não são burras, Abe. Todos esses remédios que eu tomo são para bipolaridade.

— Eu não mencionei o nome de nenhum remédio.

— Mencionou, sim.

— Não mesmo.

— Eu ouvi — insisti JT com firmeza, batendo a escova com força na almofada do sofá. — Você *contou* para eles.

Eu tinha certeza de que não tinha falado, mas sabia muito bem como era contraproducente discutir quando JT “sabia” que estava certo. Ele ia bater o pé, se tornar assertivo e em seguida ficar agitado. Depois, sentiria uma compulsão por andar sem parar. Sentar, levantar e andar mais um pouco. Sentando na cadeira, levantando da cadeira, indo de um lado para o outro. Talvez ele até fosse para outro cômodo, ainda escovando os dentes e argumentando. JT passaria a noite em claro, talvez duas noites. Talvez pudesse pegar um ônibus e fazer uma viagem de três horas, andando sem parar pelo corredor.

Não ia terminar bem.

— Sinto muito, JT, eu deveria ter sido mais cuidadoso.

— Sentir muito não resolve, Abe. Nós já conversamos sobre isso.

Era verdade. Incontáveis vezes, a mesma conversa, sem parar. “Ruminação” era como o médico tinha descrito isso.

— Vou prestar mais atenção da próxima vez — eu disse.

Ele voltou a escovar os dentes, em sua missão bizarra de remover qualquer vestígio de pasta de dente, mas em seguida parou.

—Estou cansado — anunciou JT. — Vou deitar. Você vai passar a noite aqui?

—Não. Vou para casa ficar com Angelina.

—E amanhã à noite?

—Acho que não.

—E na outra?

—JT, você precisa...

Comecei a falar o que eu gostaria de dizer, no tom que eu gostaria de poder usar, mas parei. Não era culpa dele. Mas, meu Deus, como isso tudo era cansativo.

—JT, a gente se fala amanhã, pode ser?

—Tudo bem. Ah, mais uma coisa.

—O quê?

Ele veio até mim e encostou a cabeça no meu ombro, em um abraço desajeitado.

—Obrigado, Abe.

—De nada, JT.

—Sei que não é fácil para alguém de inteligência média ter um cunhado que é um gênio.

Mais uma vez, não era fácil saber quando JT estava brincando, mas ele finalmente riu.

—Você caiu por um segundo, não foi, parceiro?

—Boa noite, JT.

Esprei ele subir a escada e voltei para o noticiário. A cobertura noturna sanguinolenta do telejornal havia mudado para o roubo de uma loja de conveniência em Hialeah. Eu me acomodei no sofá e mandei uma mensagem de texto para Angelina para perguntar que horas ela planejava chegar em casa.

Logo, veio a resposta. Umaz onze. Respondi, mas não contei onde estava. Eu honestamente não sei o que a teria incomodado mais: o fato de eu estar com JT ou estar no apartamento que Samantha e eu um dia dividimos. Nós não falávamos muito sobre ela. O nome só parecia vir à tona quando Angelina e eu estávamos discutindo por causa de JT. Não que uma segunda esposa devesse fazer da primeira um tema de conversas noturnas, mas em algum momento eu esperava por, pelo menos, uma conversa séria. *Quando o câncer foi diagnosticado? Por quanto tempo você soube que ela ia morrer? Vocês conversaram sobre o que você iria fazer depois que ela morresse? Você acha que tudo acontece por uma razão?* Eu não conseguia me lembrar de nenhuma pergunta importante que Angelina tivesse feito sobre Samantha, com exceção de uma. Era tarde, estávamos na cama, e eu estava num estado de semiconsciência depois de fazer amor. Senti o braço de Angelina deslizar pelo meu peito e senti o vinho em seu hálito.

—Samantha foi a única negra com quem você se relacionou?

Meus olhos piscaram e se abriram na escuridão.

—O quê?

—Você me ouviu.

—Que diferença faz?

—Eu quero saber. Então faz diferença.

Eu não sabia ao certo por que Angelina queria saber. Talvez nem ela soubesse por quê. Mas a pergunta tinha sido um lembrete frio do lugar complicado que era minha cabeça. As respostas nunca eram simples. Nos tempos do colégio, eu costumava ler o caderno de esportes do *Miami Tribune* antes de sair de casa todas as manhãs. Durante o julgamento de O. J. Simpson, meu colunista favorito escreveu um texto sobre racismo. “As sutilezas do racismo”, foi o título que ele escolheu. Para a maioria dos brancos, dizia o artigo, era mais fácil imaginar os negros fazendo sexo do que imaginá-los com a palma das mãos suando num baile da escola. Mais tarde, depois de adulto, eu entendi o que ele estava dizendo. Quando adolescente, não entendi nada. Tudo o que sabia era que, sempre que olhava para Shawna Jones sentada ao meu lado na sala de estudos no primeiro ano do ensino médio, eu basicamente queria fazer sexo. As mãos suadas e a dança não vieram até muito tempo depois. Então todas aquelas noites em que ficava deitado na cama pensando em Shawna, eu carregava a culpa e a vergonha de ter sujado os lençóis, o que só provava que eu era, para meu colunista favorito, um racista.

Meu celular tocou. Era minha chefe. Na verdade, a chefe do meu chefe. A ligação vinha de Carmen Jimenez, a promotora sênior que tinha me contratado recém-saído da faculdade de direito e aprovado todas as minhas promoções desde então. Não era sempre que Carmen me ligava depois das dez da noite. Aliás, a última vez de que eu me lembrava de um telefonema a essa hora tinha sido durante um protesto de rua.

—O que foi, Carmen?

—Você está sozinho?

—Estou, por quê?

—Abe, normalmente eu diria que não é da minha conta, mas acho que você sabe por que eu preciso perguntar: você estava tendo um caso?

Levei um susto com a pergunta, mas era o estilo de Carmen. A maioria dos advogados começaria um depoimento perguntando onde a testemunha morava, seu histórico profissional. Carmen, na sua época, ia direto para a jugular desde a primeira questão.

—Se eu estava tendo um *caso*?

— Exato, é o que eu estou perguntando — disse ela. — Você estava tendo um caso?

Como promotor, eu sabia melhor que a maioria das pessoas que a única maneira de reagir a uma pergunta direta era com uma resposta direta. Incontáveis foram as vezes em que eu havia me colocado diante de um júri e retratado uma testemunha como mentirosa por desviar de uma pergunta respondendo com outra. Mas lá estava eu.

— Por que você me perguntaria isso?

— Não precisa dizer mais nada — disparou Carmen.

— Espere um segundo. Eu não disse que estava. Eu não estou.

— Você conhecia Tyla Tomkins?

— Conhecia. Há muito tempo atrás.

— Certo. Pode parar aí, porque sei que você mentiu para mim pelo menos uma vez. E quando você mente para mim, se torna pessoal.

— Eu não estou mentindo!

— Abe, se acalme, ok? Não falo como inimiga, mas você vai ter que responder algumas perguntas difíceis, e vai precisar se sair melhor do que fez comigo. Victoria Santos exigiu uma reunião com a gente amanhã cedo no primeiro horário.

— O quê? Por que o FBI está se envolvendo nisso?

— É direito dela. E sempre que o FBI enfia o nariz no meu escritório, eu preciso seguir o protocolo à risca.

— Não estou vendo o porquê desse drama todo. Eu ia contar para você sobre Tyla amanhã.

— Que bom. Vamos deixar assim. Durma com essa informação, organize as coisas na sua cabeça, e amanhã de manhã tudo vai correr bem. Não fale coisas para que possam cavar um buraco maior do que aquele em você já está.

— Que buraco?

— Abe, eu não posso orientar você. Isso é o máximo que eu posso falar aqui pelo telefone. Santos é esperta. Não minta para ela. Vamos conversar de manhã. Na minha sala. Oito em ponto.

— Ok. Nos vemos amanhã.

Quando desligamos, minhas próprias palavras ecoaram na minha mente. *Por que você me perguntaria isso?*

Por que essa tinha sido minha resposta é algo que nunca vou saber. Carmen estava do meu lado, e se eu tivesse dito apenas “não”, ela teria comprado a briga por mim e dito a Santos para engolir sua lista de perguntas. Eu não tinha dado escolha se não deixar a reunião acontecer e “seguir o protocolo à risca”. Ela não tinha

especificado qual era esse “protocolo”, mas eu não era um incauto. Tinha sido um dia bizarro, do cadáver inchado e sem cabeça no escritório do legista até minha esposa pedir para ter um filho minutos antes de a identificação oficial do que parecia ser a quinta vítima do Cortador. Eu estava em circunstâncias complicadas, que atenuavam a linha que divide o pessoal e o profissional. Mas também sabia que Carmen Jimenez não estava apenas sendo curiosa. Claro que eu teria de responder perguntas sobre qualquer relação com uma vítima de assassinato, e a promotoria tinha o direito de saber se era uma coisa antiga ou alguma informação que poderia estar nas manchetes de amanhã. Eu não sabia ao certo como colocar em palavras, mas, na essência, eu estaria respondendo à pergunta que Angelina tinha me feito no escuro e na privacidade do nosso quarto.

Não, Samantha Vine não tinha sido minha única negra com a qual me relacionei.

Abri o calendário do meu celular e agendei a reunião para as oito da manhã. No escritório da promotoria. Último andar do Graham Building.

O Bumerangue.

CAPÍTULO NOVE

Fiz questão de chegar alguns minutos adiantado para a reunião às oito da manhã no escritório de Carmen. Ela odiava esperar, o que era irônico. Na minha experiência, e sem exceção, uma reunião com Carmen seria interrompida nos primeiros dois minutos por um telefonema que ela absolutamente precisava atender, o que deixaria todo mundo esperando.

— Segure minhas ligações — instruiu ela à secretária.

Pelo jeito, as regras tinham mudado nessa manhã.

Naturalmente, Carmen tinha o escritório de canto mais espaçoso do prédio. Vista do último andar para o rio Miami, e o tribunal de justiça criminal atrás de suas cadeira de couro com encosto alto. Eu era a quinta pessoa na sala, contando Carmen e o diretor de recursos humanos, o que era o que “seguir o protocolo à risca” significava. Eu não esperava o tenente Riddel...

— Rid — eu o cumprimentei.

Tínhamos trabalhado juntos em diversos casos de homicídio, e eu gostava dele. Em algum momento, Samantha e eu tínhamos saído com Rid e a esposa, e eu ainda o considerava um amigo a ponto de chamá-lo pelo primeiro nome, DeWitt, o que ele achava que soava como “devi”, e que alguns sujeitos muito engraçados na delegacia transformaram em “dévio”.

A agente Santos estava na cadeira ao lado da mesa de Carmen, de frente para mim. A bandeira americana era uma peça de decoração da sala de Jimenez, e Santos conseguiu se sentar bem diante dela, o que a colocou na posição mais poderosa da sala.

— Bem, somos um grupo grande — comentei ao cumprimentar cada um com um sorriso desconfortável.

— Sente, Abe — disse Carmen. — Antes de passar a palavra para a agente Santos, tem alguma coisa que você queira nos contar sobre Tyla Tomkins?

Ela tinha levantado a bola amigavelmente, e eu aproveitei.

— Sim. Desde que vi o nome de Tyla ontem no noticiário, eu sabia que teria de revelar a nossa relação.

— Então você admite que a conhecia — perguntou Santos.

— Há muito tempo atrás.

Carmen colocou um bloco à sua frente na mesa, caneta em punho.

— Por que você não começa do começo, Abe?

— Eu a conheci em uma convenção profissional em Miami. Você me mandou para lá — expliquei, olhando para minha chefe. — Eu tinha acabado de começar a trabalhar aqui. Tyla estava no primeiro ano do curso de direito na época. Ela não estava interessada em trabalhar no escritório da promotoria, mas de alguma forma começamos a conversar. Acabamos jantando juntos. Meio que nos demos bem.

— E?

— E o quê?

— Foi isso. Ela voltou para Cambridge. Tyla estudava em Harvard. Uma mulher inteligente. Muito atraente.

— Quando você diz que vocês “se deram bem”...

Eu me mexi na cadeira.

— Isso está se tornando muito pessoal, você não acha?

— Meu principal promotor em uma investigação de homicídio serial teve uma relação com uma das vítimas. Se eu for considerar manter você no caso, preciso saber de tudo.

Eu conhecia Carmen bem e li nas entrelinhas. Ou ela faria as perguntas desconfortáveis, ou eu teria de enfrentar as de Santos. Melhor virem de Carmen.

— Certo, aqui vai. Eu tinha vinte e sete anos, estava trabalhando muito e não estava conhecendo muitas mulheres. Não tenho orgulho disso, mas também não estou me desculpando. Ter um encontro de uma única noite não era algo típico para mim, e tenho a impressão de que para ela também não era. Mas foi isso que aconteceu. Eu nunca mais a vi depois que ela voltou para a faculdade. Aquele foi o começo e o fim.

— Só isso? — perguntou Carmen.

— Só isso.

— Nada mais recente?

— Não.

Carmen suspirou, como se desejasse que a resposta tivesse sido diferente.

— Agente Santos, por favor, mostre os registros telefônicos ao Abe.

Olhei para Santos e em seguida para Carmen.

— Registros telefônicos?

Santos me entregou um arquivo impresso.

— O detetive Riddell encontrou um celular pré-pago no apartamento de Tyla Tomkins.

Fiz contato visual com Rid. Tínhamos acabado de trabalhar em um caso envolvendo celulares pré-pagos. Criminosos, especialmente traficantes de drogas, amavam o anonimato que esses aparelhos proporcionavam. Não era necessário fornecer nomes, identificação, informação de cobrança e nem responder perguntas. Trinta dólares compravam uma linha ativa que era praticamente impossível de rastrear.

— Por que Tyla teria um celular pré-pago? — perguntei.

— Talvez você possa nos dizer — respondeu Santos. — Estes são os registros das ligações feitas do aparelho nos últimos dois meses. Cinco delas são relevantes, as que estão destacadas.

Olhei para o arquivo e fiquei paralisado.

— É o meu celular.

— Este é exatamente o problema — emendou Santos.

Levantei os olhos da folha impressa e me deparei com o olhar acusatório do FBI.

— Não é possível — eu disse. — Eu nunca falei com Tyla por telefone.

Virei para Carmen, que desviou os olhos, como se fosse doloroso me ver naquela posição.

— É o seu número, Abe — respondeu ela.

Olhei mais uma vez para o arquivo.

— Não consigo entender. De verdade, não consigo.

Carmen olhou na direção de Santos, como se estivesse passando a bola para o FBI, por não poder mais me ajudar.

— Nossos técnicos já investigaram isso — continuou Santos. — Foram feitas cinco ligações para o seu celular. As primeiras quatro caíram no correio de voz.

— Bom, eu nunca recebi essas mensagens.

— O relatório técnico conta uma história diferente — disparou Santos. — Mensagens de voz não são como as de texto ou como e-mails. Elas não vagam pelo cyberspaço para sempre. Quando uma mensagem de voz é deletada, ela desaparece. Mas nossos técnicos podem confirmar quando a mensagem foi deixada, quando foi deletada e quando foi deletada permanentemente. Cada um desses recados foi deletado no mesmo dia em que foi deixado.

— Então devo tê-los deletado antes de ouvi-los. Nunca recebi uma mensagem de voz sequer de Tyla Tomkins.

Santos me olhou com ceticismo.

— Você costuma deletar mensagens de voz antes de ouvi-las?

— Não, claro que não.

— Você tem um assistente que checa suas mensagens por você?

— Não. É o meu celular. Eu mesmo faço isso.

— Seu celular tem senha?

— É política da promotoria — respondeu Carmen. — Nossos promotores não podem usar nenhum celular que não seja aprovado pelo nosso departamento de tecnologia e protegido por uma senha. Cada promotor define sua senha. Não pode ser nada simples, como um, dois, três, quatro; e é absolutamente proibido compartilhar essa senha com qualquer pessoa, mesmo que seja outro funcionário do escritório.

— Era uma senha segura — eu disse.

— Então você acidentalmente deletou suas mensagens de voz em quatro dias diferentes? E por acaso todas essas mensagens eram de Tyla Tomkins?

Eu hesitei, sabendo perfeitamente que Santos tinha formulado uma pergunta que não se prestava a uma resposta crível.

— Tudo o que posso dizer é que nunca recebi nenhuma dessas mensagens de voz. Talvez tenha a ver com esse celular pré-pago que ela usou.

— As pessoas usam celulares pré-pagos o tempo todo. Eles funcionam perfeitamente.

— E temos a última ligação — disse Santos. — Ela durou dois minutos, e nossos técnicos não encontraram nenhuma evidência de um recado de voz. Foi uma conversa de fato.

— Dois minutos podem significar uma ligação perdida.

— O discurso de Gettysburg inteiro foi feito em dois minutos, Abe.

— Eu nunca falei com ela por telefone.

— Então como você explica os registros telefônicos?

— Deve ter sido um erro.

— Então quatro mensagens de voz apagadas por acidente e um registro de ligação de dois minutos errado? Essa é a sua versão.

— Sei que parece suspeito.

Santos assentiu, o primeiro sinal de que concordava desde o início da conversa.

— Considerando que você admite um relacionamento prévio, eu diria que é mais do que suspeito.

— O que você quer dizer com isso?

Carmen interveio, colocando da maneira mais delicada possível.

— Foi a pergunta que fiz por telefone ontem à noite, Abe.

Você estava tendo um caso?

— Eu não estava dormindo com Tyla Tomkins, se é disso que estamos falando.

Santos disparou:

— É exatamente disso que estamos falando.

— O que, mais uma vez, não é da nossa conta — emendou Carmen. — Só que se trata da vítima de um serial killer cujo julgamento pode ter você como promotor, e você não revelou essa informação.

— Carmen, isso não aconteceu.

Santos retomou o controle, falando tanto para ela quanto para mim.

— Na verdade, vai além de Abe continuar ou não no caso.

— Além como? — perguntei.

— Sei que estamos tratando da investigação de um serial killer — continuou ela. — Mesmo assim, em qualquer investigação de homicídio, um homem casado dormindo com a vítima é sempre uma figura de interesse. Especialmente quando o homem casado está mentindo sobre o caso.

— Eu não estou mentindo e não estava tendo um caso.

— Espere um pouco — interveio Carmen. — Antes que isso saia do controle, vamos fazer alguns ajustes simples. Abe, eu amo você, mas tenho muitos promotores talentosos. Você está fora do caso Cortador.

— Eu ia sugerir isso — respondi.

— O que é o correto a fazer — continuou Carmen. — Agora, a discussão sobre o suspeito. Agente Santos, eu entendo a perspectiva do marido adúltero. Mas Abe não matou Tyla Tomkins. Então se sentir a necessidade de colocá-lo em alguma lista que a força-tarefa está criando, peço que você seja extremamente discreta. É a reputação profissional de um bom homem que está em jogo, sem contar seu casamento.

— Discrição é uma coisa boa — respondeu Santos.

— Obrigada — disse Carmen. — Então está tudo certo?

Ninguém discordou. Carmen levantou, agradeceu e nos acompanhou até a porta.

Rid tinha trabalho a fazer com outro promotor e foi em uma direção. Santos foi para o outro lado, rumo ao elevador.

Fiquei incomodado como as coisas tivessem se tornado tão gélidas entre Santos e eu. Agora eu estava fora da investigação do Cortador, então não era mais fundamental que nós nos dêssemos bem, mas eu odiava perder o respeito de qualquer agente da justiça. Fui atrás dela pelo corredor.

— Agente Santos?

Ela parou, e eu a alcancei perto dos elevadores.

— Tenho a impressão de que houve algum dano à nossa relação aqui.

— Você acha?

— Quero que você saiba que eu não tive um caso com Tyla Tomkins.

Santos não esboçou nenhuma reação — nada além de um olhar de reprovação para um homem cuja esposa era a última a saber. O elevador chegou, e as portas se abriram.

— Eu entro em contato, sr. Beckham.

De repente, eu virei o sr. Beckham.

Ela entrou no elevador e desapareceu.

CAPÍTULO DEZ

Fui para Coconut Grove depois do trabalho. Eu precisava conversar com Rid.

A escola modelo George Washington Carver Middle School é uma das mais bem cotadas na área e já foi conhecida como Gueto Grove. A área de Grand Avenue não é a zona de guerra que costumava ser quando Janet Reno era promotora pública nos anos 1980. Nessa época, contrastando com a região mais cara de Miami, havia um gueto que podia acomodar os maus hábitos de praticamente qualquer um, de gangues com seus ataques aleatórios até médicos e advogados que se aventuraram noite adentro para alimentar seus vícios. Esse era o bairro de Samantha. A Carver Middle foi o primeiro movimento dela para sair dali. JT, que vagou pelas ruas tarde da noite por muitos anos, não teve tanta sorte.

A região não era mais tão ruim, mas chamá-la de ingrata era uma boa descrição, especialmente depois que escurecia. Uma coisa com certeza não tinha mudado: o basquete dominava. Eu sabia que ia encontrar Rid e seu time de garotos do oitavo ano no ginásio da Carver.

—Falo com você em um minuto, Abe — gritou ele do outro lado da quadra.

Os jogadores estavam fazendo o exercício “suicida” pela campo, o ritual de correr até passar mal que os treinadores mais durões impunham aos melhores times. Sentei nas arquibancadas, pronto para ligar para a emergência ou fazer reanimação, se necessário.

—Isso não vai funcionar! — gritou ele para o time. — Todo mundo em menos de trinta segundos!

Minha amizade com Rid ia além dos casos em que trabalhávamos, era mais profunda que sair para jantar com Samantha e a mulher dele ou coisa parecida. Ele tinha até me convencido a ser treinador-assistente durante uma temporada. Eu gostei

tanto que decidi treinar meu próprio time. Não era fácil conseguir o cargo de treinador em uma escola, então formei um “time itinerante”, que atuava em uma liga particular totalmente fora do sistema educacional. Durei uma temporada. Meu time estava sendo massacrado, cinquenta pontos de diferença ou mais. Não tínhamos altura. Eu me perguntei como os outros treinadores conseguiam garotos de catorze anos de um metro e oitenta que conseguiam enterrar com qualquer uma das mãos, driblar atrás do corpo e fazer arremessos livres de olhos fechados; como conseguiam convencer os pais a se mudarem com a família inteira para Orlando ou Jacksonville só para que seu filho extremamente talentoso pudesse ser treinado por um desconhecido em um time itinerante do sul da Flórida. Então consegui meu próprio craque fora do padrão em Pompano Beach, e meus olhos se abriram. Começou depois da nossa primeira grande vitória. A mãe do garoto veio falar comigo antes que a tinta do relatório do jogo tivesse secado. “Treinador, hum, a empresa cancelou minha linha telefônica. Você pode emprestar duzentos dólares?” Na vitória seguinte: “Treinador, hum, meu carro... estou com duas parcelas atrasadas.” E continuou: “Sabe, treinador, o aluguel está difícil para mim este mês.” E continuou: “Ei, treinador, meu namorado novo disse que eu ficaria linda com megahair.”

— Voltou para ser meu assistente? — perguntou Rid.

Eu me levantei e sorri.

— Quem me dera.

O time dele estava no vestiário, e estávamos só nós dois na quadra.

— Você me dá uma ajuda com o equipamento? — perguntou ele.

— Claro.

Passsei uma dúzia de cordas de pular pelo pescoço, reuni o máximo de bolas de basquete que consegui carregar e fui com ele até o depósito.

— Você ficou bem quieto durante a reunião de hoje de manhã — comentei.

Ele jogou uma pilha de cones laranja de treinamento na prateleira mais alta.

— Talvez você também devesse ter ficado.

— Eu falei demais?

— Você negou demais.

— Você está falando das mensagens de voz?

— Você tem merda na cabeça se acha que alguém vai acreditar que Tyla Tomkins ligou para o seu número sem motivo, que você não ouviu as mensagens dela, e que as deletou por acidente. E, mesmo se fosse verdade, nem é o começo da explicação sobre a conversa de dois minutos em que não há mensagem de voz.

Saímos do depósito, e Rid trancou a porta.

— Me responda o seguinte — pedi. — Você acha mesmo que eu tive alguma coisa a ver com o desaparecimento de Tyla?

— Claro que não, Abe. Acho que você dormiu com ela, e essa coreografia é uma negação clássica de um homem casado.

Voltei com ele para o ginásio, atravessamos a quadra e chegamos à saída.

— Não é isso.

— É o que está parecendo.

— Então eu preciso acertar as coisas.

Paramos na porta de metal atrás das arquibancadas

— Abe, vou ser bem direto. Você violou a regra número um de ser interrogado: sempre parta do princípio de que quem está fazendo as perguntas sabe mais do que você acha que sabe.

— Certo. Você vai me contar o que Santos sabe ou vai me fazer implorar?

— Vou lançar uma hipótese.

— O nome dela é Tyla?

— Isso. Tyla Hipo. Ela é jovem, maravilhosa, tem um corpão, é esperta e se casou com o trabalho. Não tem tempo para um relacionamento, nunca se casou. Mas ela tem três anéis de noivado com aliança de casamento diferentes. Diamantes de tamanhos diferentes, de meio quilate até dois quilates. O que você diria?

— Não sei. Ela coleciona anéis?

— Ela estava usando outro par de anéis quando o corpo foi encontrado. Não é só uma coleção.

— Então ela quer que as pessoas achem que é casada.

— *As pessoas*, não, Abe. Os homens. Ela quer que homens casados achem que ela é casada.

— Por quê?

Rid balançou a cabeça e abriu porta.

— Nossa, Abe. Não banque o idiota comigo.

Saí com ele do ginásio. O sol tinha se posto, e o brilho amarelo do prédio de treinamento de cinco andares dos bombeiros ao lado da escola era a única luz do estacionamento.

— Não estou me fazendo de idiota — respondi, enquanto andava. — Sério, por que ela faria isso?

— Você não está vendo o fator principal. Ela não tem tempo para relacionamentos. Os únicos homens que interessam são os que não querem se mudar para o apartamento dela e complicar sua vida. Homens que têm medo demais de criar um rastro para mandar mensagens o dia todo e interferir no trabalho dela. Homens

que não têm expectativas de que ela vá a algum evento de gala do trabalho pendurada no braço deles porque ela não tem tempo, porque ela precisa cuidar de seu próprio desenvolvimento profissional. Homens que não têm interesse em levá-la para casa para conhecer os pais. Entendeu?

— Tudo isso faz sentido. Mas os amigos, os colegas do escritório, todo mundo que ela conhece, achariam que ela é louca. Essas pessoas sabem que ela não é casada.

— Ela não usa os anéis perto das pessoas que conhece. Tyla trabalhava para um escritório de advocacia muito poderoso. Ela ia para Londres uma semana, para São Francisco na outra, e para Hong Kong em seguida. Em vez de jantar num quarto do hotel sozinha, ela se envolvia com homens casados e solitários que passavam duzentos dias úteis por ano longe das esposas.

— Mas ela não precisa fingir ser casada para ter um caso com um homem casado.

Paramos no carro de Rid.

— Você é mesmo tão idiota assim?

— Pelo jeito...

— Abe, vá comprar um exemplar de *Traição para Leigos*. Capítulo um: Nunca tenha um caso com alguém que tem mais a perder do que você. Se sou casado, e estou dormindo com uma mulher solteira, o poder é todo dela. Eu vivo com medo de que ela vá querer mais de “nós”, ligue para a minha esposa e me entregue. Mas se estou dormindo com uma mulher que também é casada, que tem algo a perder, estamos em pé de igualdade.

— Então, se Tyla usar os anéis...

— O mundo está ao dispor dela — emendou Rid. — Homens solteiros, casados, até casado com algo a perder. Homens casados que são espertos demais para colocar tudo em risco por alguma interesseira dormem com mulheres casadas. Estão todos no jogo, e todos querem o mesmo que ela. Diversão, sem complicações.

— É bem calculista da parte dela, se você estiver certo.

Rid destravou o carro. A porta fez barulho ao abrir.

— Ninguém disse que Tyla era burra.

— Ninguém vai dizer — eu disse.

Rid sentou no banco do motorista e deu a partida no carro.

— A propósito, Abe. Sobre aquela lista de números que você viu hoje de manhã do celular pré-pago de Tyla.

— O que tem?

— Ela ligou para seis números diferentes com aquele celular. Até agora, localizamos cinco. Cada um deles pertence a um homem casado. Incluindo você.

Foi como um soco no peito. Isso explicava o telefonema de Carmen tarde da noite, o motivo pelo qual ela veio com quatro pedras na mão e acertou uma bem no meio da minha testa: *Você estava tendo um caso?*

— Estou do seu lado, Abe. Mas faça um favor a si mesmo: converse com Angelina.

Ele fechou a porta do carro e manobrou, saindo da vaga.

Fiquei vendo os faróis vermelhos desaparecerem escuridão adentro, parado sozinho no estacionamento, do lado de fora da antiga escola de Samantha.

CAPÍTULO ONZE

Victoria Santos pegou o elevador em silêncio para subir 55 andares. As portas se abriram, e ela pisou no chão decorado de pau-brasil. Havia painéis de seda nas paredes, e tapetes dignos de um museu suavizavam a decoração conservadora; os lustres Baccarat eram um toque a mais.

Logo depois da grande escadaria ficava o hall principal, um átrio no céu, três andares de altura e uma área espaçosa o suficiente para uma quadra de basquete. A ala leste inteira era uma janela em arco que, daquela distância, era muito maior do que tinha parecido para Victoria do térreo. Atrás da recepção de mogno e vidro, estava sentada uma garota que poderia ter sido capa da *Cosmopolitan*. Atrás dela, pendurada na parede, havia uma pintura enorme de óleo sobre tela de três homens brancos e velhos, que ela presumiu serem os finados Belter, Benning e Lang.

A agente Santos se perguntou se algum deles já tinha encontrado J. Edgar Hoover.

—Posso ajudar? — perguntou a recepcionista.

Victoria se aproximou da mesa. Ela tinha marcado um horário com Brian Belter, sócio e gerente da BB&L's e neto do fundador daquela firma. A assistente de Belter tinha pedido especificamente que Victoria não anunciasse que era agente do FBI, e ela aquiesceu, fornecendo apenas seu nome e o horário marcado com Belter.

—Vai levar só uns minutos, srta. Santos. Se quiser se sentar, eu aviso quando o dr. Belter estiver pronto. O sr. Riddel já chegou.

—O sr. Riddel?

A recepcionista reconfirmou a agenda na tela.

—Sim, ele vai participar da reunião. Eu já chamo.

Victoria foi até a sala de espera. Riddel levantou do sofá de couro para cumprimentá-la.

— Não esperava ver você aqui — disse ela.

— É porque você não me convidou. Liguei para Belter ontem para marcar meu próprio horário e descobri que ele já tinha uma reunião marcada com o FBI. Sugeri juntarmos tudo. Espero que você não se importe.

— Na verdade, eu me importo, sim.

— Por quê?

— Abe Beckham é seu amigo.

— E?

— Meu objetivo como agente do FBI é peneirar cada e-mail, cada mensagem de voz, cada mensagem de texto, de ou para Tyla Tomkins nos últimos seis meses. Não quero que qualquer comunicação entre ela e seu amigo Abe, digamos, vaze por uma fresta.

— Nada vai vaziar por nenhuma fresta.

— Pode me chamar de paranoica, mas talvez uma ou duas vezes na história do universo um homem tenha acobertado outro homem que traiu a esposa.

— Abe nega ter tido uma relação com Tyla Tomkins.

— Ótimo. Mais duas vezes, e o galo vai cantar.

Riddel sorriu de leve, como se gostasse do estilo dela.

— Tudo bem. Escute, eu também tenho minhas dúvidas. Mas mesmo que Abe tenha cometido uma pequena indiscrição, isso não tem nada a ver com a morte de Tyla.

— Nada me deixaria mais feliz do que ver todos os e-mails, todas as evidências, e chegar a essa conclusão. E estou falando de *todas*.

A recepcionista chamou os dois.

— O dr. Belter vai recebê-los.

Riddel deu passagem para Victoria e disse “você primeiro”, deixando claro que não ia embora e que estaria logo atrás dela.

A recepcionista os conduziu pelo corredor central até uma entrada de portas duplas que dava para a sala de reuniões. A porta pesava mais do que ela, e a garota quase caiu de seus saltos de dez centímetros ao tentar abri-la.

— Me avisem se precisarem de alguma coisa — disse ela quando Victoria e Riddel entraram.

A porta se fechou, e Belter atravessou a sala para cumprimentá-los.

Ele era um homem atraente de quase cinquenta anos, muito mais bonito do que o avô na pintura. Dois outros advogados estavam com ele. Um deles era um jovem

associado que certamente não diria nada, mas provavelmente passaria a noite em claro redigindo um relatório de quarenta páginas para Belter que resumiria a reunião, identificaria todas as possíveis complicações legais e analisaria todos os precedentes legais que favorecessem a posição da firma. A outra advogada era Maggie Green, uma ex-promotora federal que tinha acabado de se juntar à BB&CL como sócia, ganhando pelo menos dez vezes seu salário anual como funcionária pública para atuar na defesa de crimes de colarinho branco.

— É um prazer conhecê-los — disse Victoria, sem demonstrar seus verdadeiros sentimentos por promotores que se vendiam.

Todos os participantes se sentaram: a polícia de um lado da longa mesa de imbuia, os advogados da BB&CL do outro. Victoria começou com uma atualização do status da investigação. Maggie Green interrompeu diversas vezes com perguntas, nenhuma das quais Victoria podia responder.

— Uma pergunta — disse Green. — Você mencionou que nos casos de Palm Beach, o assassino deixou uma marca registrada nas vítimas. De que marca registrada estamos falando exatamente?

As cinzas de cana-de-açúcar no rosto das vítimas ainda não era uma informação pública.

— Sinto muito, não posso discutir isso com você.

Belter se manifestou.

— Agente Santos, eu entendo que a polícia precisa ser discreta nessas circunstâncias. Mas, como você sabe, este escritório representa a Açúcar Cortinas há mais de meio século. Duas das vítimas do condado de Palm Beach foram encontradas nos canaviais do nosso cliente. Por aconselhamento nosso, a empresa tem cooperado completamente. Uma de nossas sócias mais jovens está morta, e ela pode ser a vítima número cinco desse monstro. Sem dúvida está na hora de nos incluir no círculo de confiança.

Victoria balançou a cabeça.

— Sinto muito, eu não tenho essa autorização.

— Seria um prazer deixá-la fazer a ligação por nossa conta e pedi-la — disse Belter. — O telefone está bem ali.

— Tudo o que posso dizer é que ainda não foi confirmada a existência da marca registrada do serial killer no assassinato de Tyla Tomkins.

Maggie Green assentiu devagar, apertando os olhos, e Victoria praticamente podia ver a mente de uma ex-promotora em ação.

— Sem querer ser desagradável — disse Green —, mas é porque a cabeça da vítima ainda não foi recuperada?

Victoria não queria entrar no mérito de todas as outras diferenças entre os casos.

— Correto — respondeu ela. — E isso é mais do que eu deveria revelar para vocês. Mas vou compartilhar em nome do mesmo espírito de cooperação a que você fez referência antes, dr. Belter. Preciso pedir algumas coisas ao senhor e ao seu escritório.

— Pode pedir — disse Belter.

— É muito importante que o FBI tenha acesso pleno ao computador e à conta de e-mail de Tyla.

Belter olhou para sua sócia.

— Eu me antecipei a esse pedido — respondeu ele. — Essa é a especialidade de Maggie.

Victoria abriu um pequeno sorriso, tentando aliviar o clima.

— Então qual é a resposta da especialista?

— Não — foi apenas isso o que Green disse.

— Podemos pedir um mandado — disse Victoria.

— Podemos refutá-lo — devolveu Green.

— Isso seria uma pena.

— Provavelmente também não seria bom para a imagem da empresa — interveio Riddel. — O bom e velho escritório de advocacia de Miami dificulta a investigação do assassinato de sua jovem sócia afro-americana.

— Não sei o que etnia tem a ver com isso — disse Belter.

— Estou só fazendo um comentário.

Green se inclinou para a frente, as palmas das mãos sobre a mesa.

— A questão é esta, senhores: somos um escritório de advocacia. Temos clientes. Tyla representava muitos desses clientes. Não podemos simplesmente entregar o computador e os e-mails dela. Precisamos proteger a relação de confidencialidade entre advogado e cliente.

— Quem eram os clientes dela? — perguntou Victoria.

— Tyla era muito solicitada por todos os nossos clientes — respondeu Belter. — Ela era muito talentosa.

— Quais eram os clientes para quem ela trabalhava mais?

— É difícil dizer.

— Ela atendia a Açúcar Cortinas?

Belter olhou rapidamente para sua sócia.

— Sim.

— Ela estava fazendo algum trabalho para a Cortinas quando morreu?

— Provavelmente. O que não é incomum. A Cortinas é o maior cliente deste escritório na Flórida.

— O que ela estava fazendo para a Cortinas?

— Ei, ei — interferiu Green. — Estão vendo a rapidez com que podemos entrar em questões complexas? Precisamos lidar com as questões de confidencialidade de maneira organizada.

— O que você propõe? — perguntou Victoria.

— Primeiro, sugiro que você me mande suas questões por escrito.

— Isso é ridículo.

Green continuou, sem se abalar.

— Enquanto estiver preparando essas questões, vamos analisar o HD e os e-mails de Tyla. Depois, forneceremos um login privilegiado que liste todos os documentos que não pudermos fornecer por causa da confidencialidade entre advogado e cliente.

— Estamos tentando pegar um serial killer, dra. Green. Isto não é direito corporativo. Não podemos nos dar ao luxo de perder tempo.

— Vamos cuidar disso o mais rápido que pudermos — disse ela. — Sinto muito, mas é uma obrigação que temos com nossos clientes. Nenhum escritório de advocacia dos EUA simplesmente acataria as ordens da polícia e entregaria os arquivos de computador e e-mail de um de seus sócios.

Belter juntou as mãos, obviamente pronto para encerrar a reunião.

— Mais alguma coisa?

Victoria respondeu sem hesitar.

— Só me avisem qual de vocês quer receber o mandado. Parece que esse será meu próximo passo.

— Faça o que tiver de fazer — disse Belter. — Maggie é o nosso contato.

Victoria estava prestes a se afastar da mesa, mas Riddel a fez parar.

— Eu tenho apenas uma coisa a dizer — anunciou ele.

— Claro, o que é? — perguntou Belter.

Riddel colocou a mão no bolso do casaco e colocou uma cópia dos registros telefônicos de Tyla sobre a mesa.

— A sra. Tomkins tinha um celular pré-pago. Ela só usava para ligar para alguns telefones. Eu estava me perguntando se vocês poderiam me ajudar a identificar este aqui — apontou ele.

Belter se aproximou, olhando com cuidado para o número impresso.

— Esse é o meu número.

Victoria não demonstrou nenhuma reação, se deleitando em silêncio com a descoberta do detetive. Ela teria adorado assumir as rédeas, mas Riddel tinha ganhado o direito de se manifestar.

— Alguma ideia de por que ela ligaria para o senhor de um celular pré-pago? — perguntou ele.

— Nós nos falávamos muito — respondeu Belter. — Eu não controlava todos os telefones que ela usava. Talvez tenha a ver com as viagens internacionais.

Riddel pegou a folha impressa, a dobrou com cuidado e guardou no bolso do frente.

— O senhor é casado, dr. Belter?

Belter pareceu surpreso com a pergunta do detetive, mas respondeu.

— Sim, muito bem casado. Quase vinte e dois anos. Dois filhos. Um filho na Universidade de Massachussetts Amherst, e nossa filha está no primeiro ano na Duke.

— Seus filhos usam celulares pré-pagos?

— Não que eu saiba.

— Os pais costumam gostar desses aparelhos por serem uma maneira de impedir que os filhos usem o celular em excesso. Quando os créditos se esgotam, nada de telefone. Mas a polícia odeia os pré-pagos porque são praticamente impossíveis de rastrear. Aliás, nós jamais teríamos associado esse celular a Tyla se o não tivéssemos encontrado no apartamento dela. Eles são muito populares entre traficantes, terroristas. Adúlteros. Amantes.

— Como assim?

O detetive olhou para Victoria.

— Quer contar a ele o que sabemos sobre a lista de ligações de Tyla? Ou conto eu?

Victoria se sentiu grata que ele tivesse passado a bola, mas estava feliz em deixar as coisas como estavam.

— Acho que o dr. Belter entendeu.

O advogado parecia pronto para lançar uma negativa indignada, mas um olhar sutil de sua sócia mandou uma mensagem clara: *Não fale mais nada.*

Belter limpou a garganta, se levantando.

— Peço desculpas, mas tenho uma *conference call* às dez e infelizmente preciso encerrar isso. Mais alguma coisa, agente Santos?

— Não. Eu consegui o que preciso. Detetive?

— Tudo bem — respondeu Riddel.

O aperto de mão de despedida foi uma formalidade, e Belter pediu ao associado para acompanhar os oficiais direto para o elevador, como se eles pudessem entrar no

escritório vazio e sair com o computador dela por conta própria. As portas do elevador se abriram, e eles eram os únicos dentro dele. Os dois desceram em silêncio, olhando para a frente.

—E aí? —perguntou Riddel.

Os ouvidos de Victoria estalaram com a descida rápida.

—E aí, o quê?

—Alguma dúvida de que Belter estava transando com Tyla?

Não era exatamente como Victoria teria formulado a frase, mas ela estava começando a pensar que, mesmo assim, Riddel era um sujeito com quem ela conseguiria trabalhar. Ela deixou a luz piscante dos 55 andares chegar até a base do painel antes de responder.

—Nenhuma —disse a agente Santos quando as portas se abriram.

CAPÍTULO DOZE

Às quatro encerrei meu dia no tribunal. Às 16h15 eu estava no Graham Building, depois de ser chamado pela própria promotora.

O Bumerangue.

Eu podia passar semanas sem colocar o pé no escritório de Carmen, então duas visitas em tantos dias em circunstâncias tão desconfortáveis excediam minha cota. O retorno não era exatamente uma surpresa. A edição matutina do *Tribune* tinha feito uma matéria sobre o Cortador e a investigação intercondados, e uma citação de uma “fonte anônima” sobre minha “transferência devido a um possível conflito de interesses” levantava mais perguntas do que respostas. Eu não fazia ideia de quem era a fonte, mas o escritório da promotoria não era diferente de uma delegacia de polícia: ambos podiam ser peneiras de informação.

— Temos um problema, Abe — anunciou Carmen.

Éramos só nós dois desta vez, Carmen atrás de sua mesa, e eu em uma poltrona na frente dela. Ela tinha aberto mão do RH, o que considerei um bom sinal.

— Eu sei. Eu li o artigo do *Tribune* — respondi.

— Esse não é o problema.

Carmen deslizou seu iPad pela mesa. A tela estava acesa com ícones, cada um deles com uma imagem. Todas eram em preto e branco, um pouco granuladas, com a data e o horário indicados na parte de baixo. Pareciam ser quadros do vídeo de uma câmera de segurança. Minha mão tremeu ao tocar a tela, aumentando cada imagem e partindo para a seguinte. Eu nunca as tinha visto antes, mas não havia dúvida sobre elas: éramos eu e Tyla Tomkins.

Engoli em seco, olhando por sobre a mesa de Carmen.

— Nós saímos para jantar.

— Estou vendo pelas fotos — respondeu ela ao pegar o iPad de volta das minhas mãos.

Minha chefe mostrou uma imagem específica e colocou o tablet sobre a mesa, a foto virada para mim.

— Estou vendo uma garrafa de vinho entre vocês.

— Foi depois do trabalho.

— Vocês dois parecem estar se divertindo.

— Não aconteceu nada — eu disse. — Eu a encontrei em uma convenção da Ordem dos Advogados em Orlando. Ela me convidou para jantar para conhecer um amigo que estava pensando em ir trabalhar no escritório da promotoria. Quando cheguei ao restaurante, estava só ela. Nós jantamos, tomamos vinho, e foi isso.

— Tudo bem, Abe. Como quiser. O problema é que você me disse na minha sala que não via Tyla há mais de uma década. Estas fotos têm a data da câmera de segurança registradas. Você está me dizendo que as datas estão erradas em uma década?

— Não. O jantar foi em setembro passado.

— Então você mentiu para mim?

Engoli em seco, pego no flagra.

— Foi um erro.

— Por que você mentiu?

Por quê. Claro que tinha começado como todas as mentiras começam, com algo pequeno. “Não” tinha sido a minha resposta para a pergunta da agente Santos sobre meu contato recente com Tyla. Uma palavra, uma sílaba, tinha me encurralado. Daquele ponto em diante, eu estava preso a uma mentira.

— Porque eu vi que a agente Santos já tinha decidido que eu tinha alguma coisa com Tyla. Eu sabia que ia ser removido do caso baseado no que tinha acontecido dez anos atrás. Mas eu não queria que circulasse pelo escritório que fui tirado porque dormi com Tyla e traí Angelina. Isso nunca aconteceu, Carmen. Mas os rumores se tornam realidade, então escondi o jantar. Eu não imaginava que houvesse fotos.

— Ou registros telefônicos mostrando ligações para o seu celular do aparelho pré-pago de Tyla?

— Carmen, eu juro. Nunca recebi nenhuma mensagem de voz de Tyla, e nunca conversei com ela por telefone. Ontem à noite eu passei quase duas horas com minha operadora de celular tentando resolver isso. Não consigo obter nenhuma explicação de ninguém, mas ainda acho que tem alguma coisa a ver com o pré-pago que Tyla estava usando.

Ela recostou na cadeira e depois olhou pela janela.

— Você não deveria ter mentido, Abe.

— Eu sei. Me desculpe.

— Isso é uma confusão.

Eu não tinha como discordar.

— Posso fazer uma pergunta?

— Pode.

— Como você conseguiu essas fotos?

— Elas estavam anexadas a um e-mail. Remetente anônimo de uma lan house.

Mas tenho uma teoria.

— Posso saber qual é?

— O detetive Riddel e a agente Santos tiveram uma reunião com Brian Belter e Maggie Green na BB&L ontem. O número de Belter estava na lista de ligações do pré-pago de Tyla. Riddel tocou no assunto só para fazer um teste e ver se Belter e Tyla podiam ter mais do que uma relação profissional.

— É mesmo? — comentei. — O que eles conseguiram?

— Foi o estopim do incêndio — respondeu ela. — Como disse o detetive Riddel colocou muito habilmente, se você pergunta a um homem se ele é casado, e a resposta não é um simples “Sim”, mas “Sim, *muito bem casado*”, isso gera um alerta.

— Você acha que Belter mandou essas fotos para você?

— A sincronia chama atenção, você não acha? Fizemos um disparo para o lado deles; eles retaliaram? Eles têm acesso aos e-mails e à agenda de Tyla. Podia haver uma referência ao jantar com você. A BB&L com certeza tem os recursos para mandar um investigador checar a fita das câmeras de segurança do restaurante.

— Então o objetivo deles aqui é forjar uma aliança desconfortável de destruição mútua garantida: a promotoria ataca a BB&L; a BB&L ataca a promotoria.

— É o que estou supondo — disse Carmen.

Fiquei sentado em silêncio, pensando na situação em que me encontrava.

— Não posso nem começar a dizer o quanto eu sinto por isso.

— Você sabe que eu devia suspendê-lo, não é? Você mentiu para mim.

Balancei a cabeça.

— Por quanto tempo?

— Dois dias. Não remunerados.

Foi um alívio, na verdade.

— Obrigado.

— Para sua sorte, Abe, estou me sentindo misericordiosa. Eu sigo as regras por aqui, e até trouxe o RH ontem. Mas estamos fora dessas regras. Vou deixar o RH fora disso. Não vou suspender você.

Fiquei surpreso, mas grato.

— Obrigado.

— O que estou tentando dizer é que estou preocupada com você.

— Você não precisa se preocupar comigo — eu disse.

Carmen recostou o corpo, o olhar passeando pelo porta-retrato na mesa. Era seu finado marido. Um câncer no pâncreas o tinha matado em uma questão de meses.

— Depois que Sebastian morreu, as pessoas me deram um pouco de tempo para me recompor. Mas não demorou muito para começarem a perguntar: “Então, Carmen, quando você vai começar a namorar?”

— Me fizeram a mesma pergunta com a Samantha — respondi.

— Claro que sim. Não existe resposta certa, com exceção de: “Não comece até estar pronto.”

— É um bom conselho.

Carmen se inclinou para a frente, os olhos tomados de preocupação.

— Eu gostaria de ter dito isso para você há um ano. Mas sou sua chefe e não quis interferir. Fiquei de boca fechada. Me perdoe por falar agora, mas sempre tive medo que você começasse cedo demais. Eu sei que você e Angelina namoraram antes de você conhecer Samantha, que vocês têm uma história. Mas o luto leva tempo. Estou falando como sua amiga agora, não como sua chefe. Vejo Tyla como um sintoma de um homem perdido em meio ao luto.

— Eu não traí Angelina.

— Abe, eu não sou cega. Tyla é uma linda mulher. E se parece muito com Samantha.

Era verdade. Eu já tinha pensado nisso, mas era a primeira vez que ouvia da boca de outra pessoa.

— Não aconteceu nada, Carmen.

— Só escute o que estou dizendo. Você é uma boa pessoa. Você passou pelo inferno com a morte de Samantha e agora está ocupado com uma esposa nova, sem contar o seu cunhado em prisão domiciliar. Se você cometeu um erro, assuma. Não para mim, não é da minha conta. É entre você e Angelina.

Não respondi, mas entendi o que ela estava dizendo.

— Certo, a mamãe aqui acabou o sermão — disse Carmen com um sorriso fraco. — Vá dar uma volta, Abe.

— Obrigado — respondi, me levantando.

— Não precisa agradecer. Só não minta para mim de novo.

— Nunca mais — prometi.

E falei sério.

CAPÍTULO TREZE

Senti cheiro de ossobuco quando abri a porta.

Angelina era uma excelente cozinheira, e seu ossobuco com risoto de azeite de trufas clássico é meu prato favorito. Fechei a porta e segui meu olfato pela sala até a sala de jantar. As luzes estavam baixas. Velas estavam acesas sobre a mesa. Havia uma garrafa de vinho entre os dois lugares postos. Levantei a garrafa. Vazia. Uma das taças estava faltando.

— Angelina?

Ouvi alguma coisa na sala. Ela estava sentada no sofá. As luzes estavam tão baixas que passei direto por Angelina. Depois, fui em sua direção.

— Qual é a ocasião? — perguntei.

Ela olhou para mim com uma fúria que desviou meu beijo. Seu rosto estava vermelho e inchado. Ela tinha chorado.

— Pensei que fôssemos ter um filho.

Pensou?

Sentei a seu lado. Ela se afastou um pouco, desviando da minha tentativa de colocar o braço ao redor de seu corpo.

— O que aconteceu?

Ela pegou um envelope grande da mesa de apoio diante de nós. Sem dizer nada, se recusando a olhar para mim, ela me entregou o pacote. Eu não precisava abri-lo para saber o que havia ali dentro.

— Não é o que parece — eu disse.

Os olhos dela se recusaram a encontrar os meus.

— As fotos têm datas, Abe. Foi depois que nos casamos. Eu já era sua esposa.

A ênfase do *eu* era marcante; de alguma forma, a culpa era de Samantha.

— Angelina, eu juro que nada aconteceu.

Ela engoliu o resto do vinho, e seu esforço instável ao colocar a taça vazia sobre a mesa acabou com o vidro estilhaçado.

— Merda! — exclamou Angelina, levantando, mas acabou desabando de novo no sofá.

Uma garrafa de vinho inteira estava além do limite dela.

— Eu cuido disso — eu disse.

— Não me faça nenhum favor.

Ela se forçou a levantar do sofá. Tentei ajudá-la a se levantar, ou pelo menos impedi-la de cair sobre a mesa, mas ela afastou minha mão.

— Angelina, por favor...

— Não quero saber, Abe.

Ela atravessou a sala, mirando mais ou menos na direção do corredor, cambaleando um pouco. Eu a segui com cuidado, mas parei quando ela deu meia-volta e me encarou.

— Vou para a cama — anunciou ela. — Seu jantar está pronto.

— Quem mandou essas fotos para você?

— Não sei quem mandou, Abe. Estavam na nossa caixa de correio. Sem carimbo do correio, sem endereço. Só um envelope em branco. Obviamente, alguém que achou que eu precisava saber.

Meu primeiro pensamento foi o escritório, a teoria de Carmen sobre a retaliação da BB&L, mas o problema imediato não tinha nada a ver com quem tinha mandado o envelope. Angelina rapidamente me lembrou.

— Que diferença faz, Abe? É você com Tyla, ou não?

— Sou eu. Nós jantamos. Não estamos na cama.

— Podiam muito bem estar. Olhe essas foto! Veja como vocês estão olhando um para o outro! A mulher está a cinco segundos de se esconder embaixo da mesa e...

— Angelina, pare!

Estávamos os dois elevando a voz, e eu estava perdendo. Ela virou e saiu pelo corredor. Parte de mim queria chamá-la e resolver a situação naquele momento, mas eu a deixei ir. A porta bateu no fim do corredor. A sala ficou em silêncio. Peguei os cacos de vidro do tapete e os coloquei com o resto da taça quebrada sobre a mesa. O envelope estava a centímetros de distância, me chamando.

Se aquilo era um jogo da BB&L, eu queria as impressões digitais para provar. Usei um guardanapo para pegar o envelope pelo canto, deixando as fotos deslizarem sobre a mesa sem tocá-las. A primeira era idêntica à que eu tinha visto na sala de

Carmen, um quadro do vídeo de uma câmera de segurança do restaurante de Orlando.

Ainda com o guardanapo, olhei a pilha de imagens, confirmando que as seis correspondiam às demais. Na sexta foto, no entanto, eu reconfirmei. Havia um borrão visível e estava bem sobre o rosto de Tyla. Levantei o canto da foto, e um salpicado preto escorreu para a base da imagem como areia escorrendo de um monte. Fiquei paralisado. Eram cinzas. Cinzas pretas sobre o rosto de Tyla.

De repente, tive dificuldade em respirar. Com muito cuidado, para não mover mais as cinzas, abaixei o canto da foto até deixá-la na horizontal sobre a mesa. Devagar, eu me afastei e peguei meu celular. Liguei para Carmen.

— Ei, é o Abe. Sobre aquelas fotos minhas com Tyla.

— Já foi resolvido, Abe. Você não precisa se preocupar com isso em casa.

— Não, é importante — eu disse, recuperando o fôlego. — Elas não vieram da BB&L.

CAPÍTULO CATORZE

Antes que o ossobuco esfriasse, nossa casa tinha se tornado uma cena de crime.

Eu estava convencido de que as fotos tinham vindo do assassino de Tyla, o que significava que um serial killer tinha estado na entrada da nossa casa e tocado nossa caixa do correio. As fotos e o envelope tinham sido embalados e enviados para o laboratório. A caixa do correio tinha sido analisada em busca de impressões digitais. A entrada da casa foi conferida em busca de marcas de pneu; o jardim e a passagem, de pegadas. Um policial uniformizado estava estacionado na nossa rua, de olho na nossa casa, e ia passar a noite ali. Era o pior pesadelo de todo promotor que seu trabalho colocasse sua família em perigo, e eu não ia correr riscos.

Angelina ficou no nosso quarto. Ela não atendeu quando bati na porta, mas Rid conseguiu entrar e estava falando com ela a sós, recolhendo seu depoimento. A porta da frente estava escancarada, membros da equipe forense entrando e saindo, quando a agente Santos chegou. A atenção dela se voltou imediatamente para a taça quebrada sobre a mesa de apoio. Eu já tinha lidado com casos de violência doméstica suficientes para saber o que aquilo devia parecer.

— Um pequeno acidente — expliquei.

— Estou vendo.

— Só um pouco de vinho derramado.

Ela não respondeu. Eu estava começando a achar que os astros estavam se alinhando contra qualquer esperança de recuperar sua confiança.

Rid veio do corredor e se juntou a nós na sala. A declaração de Angelina estavam em sua prancheta.

— Não há muito mais para acrescentar — anunciou ele. — O envelope estava na caixa com o resto da correspondência. Ela tem certeza de ter checado ontem e de

que não estava lá, então podemos nos concentrar nas últimas 24 horas quando falarmos com os vizinhos sobre qualquer um que eles possam ter visto.

Santos pegou a prancheta e passou os olhos rapidamente pelo texto.

— Só vi cinzas na última foto — disse ela. — Você perguntou se ela limpou alguma das outras?

— Não limpou — respondeu Rid. — Aliás, ela não fazia ideia do que eu estava falando quando mencionei as cinzas. Ela nunca chegou à última foto. Depois da terceira, Angelina correu para o banheiro e vomitou.

Aquilo me machucou. Como se eu precisasse me sentir pior do que já estava...

Um fotógrafo da equipe entrou na sala, pedindo desculpas. Levei nosso grupo para a cozinha, deixando Santos entrar primeiro e conseguindo trocar algumas palavras em particular com Rid no caminho.

— Como Angelina está? — perguntei.

— Totalmente bêbada.

— Você acha que ela vai falar comigo esta noite?

— Eu esperaria até amanhã de manhã se fosse você.

Confeei na leitura dele e me perguntei se todos nós iríamos trabalhar até de manhã. Tecnicamente, eu estava fora da força-tarefa da investigação do Cortador, mas as fotos tinham me colocado de volta ao caso, pelo menos até certo ponto. Nós nos sentamos na mesa da cozinha, e eu estava prestes a retomar a conversa, mas Rid mudou o rumo.

— Cara, está um cheiro incrível aqui. É rabada?

— Paleta de vitela — respondi. — Angelina é uma cozinheira incrível.

— Você é um sujeito de sorte, Abe — comentou Santos.

— Sei que sou. Posso não merecê-la, mas sou um bom marido.

— Espero que vocês se acertem — disse ela, sem nenhum sarcasmo no comentário. — De verdade.

— Obrigado.

Talvez aqueles astros estivessem se alinhando, afinal. Ou ela estivesse querendo me confundir.

— Então, qual é a história das cinzas? — perguntou Rid.

— Não tenho dúvidas de que o laboratório vai confirmar que é cana — comentou Santos.

— Vamos supor que seja — eu disse. — Para determinar um perfil, você considera as cinzas da foto equivalente à marca registrada dos assassinatos do condado de Palm Beach?

Santos pensou com cuidado antes de responder.

— Em primeiro lugar, posso dizer que nunca vamos saber se havia cinzas no rosto de Tyla de fato.

— Você não tem mais esperanças de recuperar o restante do corpo dela? — perguntei.

— Não por completo, mas estamos completando seis dias. Com predadores, parasitas e a aceleração da decomposição dos Everglades de modo geral, é improvável que encontremos pele, quanto mais vestígios de cinzas de cana.

— Então me deixe formular a pergunta de outra forma — continuei. — A foto é suficiente para você afirmar oficialmente que Tyla é a vítima número cinco do Cortador?

— Eu estaria mais propensa a afirmar se Tyla fosse branca e tivesse um namorado negro, como as outras vítimas.

Rid se levantou para ver a travessa de ossobuco sobre o balcão.

— A conexão inter-racial ainda está ali. Tyla é uma mulher negra que se envolveu com homens brancos.

Não revelei que Carmen tinha me contado sobre Tyla e Brian Belter.

— Imagino que você esteja falando de dez anos atrás — eu disse.

— Claro, desculpe — emendou Rid.

— Quem quer que seja, quando quer que seja — disse Santos. — O fato é que temos nossa primeira vítima negra, sem ter como saber se havia cinzas espalhadas no rosto dela como no caso das brancas.

Rid pegou um garfo.

— Posso provar um pouco?

— Vá em frente. — Mantive meu foco em Santos, que, na minha opinião, estava sendo excessivamente cautelosa. — Se ainda estivesse no caso, eu não teria problemas em argumentar para um júri que se trata do mesmo assassino.

— O advogado dele diria que a foto chegou cinco ou mais dias depois da morte de Tyla — comentou Santos. — Quase como uma decisão tardia.

— O que você quer dizer com uma decisão tardia?

— Não posso descartar um imitador — disse ela. — Você ouviu o médico legista descrever a diferença nos ferimentos de Tyla dos das vítimas de Palm Beach. Então, digamos que seja um imitador que vê o noticiário e decide que atacar as vítimas com um facão é a marca registrada do Cortador. Ele golpeia sua vítima no pescoço e se desfaz do corpo nos Everglades. Depois, de alguma forma, ele descobre que a marca do Cortador não é o uso do facão, são as cinzas no rosto da vítima. O que o nosso imitador pode fazer? Bom, uma opção é mandar fotos para o principal promotor com cinzas no rosto de Tyla.

— Como ele descobriria que as cinzas eram a marca registrada? Isso foi mantido em sigilo.

— Nossa força-tarefa está aumentando, o número de pessoas que sabe está crescendo, a atenção da mídia, se expandindo; é possível haver vazamentos.

— Estou entendendo — eu disse. — Mas isso faz surgir outra questão. Quer estejamos falando do Cortador ou de um imitador, como ele conseguiu essas fotos de mim com Tyla das câmeras de segurança de um restaurante para começo de conversa?

— Estou trabalhando com o Departamento de Polícia da Flórida e com o delegado do condado nessa questão. Mas só existe uma forma de o assassino ter sabido que ela estava jantando com um homem branco naquela noite naquele restaurante. Ele devia estar seguindo Tyla.

— Desde setembro? — perguntou Rid.

— Não é incomum — disse Santos. — Já olhei computadores de serial killers e encontrei fotos de vítimas de anos antes.

— Já participei do julgamento de alguns deles — eu emendei. E me ouvir falar aquilo fez minha preocupação com Angelina aumentar mais uma vez. — Sem querer mudar de assunto, sei que temos uma viatura na nossa rua pelo resto da noite. O que vamos fazer a longo prazo? Deus me livre que a mensagem aqui seja que minha esposa é a próxima da lista.

Santos balançou a cabeça.

— Angelina não se encaixa no perfil das vítimas. Ela não é uma mulher branca namorando um homem negro nem uma mulher negra que namora homens brancos.

— Isso me reconforta muito — respondi.

Rid ainda estava no balcão, com a boca cheia.

— Podemos aumentar a patrulha nesta vizinhança, Abe. Isso não é problema.

— Obrigado.

— O arroz grudento está ótimo.

— É risoto de cogumelos.

O telefone fixo tocou. Estava no balcão ao lado de Rid.

— Quer que eu atenda? — perguntou ele.

— Quem é?

Rid olhou para o identificador de chamadas.

— É você mesmo.

— Deixe — respondi.

— Sei como é, eu também não atendo as suas ligações.

O toque parou.

— É o JT — expliquei. — Ele mora no apartamento onde Samantha e eu morávamos. E não tem crédito. Todas as contas ainda estão no meu nome.

O telefone voltou a tocar.

— É você de novo — anunciou Rid.

— Deixe.

— Certo, mas se você ligar mais uma vez, vou ter de levar você para a delegacia por perseguir a si mesmo.

— Muito engraçado — respondi, mas, de repente, a piada ganhou outro sentido. O elefante na sala era que aquelas fotos de Tyla comigo, nosso jantar em setembro, não podiam ser vistos isoladamente. Ela tinha ligado para o meu celular depois. Os registros mostravam cinco telefonemas do celular pré-pago. Talvez não fosse o suficiente para configurar “perseguição”, como Rid tinha brincado. Mas subitamente eu me perguntei se tinha havido outras ligações. Tyla tinha uma personalidade persistente. Ela não era o tipo de mulher que liga para o celular de um homem, não obtém resposta e deixa passar. Eu me perguntei se ela tinha tentado falar comigo de outra forma. Meu telefone antigo, por exemplo, que é o único número que ela teria conseguido pelo serviço de informações se tivesse solicitado o telefone de Abraham Beckham. A linha fixa da minha casa com Angelina estava no nome dela.

O telefone fixo tocou pela terceira vez.

— Chega — disse Rid. — Você está preso.

Eu me afastei da mesa e atendi o telefone. A voz do outro lado da linha estava calma para o padrão de JT.

— Oi, Abe. O juiz disse que posso visitar meu velho uma vez por semana durante a prisão domiciliar. Podemos ir amanhã?

O “velho” era meu sogro, Luther Vine.

— Claro — respondi. — Podemos fazer isso. Já estou indo.

— Não, hoje não. Amanhã — explicou JT.

Era um chute, mas eu estava ansioso para ir lá checar a secretária eletrônica de JT — minha antiga secretária eletrônica.

— Estou entendendo — continuei. — Estou indo.

Desliguei e pedi desculpas para a equipe do caso Cortador que estava na minha cozinha.

— Fiquem o tempo que precisarem. Preciso sair.

Santos ficou me observando, Rid se serviu, e eu saí.

CAPÍTULO QUINZE

O apartamento de JT ficava a uma viagem curta de carro da minha casa. Nossa conversa por telefone claramente o tinha deixado confuso, então liguei enquanto dirigia para explicar o que estava acontecendo.

— Que secretária eletrônica? — perguntou ele.

JT não fazia ideia, o que não me surpreendeu. Fazia mais de um ano que ele morava no nosso antigo apartamento e só tinha aprendido a mexer na cafeteira há pouco tempo. Nada de computador. Ele iria se lembrar de uma secretária eletrônica?

— Na verdade, eu não confio nesses aparelhos — disse meu cunhado.

Eu nem perguntei.

A secretária eletrônica estava ligada ao telefone fixo no balcão da cozinha. Era uma máquina jurássica, mas eu tinha mudado muito pouca coisa que Samantha e eu tínhamos compartilhado, então ela continuou ali. A memória digital estava totalmente cheia. *Você tem 87 novas mensagens*, a voz mecânica me informou.

JT realmente nunca tinha visto aquilo. A mais recente tinha mais ou menos um mês. A “nova mensagem” mais antiga datava de mais de um ano, o primeiro dia dele no apartamento. Eu devia ter começado da mais recente para trás. Em vez disso, eu me aventurei no território mais perigoso de todos: mensagens antigas que já tinham sido ouvidas, mas não apagadas, mensagens de Samantha para mim. Algumas eram aleatórias, apenas o som da voz dela. “Abe, por que você não está atendendo seu celular? Me ligue.” Outras me fizeram sorrir até os dedos dos pés: “São onze horas, sabe onde sua esposa está? No *trabalho*. Desculpe, querido. Não me espere acordado.” Uma deixou meu coração apertado. “Oi, amor, você está em casa? Sou eu. Atenda se estiver ouvindo...”

E então veio a facada no meu peito. “Abe, odeio fazer isso, mas você pode mudar nossa reserva para amanhã à noite? A dra. Berch quer me levar até Jackson para alguns exames, e sete da noite é o único horário que o laboratório consegue me encaixar esta semana. Tenho certeza de que não é nada, mas a dra. Berch está tão nervosa que consegui me deixar tensa. Vou compensar. Eu prometo. Eu amo você. Feliz aniversário de casamento.”

Lá estava: a médica chata pedindo um monte de exames que marcariam o começo de uma longa e dolorosa jornada sem volta. O engraçado era que, na primeira vez que ouvi a mensagem, acreditei em Samantha e concordei que provavelmente não seria “nada”. Algumas semanas depois eu estava lendo vários sites sobre câncer, aprendendo que mamografias costumavam não detectar muita coisa em mulheres com tecidos mais densos e rezando para que Samantha não fosse mais um número na terrível estatística de que mulheres negras tinham o dobro de chance de desenvolver câncer de mama triplo negativo e o dobro de chances de morrer antes dos quarenta. Sabendo disso tudo, e sabendo como a história terminava, eu podia ouvir a preocupação na voz de Samantha ao ouvir a antiga mensagem na nossa secretária eletrônica. Ela sabia que alguma coisa estava errada. Tão errada que tinha cancelado nosso jantar de aniversário de casamento.

“Sou eu de novo, Abe.”

Fiquei paralisado. A voz de Tyla Tomkins estava saindo da minha antiga secretária eletrônica.

“Você obviamente preferiu ignorar minhas mensagens, mas isso não é um truque para envolver você. Isso é real. Eu disse mais do que deveria na minha última mensagem. Isso prejudica minha firma e meu cliente. Estou confiando que você vá ser discreto, então, por favor, apague esta mensagem e as outras que deixei no seu celular. Se não quiser falar comigo, tudo bem. Mas pelo menos tenha o bom senso de dar continuidade com o velho cortador de cana que mencionei na última mensagem. Ele sabe de tudo.”

Houve um silêncio, mas a mensagem não tinha acabado. Finalmente, a voz dela voltou com um último pensamento: “Angelina, você não me conhece, e eu não conheço você, mas, se pegar este recado, não sou uma antiga namorada tentando dar em cima do seu marido. Por favor, faça o Abe ouvir isto. É importante.”

Fim da mensagem, disse a máquina. Rebobinei para conferir a data e o horário: 12 de dezembro, 20h31.

Apertei o “stop” e peguei papel e caneta da gaveta para fazer uma linha do tempo. Eu não tinha as datas exatas na cabeça, mas sabia pelo registro do celular pré-pago que a última das mensagens deletadas no meu celular tinha sido na primeira

semana de dezembro. A mensagem me pedia para deletar as anteriores. Elas de fato tinham sido deletadas, e eu sabia que ia ser difícil convencer qualquer um de que não tinha sido por mim.

Ouvi a mensagem de Tyla de novo e transcrevi tudo com letra de mão, fazendo algumas anotações e perguntas. Eu tinha mais questões na cabeça e esperava encontrar mais recados de Tyla que oferecessem algumas respostas. Demorei quase meia hora para chegar à última mensagem. O cartão de memória chegou ao limite em 29 de dezembro. Depois de 12 de dezembro, eram só ligações de telemarketing; mais nada de Tyla.

JT entrou na cozinha e foi até a geladeira.

— Não tem mais nada — comentou ele, com a porta aberta. — Você pode ir ao mercado para mim amanhã?

— Claro, JT. Vou pedir que algumas pessoas venham pegar esta máquina.

— Estou indo para a cama.

— Tudo bem.

— Encontrou o que estava procurando?

O bloco ainda estava sobre o balcão, e olhei para a mensagem de Tyla transcrita.

— Honestamente, não sei o que encontrei.

A resposta pareceu satisfazê-lo. JT foi deitar. Liguei para Rid do meu celular, tão ansioso para falar com ele que contei os toques. Mas algo me fez desligar antes que ele atendesse. Eu estava incomodado com a grossa camada de gelo entre mim e o FBI, e se estava derretendo, estava acontecendo em uma velocidade absurdamente lenta. Minha primeira ligação sobre essa descoberta precisava ser para a pessoa certa.

Liguei para a agente Santos.

Eu estava gravando a mensagem de Tyla no meu celular quando Santos bateu na porta de JT.

Eu reproduzi a mensagem diversas vezes enquanto esperava por ela. De repente, uma imagem aterrorizante surgiu na minha mente, uma cena antiga do filme *Missão Impossível*, a secretária eletrônica começando a chiar e se autodestruindo diante dos meus olhos, levando a mensagem de Tyla junto. O backup do celular impedia a minha autodestruição.

— Entre — eu disse.

Fiquei feliz em ver Rid entrar atrás dela. Ele identificou e ensacou a secretária eletrônica como evidência da investigação do Cortador enquanto Santos e eu

ouvíamos a mensagem no meu celular, repetidas vezes.

— Toque mais uma vez — pediu Santos.

Rid se juntou a nós na mesa para a quinta audição. Num intervalo de duas horas, tínhamos basicamente trocado a cozinha de Angelina pela de Samantha, nos transportado do presente para o meu passado, o que parecia quase metafórico, considerando a maneira como a noite tinha se desenrolado. Santos fez outra página de anotações em seu bloco amarelo enquanto o recado de Tyla tocava de novo. Quando acabou, eu estava mais do que pronto para ouvir as impressões dela.

— O que você acha? — perguntei.

— Vamos começar pelo óbvio — disse ela. — Parece que Tyla estava tentando contar a você alguma coisa sobre um dos clientes da BB&L, supostamente algo que prejudicava o escritório e o cliente. A referência ao “velho cortador de cana” que “sabe de tudo” sugere que o cliente era da Açúcar Cortinas.

— Até o momento, concordo com você — comentei.

— O que é interessante — interveio Rid — porque Brian Belter nos contou que Tyla estava trabalhando para a Açúcar Cortinas antes de morrer.

— Mas ela não podia estar ligando para Abe por causa de algo em que estava trabalhando recentemente — disse Santos.

— Por que não? — perguntei.

Santos conferiu suas anotações.

— As palavras exatas de Tyla foram que um velho cortador de cana “sabia de tudo”. Faz duas décadas desde que as empresas de cana substituíram o trabalho manual por máquinas. Então Tyla só podia estar falando de algo que aconteceu pelo menos vinte anos atrás. Talvez mais.

— O que traz à tona uma pergunta importante — eu disse. — Como advogada, Tyla sabia que, depois de um certo tempo, o estatuto de limitação impediria um processo criminal. Então, se ela estava ligando para me avisar de um crime, muito poucos não prescrevem em duas décadas ou mais.

— É o caso de assassinato — comentou Rid.

— Com certeza é um deles — eu disse. — Basicamente, estamos falando de um delito que resulte em morte ou que implique em uma pena de prisão perpétua ou pena de morte.

— Um delito que resulte em morte pode ser qualquer tipo de negligência criminoso — disse Santos. — Não vamos nos precipitar em concluir que ela estava falando de assassinato a sangue frio.

— Mas também não vamos ser rápidos demais em voltar no tempo também — disse Rid. — Talvez Tyla não estivesse falando de um assassinato antigo. Talvez

estivesse falando de um *assassino* antigo.

— Entendo o que você está falando — disse Santos. — Mas acho que é forçar a barra.

— Estou perguntando mais do que afirmando — explicou Rid. — É possível que, quando mencionou um velho cortador de cana que “sabe de tudo”, Tyla estivesse falando do Cortador? Do *nosso* Cortador?

— Um serial killer velho não se encaixa no nosso perfil — emendou Santos. — Aliás, não se encaixa em nenhum perfil que eu já tenha visto.

— Não estou falando de um idoso — retomou Rid. — Alguns cortadores de cana trabalhando com o visto H-2 tinham 18 ou 19 anos. Um cortador de cana “velho” ainda pode ter trinta e muitos ou quarenta e poucos.

— Qual é a data do nosso primeiro assassinato de Palm Beach? — perguntei.

— Vinte e nove de novembro — respondeu Santos. — Quase duas semanas antes de Tyla deixar essa mensagem.

— Então talvez eu esteja no caminho certo — disse Rid. — O velho cortador de cana que sabe de tudo pode ser o Cortador?

Balancei a cabeça.

— Continua não fazendo sentido. Por que Tyla teria qualquer relutância em passar informações sobre um antigo cortador de cana que pode ser nosso serial killer? Ela me pediu para ser discreto porque podia prejudicar a firma e o cliente. Dar informações sobre um assassino não é esse tipo de informação confidencial.

— Existe outra possibilidade — disse Santos, os olhos se voltando diretamente para mim. — Talvez ela só quisesse que você ligasse de volta.

— Bom, ela claramente queria falar comigo — respondi. — É assim que um delator funciona.

— O que eu quero dizer é que era *apenas isso* o que Tyla queria — explicou Santos. — Que não houvesse outro motivo para a ligação.

— Vamos ver se eu entendi — eu disse. — Você está dizendo que ela queria fingir que estava transmitindo informações sobre um crime só para que eu ligasse de volta?

— Parece loucura — comentou Rid. — Mas, quando eu trabalhava na rua, multei uma mulher que jogou o carro em um sujeito que estava dirigindo um Porsche só para poder conhecê-lo.

— Uma mulher que faz uma coisa dessas não é a sócia bem-sucedida do maior escritório de advocacia de Miami.

— Não tenha tanta certeza — disse Santos. — Tyla parecia estar fazendo um grande esforço para tentar convencer você de que não era um truque. Até mencionou o

nome da sua esposa caso ela ouvisse a mensagem, tentando deixar Angelina tranquila de que não estava dando em cima de você.

— Santos pode ter razão — disse Rid. — Quando uma mulher com o histórico de Tyla se esforça tanto para convencer um homem de que não está atrás dele, eu diria para ele tomar cuidado.

— Não pode ser — eu disse. — Tyla teria de ser algum tipo de sociopata.

Santos fez uma expressão de “se a carapuça servir...”.

— Estamos falando de uma mulher que tinha três anéis de noivado diferentes com aliança, que ligava para homens casados de um celular pré-pago para não ser pega, e que, pelo jeito estava dormindo com um sócio administrativo de sua firma. Você conhecia Tyla melhor do que eu, Abe. Mas o que descobri até agora não elimina pelo menos algumas tendências sociopatas.

— Bom, eu também não a conhecia muito bem — respondi. — Nós tivemos nossa história dez anos atrás. Saímos para jantar em setembro passado. Foi isso.

— Verdade? — perguntou Santos.

— Sim. É a verdade.

— Ela queria mais do que um jantar?

— Que diferença faz?

Lá estava eu de novo, respondendo uma pergunta com outra pergunta.

— Uma grande diferença — respondeu Santos. — Para alguém com o perfil sociológico dela. Se você a dispensou, isso faz de você *aquele que disse não*. Você era um desafio, uma montanha a ser escalada, o negócio que ela não fechou.

— Já entendi — eu disse, interrompendo a grande torrente de metáforas.

Santos apertou os olhos, insistindo no argumento, como se estivesse ligando o modo interrogatório.

— Isso vale duplamente se você levou Tyla a acreditar que a queria, mas no fim das contas estava só enrolando. Você terminou as coisas, por assim dizer. Você voltou para o seu quarto de hotel, e Tyla voltou para o dela. Ou talvez as coisas tenham sido ainda mais confusas. Talvez você dois estivessem a caminho do quarto dela, ainda sentindo os efeitos do vinho, perto demais ou talvez até se tocando no elevador. Mas quando ela abriu a porta e convidou você para entrar, talvez com palavras, talvez só com um olhar, algo tenha feito você parar. Algo fez você dar boa-noite e se afastar.

— Aonde você quer chegar com isso? — perguntei.

— Só estou tentando entrar na cabeça dela — respondeu Santos. — Tentando entender se Tyla tinha algo além de pistas de um crime em mente quando ligou para você. Mas não tenho como saber, não é, Abe? Só vocês dois estavam lá, e um de vocês está morto. Você é o único que pode dizer se Tyla queria mais do que um jantar.

Pensei no que Santos estava dizendo, considerando todas as insinuações. Não posso dizer que eu estava confortável analisando as motivações de Tyla em Orlando. Mas era interessante, para mim, do ponto de vista tático, como Santos tinha conseguido formular a questão estritamente em termos das intenções de Tyla, não das minhas. Sem nem ter estado lá, sem nunca ter conhecido Tyla, Santos parecia ter uma noção melhor de como as coisas tinham acontecido do que eu.

Ou ela simplesmente entendia como o ego masculino gostaria de lembrar daquilo.

— Não restam dúvidas — respondi. — Tyla queria mais.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Era quase meia-noite quando cheguei em casa. O policial estava parado na rua, como prometido. O quanto estava “de olho” era discutível. Ele estava mandando mensagens pelo celular quando passei.

A porta da frente estava trancada. Tentei não fazer muito barulho, colocando a chave com cuidado, virando o trinco devagar e rezando para que o alarme não disparasse quando abri a porta. Minha entrada felina era em parte uma gentileza, num esforço genuíno de não despertar Angelina de um sono profundo. Mas a força mais poderosa em ação era o fato de que despertá-la ia significar uma conversa à meia-noite sobre Tyla. Eu já tinha tido uma dose suficiente de Tyla Tomkins por uma noite, mas parecia que não havia como evitar o tópico. Angelina estava no sofá, totalmente desperta, assistindo à televisão.

— Não imaginei que você estivesse acordada — eu disse ao fechar a porta.

Ela estava usando sua roupa mais confortável para a noite, um grande roupão felpudo com chinelos macios. E não olhou para mim. Seus olhos se mantiveram fixos na tela.

— Nem eu — respondeu ela.

— Você estava... me esperando?

A cabeça dela virou devagar na minha direção, e sua expressão disse tudo.

— Desculpe, foi mal — disse eu.

Pendurei a chave do carro no gancho da porta e sentei na poltrona.

— Por que tem uma viatura do lado de fora da nossa casa? — perguntou ela.

— Por precaução — expliquei. — Existe uma possibilidade de que o assassino de Tyla tenha mandado aquelas fotos para você.

Isso fez Angelina virar a cabeça.

— Você está brincando comigo? Um serial killer esteve na nossa entrada e deixou aquelas fotos de você com Tyla?

— É possível.

— Maravilha. Tenho um assassino de olho em mim.

— Ninguém está de olho.

— Diz o homem que achava isso até as fotos provarem o contrário — retrucou ela, desviando os olhos, constrangida. — Desculpe.

Angelina ainda estava claramente sentindo os efeitos da garrafa de vinho que tinha bebido sozinha, e sua metade bêbada e a sóbria estavam em conflito.

— Não peça desculpas — eu disse. — Eu mereci.

— Vamos falar do que você merece — comentou ela friamente. — Mas, sério. Se ninguém está nos observando, por que tem uma viatura lá fora?

— Estamos só tomando cuidado — expliquei. — A agente Santos acha que não existe nenhum perigo.

— Nenhum perigo. Mesmo?

— Não.

Angelina olhou para mim de novo, desta vez com mais foco.

— E o que você acha, Abe? Você acha que existe algum perigo?

Eu estava bem certo de que ela não estava falando do serial killer, mas não fazia ideia de qual era a resposta certa.

— Para ser mais específica — explicou ela — e *nós*? Você acha que *nós* corremos algum perigo?

Definitivamente não estávamos falando do serial killer, mas eu ainda estava procurando a resposta certa.

— Espero que não.

Ela expirou ruidosamente, algo entre a zombaria e uma risada fraca e sem graça.

— Ah, Abe. Você é uma coisa.

Inclinei o corpo para a frente na poltrona, ainda sentado, mas voltado para ela, suplicando.

— Você quer que eu conte o que aconteceu naquela noite?

Angelina desligou a TV com o controle remoto e me olhou nos olhos.

— Eu sei o que aconteceu.

— Não, acho que você não sabe.

— Fotografias não mentem, Abe. Você estava se divertindo bastante.

— Foi um jantar agradável.

Angelina devia ter dado um escândalo por um comentário tão idiota.

— Eu já tive jantares agradáveis — disse ela com a voz calma e comedida. — Não é o que isso foi. Eu vi o sorriso no seu rosto. Eu vi a expressão nos seus olhos.

— Angelina, eu estou falando a verdade: eu não dormi com a Tyla.

— Eu gostaria que fosse só isso.

— O quê? Não. Sério? Você acha que eu estava apaixonado por Tyla?

Ela balançou a cabeça, como se quisesse enfatizar que eu não estava entendendo.

— Não, Abe. Eu não acho nem por um segundo que você estava apaixonado por Tyla. Você está apaixonado por Samantha. E por duas horas naquele jantar, Tyla foi sua esposa morta.

Angelina se levantou do sofá e ficou parada, como se estivesse pensando se deveria dizer mais. Em seguida, juntou seu longo cabelo loiro e o prendeu.

— Eu sei que você não dormiu com Tyla, Abe. Mas você e eu sabemos que isso não teve nada a ver com o quanto você me ama.

Não me mexi. Eu não conseguia me mexer. Fiquei na poltrona enquanto Angelina caminhou sozinha para o nosso quarto.

CAPÍTULO DEZESSETE

Tentei dar conta do volume de trabalho de sexta e o reduzi para uma audiência preliminar no tribunal. Eu já estava livre na hora do almoço. Minha tarde estava cheia, começando com uma viagem até o condado de Palm Beach para uma visita a um heroico assistente jurídico. Pelo menos ele se considerava um herói.

Ed Brumbel era um ideólogo, uma relíquia dos anos 1960 que se formara com todas as honrarias pela Faculdade de Direito de Harvard e se esquivara de todos os escritórios de advocacia de Wall Street. Tinha dedicado toda sua carreira às batalhas legais épicas entre fazendeiros e grandes conglomerados agrícolas. Em um de seus primeiros casos como jovem advogado que havia chegado até a Suprema Corte Americana, ele teve a sorte de encontrar todos os vestígios da era liberal de Earl Warren para estabelecer um precedente para que filhos de mexicanos sem visto permanente tivessem o direito de se matricular nas escolas. Ele passou outros dez anos no Texas como assistente jurídico, lutando por trabalhadores imigrantes que atravessavam o Rio Grande para colher algodão em Hereford, Texas. Ele enfrentou a indústria de aves domésticas no Arkansas, onde as fábricas de processamento controlavam os fazendeiros locais como senhores feudais. Ainda lutou contra os agricultores de maçã em Maryland e os fazendeiros de alface na Califórnia. O sucesso foi transitório depois daquela primeira vitória na Suprema Corte. Brumbel migrou de uma assistência jurídica para outra. Quando estava no auge, as mulheres ficavam atraídas por sua aura de autoconfiança romântica por si mesmo, cativadas por esse ex-aluno de universidade de elite apaixonado que tocava Mozart no piano em seu tempo livre e escalava montanhas no Tibet todo verão. No entanto, suas relações pessoais eram curtas e terminavam quando a namorada nova descobria que ele não tinha apartamento e dormia no sofá do escritório da assistência legal.

Então, Ed enfrentou a Açúcar Big e sua vida desmoronou.

— Dr. Lincoln, como vai, meu amigo? — ele disse, me cumprimentando com um abraço caloroso.

Ed era um dos poucos advogados que sabia que meu sogro me chamava de Abe Lincoln e conhecia a história de Luther Vine como cortador de cana em detalhes.

— Já estive melhor — respondi.

Ed me convidou para voltar com ele ao seu escritório, que tinha todo o charme de um galpão. A assistência jurídica Florida Farm Aid ficava em Belle Glade, uma comunidade predominantemente pobre que no passado costumava ser o destino do fim de noite para cortadores de cana solitários em busca de diversão. Vinte anos depois do fim do programa H-2, Belle Glade ainda tinha um dos mais altos índices de contaminação de HIV dos Estados Unidos. O escritório ficava a alguns quilômetros do ruidoso moinho da Cooperativa dos Canavieiros, de que a Açúcar Cortinas era parcialmente proprietária. Também ficava alguns quarteirões a oeste de um trailer infestado de ratos que abrigava uma dúzia dos estimados 45 mil trabalhadores imigrantes ilegais que ainda viajavam para o condado de Palm Beach todo inverno para colher outra coisa além de cana-de-açúcar. O escritório de Ed também fazia as vezes de arquivo da assistência legal. Pilhas de caixas de papelão cobriam as quatro paredes do chão ao teto. Imaginei que houvesse uma janela em algum lugar, mas ninguém nunca a encontraria.

— Sente — disse ele.

Só havia uma cadeira para visitas, e precisei tirar três caixas para chegar até ela. Ed foi até a cadeira bamba do outro lado da mesa e colocou os cotovelos nos encostos onde o corino estava gasto e pedaços de fita adesiva estavam remediando a situação. Notei um pedaço de ferrugem no canto da mesa, e a mancha no teto confirmava que era por causa de uma infiltração que estava pingando.

Conheci Ed quando estava noivo de Samantha. Ele queria indiciar a Açúcar Big criminalmente — de novo. Ed conhecia a história do meu futuro sogro com a Companhia Nacional de Açúcar nos anos 1940 e achou que eu poderia gostar da ideia de uma acusação que de fato emplacasse. O processo criminal nunca saiu do papel. Foi a última tentativa de Ed para obter algum sucesso em suas ações desastrosas. A Açúcar Big tinha enganado uma geração de jamaicanos, sua ação alegava, porque pagar os trabalhadores não por hora, mas por número de fileiras cortadas resultava em menos de sessenta por cento do salário mínimo. Depois de mais de uma década de litígio, um júri recusou o argumento. A Açúcar Big já tinha mudado para colheita mecânica, cansada de ser retratada por todos, desde revistas a programas de televisão, como a *plantation* do pré-guerra que explorava a

humanidade. Os clientes de Ed não receberam um centavo em pagamentos retroativos e ficaram permanentemente sem trabalho. Todo mundo odiava Ed. Exceto ele mesmo.

— Era uma questão de princípios — declarou ele para a mídia na escadaria do tribunal, os olhos marejados de decepção amarga.

— Então você quer saber tudo sobre o processo da cana-de-açúcar? — perguntou ele, sorrindo.

Olhei para a parede de caixas de papelão pela sala.

— Bom, *tudo*, não. Aliás, não é exatamente no caso que estou interessado. Gostaria de saber mais sobre os clientes.

— Homens bons, todos eles — explicou Ed, o sorriso se fechando. — Eu queria ter feito mais por eles.

— Quero falar sobre um em especial.

— Quem?

— Não sei o nome dele.

— Em que ele ano ele estava no programa H-2?

— Não tenho certeza.

— De qual país ele veio?

— Jamaica, acho. Mas não sei ao certo.

— Para qual empresa ele trabalhava?

— Cortinas.

— Certo, é um começo. Vamos restringir a 40 mil possibilidades.

— Tantas assim?

Ed apontou para uma pilha de caixas empoeiradas atrás dele.

— A ação coletiva foi feita em nome de cada cortador de cana que fez parte do programa H-2 de 1980 em diante. Dez mil cortadores vinham todo ano, a maioria jamaicanos. Alguns voltavam todo ano, então ainda estamos falando de 100 mil no total. A Açúcar Cortinas tinha cerca de quarenta por cento deles.

— Estou procurando um que pode ter sido testemunha de um crime.

— Eles testemunham crimes todos os dias — disse ele. — O programa todo era um crime.

Era uma estrada já bastante percorrida na vida de Ed, e eu não queria passar por ela.

— Não é disso que eu estou falando. É o tipo de crime que pode ser processado vinte anos ou mais depois de ser cometido.

— Não são tantos os crimes que não prescrevem em vinte anos. Você está falando de algo como homicídio?

— Possivelmente. Ou pelo menos uma negligência criminal que provocasse a morte de alguém.

Ele coçou a cabeça, pensando.

— Negligência criminal pode significar diversas coisas em agricultura. Mas o único homicídio de fato de que me lembro envolvendo cortadores de cana foi em meados dos anos 1990.

— Fale dele.

— Alguns cortadores viviam em alojamento por meses. Pior que Dachau, se você quer minha opinião. Os temperamentos se agitam quando você junta centenas de homens adultos uns em cima dos outros, os faz trabalhar o dia todo e não lhes dá nenhuma privacidade à noite. Coloque um facão na mistura, e alguém tem grandes chances de surtar.

— O que aconteceu?

— Um cortador perdeu o controle e usou o facão para golpear outro cortador. Arrancou a cabeça do sujeito. Horrível. A vítima tinha mulher e filho na Jamaica.

— O que aconteceu com o assassino?

— Foi para a cadeia. Imagino que ainda esteja lá, mas não sei ao certo.

Isso despertou meu interesse, mas eu precisava acreditar que a agente Santos já teria investigado um cortador de cana condenado por decapitar um colega de trabalho, como parte da investigação do Cortador.

— Meu foco não seria um crime que já foi solucionado. Estou procurando um cortador de cana que sabe tudo o que há para saber sobre um crime sério, talvez tão sério quanto homicídio. E o crime nunca ficou conhecido pelo público, quanto mais solucionado pelas autoridades.

— Uau — exclamou Ed. — Isso não é uma agulha num palheiro. É uma agulha num saco de agulhas.

— Era o que eu tinha medo que você dissesse.

— Mas espere um pouco — continuou Ed. — Vamos pensar. Você tem motivos para acreditar que esse cortador de cana ainda está vivo?

As palavras de Tyla se repetiram na minha cabeça.

— Tenho — respondi. — Muito recentemente me disseram que eu precisava falar com um velho cortador de cana e que ele sabe de tudo.

— Certo. Se um cortador de cana tivesse informações sobre um crime grave, por que não se manifestar? Supondo que ele não esteja morto.

— Ele tem medo — eu sugeri.

— É uma boa explicação. Existe uma melhor. Lembre, estamos lidando com a Açúcar Big.

Entendi o que ele estava dizendo.

— Ele foi subornado.

— Exato.

Recostei na cadeira, assim como Ed, cada um tentando imaginar como nossa dedução podia restringir a lista de possibilidades de 40 mil. Levou um minuto, e o rosto de Ed se iluminou.

— Os que ficaram de fora — disse ele.

— O quê?

Ed se inclinou na cadeira, os cotovelos na mesa enferrujada.

— Minha ação coletiva foi como qualquer outra. A corte exigiu que mandássemos notificações para todos os cortadores que faziam parte do programa H-2 comunicando que estavam citados na ação. Foi um inferno. Tive que obter 100 mil endereços da Secretaria do Trabalho. Mas o que estou dizendo é: a notificação deu a cada membro da categoria a chance de sair e dizer que não queria fazer parte do processo.

— Quantos você conseguiu?

— Uns 75.

— Gosto mais desse número do que de 40 mil.

— Não fique muito animado — alertou ele. — Muitos endereços usados eram antigos, a correspondência não chegou. Mas sempre me perguntei sobre esses 75 que se deram ao trabalho de preencher um formulário, marcar o campo que os excluía da ação e mandar de volta para nós.

— Isso de fato parece estranho.

— É mais do que estranho — emendou Ed. — Na minha cabeça, a única explicação é que esses sujeitos estavam sendo pagos por fora pela Açúcar Big. Se tivesse fundos na minha assistência jurídica, eu teria feito cada um deles depor. Eu estava convencido de que eles optaram por serem excluídos do processo porque sabiam alguma coisa sobre a desonestidade da Açúcar Big em relação aos salários dos trabalhadores e eram pagos para ficarem quietos. Mas quem sabe? Talvez eles tivessem visto descarte de lixo tóxico nos Everglades e foram subornados. Talvez soubessem de violações das leis de segurança na trabalho e foram subornados. Talvez... bom, use a imaginação. Pode ter sido qualquer coisa.

— Qualquer coisa — repeti, assentindo.

Eu ainda não sabia se estava no caminho certo, se Tyla de fato tinha ligado por causa de uma atividade criminosa que podia ser seriamente prejudicial para seu escritório e para seu cliente. Mas eu com certeza não acreditava na história de que ela

tinha inventado isso para entrar em contato comigo, que tinha o perfil psicológico de uma neurótica que bateria o carro num Porsche só para conhecer o motorista.

— Onde eu encontro essa lista de não participantes? — perguntei.

Ed deu a volta na mesa até uma pilha de caixas atrás de mim. Ela pendia para a esquerda, a versão da Torre de Pisa da assistência jurídica.

— Talvez em uma dessas — disse ele e, em seguida, foi até outra torre. — Ou aqui.

Estava bem claro que ele não fazia ideia.

— Você não informatizou isso?

Ed riu.

— Foi uma boa piada, Abe.

— Pois é — respondi, com um meio sorriso. — Hilário.

CAPÍTULO DEZOITO

Fiz compras no caminho de volta de Belle Glade e as deixei no apartamento de JT. O mundo quase acabou quando ele viu que eu tinha comprado sua cerveja escura em latas de 350 ml em vez de garrafas de 350 ml, mas eu tinha a distração perfeita: estávamos indo visitar Luther.

Eram três da tarde, a versão geriátrica do happy hour, quando chegamos à casa de repouso Sunny Gardens em Miami Shores, o que significava um monte de gente em cadeiras de rodas estacionadas em um semicírculo no pátio assistindo ao animador da sexta à tarde. Meu sogro tinha um lugar privilegiado, bem no centro, perto da fonte. O mágico tinha sua atenção completa.

— Prestem atenção na rainha de ouros — disse o mágico para a plateia de idosos.

— Ela está no seu bolso esquerdo — gritou Luther.

Ele já tinha visto aquele número. Cem vezes. Mas eu estava feliz em vê-lo envolvido. Não era sempre que isso acontecia. Em geral, a noite era mais difícil que o dia. O entardecer era o pior momento — síndrome do pôr do sol, era como chamavam. Por sorte, tínhamos chegado antes do jantar.

— Abe! — chamou ele.

— Seu filho também está aqui — disse JT.

— Devon?

— Não, Devon morreu, pai. É o JT.

Uma senhora nos pediu silêncio. O homem ainda mais velho ao lado dela fez careta e gritou:

— Cale a boca a senhora! O que acontece em Las Vegas fica em Las Vegas.

Eu não fazia ideia do que o pobre velho estava falando. Levei a cadeira do rodas de Luther para o outro extremo do pátio, onde pudéssemos conversar.

— Você parece bem, meu velho — eu disse.

— Até parece — devolveu Luther.

A verdade era que eu mal o reconhecia. Ele tinha perdido quase dez quilos no último ano, e estava visível em seu rosto. O barbeiro tinha feito um corte militar para impedi-lo de arrancar os cabelos em seus surtos ocasionais de confusão, mas isso deixava sua aparência ainda mais esquelética.

— Como vai sua namorada? — perguntei.

— Ah, ela já era. Estou de olho numa belezinha de Carol City. Ela se mudou para cá na quinta.

— Boa sorte.

— Como você está? — perguntou Luther. — Está namorando? Samantha iria querer que você encontrasse alguém, sabe.

Eu tinha contado muitas vezes que tinha me casado de novo. Ou ele continuava esquecendo, ou nunca tinha registrado a informação.

— A vida vai bem — respondi, deixando passar.

— Bom. Que bom. A vida é boa.

— Abe está trabalhando nos canaviais — contou JT.

Lancei um olhar para ele, deixando claro que preferia não tocar no assunto.

Os olhos de Luther ficaram cobertos de preocupação.

— Ah, não, Abe. Você não quer fazer isso. Vão cobrar pelo cobertores, vão cobrar pela faca, vão cobrar pela água que você bebe e pelo penico onde mija. Você nunca vai ganhar dinheiro cortando...

— Luther, não é isso. Não se preocupe. Não estou cortando cana.

— Ele está tentando pegar um serial killer — explicou JT.

Os olhos de Luther se arregalaram.

— Um serial killer?

— Alguém matou a namorada dele.

— JT, chega.

— Namorada? — Luther quis saber. — Você tem uma namorada?

— Não mais — continuou JT. — Alguém a assassinou com um facão.

— Meu Deus — exclamou meu sogro.

— JT, pare — eu pedi.

— Eles acham que foi o Abe.

Segurei JT pelo pulso e pedi para Luther nos dar licença por um minuto. A audição dele não era boa, especialmente no ouvido direito, então não precisei levar JT

longe para atacá-lo.

— JT, que diabos você está fazendo?

— Você acha que eu não estava ouvindo você falar com a agente do FBI e com aquele detetive ontem à noite? Eu estava bem acordado no meu quarto. Aquele apartamento é como uma lata de sardinha. Eu consigo ouvir tudo.

— A agente Santos nunca disse que Tyla era minha namorada, e com certeza nunca disse que eu era um suspeito pela morte dela.

— Não com essas palavras. Eu podia ouvir na voz dela.

— Você não sabe do que está falando, JT. Apenas pare. Você nem estava na sala, e não ouviu nada na voz da agente Santos.

— Claro que ouvi, Abe. Eu sou bom em ouvir vozes. Lembra? Você disse para a juíza que sou bipolar.

Agora eu tinha entendido. Ele ainda estava chateado comigo por causa da audiência.

— JT, só porque você é bipolar não significa que você tem alucinações e ouve vozes. Isso é um estereótipo.

— Só porque você acha que sou bipolar não quer dizer que eu seja.

— Foi o diagnóstico do seu médico.

— O médico está errado, o que é mais uma razão por que você não deveria ter dito para a juíza que sou bipolar.

— JT, pela última vez: eu nunca disse para a juíza que você é bipolar.

— Você gosta de ser atacado com acusações idiotas? Não é legal, é?

— Não acusei você de nada, JT.

— Você deveria ter falado a verdade para a juíza. Deveria ter dito que eu tenho transtorno de estresse pós-traumático.

— JT, você não tem transtorno de estresse pós-traumático.

— Todos aquele anos cortando cana me deixaram com transtorno de estresse pós-traumático.

— Não tem graça, JT. E não é legal fazer piadas sobre ser um cortador de cana quando meu escritório está investigando esses assassinatos.

— Como você sabe que estou brincando? Talvez eu esteja alucinando.

— Eu nunca disse que você tinha alucinações.

— Então pronto. Eu tenho transtorno de estresse pós-traumático.

— Você não cortava cana. Seu pai cortava cana.

Ele fez uma pausa, e eu torci para JT ter se cansado do seu próprio jogo, o que em geral era o que acontecia, contanto que eu não perdesse a paciência. Mas então ele apertou os olhos e virou seu olhar intenso na direção de Luther.

—Aquele filho da mãe maluco não é meu pai.

—Nunca mais diga isso. Seu pai ama você.

—Se ele é meu pai, por que minha medula óssea não era compatível com a de Samantha?

Era a quingentésima vez que tínhamos essa conversa. Doses altas de quimioterapia e radioterapia deveriam ter matado as células cancerosas de Samantha, mas também destruíram sua medula óssea, onde os glóbulos são formados. JT tinha sido nossa última esperança.

—Foi o que os médicos disseram: irmãos costumam ser a maior chance, mas a compatibilidade não é garantida.

—Se eu tivesse doado a medula óssea, Samantha não teria morrido.

—Você não era compatível, JT. Não foi sua culpa.

—Talvez outro exame tivesse mostrado que eu era compatível.

—Nós fizemos todos os exames — eu expliquei. — E mais alguns.

—Talvez tenham cometido um erro. Outro exame teria visto esse erro. Já pensou nisso?

—Eles não cometeram um erro.

—Não me diga que médicos nunca erram — disse ele irritado.

—Fale baixo, por favor. Eu não disse que médicos nunca erram.

—Então como você sabe que meu médico não cometeu um erro quando disse que sou bipolar?

Eu estava prestes a perder a paciência.

—JT, essa conversa está ficando estúpida.

—Retire o que disse, Abe. Só porque fui cortador de cana não quer dizer que eu seja estúpido.

—JT, você não cortou cana.

—Você está dizendo que eu sou estúpido?

—Não, estou dizendo...

Parei para respirar. Eu mal acreditava que estava fazendo o jogo dele como se isso fosse uma conversa racional, mas conversar pacientemente com JT durante esses surtos de embate verbal era a única forma de garantir que eles não acabassem mal, com JT andando de um lado para o outro a noite toda ou pulando pelo quarto até amanhecer.

—JT, a última vez que um americano cortou cana na Flórida foi em 1941. Você é afro-americano, não jamaicano, e nunca cortou cana.

Luther se inclinou na cadeira de rodas e gritou:

—Parem de falar merda, seus filhos da puta.

Pelo jeito, a audição do velho era melhor do que parecia. Ou talvez estivéssemos falando mais alto que eu imaginava. JT e eu nos entreolhamos uma última vez, meu último esforço de fazer meu cunhado se controlar.

— Respire fundo, JT.

— Ainda estou com raiva de você, Abe.

— Eu sei. Só respire, pode ser?

Meu celular tocou. Pedi para JT aguentar firme, me afastei um pouco mais dele e de Luther e atendi. Era Ed, que ainda estava no escritório da Farm Aid.

— Você nunca vai para casa? — perguntei.

— Esta é minha casa.

Eu tinha esquecido.

— O que foi?

— Eu estava vasculhando as caixas...

— Ed, por favor. Você não precisa fazer isso.

Tínhamos deixado combinado que eu iria para lá no fim de semana e faria isso por conta própria.

— Não tem problema — disse ele. — Se existe uma chance de solucionarmos um crime cometido pela Açúcar Big, conte comigo. De todo jeito, tenho o nome de um cortador para você.

— Certo, mas se você me disser que o nome dele é JT e ouvir um estrondo, é porque estourei meus miolos.

— O quê?

— Nada, continue.

— Vernon Gallagher. Kingston, Jamaica. Ele cortou cana para a Açúcar Cortinas de 1981 a 1986.

— O que faz ele se destacar?

— Eu chequei os registros de pagamento. A Cortinas mantinha fichas diárias de cada cortador porque pagava por fileira. Alguns levavam dois dias para cortar uma única fileira. Gallagher conseguia cortar duas em um único dia. Durante seis anos ele cortou mais tonelagem do que quase qualquer outra pessoa no canavial. Esse sujeito era um animal, o Michael Phelps do corte de cana. Ele poderia ter ganhado mais do que qualquer pessoa na ação coletiva.

— Mas ele se retirou do processo — eu concluí, intrigado.

— Ele saiu. Lembre, se um cortador não fizesse nada e apenas ignorasse a notificação, ele participava da ação e dividia qualquer dinheiro que ganhássemos. Mas Gallagher se deu ao trabalho de ler um documento legal de oitenta páginas com fonte pequena, assinar o formulário para ser excluído, colocar um selo no envelope e

levá-lo ao correio. Ele não queria ter nenhuma relação com um processo contra a Açúcar Cortinas.

— Interessante — comentei.

— Ou o sujeito estava sendo pago pela empresa por fora — disse Ed — ou estava morrendo de medo deles.

— É um chute bem alto a esta altura.

— Para você, talvez. Mas não para mim.

— Por que não para você? — perguntei e, de algum jeito, eu sabia que ele estava sorrindo do outro lado da linha.

— Você não conhece a história — disse ele. — Mas eu conheço. Havia muita merda acontecendo na Cortinas em 1986. Muita merda.

CAPÍTULO DEZENOVE

JT virava abóbora às seis da tarde, então eu o levei direto para casa. As ordens da corte sobre a prisão domiciliar nos davam três horas para visitar Luther toda semana, o que significava que eu estava livre até sexta que vem. Eu tinha deixado mensagens para Angelina o dia todo e tentado ligar mais uma vez do carro, no estacionamento perto do apartamento de JT. Dessa vez ela atendeu.

— Oi — eu disse, um pouco surpreso de não ser a caixa postal. — Como você está?

— Bem.

Bem. Respondido daquela maneira, naquele exato momento, era o mais vulgar dos palavrões.

— Eu estava pensando que a gente talvez pudesse se encontrar para um happy hour e ir comer sushi.

— Vou jantar com a minha mãe.

Não estava nada bem.

— Sua mãe está na cidade?

— Vou buscá-la no aeroporto em meia hora. Não se preocupe, ela não vai ficar na nossa casa. Ela insistiu em ir para um hotel.

— Posso ir encontrar vocês no restaurante se...

— É um jantar com a minha mãe, Abe. Só nós duas.

— Certo. Bom, dê oi para ela por mim. Talvez você e eu possamos tomar um drinque mais tarde?

— Minha mãe provavelmente vai querer ver um filme depois.

Parecia mentira, depois de um voo de Nova York e de um jantar.

— Vai ser divertido. O que vocês vão ver?

— De verdade, Abe, pouco me importa. Vejo você mais tarde em casa, pode ser?

— Claro — respondi, não querendo terminar a conversa assim, mas só havia silêncio do lado dela. — Angelina?

— O quê?

— Eu sinto muito.

Nenhuma resposta. Só um momento de hesitação, e então ela desligou. Deixei o celular no painel, dei a partida no carro e liguei o ar-condicionado para conseguir respirar de novo. Depois de um dia inteiro sendo mandado direto para a caixa postal, acho que era um bom sinal que Angelina tivesse finalmente atendido e que estivesse planejando voltar para casa à noite. Mas eu ainda estava apostando que seria *Era do Gelo* — não o filme que elas supostamente iriam ver, mas meu futuro indefinido com Angelina. O que me deixava com um dilema enorme.

Sexta à noite era o velório de Tyla Tomkins.

Minha intenção era ficar longe de todos os eventos relacionados a ela. Com o passar dos anos, fiz minhas homenagens a dúzias de vítimas de homicídio, e nunca perdi um velório quando era o promotor da investigação. Mas estava oficialmente fora do caso de Tyla. Com toda a cobertura da mídia sobre a investigação do Cortador, Carmen tinha planejado ir ela mesma. Afinal, a promotora pública de Miami-Dade ocupava, afinal, um cargo público. Então foi uma leve surpresa quando Carmen me chamou em sua sala mais cedo e me pediu para acompanhá-la.

E foi bem persuasiva.

— Os rumores estão correndo, Abe. Não importa com que firmeza eu diga que tirei você do caso por causa de uma relação com a vítima que acabou dez anos atrás, as pessoas estão falando. Se você vier comigo hoje à noite, vai reforçar nossa posição oficial de que nada recente nem indecoroso estava acontecendo entre você e Tyla.

— Eu agradeço o convite — respondi. — Mas não vou.

Era uma posição que eu tinha declarado com convicção pessoal e profissional, mas passei o dia repensando. Não pelas razões oferecidas por Carmen. Um motivo muito mais contundente estava pesando em minha mente. Eu conhecia minha chefe bem o bastante para finalmente chegar à conclusão de que esse outro motivo, a que ela havia apenas aludido, era o que de fato estava por trás do convite.

Olhei pelo retrovisor, como se estivesse confirmando minha convicção. Em seguida, liguei para Carmen do celular e disse que a encontraria na funerária.

— É uma boa decisão — disse ela. — Não precisamos ficar muito tempo.

— Tudo bem — respondi. — Não vai demorar muito.

Nós desligamos, e eu tinha certeza de que Carmen sabia que não iria demorar muito.

Eu queria ver Brian Belter frente a frente, de homem para homem.

E não queria perder a oportunidade de vê-lo numa ocasião e num lugar onde pudesse olhá-lo nos olhos e ver sua alma.

E eu precisava fazer isso — por mim.

CAPÍTULO VINTE

O velório estava marcado às sete horas na Funerária Seaver, perto da Miami Avenue. Eram quase seis e meia, meia hora depois de o sol se pôr, quando encontrei uma vaga e desliguei o carro. Não havia pressa, mas se eu ia levar aquilo em frente, precisava fazer mais do que ficar ali sentado, paralisado atrás do volante, sem conseguir abrir a porta do carro. O conflito interno tinha muitos níveis. Angelina e Tyla obviamente estavam no centro dele, mas havia mais do que isso. A Seaver era onde tínhamos velado Samantha.

Entre de uma vez, eu disse a mim mesmo.

Tyla tinha feito parte de uma grande família profissional, um escritório de advocacia enorme que contava com mais de trezentos advogados só na sede em Miami, sem contar a gerência, os funcionários e seus cônjuges. A cerimônia de sexta à noite era para um público mais amplo, e uma missa mais íntima para a família e os amigos mais próximos estava marcada para sábado de manhã na Igreja Batista Mission Hill de Coconut Grove. Uma gravata era necessária e, felizmente, a minha estava no banco de trás, por causa da audiência que tive mais cedo. Teria sido bom fazer a barba, mas o melhor que eu podia fazer era passar um pente no cabelo. Eu inspirei, peguei as chaves e saí do carro para a escuridão do começo da noite.

Você precisa fazer isso.

O estacionamento estava enchendo rápido. Os visitantes chegavam de várias direções, alguns tinham deixado o carro a um ou dois quarteirões de distância; outros, no estacionamento comum em frente à funerária. Uma mulher estava chorando e enxugando suas lágrimas. Outras pessoas pareciam entorpecidas ou, pelo menos, sem palavras. Olhei para o outro lado, só para ver o carro preto da funerária parado embaixo do pórtico do prédio. A ideia de Tyla indo em direção a um cemitério

era quase incompreensível, mas ela não descansaria tão cedo. A família não queria adiar mais o velório, mas o enterro teria de esperar até que as autoridades dissessem que não havia mais nenhuma esperança de o restante do corpo ser recuperado. A busca nos Everglades estava em andamento, e parecia que todo mundo, menos a família de Tyla, tinha feito as pazes com o fato de que a cabeça dela jamais seria encontrada.

— Espere, Abe.

Era Carmen. Parei por tempo suficiente para ela me alcançar, e juntos fomos até a entrada.

— Como você está? — perguntou ela.

Carmen sabia da história de Samantha na Seaver.

— Melhor do que achei que estaria.

Havia um pequeno grupo de convidados na área de registro no hall de entrada. Deixei Carmen assinar primeiro e, de alguma forma, eu me senti melhor sobre ir ao velório de Tyla e ver meu nome logo embaixo do dela, como se isso tornasse aquilo mais legítimo ou, pelo menos, razoável.

Diversos outros grupos conversando baixo estavam espalhados pela sala. Buquês de rosas brancas e de crisântemos adornavam as mesas antigas. Tudo muito discreto e tradicional, com exceção da fotos ampliadas de Tyla que nos receberam no salão. Sua infância estava à direita. À esquerda, fotos de Tyla, a estrela da corrida, nem um grama de gordura no corpo, enquanto atravessava a linha de chegada da corrida de oitocentos metros. Ao lado, ela estava de beca carmim, no dia da formatura da Faculdade de Direito de Harvard. E assim por diante, ao longo da parede, uma imagem de cada fase da sua vida.

— Tem certeza de que você está bem com isso? — perguntou Carmen em voz baixa.

— Tenho.

A resposta mal tinha saído dos meus lábios quando tudo piorou. Sem dúvida eram as fotos, mas, por alguma razão, as palavras que Carmen dissera para mim em sua sala de que Tyla era “um sintoma de um homem fazendo o luto à deriva” estava martelando minha cabeça: *Abe, eu não sou cega. Tyla é uma linda mulher. E se parece muito com Samantha.*

Aquilo me deixou com o estômago embrulhado.

— Obrigado pela presença — disse um jovem. Virei, mas ele estava falando com Carmen. O rapaz se apresentou como irmão de Tyla. — Nossa família fica muito grata que a promotora pública tenha se dado ao trabalho de comparecer.

Ela ofereceu suas condolências e me apresentou. Apertei a mão dele, sem fazer menção a quanto tempo fazia que eu conhecia Tyla.

— É tão doloroso — disse ele. — Não queríamos fazer dois velórios, mas a quantidade de pessoas da firma de Tyla foi impressionante. A BB&L foi muito boa para ela.

— Está claro que ela era muito querida no escritório — comentei.

— Muito — concordou ele, os olhos indo na direção da foto de formatura de Tyla. — No último Dia de Ação de Graças, Tyla e eu tivemos uma boa conversa. Ela me contou que tinha sido promovida. Deixaria de trabalhar para a Açúcar Cortinas, o que todo mundo na BB&L faz, para cuidar das questões legais da família Cortinas, o que é como um convite para um santuário particular. Ela estava tão orgulhosa. Eu trabalho em Washington DC, e a única pessoa que já vi mais feliz com uma promoção foi um amigo meu que ganhou uma credencial de imprensa para a Casa Branca.

O irmão sorriu com nostalgia diante da lembrança, e sorri com ele, mas era a primeira vez que eu ouvia falar sobre Tyla fazer parte do “santuário particular” da família Cortinas. Isso lançava um pouco mais de luz na mensagem de voz deixada por ela.

— Vão em frente e sentem — indicou ele. — Vamos começar logo.

O rapaz se afastou. Atravessei o corredor com Carmen. Havia mais fotos, todas separadas umas das outras por um impressionante arranjo de flores. Passamos por um arranjo de rosas magnífico a caminho de um fileira de assentos vaga. Era, de longe, o maior do salão, e fui ver de quem era o cartão.

“Nossos mais profundos sentimentos, família Cortinas.”

Sem dúvida era condizente com o que o irmão de Tyla tinha acabado de me contar. Encontramos lugares para sentar naquela fileira, e dei uma olhada no folheto sobre a cadeira. Outra imagem de Tyla adornava a capa, mas fui direto ver a lista de discursos fúnebres. Brian Belter seria o primeiro a fazer uma eulogia. Eu estava prestes a apontar o nome dele para Carmen, mas Maggie Green tinha estrategicamente se sentado ao lado dela e atraído sua atenção. Eu não conhecia Green muito bem, mas a agente Santos tinha me dito que a ex-promotora federal tinha participado da reunião que ela e Rid tiveram na BB&L.

Green estava pegando pesado com Carmen.

— Não é o momento adequado, mas preciso dar um retorno sobre a busca nos arquivos do computador e nos e-mails de Tyla na firma. Recebi um mandado hoje do FBI e gostaria de coordenar isso tanto com o seu escritório quanto com a agência federal — disse.

— Maggie, você tem toda razão — disparou Carmen. — Não é o momento adequado. Mas estou à disposição.

Um jovem advogado apareceu, mais do que servil, sem dúvida em seu primeiro ou segundo ano no escritório, com pouco mais status do que de um mensageiro.

— Desculpe interromper, dra. Green.

Ela pareceu incomodada.

— O que foi?

— Parece que a senhora vai ter que fazer o discurso.

— O quê?

— O dr. Belter não pode comparecer esta noite.

Carmen olhou na minha direção. A ausência súbita era intrigante, mas minha chefe manteve a fachada.

— Oh, não. Brian está doente?

— Teve que sair da cidade — respondeu o jovem. — Inesperadamente.

— Entendo. Essas coisas acontecem — comentou Carmen.

Green apertou a mão da promotora e agradeceu.

— Entrarei em contato.

— Vou esperar sua ligação — respondeu Carmen.

Green e o advogado da BB&L saíram, e Carmen e eu voltamos para nossos assentos.

— Duvido que ele tenha saído da cidade — sussurrou ela por entre os dentes. — Covarde.

— Do pior tipo — concordei.

— Mas continuo feliz que a gente tenha vindo — emendou ela.

Eu estava pensando nas palavras do irmão de Tyla, curioso com o que ela podia ter descoberto nesse “santuário particular” e me perguntando o que o “Michael Phelps do corte de cana” me diria quando eu fosse atrás da pista de Ed Brumbel.

— Eu também.

CAPÍTULO VINTE E UM

A agente Santos compareceu ao velório de Tyla, mas ninguém nunca saberia. Era como ela queria. O disfarce não era elaborado, e com certeza não parecia em nada com o que uma agente usaria para uma operação secreta. Mas a peruca loira, o chapéu que combinava com o serviço fúnebre e a discrição foram suficientes para impedir qualquer um de reconhecê-la. Até Abe Beckham tinha passado direto. Andar pelo salão, sem que ninguém soubesse que ela era uma agente do FBI, era uma forma excelente de captar comentários soltos que de outra maneira não seriam compartilhados com as autoridades — alguma verdade não embelezada sobre Tyla ou sobre alguém que ela conhecia que pudesse ajudar a pegar um serial killer. Podia ser um amigo manifestando suas suspeitas sobre um ex-namorado dela. Ou talvez um parente se perguntando em voz alta sobre um primo que gostava um pouco demais de Tyla.

Pelas estimativas de Victoria, a cerimônia tinha atraído quase setecentas pessoas. Era de se esperar, considerando a morte trágica de uma mulher tão jovem e bem-sucedida, sócia de um escritório de advocacia de prestígio, morta de um jeito tão absurdo. Em algum momento Victoria tinha olhado para todos eles. A maior parte das pessoas era da BB&L ou de outros escritórios de advocacia importantes, muitos estavam tristes ou até tomados pela dor.

Alguns estavam ali puramente por obrigação profissional, assinando o livro de presença, oferecendo condolências para a família e saindo antes das eulogias. Um terceiro grupo não tinha nada a ver com a vida de Tyla na BB&L. Convidados mais velhos consolavam os pais dela, sentados no sofá para descansar os pés inchados. Outros estavam presentes por causa dos dois irmãos mais velhos de Tyla. Outros, ainda, mal conheciam qualquer um dos presentes, não estavam falando com ninguém,

talvez velhos amigos dos tempos de escola ou do bairro onde ela tinha crescido, e que perderam contato com ela anos antes, mas sentindo a perda mesmo assim.

O interesse de Victoria não estava em nenhum deles, mas não porque não se importasse. Ela procurava um lobo solitário em meio à multidão. Por causa de sua experiência, tanto em Quantico quando no trabalho de campo, ela sabia que, em se tratando de serial killers, os estereótipos eram, muitas vezes, verdadeiros. Voltar para a cena do crime aumentava a excitação, ajudava na caça, até mesmo comparecer ao funeral e visitar o túmulo da vítima poderia estimular o assassino. O velório das vítimas anteriores do Cortador tinham sido bem pequenos, e teria sido arriscado demais para um estranho aparecer do nada. O caso de Tyla era bem diferente. Se fizesse parte de seu perfil psicológico, o Cortador faria uma aparição.

Victoria se afastou da multidão e encontrou um canto atrás de um arranjo de margaridas e crisântemos brancos, onde fez contato com a polícia local, que estava monitorando o estacionamento. Ela não estava usando um microfone, mas mandar uma mensagem de texto era uma maneira menos óbvia de se comunicar com um policial uniformizado naquela situação.

Alguma coisa?, escreveu ela.

A resposta chegou em menos de um minuto: *Fique de olho no sujeito de terno azul barato e tênis All Star. Parece um pouco suspeito.*

Victoria já tinha reparado nele. Era o chefe um pouco excêntrico do departamento de litígio comercial da BB&L, um dos advogados mais bem-cotados dos Estados Unidos, conhecido por aparecer no tribunal usando ternos amarrotados e tênis. Fazia parte de seu apelo com o júri.

Eu conheço. Não é um suspeito, respondeu ela.

A família se sentou na primeira fileira. A maior parte dos presentes tinha se acomodado, e os retardatários estavam ocupando os poucos assentos restantes. A única opção era ficar de pé, e Victoria deu uma última volta pelo salão, fingindo procurar um lugar para sentar perto de alguém conhecido, procurando um assassino que ela estava louca para conhecer. Sua busca a levou para o fundo da sala. Nenhum suspeito. Ela entrou no lobby e conferiu as mensagens dos policiais. Nada. As portas estavam fechadas, e a agente era a única pessoa ali quando o alto-falante no teto vibrou com a voz de um pastor.

—Que o Senhor esteja convosco — disse ele com a voz solene.

Victoria rezou com eles, ainda que da sala ao lado, mas saiu antes da primeira eulogia. A temperatura tinha caído desde o entardecer, e o ar fresco da noite era reconfortante. A área ao redor da funerária parecia mais residencial do que comercial, e muitos dos comércios das adjacências ficavam em terrenos grandes, que

costumavam ser residências familiares. Era uma noite sem lua, e a densa cobertura de carvalhos de galhos largos e os muitos flamboyants transformavam o bairro em uma floresta suburbana e escura. Havia centenas de carros estacionados enfileirados na rua, mas a polícia estava redirecionando o trânsito para as ruas perpendiculares dos dois lados, então tudo estava totalmente tranquilo. Assustadoramente tranquilo.

Victoria parou na varanda e olhou para a escuridão, absorvendo tudo. Um casal jovem veio correndo pela calçada, obviamente atrasado. Ela abriu a porta e os deixou passar. Além da viatura que monitorava o terreno principal, havia muito pouca coisa em que prestar atenção. Um ou outro movimento nas folhas por causa da brisa. Um coro de grilos ao longe. E um pequeno ponto laranja brilhante no estacionamento lotado do outro lado da rua.

O que era aquilo?

Victoria apertou os olhos, tentando enxergar melhor. O ponto laranja ainda estava lá, mas parecia ter se movido muito de leve. Alguém estava fumando.

Jeffrey Dahmer era um fumante compulsivo. Assim como muitos dos outros serial killers que ela tinha estudado e analisado.

Ela mandou uma mensagem para um dos policiais ali fora, alertando para que ele fosse ver o ponto laranja, mas, antes que pudesse apertar o botão *enviar*, o ponto laranja desapareceu.

— Merda!

Victoria desceu os degraus às pressas e correu direto para o policial no estacionamento. Ninguém queria um escândalo no velório de Tyla, mas ela precisava confiar em seus instintos. Muitas viaturas estavam na área para controlar o trânsito, mas ela não tinha ouvido nenhum motor dando a partida nem faróis se acendendo depois que o cigarro foi apagado. Ela pegou o rádio do policial e mandou o melhor alerta que conseguiu articular.

— Interceptar a figura a pé saindo do estacionamento da Seaver. Ainda não temos a identidade. Com certeza é fumante, então pode estar cheirando a cigarro ou estar portando um maço.

— Um fumante? — perguntou o guarda ao lado dela. — É tudo o que você sabe?

— É tudo o que vamos saber se você não ajudar. Vá!

Victoria ficou com o rádio dele, empunhou sua própria arma e atravessou a rua correndo até o estacionamento. O policial foi para a esquerda, se aproximando por outra entrada. Uma das viaturas de trânsito parou, as luzes piscando. Dois policiais desembarcaram. Um acendeu a lanterna e percorreu o estacionamento, enquanto o outro procurou entre as fileiras de veículos, arma empunhada. Em um

mar de carros, a polícia era o único sinal de movimento. Um deles deu a volta até Victoria e perguntou:

— O que você viu, exatamente?

— Alguém fumando um cigarro, parado por ali. Observando.

O policial tinha um pouco de experiência e pareceu entender o significado de um homem parado no escuro observando o funeral de uma jovem do outro lado da rua. Ele acionou o rádio e reiterou a mensagem anterior.

Victoria respirou fundo, grata pelo reforço do policial, mas ciente de que a janela de oportunidade estava se fechando. O ponto laranja tinha desaparecido, assim como o fumante. Não havia muito a fazer. Naquele momento, a menos que o sujeito fosse burro o bastante para ser pego correndo pela rua com um cigarro aceso na mão, era improvável que nenhum controle do perímetro na vizinhança pudesse ajudar.

— Veja isso — chamou outro policial.

Ele estava apoiado em um joelho, a lanterna iluminando um trecho preto de asfalto atrás de um carro estacionado. Cinzas não forneceriam DNA da saliva nem nada com que ela pudesse trabalhar. Mas havia esperança.

— Procure bitucas de cigarro, em tudo, no estacionamento inteiro. — Victoria levantou, olhando do outro lado da rua na direção da funerária lotada. — Um erro. É tudo o que precisa acontecer. E vamos encontrar esse sujeito.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Brian Belter olhou pela janela do helicóptero, o Atlântico negro lá embaixo, o sul da Gold Coast da Flórida no horizonte à oeste, um borrão contínuo de luzes de Miami até Palm Beach.

Belter estava em seu assento de couro na cabine de um Eurocopter EC225 Super Puma. Era o mais rápido dos helicópteros usados pelos advogados da Açúcar Cortinas, grande o bastante para transportar uma equipe de julgamento inteira em uma velocidade de 270 quilômetros por hora acima do engarrafamento do sul da Flórida. Naquela noite, eram só Belter e uma advogada associada de confiança, os únicos membros da BB&L que não estavam participando do velório de Tyla, naquela espaçosa cabine, mesmo que Belter tivesse toda intenção de fazer sua eulogia. Ele tinha trabalhado no rascunho por horas, escolhendo as palavras certas, estabelecendo o tom ideal, tocando as emoções com precisão. Claro que ele a tinha mostrado para Alberto Cortinas com bastante antecedência.

— Bom — comentou Cortinas. — Peça para outra pessoa ler.

— Por quê?

— Preciso de você na República Dominicana hoje à noite. Pegue o helicóptero até Palm Beach. O jato sai de La Romana às sete horas.

Tinha sido o fim da conversa. Brian Belter ia perder o velório de Tyla Tomkins, o que não era grande coisa num cenário mais amplo. Belter tinha perdido incontáveis funerais e casamentos ao longo dos anos, incluindo a festa de aniversário de quarenta anos de sua esposa, a festa de aniversário de 55 anos que a esposa planejou para ele, o nascimento dos dois filhos, a despedida de sua mãe no leito de morte e também o velório dela. Tudo por um bom motivo.

Porque Alberto Cortinas precisava dele.

O helicóptero pousou gentilmente no heliponto do Aeroporto Internacional do Condado de Palm Beach. A colega de Belter lhe entregou o telefone do outro lado do corredor. O piloto estava desligando o Eurocopter, e o rugido dos dois motores logo foi cortado pela metade, tornando o uso de fones de ouvido desnecessário, assim como levantar a voz para conversar.

— O sr. Cortinas está na linha — disse a advogada.

Belter aceitou a ligação. Percebeu imediatamente que Cortinas não estava feliz.

— Acabei de ver um e-mail de Maggie Green — disse Cortinas. — Que diabos é essa história de mandado?

Belter sinalizou para a associada mais nova que precisava ficar sozinho. Um assento ejetor não a teria tirado da cabine mais rápido.

— O mandado era inevitável — disse ele ao celular.

— A morte também é, o que não a torna agradável. Que direito o governo tem de vasculhar os e-mails e os arquivos do computador de Tyla no seu escritório?

— Tyla foi vítima de homicídio. O FBI está coordenando a investigação. Eles estão sendo minuciosos.

— Besteira. O FBI está atacando com um mandado antes que o promotor esteja de acordo, e eu sei exatamente do que se trata. São as sombras do governo Clinton, quando aquele promotor em Miami processou o estado da Flórida por não impor sobre nós as regulamentações ambientais. Nunca esqueça essa história, Brian. Os agentes federais estão loucos para fazer acusações criminais contra empresas de açúcar desde que a acusação de trabalho escravo foi excluída em julgamento em 1941. Estão usando o assassinato de Tyla como desculpa para sair à caça e trazer à tona o que conseguirem encontrar. Francamente, é provável que exista bastante coisa para eles fincarem os dentes nos arquivos de Tyla. E você sabe exatamente do que estou falando.

Belter sabia.

— Vamos garantir que isso não aconteça.

— Como?

— Maggie está cuidando disso — respondeu Belter. — Nossa alegação será a de que tudo está protegido pela confidencialidade entre advogado e cliente. O governo não pode ter acesso.

— Isso é fraco — disse Cortinas, desdenhando. — Não basta dizer que eles não podem ter acesso. Antes mesmo de entrarmos nessa briga, precisamos saber exatamente o que tem ali. Não quero mais nenhuma surpresa, como seu número aparecendo no celular pré-pago de Tyla.

A simples menção a isso fez Belter se encolher.

— Pode deixar.

— Vou mandar uns dois sujeitos de TI meus para verificar o computador de Tyla.

— Quando?

— Hoje à noite.

Belter olhou pela janela, na direção do jato corporativo na pista.

— O helicóptero acabou de pousar. Estou prestes a embarcar para La Romana.

— Eu sei. Infelizmente, você foi chamado por causa de um trabalho fora do país e não pode supervisionar a tarefa. Claro, seria uma pena se alguns arquivos ou e-mails de Tyla fossem deletados por acidente, mas eu confio que esses homens vão fazer o melhor possível.

O motor do helicóptero foi totalmente desligado, e as pás da hélice ficaram em silêncio. Belter se mexeu, desconfortável, mas não disse nada.

— Brian, você está ouvindo o que estou dizendo?

Belter limpou a garganta e então falou com a voz firme.

— Precisamos tomar muito cuidado aqui. Dependendo de como a investigação se desenrolar, o tribunal pode exigir que um especialista independente examine nosso sistema e determine se algum dos arquivos de Tyla foi deletado depois da morte dela. Seria uma análise muito simples para qualquer especialista em informática. E seria algo muito difícil para o escritório explicar. Minha firma recebeu um mandado de apreensão. Existem penalidades criminais por prejudicar evidências.

— Não estou preocupado com isso.

— Precisa estar. Não estou falando só de multas corporativas e de um tapa na mão. Pode haver pena de prisão para qualquer um envolvido.

— Entendido. Mas a questão é esta Brian: eu não estou envolvido.

Belter ficou em silêncio.

— Não é mesmo, Brian?

Belter continuou sem responder.

— Brian, não ouvi você.

— É — disse ele, com a voz entrecortada.

— É, o quê?

— É exatamente isso. Você não está envolvido.

— Vou mandar o motorista buscar você quando o avião pousar em La Romana. Nos vemos em duas horas.

— Claro — respondeu Belter. — Nos vemos logo mais.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Fui jantar com Carmen depois do funeral. Ela escolheu o restaurante, um lugar da moda ao norte do centro, no distrito do design, chamado — dentre todos os nomes — Cana-de-açúcar.

Eu não tinha comido nada desde o almoço e estava morto de fome, mas minha cabeça estava cheia demais para apreciar a comida, que era servida em estilo de tapas.

Eu basicamente bebi enquanto Carmen tagarelava sobre pernas de rã crocantes da Flórida, purê de batata e molho verde, superado apenas pelo *confit* de pato com waffle. Mordisquei umas costelas glaceadas no mel entre as cervejas, e Carmen me fez parar depois de duas garrafas de alguma marca importada que era muito mais forte do que a típica cerveja americana. A última coisa que a promotoria do estado precisava era que um de seus promotores mais antigos fosse parado por dirigir embriagado.

Cheguei em casa antes das 11 horas. Angelina ainda estava fora. Eu estava cansado e queria ir deitar, mas me perguntei se meu direito à metade do colchão tinha sido temporariamente revogado. Peguei uma cerveja na geladeira, desabei no sofá diante da TV e zapeei por um tempo. A garrafa estava vazia quando a porta se abriu. Angelina estava sozinha, o que foi um alívio. Eu já estava suficientemente de castigo sem o envolvimento da mãe dela.

— Como está sua mãe?

— Bem.

De novo aquele palavrão. Angelina deixou as chaves no prato perto da porta e passou pela sala atrás de mim.

— Vamos passar o dia num spa amanhã, então é melhor você fazer planos.

Eu já tinha planos de voltar para Belle Glade.

— Beleza.

Ela parou.

— O que isso significa?

— O que o quê significa?

— “Beleza”? Quem fala com a própria esposa assim? Não sou um dos seus amigos. Com quem você passou o dia? JT?

Às vezes eu podia jurar que Angelina tinha percepção extrassensorial.

— Estamos voltando a falar do JT agora. Sério?

Um olhar de surpresa tomou conta dela, seguido de uma expressão que indicava que minha mulher sabia que estava no caminho certo.

— Você *foi* vê-lo, não foi?

— Eu fui levá-lo para visitar Luther na clínica de repouso.

Ela largou a bolsa na mesa de apoio, parou entre mim e a televisão e me olhou de frente.

— Podemos ter essa discussão agora. Minha mãe e eu tivemos uma conversa.

Oh, céus.

— Não revire os olhos, Abe.

— Não revirei.

Pelo menos, eu achava que não.

— Essa besteira do JT precisa parar. Estou cansada de você cuidar dele. Estou cansada de você voltar para onde costumava morar, cansada de você cuidar de Luther, cansada dessa família toda.

— Eu não posso cortar relações com eles.

— Por que não?

— Porque JT vai acabar morando embaixo da ponte de novo.

— Não é problema seu, Abe.

— Ele é meu cunhado.

— Ele me *assusta*, está bem?

— Você não precisa se assustar.

— Abe, ele me beijou na boca na nossa casa no último Dia de Ação de Graças.

— Já tivemos essa conversa, Angelina. JT não beijou você na boca. Eu vi a coisa toda. Ele foi beijar você no rosto, e você virou.

— Não foi assim que aconteceu.

— Foi *exatamente* assim que aconteceu.

— Abe, isso é o tipo de coisa de que as famílias não falam, elas aguentam e fingem que nada está errado. Até que um dia vai parar no noticiário porque algum

parente maluco apareceu na ceia de Natal com uma pistola semiautomática e atirou em todo mundo.

— Eu conversei com o psiquiatra do JT. Ele não é violento.

— Não quero correr o risco, ok? Dois dias atrás nós falamos em começar nossa família, se bem que, para ser sincera, a ideia de fazer sexo com você agora não esteja no topo da minha lista. Mas que seja. Nenhuma mãe em sã consciência ia querer JT perto de seu filho. Você precisa dizer que ele não é mais bem-vindo aqui.

Desviei os olhos, mas não consegui dizer que ela estava totalmente errada.

— Certo. JT não visita mais a nossa casa.

— Também não quero mais que você vá lá. Não quero que você tenha mais nada a ver com ele.

— Não é tão simples assim.

— Faça ser simples, Abe. Isso durou tempo demais. Tentei ser compreensiva e, por mais complicado e confuso que isso possa parecer, eu sinto muito, de verdade, que sua mulher tenha morrido. Sei que parece que eu me tornei uma chata, mas não aguento mais...

Meu foco foi parar além dela, na direção da imagem na tela. O volume estava baixo, mas a matéria principal do noticiário das 23 horas era o velório da “prestigiosa advogada de Miami Tyla Tomkins”. Angelina virou e acompanhou meus olhos até o televisor. O incômodo dela por eu ter desviado da nossa conversa logo se transformou em fúria. Ali, na tela, estava eu, ao lado da promotora pública, entrando na funerária. Angelina olhou para mim com incredulidade.

— Você foi ao velório daquela mulher?

— Carmen me pediu para acompanhá-la.

— E você não podia dizer “não”?

— Ela é minha chefe.

— Eu sou sua *esposa*. Você não tem nenhum respeito por mim?

— Você está exagerando as coisas.

Ela me lançou um olhar que eu nunca tinha visto antes. Eu não sabia ao certo se ela ir cair no choro ou ter um ataque de fúria.

— Saia, Abe.

— O quê?

Ela não estava gritando, mas estava prestes a começar. Angelina veio até mim, me agarrou pelo braço, me tirando do sofá.

— Saia. Vá ficar com JT.

— Angelina, por favor.

— Vá!

As lágrimas estavam começando a escorrer.

— Por favor, não...

Eu comecei a falar, mas ela estava me puxando na direção da porta e gritando.

— Vá, Abe! Suma daqui!

Angelina estava falando tão alto que fiquei com medo que os vizinhos escutassem, sem contar os policiais que estavam patrulhando nosso bairro desde quinta à noite e a chegada daquelas fotos minhas com Tyla.

— Saia!

Angelina me puxou até o outro lado da sala e escancarou a porta. Peguei minhas chaves, e ela literalmente me pôs para fora. A porta bateu.

Fiquei parado na entrada por um minuto, pensando se eu de fato deveria sair. Ouvi minha garrafa de cerveja vazia se estilhaçar contra a porta, um arremesso vindo direto do outro lado da sala, o que era confirmação suficiente.

Atravessei o gramado devagar até meu carro na garagem, entrei e dei a partida no motor. Eu não queria ir embora, mas não culpava Angelina. O volante era o alvo mais próximo disponível, e eu dei um soco tão forte que achei que tinha quebrado a mão.

— Idiota! — gritei, e isso não tinha nada a ver com minha mão latejando.

A luz da varanda se apagou, e a janela da frente ficou escura. O ponto final de Angelina. Manobrei na entrada e saí pela rua, sem saber direito aonde estava indo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Fui parar no apartamento do JT.

Meu cunhado definitivamente tinha seu lado ruim, mas uma coisa que podia ser considerada certeza era que, se algum dia você aparecesse na porta dele depois da meia-noite após discutir com sua esposa, nenhuma palavra disso ia aparecer no Facebook, Twitter ou em qualquer mídia social. Ele não participava de nada daquilo. Eu garanti que não tinha nada de errado, mas mesmo alguém tão autocentrado quando JT podia ver as linhas de preocupação no meu rosto.

— Você e a Angelina tiveram uma briga?

— Não.

— Foi por minha causa.

Todo mundo com exceção de mim tinha percepção extrassensorial, e eu estava ficando cansado disso.

— Só preciso de um lugar para dormir.

O interrogatório continuou, e finalmente minha única saída foi fechar os olhos e fingir que tinha dormido no sofá. JT dormia até tarde por causa do remédio, e fiz questão de sair na manhã seguinte bem antes de ele acordar.

Belle Glade ficava ao norte, a uma hora e meia de carro, e eu não precisava passar em casa para fazer minha higiene pessoal. Sem querer provar que a teoria de Angelina estava certa, mas “emergências” em que eu passava a noite no apartamento de JT tinham se tornado tão comuns que eu deixava roupas limpas e uma escova de dentes lá. Cheguei ao escritório da Farm Aid às nove e meia. Ed me levou de lá. Depois de uma semana tão horrível, eu devia estar desesperado por algum tipo de alívio cômico, porque achei a coisa mais engraçada do mundo o fato de Ed ter uma Kombi e não conseguir parar de rir.

—O que você achou tão engraçado?

Consegui me controlar.

—Nada, Salsicha.

E comecei a rir de novo.

Seguimos rumo ao oeste da cidade de Belle Glade por uns dez minutos, até precisarmos parar em uma cruzamento bem no meio de uma área coberta de pés de cana. Uma fila interminável de vagões de carga passou pelos meus olhos, quase transbordando de pés de cana recém-cortados a caminho da moenda.

—Seiscentas mil toneladas de cana a cada temporada de corte — comentou Ed. —E isso só da Cortinas.

—Quanto açúcar se produz com isso?

—Um monte. E com os subsídios do Tio Sam, eles vendem no atacado a um preço mínimo garantido de 22 centavos por meio quilo, comparado com os oito centavos pelo açúcar cultivado em outros países. A Açúcar Big cospe nos seus olhos, xinga sua mãe se você pronunciar as palavras “bem-estar corporativo”, mas, se você fizer as contas da indústria toda, o subsídio do açúcar coloca 2,5 bilhões de dólares extra nas costas dos consumidores americanos todo ano.

Ed tinha uma série de discursos contra a indústria do açúcar, cada um embalado separadamente e tão organizado quanto os tipos de adoçantes no balcão do café.

—Parece ser sua próxima ação — comentei.

—Nem me fale.

O fim do trem finalmente passou, e os faróis de alerta pararam de piscar. A velha Kombi sacolejou pelo cruzamento, mas os 15 quilômetros seguintes do outro lado dos trilhos pareciam iguais aos 15 anteriores. A família Cortinas possuía 12% de todas as terras no condado de Palm Beach, cerca de 155 mil acres, sem contar a propriedade de Alberto em estilo mediterrâneo de vinte milhões de dólares na ilha de Palm Beach. Fileiras organizadas de cana-de-açúcar brotavam do canteiro fértil de terra preta que o fluxo lento dos Everglades tinha depositado nos últimos cem mil anos, a maioria resultado da decomposição da vegetação de restinga. Ali, nas terras dos Cortinas, as águas não corriam mais, com exceção da estação de chuvas, quando o escoamento dos fosfatos e outros poluentes da região pantanosa aterrada chegava até as vias hídricas e os canais para se tornar problema dos outros.

Ed diminuiu a velocidade da Kombi, e paramos na acostamento de cascalho da estrada. Não parecia ser nenhum lugar especial, canaviais ao sul, a imagem espelhada ao norte.

—Chegamos — anunciou ele.

—Chegamos aonde?

Ed alcançou o porta-luvas, pegou um jornal amarelado e o passou para mim. Era a primeira página do *Palm Beach Post*, com data de 17 de janeiro de 1986.

“Deputado Estadual Morto em Acidente de Carro”, dizia a manchete logo abaixo da dobra. O primeiro parágrafo me explicou por que Ed tinha me trazido para esse local:

O deputado Marshall Conrad (D. Sebring) morreu em um acidente envolvendo um único carro vinte quilômetros a oeste de Belle Glade. Os vestígios chamuscados de seu veículo foram encontrados na manhã de quarta-feira em um canavial. O campo estava sendo submetido a uma queimada controlada na terça à noite em preparação para a colheita, e funcionários da empresa de açúcar Cortinas encontraram o carro na manhã seguinte. A polícia rodoviária da Flórida informou que não há indícios de testemunhas e que o acidente está sendo investigado.

Passei os olhos pelo resto da matéria, mas era, em grande parte, uma discussão sobre o histórico da vítima de conservadorismo fiscal como deputado estadual e seus planos para concorrer ao Congresso na eleição seguinte, que aconteceria no outono. Mais nada sobre o acidente.

—Então, o que aconteceu?

—Você acabou de ler.

Balancei a folha de jornal em minhas mãos.

—Isso não me diz praticamente nada.

Ed sorriu e balançou a cabeça.

—Bem-vindo ao mundo Cortinas de privacidade, poder e influência. Mais nenhum detalhe foi revelado ao público.

—Deve haver um relatório policial — eu disse.

—Lacrado.

—Relatório do médico legista?

—Lacrado.

—Arquivo da investigação?

—Lacrado.

—Por quê?

—Boa pergunta. Esse sujeito, Conrad, era um astro em ascensão na política da Flórida. Não era de grande ajuda nos Everglades, mas ele odiava a Açúcar Big por

uma questão puramente econômica. E estava se preparando para encampar uma campanha no Congresso que ia revelá-lo como o garoto da indústria do açúcar — uma marionete no Capitólio que enchia os bolsos da família Cortinas com subsídios artificiais do governo federal.

Foi então que entendi o discurso do bem-estar corporativo enquanto víamos o trem passar.

— Então você está falando sério? Não existe nada publicado sobre *como* isso aconteceu?

— Nada.

Olhei para a manchete mais uma vez, reparando no ano.

— Mil novecentos e oitenta e seis.

— O mesmo ano em que Vernon Gallagher encerrou sua carreira como cortador de cana.

— Então, você está pensando... no quê?

— Ah, eu não sei — respondeu Ed, brincando. — Um astro em ascensão na política da Flórida morre em um acidente terrível num canavial dos Cortinas antes de poder desafiar o principal apoiador da indústria do açúcar no Congresso. E em questão de meses o Michael Phelps do corte de cana pendura o facão. Coincidência? Ou não?

Entendi o que ele estava falando.

— A implicação sendo que Vernon Gallagher estava no canavial e sabe tudo sobre o acidente.

— Pois é — disse Ed. — Como, talvez, que o acidente não foi um acidente.

— Um homicídio — eu emendei — que não prescreve.

— Que Tyla Tomkins teria razão de levar ao seu conhecimento todos estes anos depois.

Olhei pela janela do passageiro, na direção do denso campo de pés de cana, e voltei para Ed.

— Estamos nos antecipando aqui.

— É, eu sei.

Ed deu a partida de novo.

— A boa notícia é que a próxima viagem deve ser muito mais interessante.

— Próxima viagem? — perguntou ele.

— Para a Jamaica.

— Excelente. Você vai para a Jamaica.

— Não, *nós* vamos — corrigi. — Está na hora de termos uma conversa com Vernon Gallagher.

Liguei para Angelina na viagem de volta do condado de Palm Beach. Ela não atendeu, e decidi não deixar mensagem. Fazia pouco mais de 12 horas que ela tinha me colocado para fora de casa. Se não estava pronta para conversar, forçar as coisas não iria ajudar.

Eu estava percorrendo a rodovia pedagiada, ao sul no mundo da cana, mas meus pensamentos voltavam para a família Cortinas. Eu estava tentando não me adiantar com a teoria de Ed sobre 1986. Afinal, ele era um guerreiro de rabo de cavalo que tinha travado uma batalha legal de 12 anos contra a indústria do açúcar, sem nenhum espólio além de um escritório cheio de caixas e 10 mil jamaicanos sem trabalho. Mas um bate e volta até Kingston não era um investimento enorme da minha parte, e se de fato conseguíssemos encontrar Vernon Gallagher, o retorno seria gigante, e não só do ponto de vista do cumprimento da lei. Se os telefonemas de Tyla para mim de fato provassem ser uma pista genuína de um crime, isso talvez amolecasse a raiva de Angelina sobre minha decisão de comparecer ao velório com Carmen. Claro, ainda havia as fotos do jantar em Orlando. Em relação a elas, eu simplesmente teria de implorar pelo perdão da minha mulher.

Flores? Mas não um buquê. Eu podia mandar uma rosa de caule longo por vez. Quando fomos morar juntos da primeira vez, eu disse a Angelina para escolher seu lado do closet, selecionar as gavetas que queria e marcar a área “só da Angelina” do quarto. Depois que ela foi dormir, levantei e coloquei uma única rosa em cada gaveta, cada armário e cada espaço escolhidos, para que ela as encontrasse ao acordar. Nenhum dos dois foi trabalhar naquela manhã. Isso traria uma boa lembrança. Não traria?

Então, me ocorreu que mais uma vez eu estava recorrendo ao período pré-Samantha de Abe e Angelina.

Meu celular tocou pelo Bluetooth. Olhei a tela no painel, que me alertou de dois fatos: eu estava indo a mais de 130 quilômetros por hora, e que o código de área da ligação era de Nova York. Minha esperança era que Angelina estivesse me ligando do celular da mãe. Reduzi a velocidade e atendi pelo viva voz. Era minha sogra.

— Abe, você sabe onde Angelina está?

Era uma pergunta estranha — não porque eu não sabia a resposta, mas porque as duas deviam estar num spa juntas.

— Não, passei o dia em Palm Beach.

— Quando foi a última vez que você a viu?

O estranhamento estava dando lugar a uma certa urgência na voz dela.

— Está tudo bem?

— Está. Não. Quero dizer... não sei. Quando foi a última vez que você a viu?

— Pouco antes de meia-noite. Passei a noite no apartamento do JT. Margaret, o que está acontecendo?

— Angelina deveria vir me encontrar no hotel duas horas atrás. Ela não apareceu e estou ligando para o celular dela, mas ninguém atende.

— Eu também tentei ligar — eu disse. — Alguém passou na nossa casa?

— Passou. Estou parada na porta neste momento. Por isso estou tão preocupada. O carro dela está aqui, mas ninguém atende a porta.

Era cedo para ser um caso de desaparecimento pelo protocolo normal, mas as fotos que ela tinha recebido — possivelmente de um serial killer — mudavam tudo.

— Margaret, quero que você fique calma, pode ser? Tem viaturas extras patrulhando a nossa área desde quinta à noite.

— Oh, meu Deus, Abe. O que está acontecendo?

— A ajuda já está chegando — eu disse. — Vou desligar e chamar a emergência agora.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Eu me senti um operador de painel de controle na viagem de volta, discando números, atendendo chamadas, dando retornos.

Meu primeiro telefonema foi para Carmen, que atendeu de imediato, e depois para Rid. Dois minutos depois, Carmen me ligou de volta para me avisar que os dois primeiros policiais a atender a chamada entraram à força em casa. A boa notícia é que a polícia não tinha encontrado Angelina ferida nem nada pior.

— O preocupante é que ninguém sabe onde ela está — disse Carmen.

— E os policiais patrulhando nosso bairro? Algum deles a viu entrar ou sair de casa?

— Não.

Eu me lembrei de quando estava voltando para casa quinta à noite, quando vi o guarda sentado em sua viatura, mandando mensagens pelo celular.

— O carro de Angelina continua na entrada?

— Sim. É uma das partes confusas.

— Ela corre. Alguém a viu sair para correr hoje de manhã?

— Não, Abe. Mas estão falando com os vizinhos neste momento.

Concordamos que o FBI deveria ser envolvido. Santos tinha deixado sua marca na agência como pioneira do que na época era conhecida como Unidade de Sequestros Infantis e Serial Killers. Apesar da tensão recente entre Santos e eu, parecia ter sido providência divina que ela estivesse à nossa disposição. Mesmo assim, minha ligação seguinte foi para Rid, que me colocou em conference call com outro tenente da polícia de Miami-Dade que estava supervisionando a investigação, cujo centro era minha casa. Compartilhei tudo o que considere importante que eles soubessem sobre os hábitos, os lugares preferidos e os amigos de Angelina. Explicar por que eu não

estava em casa com minha esposa na noite anterior tinha sido constrangedor, mas eu precisava fazer todo mundo superar isso.

— Vocês precisam continuar procurando pelo bairro, checando o celular dela, o iPad. Deve haver alguma coisa.

— Estamos cuidado disso — disse Rid.

Eu queria estar lá, mas confiava totalmente que Rid estivesse de fato “cuidando disso”. Eu sabia que cada vizinho do bairro seria entrevistado, cada pronto-socorro do condado, contatado, e que tudo, do celular à conta do Facebook de Angelina, seria checado e monitorado. Qualquer atividade em seus cartões de crédito seria um alerta imediato. Mas eu precisava fazer alguma coisa. Eu tinha apenas uma lista mental das amigas e dos colegas de trabalho de Angelina. Ligar para o serviço de informação era algo que eu podia fazer do carro, e telefonei para qualquer pessoa em que conseguisse pensar. Alguns eram bons amigos, nos quais eu podia confiar que agiriam com responsabilidade. Mas alguns nomes que me vieram à mente eram conhecidos, ex-amigos e colegas de trabalho que eu não conhecia. Provavelmente surgiriam fofocas, rumores de que Angelina estava envolvida com um antigo namorado e ia acabar aparecendo. Não era o momento de me preocupar com o que os outros pudessem pensar. Até certo ponto. Modulei a mensagem com pessoas que eu não conhecia bem, procurando o equilíbrio ideal entre urgência sem alimentar a rede de fofocas maldosas.

— Você falou com Angelina hoje?

— Não. Alguma coisa errada, Abe?

— Não sei. Estamos com medo que ela tenha se envolvido em um acidente ou algo assim.

Eu sabia que era mentira, mesmo antes de chegar correndo à nossa rua e ver o carro dela ainda na nossa entrada. Eu tinha passado por três ruas em que a preferência não era minha e dois faróis vermelhos ao sair da rodovia. No relevo rebaixado e coberto de grama do lado de fora de casa, havia diversas viaturas estacionadas ao lado da unidade de investigação de local do crime da polícia de Miami-Dade. Meu carro derrapou até parar atrás das luzes piscantes. Nossa porta da frente estava escancarada, e considerei um bom sinal que não houvesse nenhuma ambulância nem van do médico legista na cena, confirmando as informações anteriores de que não havia nenhum corpo. Mesmo assim, não é preciso ser da polícia para reconhecer um cachorro farejador de cadáveres e a unidade canina no local.

— Deus, por favor, por favor — implorei em voz baixa quando saltei do carro.

Meu coração estava acelerado, e corri pela calçada, parando na fita amarela na entrada. Santos estava em pé na sala, do outro lado da fita, observando um dos

outros investigadores.

— Alguém teve notícias de Angelina? — perguntei, sem fôlego.

Do carro, eu tinha tentando ligar para o celular da minha mulher várias vezes, sem sucesso. Santos deu um passo e parou, deixando uns bons três metros de distância em relação à porta.

— Não — respondeu ela.

— Onde está a mãe dela?

— Um dos policiais a levou de volta para o hotel. Queríamos que ela ficasse perto do telefone caso Angelina ligue para o quarto.

Fazia sentido. Olhei pelo batente e notei outro investigador, de quatro, com um feixe de luz, vasculhando o carpete entre o sofá e a porta da frente.

A garrafa de cerveja quebrada. Eu tinha me esquecido dela quando falei com Rid e outro tenente, e não fiz menção ao acontecido.

— Posso explicar.

— Que bom, mas não entre. Já estou saindo. Ah, aproveitando, você pode me passar a chave do seu carro?

— Para quê?

— Preciso que um dos investigadores vasculhe seu carro. Procedimento padrão. Você não se importa, não é?

Se não tivesse vindo à tona imediatamente depois da garrafa quebrada, eu provavelmente teria me importado menos.

— Tudo bem.

Joguei a chave para ela.

Santos foi até a cozinha, saiu pela porta dos fundos, e, na varanda, fiquei esperando ela dar a volta na casa. Meu nível de ansiedade já estava alto, mas a ideia de ter de explicar uma garrafa de cerveja quebrada fez meu estresse disparar com um foguete. Posso ter parecido um pouco defensivo, mas eu queria falar da garrafa imediatamente. Desci da varanda e encontrei Santos no meio do caminho do nosso jardim.

— Aquela garrafa quebrada não veio de um invasor — expliquei.

— Como você sabe?

— É minha.

A expressão dela me atravessou como uma faca.

— É uma tradição na sua casa? Angelina quebra taças de vinho, você quebra garrafas de cerveja?

Meu queixo caiu. Eu tinha me esquecido da taça de vinho que Santos encontrou perto das fotos.

—Sei que isso deve estar parecendo bem ruim — eu disse.

Santos continuou impassível, sem reagir.

— Não somos um casal violento — expliquei. — Atirar garrafas pela sala não é o que nós fazemos. É importante você saber disso.

— Quer me contar o que aconteceu?

— Angelina voltou para casa por volta de 11 ontem à noite. Eu estava no sofá, quase dormindo. De alguma forma, começamos a discutir por causa do JT.

— O que tem o JT?

— Cuidar dele. É mais uma embate e uma discordância constante do que uma discussão. O que de fato a fez perder a cabeça foi quando descobriu que eu tinha ido ao velório de Tyla.

— Você não contou para ela que ia?

O tom de Santos estava muito mais calmo do que o de Angelina, mas soou pior vindo de uma agente do FBI.

— Não. Carmen me pediu para ir com ela, e decidi no último instante.

— Então você contou para Angelina quando ela chegou em casa?

— Bom, na verdade, ela viu Carmen e eu na TV.

— Então você não *pretendia* contar para sua mulher?

— Não, não é verdade.

— Mas ela obviamente acha que você dormiu com Tyla.

— Também não é o caso — expliquei. — Na verdade, é o oposto. Angelina me disse...

— O que ela disse?

— Na noite em que as fotos chegaram, ela me disse que acreditava que nada tinha acontecido entre mim e Tyla. Mas, agora, com você falando, e vendo como ela reagiu, talvez tenha sido a conclusão dela ao saber da minha decisão de ir ao velório. Ela perdeu a paciência, me colocou para fora e bateu a porta. Eu estava do lado de fora, na varanda, quando ouvi a garrafa se quebrar.

— Ela bateu em você em algum momento?

— Não.

— Você bateu nela?

— Claro que não.

— Ela ameaçou você?

— Não exatamente.

— Você a ameaçou?

— De jeito nenhum.

— Ela empurrou você?

Essa pergunta era mais difícil.

— Eu não diria que ela me empurrou. Angelina me pegou pelo braço, meio que me levando na direção da porta.

— Você tentou se desvencilhar?

— Nem um pouco. Escute, podemos parar de fazer essa investigação de violência doméstica, por favor? Nós sabemos que um serial killer estava parado na minha porta dois dias atrás, deixando uma foto coberta de cinzas de sua última vítima, e agora minha esposa está desaparecida.

— Não estou convencida de que as fotos vieram do Cortador.

— Mas está convencida de que Angelina e eu estávamos atirando garrafas de cerveja e taças de vinho um no outro, não é?

— Eu vi o vidro quebrado. No caso do Cortador, ainda estou para ver uma vítima branca que não estava namorando um negro.

— Eu era casado com uma negra. Quem sabe como a mente desse assassino funciona? E, de todo jeito, o paradigma de mulher branca/homem negro não é à prova de falhas. Tyla era negra.

— Não está confirmado que Tyla foi uma das vítimas do Cortador.

Minha cabeça estava começando a girar.

— Certo, sem querer desrespeitar Tyla ou qualquer uma das vítimas, mas que diabos está acontecendo aqui? O tempo está passando, e tudo o que fizemos até agora foi falar sobre uma garrafa de cerveja quebrada e sobre as nuances psicológicas do perfil do Cortador. Você foi a primeira pessoa a quem Carmen e eu concordamos em recorrer quando Angelina desapareceu porque achamos que o FBI iria acelerar a busca imediatamente. Você está com a gente, ou não?

Ela estava prestes a dizer alguma coisa, mas uma das investigadoras apareceu e interrompeu.

— Agente Santos, você pode entrar um instante?

Reconheci essa investigadora. No começo da minha carreira, eu havia sido o promotor encarregado de um caso com ela.

— Mirna, você está trabalhando com homicídios e pessoas desaparecidas agora?

— Não — respondeu ela. — Ainda estou no setor de violência doméstica.

— Eu recomendei o envolvimento de diversas unidades — explicou Santos. — Estamos cobrindo todas as bases.

Eu estava vendo qual era a primeira dessas bases.

— Com licença — disse Santos.

Não estava claro se eu tinha sido convidado para ir com ela, mas minha esposa estava desaparecida, aquela era nossa casa, e eu não estava gostando de como aquilo estava se desenrolando. Atravessei a entrada atrás das duas. Passamos direto pelo meu carro. O porta-malas estava aberto, as portas também, o capô levantado. Pelo jeito, a investigação “padrão” envolvia tudo, exceto virar o carro de ponta-cabeça e chacoalhar tudo. Entramos na casa pela garagem e seguimos pelo hall até a sala. Outra investigadora da cena segurava um pequeno pedaço de vidro quebrado em uma bandeja de evidências, sua caneta iluminando a descoberta.

— Me parece ser sangue — disse ela.

Santos examinou o objeto mais de perto. Em seguida, virou a cabeça, e seus olhos se fixaram em mim.

— Parece ser sangue para mim também.

Fiquei gelado, mas, além de ser um marido preocupado, eu era um promotor que entendia como o sistema judiciário criminal funcionava. E me senti compelido a dizer alguma coisa em minha própria defesa.

— Talvez Angelina tenha se cortado tentando limpar o vidro quebrado. Sabe, depois que fui embora.

Santos assentiu, mas não porque tinha acreditado na minha explicação. Parecia mais a expressão da expectativa de que eu teria uma explicação.

— Vamos mandar para o laboratório. — A ordem dela foi para a investigadora, mas Santos estava com os olhos fixos em mim. — E vamos precisar de uma amostra da sua saliva, dr. Beckham. Precisamos determinar se esse sangue ou qualquer DNA que encontrarmos aqui pertence a um estranho.

Era um pedido comum em um caso de desaparecimento, mas o timing fazia parecer outra coisa.

— Sem problema — respondi.

Uma das técnicas estava com o kit a postos e veio direto para minha boca. Levou apenas alguns segundos. Olhei para Santos e perguntei:

— E agora?

— Quero continuar nossa discussão lá fora, com o envolvimento da detetive Reyes — respondeu ela, se referindo à investigadora de crimes de violência doméstica.

— Estamos perdendo muito tempo falando — eu disse.

— Como é?

— Sem querer ofender a equipe que você está montando, Santos. Investigações de crimes de violência doméstica têm seu lugar. Mas se você está tão determinada a transformar isto em algo que não é, tenho uma tonelada de coisas na minha lista de afazeres.

— Beckham...

Ela me parou quando cheguei ao corredor.

— Tem uma coisa que me parece muito curiosa — disse ela, dando um passo na minha direção.

— Curiosa?

Ela assentiu, me olhando nos olhos. Estávamos próximos, e ela falou baixo o suficiente para que ninguém mais escutasse.

— Agora que Angelina desapareceu, você está morrendo de medo de que o Cortador esteja vigiando sua vizinhança como o bicho-papão. Mas 14 horas atrás você deixou sua esposa nesta casa, sozinha. Como explica isso?

Não gostei da insinuação e pude sentir que ela estava me analisando, medindo minha reação, medindo meus batimentos criminológicos. Mas, pior do que isso, era um nível de culpa que eu não tinha certeza se seria capaz de processar.

— Que boas maneiras as suas, dra. Santos. É assim que você fala com todo marido cuja esposa desapareceu?

— Não — respondeu ela, apertando mais os olhos. — Só com alguns.

Tentei não me encolher, mas eu estava olhando nos olhos de uma profissional que tinha analisado mais cenas de crime do que eu veria na vida.

— Preciso encontrar minha esposa — respondi, e virei à esquerda pela garagem, evitando o vidro quebrado na porta da frente. Eu estava na metade do caminho até a saída quando outro investigador me parou.

— Antes de você sair, precisamos checar suas mãos para ver se há vestígios de pólvora. É procedimento padrão.

Olhei de volta para a casa. A agente Santos estava me observando pela janela.

— Claro que é — respondi.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Pedi o carro do vizinho emprestado — o meu ainda estava sendo analisado — e peguei a estrada.

Eu conhecia a maior parte dos lugares que Angelina frequentava — restaurantes, cafês, academia e lojas favoritas. Mapeei o circuito na minha cabeça, ticando cada local, um por um. Conversei com garçonetes, manicures, personal trainers e até clientes aleatórios que estavam nos locais por acaso quando cheguei. Levou duas horas. Nenhum sinal de Angelina, mas falei com a melhor amiga dela, Sloane, que prometeu organizar equipes para cobrir cada possibilidade, tanto no mundo virtual das mídias sociais quanto no mundo real de uma boa e velha busca. No fim da tarde, tínhamos vinte voluntários do lado de fora da minha casa. Também usei alguns contatos para mobilizar os canais de notícias locais.

— Como se pronuncia o nome da sua esposa mesmo? — a repórter perguntou.
— *An-ge-lai-na*, como em *North Carolina*?

Estávamos na calçada na frente da minha casa, a trinta segundos de entrar no ar. As viaturas ainda estavam estacionadas na entrada. Investigadores de cena do crime atravessando o jardim atrás de nós, entrando e saindo de casa. Uma fila de vans da mídia estava parada do outro lado da rua.

— Não, é Angeliina.

O câmara estava pronto. A repórter arrumou o cabelo pela décima quinta vez e sorriu.

— Mostre menos os dentes — instruiu o câmara. — A esposa do pobre coitado está desaparecida.

Eu estava começando a me sentir como se nem estivesse ali presente.

— Desculpe — disse ela, diminuindo o sorriso.

O câmara levantou os dedos...

— Três, dois, um... estamos no ar.

— Boa noite — disse a repórter, aproveitando a deixa da âncora no estúdio local. — Esta noite, as autoridades estão tentando ajudar um membro de seu time. Estou do lado de fora da casa de Abe e Angelina...

— *Liina* — corrigi. — *Angeliina*.

— Abe e Angelina Beckham — continuou ela — onde uma busca está em andamento...

A matéria toda durou trinta segundos. Com exceção da pronúncia errada, não me lembro de nada. Só rezei para terem conseguido colocar a foto certa na tela dos televisores por todo o sul da Flórida. Dei mais três entrevistas — *bang, bang, bang* — para outras redes afiliadas. Prometeram reprisar na transmissão das 11 da noite.

— Bom trabalho — disse Sloane.

Eu estava tão atordoado que nem notei que ela estava parada na calçada, vendo as entrevistas para a TV. Diversos outros amigos de Angelina estavam com Sloane, todos com sapatos confortáveis e lanterna na mão. Ainda restava um pouco de luz do sol, mas todos pareciam prontos para procurar a noite toda, se fosse necessário.

— Obrigado por vir — eu disse a ela.

E expressei a mesma gratidão para cada um dos amigos de Angelina, o que foi relativamente tranquilo, até uma delas fungar para engolir as lágrimas e me abraçar, dizendo:

— Eu sinto muito, Abe.

Agradei, ainda que fosse prematuro oferecer solidariedade e condolências, e ouvi os demais repreendendo-a depois que virei.

Os investigadores já tinham confirmado que os tênis de corrida de Angelina estavam no closet, mas ainda parecia valer a pena refazer o circuito de corrida dela. Talvez ela tivesse começado aquela loucura de correr descalça. Quem sabe? Procurar em *algum* lugar era melhor do que ficar parado. Eu não sabia por onde ela corria, mas Sloane soube levar a mim, a um grupo de voluntários e um dos guardas da polícia local por uma trilha do começo ao fim. Prendi a respiração umas duas vezes, mas o cheiro ruim era de uma embalagem de leite na valeta e dos restos de um texugo atropelado na via. Já estava ficando escuro quando terminamos. Eu precisava fazer uma pausa, mas outra onda de adrenalina tomou conta. Liguei para minha sogra no hotel e me ofereci para levar o jantar para ela.

— Vou pedir serviço de quarto — respondeu Margaret.

— Tem certeza?

— Tenho — disse ela, mas até a resposta de uma palavra saiu entrecortada. — Abe, estou com medo.

— Vai ficar tudo bem.

— O serial killer não estava no noticiário em Nova York, então não estou acompanhando a história. Mas parece que pode ser...

— Margaret, não pense nisso. Nós ainda não sabemos de nada.

— *Exatamente*. Não sabemos de *nada*. É por isso que estou tão preocupada. Eles mandaram um detetive para o hotel para coletar algumas informações sobre Angelina. Ele me disse que não há nenhuma atividade no celular dela desde ontem à noite, quando ela mandou uma mensagem para mim. É engraçado, mesmo depois que uma filha virou adulta e se casou, uma mãe se preocupa. Quando Angelina me deixou no hotel, pedi para ela me mandar uma mensagem quando chegasse para me avisar que estava em casa e em segurança. Foi o que ela fez. Ela me mandou uma mensagem que dizia... dizia "Estou em casa. Amo vc".

Ela estava começando a se descontrolar.

— Margaret, eu posso ir até aí.

— Não, não. Não é necessário. Mas eu não entendo isso. É como se Angelina tivesse desaparecido do mapa. A última pessoa a vê-la foi você, e isso faz 18 horas.

Última pessoa a vê-la. Santos disse a mesma coisa enquanto saía da casa comigo, até eu entrar no carro e sair para procurá-la.

— Vamos manter o contato — eu disse. — Vamos ligar um para o outro assim que soubermos de alguma coisa. Combinado?

— Certo, combinado. Jake vem de avião mais tarde. Ele vai ficar comigo aqui no hotel.

Jake era o pai de Angelina.

— Que bom.

— Joe e Sandy estão a caminho?

Meus pais. Eu tinha ligado mais cedo para dizer que não havia nada que eles pudessem fazer, o que era verdade. Os dois gostavam muito de Angelina, mas as coisas andavam estranhas entre nós desde Samantha, e não estou falando da morte dela. Meus pais eram educados demais para serem desagradáveis em relação à sua desaprovção e, de fato, tinham sorrido e se comportado no dia do casamento. O estopim só viria seis meses depois, quando Samantha e eu fomos visitá-los em Charlottesville e passamos a noite no quarto de hóspedes. Estava tudo bem até irmos embora. Tínhamos percorrido oito quilômetros de estrada quando me dei conta de que tinha esquecido meus óculos de sol. Voltei e descobri que minha mãe não só tinha

trocado a roupa da cama onde Samantha e eu tínhamos dormido, mas também jogado os lençóis no lixo. E não era porque tínhamos feito sexo neles.

— Ainda não — respondi. — Talvez eles venham mais tarde. — *Quando, no funeral? Que coisa mais idiota de dizer.* — Me avise se Jake precisar de uma carona do aeroporto.

— Ele se vira. Só continue fazendo o que você está fazendo. Vi uma matéria que você deu no noticiário. Foi...

A voz dela desapareceu. Eu podia ouvi-la engolindo as emoções.

— Margaret?

— Desculpe. Aquela entrevista que você deu para o canal de notícias foi uma boa ideia.

— Tem certeza de que não quer que eu fique aí até Jake chegar?

— Não, não é a melhor maneira de ocupar seu tempo. Além do mais, uma de suas amigas está vindo me ver. Não vou ficar sozinha.

— Uma das *minhas* amigas? Ou de Angelina?

— Sua. A agente Santos.

Foi como um banho de água fria, e odiei me sentir assim. O FBI *deveria* ser “amigo”.

— Foi isso que a agente Santos disse, que ela é minha amiga?

— Não tenho certeza. Talvez eu tenha presumido. O policial já tinha colhido meu depoimento, então imaginei que ela estivesse só sendo gentil e cuidando de mim. Por quê? Ela não é sua amiga?

Isso era complicado de explicar.

— Ela é boa pessoa.

— Você prefere que eu não fale com ela?

A última coisa de que eu precisava era minha sogra dizendo para o FBI que eu a tinha instruído a não falar com a agente que estava investigando o desaparecimento de Angelina.

— De jeito nenhum — respondi. — Só me conte como foi.

— Claro, eu aviso a você. Obrigada de novo, Abe. E pensamento positivo.

Prometi fazer isso, me despedi e desliguei.

“Pensamento positivo” era um bom conselho. A mídia estava envolvida. A comunidade tinha sido mobilizada. Durante toda a tarde eu estava recebendo ligações solidárias de policiais com quem eu tinha trabalhado ao longo dos anos, alguns aposentados havia muito tempo. Carmen colocou o escritório inteiro da promotoria à minha disposição. A repórter do *Eyewitness News* tinha dito uma coisa certa: as

autoridades estavam mobilizadas para ajudar “um membro de seu time”. Com uma exceção aparente. A agente Santos. E aquilo estava começando a me enlouquecer.

Eu precisava entender o que estava acontecendo.

Era sábado à noite, mas Carmen tinha me dito para ligar a qualquer hora. Recorri a ela. Minha chefe atendeu o celular, mas estava participando de um banquete no Four Seasons e estava a minutos de receber outro prêmio por serviços prestados à comunidade, desta vez da Ordem dos Advogados Cubanos Americanos. Ela prometeu passar em casa depois, o que instigou meu próximo movimento. Comecei a checar os investigadores da cena do crime. Eles pareciam estar encerrando suas atividades, mas aquilo estava demorando demais. Se a investigadora de crimes de violência doméstica não estava dirigindo o espetáculo, era, pelo menos, uma das produtoras executivas.

Eu estava pisando na varanda quando vi o carro de Rid parar na entrada. Ele desembarcou rápido, com uma expressão no rosto ao atravessar o gramado que me deixou preocupado. Fui até ele, encontrando-o no meio do caminho, meu coração acelerado.

— Está tudo bem — disse ele. — Não é a notícia ruim final que ninguém quer ouvir.

Meu nível de ansiedade diminuiu um pouco, mas continuava alto.

— Encontramos o celular de Angelina.

Parei de respirar.

— Onde?

— Na beira da estrada. Arranhado, riscos, o vidro está quebrado. Parece ter sido jogado de um carro em movimento.

Fiquei gelado. Eu conhecia as estatísticas, tinha participado das palestras da polícia. Nunca entre num carro. Nunca, jamais, sob hipótese alguma. Chute, grite, golpeie, se contorça, cuspa, arranhe — faça o que for preciso, mas não entre naquele carro. As chances de sobrevivência de uma mulher despençam.

— Que estrada? — perguntei.

— Calle Ocho — respondeu ele, e fez uma pausa. — Lado oeste. Logo antes de se tornar Tamiami Trail.

A estrada para os Everglades. Senti meus joelhos cederem.

— Santo Deus — foi tudo o que fui capaz de dizer.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Victoria estava no Ritz-Carlton conversando com a mãe de Angelina quando recebeu a ligação do detetive Riddel. Ela encerrou a conversa e foi direto para o local onde o celular foi recuperado. Seu conselho foi que Margaret esperasse no hotel.

A conversa estava evoluindo exatamente na direção que Victoria esperava. A última coisa que a mãe de uma filha desaparecida quer é acreditar que seu genro modelo é de alguma forma responsável.

Era provável que perguntas difíceis, naquele estágio inicial, provocassem uma postura defensiva, talvez até indignada. Perguntas extremamente difíceis, como às relacionadas à garrafa de cerveja quebrada, podiam esperar para o segundo round. O objetivo do primeiro round tinha sido apenas abrir a cabeça de Margaret para as possibilidades, por mais impensáveis que fossem.

Era uma viagem de vinte minutos até os Everglades, o que dava a ela tempo suficiente para revisar todas as respostas previsíveis de uma mãe aflita — e analisar algumas surpresas.

— Quando Angelina pediu para a senhora vir de Nova York?

Havia três mulheres no quarto de hotel. Margaret estava sentada em uma poltrona perto da janela. Victoria estava sentada na beira da cama, de frente para ela. A detetive Reyes, do setor de crimes de violência doméstica da polícia de Miami-Dade, estava sentada na cadeira da escrivania. Margaret era a versão de setenta anos de Grace Kelly, e a forte semelhança entre mãe e filha deixava claro como Angelina tinha se tornado uma mulher com aquela beleza clássica. No entanto, o estresse inimaginável já estava se fazendo sentir. Margaret estava mantendo o controle, mas

por pouco. Uma semana vivendo assim, Victoria sabia, e as linhas de preocupação estariam cravadas em pedra.

— Foi em algum momento da manhã de sexta que ela ligou — respondeu Margaret.

— Quando você pegou o avião?

— Sexta à tarde.

— Por que a pressa?

— Não havia pressa.

— Parece que você embarcou no primeiro voo disponível.

— Um dos primeiros, acho eu.

— Angelina estava chateada com alguma coisa?

— Claro que estava. Angelina é recém-casada. Ela e Abe tinham acabado de ter sua primeira discussão depois de casados. Essas coisas acontecem. Eu precisava vir aqui ficar com ela.

— Ela contou sobre o que foi a discussão?

Margaret deu um suspiro profundo. Sua mão tremia enquanto ela tomava um gole d'água.

— O cunhado de Abe, JT.

— O que tem ele?

A voz dela endureceu.

— Ele assusta Angelina. Para ser sincera, ele também me assusta um pouco.

— Por que ele assusta a senhora?

— *Por quê?* — repetiu Margaret. — Você o conheceu?

— Rapidamente. No apartamento dele.

— Bom, não é o apartamento *dele*. É onde Abe morava. Não conheço os detalhes, mas até onde sei JT estava morando na rua por um tempo. Sabe, ele praticamente arruinou o casamento de Angelina.

— Como?

— Ele se levantou durante a festa e fez um brinde bizarro sobre Abe ser um irmão de verdade porque tinha ido de uma esposa afro-americana para uma loira. Ele é uma pessoa muito estranha. Abe precisa ser mais sensível sobre isso.

— Você acha que Abe é insensível.

— Não, não de modo geral. Só em relação a isso.

— Você acha que JT pode ter alguma coisa a ver com o desaparecimento de Angelina?

Margaret pensou por um tempo, como se não descartasse a possibilidade.

— Não sei. Mas não imagino como poderia. Ele não está em prisão domiciliar?

— A senhora acha que Abe poderia?

— Eu acho que Abe poderia o quê?

Victoria fez uma pausa longa o bastante para que Margaret soubesse que não podia fazer as questões difíceis desaparecerem fingindo que não as entendia. Então ela repetiu a pergunta.

— A senhora acha que Abe poderia ter alguma a ver com o desaparecimento de Angelina?

— Ah, pelo amor de Deus, não. Você não pode estar falando sério.

Victoria dirigiu rumo ao oeste na Southwest Eighth Street, passando pela Universidade Internacional da Flórida, até as luzes dos centros comerciais ficarem para trás e a escuridão dos Everglades aparecerem. Uma viagem noturna pela Tamiami Trail era como um passeio de carro à meia-noite pelas planícies do Kansas, mas a ruptura com a civilização era mais súbita.

Os Everglades marcavam o fim abrupto do desenvolvimento a oeste e das luzes da cidade, e a fileira de faróis ao longo da Trail se estendia como um filamento solto até a completa escuridão.

Foi o chip do GPS no celular de Angelina que possibilitou sua recuperação. A busca noturna por ela estava concentrada no lado norte da Trail, o lado onde o aparelho foi encontrado. A área de armazenamento, que era o local da missão de busca das autoridades, era o mesmo estacionamento de chão de cascalho usado pela equipes que estavam trabalhando na ponte nova. Victoria parou ao lado de uma escavadeira colossal e caminhou pelo acostamento da estrada. A detetive Reyes estava junto. O trânsito não estava mais intenso do que o de sempre, mas estava começando a se acumular dos dois lados. Uma equipe de policiais de trânsito impediu que os curiosos atrapalhassem o trânsito na Trail.

Victoria viu Riddel no centro da atividade perto de um feixe portátil de luzes de vapor de sódio. Dois geradores ruidosos abasteciam seis feixes no total, fazendo as águas tranquilas dos Everglades brilharem, mas só por uma distância de aproximadamente vinte metros. Um helicóptero da polícia sobrevoava a área, a varredura de sua luz de busca alcançando mais longe na restinga. Os trabalhadores do resgate nos pontões se moviam devagar pelo canal, os raios das fortes luzes da navegação riscando a noite. Na escuridão além, incontáveis pares de olhos dos jacarés captavam apenas uma nesga de luz artificial e brilhavam como vaga-lumes na escuridão.

O lado norte da Trail só estava aberta para as autoridades. A fita da polícia se estendia por centenas de metros ao longo do acostamento. Do outro lado da rodovia,

atrás do perímetro secundário, estava Abe Beckham. As luzes das viaturas faziam seu rosto se alternar entre vermelho e laranja. Beckham não pareceu notar quando Victoria e a detetive Reyes passaram por baixo da fita, e as duas não tentaram atrair sua atenção. Elas foram direto falar com Riddel.

— Como estão as coisas? — perguntou Victoria.

Riddel deu um passo em sua direção, se afastando do gerador barulhento.

— Nada além do celular até agora.

— A que distância estamos do local onde Tyla Tomkins foi encontrada?

— Eu marquei. Tomkins estava a dois quilômetros para o oeste. É uma grande diferença. A área do acostamento e do aterro é maior aqui.

— Alguma marca de pneu ou pegada?

— Sim, um milhão. As equipes da construção vão da área de armazenamento da obra até a ponte e voltam todo dia. Mas nada mais perto da água. Nenhuma pegada, nenhuma marca de pneu, nem uma planta quebrada. Honestamente, não vejo este lugar como uma área de recuperação.

— Como você acha que o celular veio parar aqui?

— Meu chute é que o sujeito chegou até aqui na Trail e, de repente, lembrou que o GPS dos smartphones têm chips de rastreamento. Ele entrou em pânico, jogou o aparelho pela janela e seguiu viagem. Você mesma pode checar o celular, mas parece que foi atirado de um veículo em movimento. Estou torcendo para ser esse o caso. Nunca é um bom cenário para uma mulher estar no carro de seu sequestrador a caminho de Deus sabe onde. Mas ela ainda pode estar viva.

— Ainda pode — disse Victoria.

Riddel olhou mais adiante na estrada.

— No pior caso, ele foi até a metade do caminho para Naples antes de parar para se desfazer do corpo no meio dos Everglades. Ou foi até Naples e continuou dirigindo para o norte, talvez com ela ainda viva.

Victoria olhou na direção de Abe e virou para Riddel.

— Qualquer coisa é possível a esta altura.

— Emiti um aviso de alerta para a costa oeste, do condado de Collier em diante — continuou ele.

— Eu mandei o alerta seis horas atrás — disse Santos.

— Eu sei. É consistente com o seu.

— Não me interessa. Você precisa coordenar comigo. Você emitiu o alerta em relação a exatamente o quê?

— Aqui, veja você mesma — ele abriu o alerta em seu celular, e Victoria leu na tela.

— Não é melhor que o meu — comentou ela. — Nem pior.

— A situação é o que é — disse Riddel. — Além de uma foto de Angelina e do perfil criminal do Cortador, homem branco na casa dos trinta, o que mais podemos dizer? O carro de Angelina ainda está na garagem, então não sabemos que tipo de veículo procurar, a menos que, de novo, mantenhamos o perfil do serial killer e façamos uma busca por vans comerciais sem janelas.

— Alguma ideia de como descobrir quais veículos passaram pela Trail nas últimas vinte e quatro horas?

Riddel balançou a cabeça.

— Não há nenhum pedágio na Tamiami Trail, então nenhuma câmera para checar a placa dos carros. Pedi aos xerifes do condado de Collier para visitar estações de serviço ao redor de Naples. Estão falando com frentistas, checando câmeras de segurança. As pessoas, em geral, param para abastecer depois de uma viagem pela Trail. Talvez alguma coisa apareça.

Uma comoção na faixa da esquerda chamou a atenção de Victoria. Uma van da imprensa estava tentando forçar sua passagem perto demais da cena do crime, e os policiais de trânsito estavam fazendo seu trabalho. Sem dúvida mais vans viriam na sequência.

— Precisamos elaborar um release para a imprensa — disse Victoria.

— Estou cuidando disso.

— Eu gostaria de vê-lo.

Ele hesitou.

— *Antes* de você liberar o texto — disse ela. — Ao contrário do alerta.

Riddel olhou por sobre o ombro, na direção de seu amigo Abe, e fez uma expressão séria para Victoria.

— Vou deixar uma coisa clara desde já. Todos nós sabemos as estatísticas de mulheres assassinadas pelo marido, e senti uma certa energia vinda da casa de Abe hoje à noite. Mas, a esta altura, não vou dizer absolutamente nada que insinue que Abe Beckham está, de qualquer forma, situação ou ocasião, sob qualquer sombra de suspeita. Ponto.

Victoria não concordou nem discordou.

— A comunicação com a imprensa é função da força-tarefa. Eu preciso ver o release.

Ele a encarou por um momento, como se para reenfatar que certas coisas não eram negociáveis.

— Está no meu carro. Vou buscar.

Victoria esperou na beira da estrada com a detetive Reyes, as duas observando a equipe de busca em ação. Reyes rompeu o silêncio.

— Eu concordo com Riddell — anunciou ela.

Havia quase um tom de desculpas em sua voz.

O olhar de Victoria continuou fixo, na direção dos Everglades. A agente do FBI não disse nada.

— Abe é um sujeito exemplar — continuou a detetive. — Já trabalhamos juntos. Ele é muito respeitado.

— E também é um mentiroso — interveio Victoria. — Ele teve um caso com Tyla Tomkins. E mentiu para a esposa sobre isso. Ele mentiu para a própria chefe sobre isso comigo na sala.

— Nem sabemos ao certo se ele estava tendo um caso.

— “Ao certo” quer dizer cem por cento de certeza? Não. E Tyla está morta, então talvez nunca tenhamos.

— Mesmo que estivesse tendo um caso, isso não faz dele o assassino.

— Não, mas explica muita coisa. Angelina recebe as fotos de Abe com Tyla. Ela liga para a mãe que está em Nova York. Volta para casa do jantar e descobre que, enquanto ela e a mãe estavam tentando achar uma maneira de salvar seu casamento, Abe foi ao velório da amante. Angelina o coloca para fora, o casamento acaba. Os dois discutem. Uma garrafa de cerveja voa pela sala. Uma coisa leva à outra e, quando acaba, Abe tem um cadáver nas mãos. Ele atira o celular da mulher na Tamiami Trail para nos fazer pensar que foi o Cortador. Só Deus sabe onde ele jogou o corpo.

— São muitas suposições.

— Seja honesta — continuou Victoria. — Muitos maridos modelo já estiveram no topo da sua lista de suspeitos por muito menos que isso.

— Eu estaria mais do seu lado se tivéssemos um histórico de violência doméstica.

— Duas noites atrás encontrei uma taça de vinho quebrada na mesa de apoio deles.

— Não foi o que eu quis dizer. Nada que ouvi da mãe de Angelina sequer levantou a possibilidade de uma relação abusiva.

— A mãe mora em Nova York. Ela sabe o que a filha quer que ela saiba. Precisamos nos concentrar nas testemunhas locais.

— As amigas de Angelina?

— Elas estão na lista. Mas vou romper o padrão aqui. Começar onde Abe não imaginaria que eu começasse.

—Onde?

Victoria olhou o relógio. Eram apenas nove horas. Ainda era cedo, havia tempo suficiente para seguir outra pista.

— Um personagem recorrente. A única pessoa que esteve na primeira fila dos dois casamentos de Abe — explicou ela.

Reyes pensou por um instante.

— Você não está falando do cunhado, está?

A expressão de Victoria se tornou muito séria.

— É exatamente dele que estou falando.

CAPÍTULO VINTE E OITO

De trás da fita amarela da polícia, vi a agente Santos e sua nova fiel escudeira do setor de violência doméstica. As duas estavam fingindo não me ver. Eu estava fingindo que isso não me incomodava.

Uma esnobada da detetive Reyes era especialmente difícil de engolir.

Muitos promotores experientes do nosso escritório, incluindo eu, tinham trabalhado com violência doméstica em algum momento da carreira. Algumas das minhas melhores atuações profissionais tinham sido ao lado de Reyes, todo um espectro de casos — agressão, violência sexual, violação de liminares, perseguição. O chefe do setor de crimes domésticos tinha sido um dos maiores entusiastas da minha promoção para a Homicídios, aonde fui para processar quatro casos de uxoricídio. Todos envolvendo infidelidade. Dois eram adúlteros cujas esposas tinham prometido levar tudo no divórcio. Um não conseguiu se controlar quando a mulher disse que ia deixá-lo por outro homem. Um quarto era só bizarro, um sujeito que gostava de se masturbar enquanto via a mulher fazer sexo selvagem e que não fez nada para impedir que um halterofilista entupido de anabolizantes a estrangulasse até a morte. Com exceção dos casos envolvendo uma confissão, eram os casos mais fáceis de obter condenação em que eu já tinha trabalhado. Todos receberam a pena de morte.

Tentei não demonstrar raiva quando Rid veio na minha direção. Ele parou na fita. Parecia exausto, como se tivesse lutado dez rounds com um campeão peso-pesado.

— Santos quer ver meu release de imprensa.

O campeão tinha acabado de desferir mais golpe e, desta vez, tinha sido em mim. Eu era o autor do texto.

— O que você disse?

— Que estava no carro.

— Você vai mostrar a ela?

Ele olhou para o outro lado da estrada, na direção de Santos, e virou para mim.

— Não posso recusar. Santos é a coordenadora da força-tarefa da investigação do Cortador.

Eu estava lidando com os medos e a realidade o dia todo, mas ainda me dava um frio na espinha ouvi-lo falar de um serial killer em termos tão objetivos.

— É disso que estamos falando? — perguntei. — Angelina faz parte da investigação do Cortador?

— Não, não, Abe. Ainda não chegamos lá. Talvez não cheguemos nunca. Não perca a esperança. Deus permita que não seja um homicídio, mas, se as coisas seguirem esse rumo, para algumas pessoas as únicas duas possibilidades parecem ser o Cortador ou...

— Ou eu.

— Sim. Você.

— Por quê? — perguntei, mas era quase retórico. — Como Santos pode achar que matei minha mulher?

Ele não respondeu imediatamente, mas eu podia ver em sua expressão que Rid estava se perguntando a mesma coisa.

— Quer minha opinião sincera?

— Quero, sim.

— Já lidei com esses tipos do FBI antes, as estrelas em ascensão que chegam até a Unidade de Análise Comportamental e fazem uma investigação de serial killer seguida da outra. O índice de exaustão no meu trabalho é ridículo, mas, comparado com essas figuras, não é nada. Eles têm as piores estatísticas da polícia. Chega um dia em que você entrou na cabeça de psicopatas demais, olhou nos olhos de muitas vítimas sem vida do pior dos piores assassinos. Santos não me disse isso, mas estou imaginando que é por isso que ela foi transferida para Miami. A agência está contando que um pouco de tempo trabalhando em campo coloque alguma vida de volta nela.

— Então o que você está dizendo? Ela foi demovida, e está descontando em mim?

— Não, você não entendeu nada. Acho que Santos elaborou tantos perfis de serial killers sádicos sexuais que seu cérebro está condicionado. Alguma coisa em Angelina não se encaixa nisso.

Parei para pensar um pouco nisso antes de responder. O barulho dos geradores era o único som ao nosso redor.

— Acho que se você inverter as coisas, e olhar pelo lado positivo, eu deveria me sentir reconfortado.

— Reconfortado?

— Sim. Na verdade, é uma coisa boa, certo? Uma das mentes mais bem-treinadas do país parece convencida de que minha esposa não foi vítima de um serial killer.

— É um olhar positivo — concordou Rid.

— Mas faz surgir uma questão, não faz? Se não foi o Cortador, e não fui eu... onde ela está?

— Eu prometo uma coisa, Abe. Não vou parar de procurar até ter uma resposta.

Um dos geradores rugiu, emitindo uma luz industrial pela estrada até o aterro, na direção da equipe de busca procurando mais um corpo nos Everglades. Uma resposta.

— Vamos torcer que seja uma resposta com que eu possa viver — eu disse.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Brian Belter estava com seu melhor cliente, em seu restaurante favorito, em seu lugar mais querido em toda a República Dominicana. E estava infeliz.

Belter era um dos oito presentes em um jantar oferecido por Alberto Cortinas e esposa em La Piazzetta, um restaurante gourmet italiano em Altos de Chavón, uma recriação ambiciosa de uma vila mediterrânea do século XVI que ficava no alto de uma ribanceira em La Romana. O risoto de abóbora e o filé de merluza estavam memoráveis, mas inesquecível mesmo era a vista do vale do rio lá embaixo. Uma mesa iluminada por uma tocha sob as estrelas no terraço de pedra era muito cobiçada, em especial num sábado à noite, mas os convidados privilegiados do jantar dos Cortinas tinham o terraço todo só para eles.

— *Más vino, señor* Belter?

A taça estava vazia, mas ele tinha chegado ao limite.

— *No, gracias.*

A bebida tinha começado a ser servida no campo de golfe ao meio-dia. Uma Cuba Libre levou à outra. Belter era um jogador sem *handicap* e tinha feito dois *birds* nos dois primeiros buracos, mas depois disso foi ladeira abaixo. O *Teeth of the Dog* era o melhor campo do Caribe, um desafio até para jogadores profissionais sóbrios. Ele ficava num recife de corais, que gerava riscos inclementes, tudo feito pelos operários dominicanos cujas únicas ferramentas eram malhos, picaretas e cinzeis. No oitavo buraco, Belter precisava de uma picareta para encontrar a bola. Ele estava tomando Coca-Cola com rum como se fosse um refresco, e ninguém tinha avisado que era Bacardi 151. A pressão na parte de trás de seus olhos estava quase insuportável. E ele estava começando a ficar enjoado. Talvez fosse o álcool. Talvez fosse a altitude.

Talvez fosse Tyla Tomkins.

— *Água, por favor* — pediu ele ao garçom.

Alberto Cortinas estava sentado na ponta de uma mesa retangular que contava com seis dos mais influentes senadores dominicanos, todos homens. Com uma oposição cada vez maior aos fazendeiros de cana nos Everglades, Cortinas estava planejando expandir a produção na República Dominicana. O objetivo era convencer o senado dominicano a aprovar uma proposta de tributo sobre o xarope de frutose de milho. A Açúcar Big odiava concorrência. Todos os senadores podiam ser persuadidos. Levaria muito mais do que uma partida de golfe, um restaurante caro e uma suíte na cobertura de um resort de fama mundial, mesmo que o quarto viesse com uma dupla de prostitutas latinas que cobravam cinco mil por noite em Nova York. *El hombre con los regalos verdes* — o homem com presentes verdes — ia visitar cada um dos senadores pela manhã. O dinheiro falava. Mas não quando Alberto Cortinas estava por perto.

Eu não estou envolvido, Brian.

Uma dor de cabeça desse tamanho tornava quase impossível para Belter manter uma conversa animada em espanhol do outro lado da mesa. Sua mente precisava de um descanso. Ele pediu licença, atravessou o terraço de pedra e entrou no banheiro. Checou suas mensagens de texto enquanto cuidava de outros assuntos, em seguida entrou na página do *Miami Tribune*. A manchete chamou sua atenção — a ponto de ele quase derrubar o celular no mictório.

Pu-ta mer-da.

Belter estava tão imerso no artigo que se esqueceu de deixar uma gorjeta para o funcionário do banheiro depois de lavar as mãos. Ele voltou rápido para o terraço, foi direto para a ponta da mesa e educadamente interrompeu seu cliente.

Cortinas não parecia feliz. O homem estava no meio de uma de suas histórias favoritas, sobre um infiltrado no Departamento de Agricultura dos Estados Unidos que avisava Alberto sempre que o secretário estava em sua mesa recebendo um boquete. Eram as únicas ocasiões em que Alberto telefonava, porque sabia que o secretário não tinha outra opção além de atender.

— O que foi? — perguntou Alberto em inglês.

— Preciso da sua atenção só por um minuto — respondeu Belter. — Em particular.

Cortinas levantou com relutância e pediu licença. Belter o levou da mesa, até o outro lado do terraço, longe dos olhos dos convidados. Eles encontraram um lugar tranquilo do outro lado das pilastras que marcavam a entrada do restaurante. Era uma cena saída de uma peça de Shakespeare, dois homens poderosos sussurrando no escuro, do outro lado da rua de algumas lojas e estúdios de artistas em uma rua

estreita de paralelepípedos tomada por lanternas, sacadas de ferro fundido e outras características de uma vila da Renascença.

— A mulher de Abe Beckham está desaparecida — anunciou Belter. — Uma busca completa está sendo feita a mais ou menos um quilômetro e meio de onde o corpo de Tyla foi encontrado.

Cortinas tirou um charuto do bolso de sua camisa *guayabera* e cortou a ponta.

— Isso é muito triste.

Belter o viu acender o charuto, esperando que ele dissesse mais alguma coisa. Mas a única preocupação de Cortinas parecia ser a brasa uniforme.

— É tudo o que você tem a dizer? — perguntou Belter. — Muito triste?

Cortinas tragou profundamente, as cinzas brilhando na noite.

— Não é algo que requeira minha atenção imediata.

— Não está vendo o problema óbvio aqui?

— O único problema que estou vendo é uma mesa cheia de convidados se perguntando que diabos é tão importante para você me interromper no meio de uma história.

Belter chegou mais perto e baixou a voz.

— Tyla Tomkins foi assassinada. Agora a esposa de Abe Beckham está desaparecida. A mídia vai ficar louca com isso.

— E daí? Deixe ficar.

— Você está sendo indiferente demais.

— Você está falando como se fosse nossa culpa.

— É *sempre* culpa nossa! — disse Belter, mantendo a voz baixa, mas falando com muita urgência. — A Açúcar Big é o saco de pancadas favorito da Flórida. Gostando ou não, estamos ligados a esse circo por causa de Tyla Tomkins.

— Está tudo sob controle, Brian. Tudo está sendo resolvido. Alguns técnicos bem caros estão trabalhando nos arquivos e e-mails do computador de Tyla neste momento.

— Evitar um mandado da promotoria dos Estados Unidos não é vencer a guerra. Isso está em vias de se tornar o caso do século para a mídia. Vai colocar o meu escritório e as suas empresas sob os holofotes. Não é um bom lugar para se estar. Você nem sempre concordou com seu pai, mas ele estava coberto de razão sobre uma coisa: a Açúcar Big funciona melhor com discrição.

— O que você quer que eu faça, Brian? Volte no tempo e faça tudo desaparecer?

— Não, mas... meu Deus, Alberto! Não estamos falando só dos negócios. É a minha família, *minha vida*. A agente Santos e aquele detetive metido a esperto que

apareceram no escritório semana passada sabem sobre Tyla e eu. Jenny vai me deixar se isso vier à tona. O que devo dizer a ela? O que vou dizer ao meus filhos?

— Isso é com você, Brian. Mas existem umas duas opções. — Cortinas deu outra tragada no charuto, e uma nuvem de fumaça saiu de seus lábios e foi parar no rosto de Belter quando ele falou:

— Uma, você pode dizer que quando Tyla ligou do celular pré-pago, você devia ter seu próprio pré-pago, o que tornaria os números impossíveis de rastrear dos dois lados. Mas você foi burro demais para pensar nisso por conta própria. Ao contrário de mim.

Belter ficou paralisado, em silêncio.

— Ou — continuou Cortinas — você pode apenas dizer a eles que foi uma semana ruim para as mulheres que gostam de dar para Abe Beckham.

Belter olhou para ele, confuso. Quando se tratava de comentários absurdamente arrogantes, até *ele* tinha dificuldade de dizer quando Cortinas estava falando sério e quando estava brincando.

Finalmente Cortinas sorriu, o charuto entre os dentes.

— Venha, meu amigo. Está na hora de voltar para os nossos convidados.

Belter caminhou com ele, mas queria puxar seu cliente de lado, olhá-lo nos olhos e descobrir se o sujeito estava falando sério sobre o celular pré-pago. Se havia algo entre Cortinas e Tyla, era novidade para ele. Uma novidade desconcertante. Não eram só o ego e uma curiosidade à toa que o estavam incomodando.

Num passado distante, Belter achava que era o único. Ele estava prestes a perguntar, uma pergunta sobre isso teria sido a coisa mais natural do mundo entre dois homens que se conheciam praticamente durante toda a vida adulta. Mas o advogado seguiu seus instintos, assim como tinha feito em muitas outras negociações com Alberto Cortinas.

Era melhor não saber.

Os dois voltaram para o jantar no terraço, onde Belter riu com os demais sobre a história de Cortinas e o secretário americano da agricultura.

CAPÍTULO TRINTA

Eram quase nove horas da noite quando Victoria bateu na porta de JT. A detetive Reyes estava a seu lado na entrada. O trinco estava preso, e JT falou com ela com a cabeça enfiada entre a porta e o batente.

— O que vocês querem?

— Sou a agente...

— Eu sei quem você é — interrompeu ele. — Você veio à minha casa com o detetive Riddel para pegar minha secretária eletrônica. Quem é ela?

Reyes se apresentou e mostrou seu distintivo.

— Queremos falar com você sobre Angelina — disse Victoria.

— Não posso falar agora, estou vendo um filme.

O volume da televisão estava alto no fundo. Parecia um filme tipicamente masculino, algo com muitos efeitos especiais, talvez *Transformers* ou *Homem de Ferro*.

— Você sabe que Angelina está desaparecida, não sabe?

— Sei. Abe me contou.

— E você não pode parar cinco minutos para conversar com a gente?

Ele fez a careta de um adolescente que está jogando videogame depois da meia-noite.

— Ah, tudo bem. Vou parar o filme.

JT desapareceu, a corrente fez barulho, e a porta se abriu. Ele estava usando apenas uma bermuda de basquete que chegava até seus joelhos, sem camisa nem sapatos. A tornezeira estava no lugar, Victoria notou. Ele conduziu as duas até a sala de TV e parou o filme. Victoria tinha acertado em cheio: era o *Homem de Ferro* 2.

— Sentem-se.

As mulheres ocuparam o sofá. JT sentou em um pufe laranja claro. O resto da sala tinha uma decoração de bom gosto, com um toque feminino, e Victoria teria apostado que o pufe laranja era o único móvel que não tinha sido escolhido pela finada irmã. E usou isso como ponto de partida.

— Belo apartamento, JT. Sua irmã escolheu todas essas lindas peças?

— Foi. Menos o pufe.

Dois chutes, dois acertados.

— Foi contribuição sua, ou um toque do Abe?

— O pufe é meu. Dois dólares em um bazar. Abe nunca traria uma porcaria dessas para a casa de Samantha. Ele fazia tudo o que ela queria.

A conversa estava indo exatamente na direção certa.

— Eles se davam bem?

— Sim, nossa. Feitos um para o outro, se você quer minha opinião.

— O que faz você dizer isso?

Ele lançou um olhar de suspeita.

— Nada me fez dizer isso. E, de todo jeito, o que isso quer dizer? Você acha que estou usando drogas ou coisa assim?

— Não, eu não estava sugerindo...

— Você me perguntou o que me fez dizer isso. Eu disse isso porque é o que acho. Não porque alguma coisa me fez dizer. Só isso. Eu não uso drogas. Tudo bem por você?

— Claro, tudo certo. Eu só estava tentando entender o que você estava dizendo. Abe e Samantha foram feitos um para o outro. Então imagino que eles nunca brigavam.

Ele respirou fundo, e de repente a raiva pareceu ter desaparecido.

— Brigar? Não. Não na minha frente.

— E Abe e Angelina?

— O que tem?

— Você já os viu brigando?

Ele hesitou e respondeu.

— Sim. Eles brigavam.

— Brigavam. Ou brigam?

— É uma pegadinha?

— Não — disse ela. — É que “brigavam” coloca Angelina no passado. “Brigam”, por outro lado...

— Então *é* uma pegadinha — disse ele com firmeza. — Você está tentando me enganar.

— Esqueça o que eu perguntei.

— Não esqueço nada. A mulher do Abe está desaparecida, e vocês aparecem no meu apartamento e começam a fazer perguntas capciosas. Você acha que eu fiz alguma coisa com ela, não é?

— Estamos só conversando.

— Bom, que tal ter uma conversa que faça algum sentido? Não posso nem sair do meu apartamento. Caso você não tenha notado, estou usando uma tornazeleira.

JT levantou o pé, e Victoria viu mais do que pretendia. Ele não estava usando cueca.

— Pode abaixar a perna agora, JT.

Ele abaixou.

— Sobre que tipo de coisas Abe e Angelina discutem? — perguntou ela.

— Não sei. Eles discutem sobre tudo.

— Tudo?

— Não *tudo*. Muitas coisas.

— Você já ouviu os dois levantarem a voz?

— Claro.

— E alguma coisa física?

— Você quer saber se eu já vi os dois fazendo sexo?

Victoria sabia que ele estava se fazendo de idiota, um sinal claro de que preferia evitar a questão — o que só aumentou seu interesse em ouvir a resposta.

— Não, estou falando de um “confronto físico”, como Abe levantar a mão para ela.

— Abe nunca bateu em Angelina.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza.

Ela se inclinou para frente e fez contato visual com ele.

— Isso é importante, JT. Se Abe alguma vez bateu em Angelina, eu preciso saber.

Ele a encarou, sem desviar os olhos.

— Abe nunca bateu nela.

Victoria deixou a resposta no ar. Ela tinha encarado muitas testemunhas, muitos suspeitos, muitos mentirosos. Exames de polígrafo tinham sua utilidade, mas às vezes não havia nada como duas décadas na polícia. JT não estava mentindo, pelo menos não na avaliação dela. Ele finalmente desviou o olhar.

— Mas...

Victoria esperou um instante e o instigou.

— Mas o quê?

Ele não respondeu, os olhos estavam para baixo.

— Mas o quê, JT?

Ele olhou para frente, fazendo o contato visual.

— Angelina bate nele.

Victoria tentou não reagir, mantendo a expressão calma.

— Angelina bate em Abe?

— Bate — respondeu ele, convicto. — É o que estou dizendo.

Ela meneou a cabeça devagar.

— Agora, quando você diz que ela bate em Abe, está dizendo que aconteceu em mais de uma ocasião?

— Aham. Mais de uma vez.

Victoria trocou um olhar com a detetive Reyes, que estava a seu lado no sofá, e voltou a atenção para JT.

— Certo — retomou ela. — Quero que você nos conte, JT.

CAPÍTULO TRINTA E UM

— Simplesmente não é verdade — eu disse.

Precisei de toda a minha força para olhar a agente Santos nos olhos e oferecer uma resposta calma e controlada. Eu estava bravo com JT por dizer que Angelina me batia. E estava furioso com a agente Santos por trazer aquilo à tona naquela noite, naquelas circunstâncias, do outro lado da estrada onde estava acontecendo a busca pelo corpo da minha mulher.

— Por que JT mentiria sobre isso? — perguntou Santos.

JT estava me ligando obsessivamente fazia meia hora. Não atendi, mas gostaria de ter atendido. Eu teria feito a mesma pergunta e não teria sido encurralado por Santos e pela detetive Reyes.

— Por que JT faz qualquer uma das coisas que ele faz? — perguntei. — Se a corte coloca uma tornozeleira, ele vai dizer que o governo o está espionando. Se existe um serial killer chamado Cortador no sul da Flórida, ele vai dizer que costumava cortar cana. Ele diz muitas coisas para ver como as pessoas vão reagir.

— Então essa é a sua resposta? Ele mente por mentir?

Como explicar o JT para alguém de fora?

— JT vive em seu próprio mundo. Fomos visitar o pai dele na clínica na sexta, e JT negou ser filho dele. Não é uma *mentira*. Ele sabe que não está enganando ninguém. Essas são as coisas que ele faz. Às vezes ele diz o exato oposto do que ele e todo mundo sabe que é verdade.

— Então, se o cunhado de JT bate na esposa, ele pode dizer que a esposa bate no cunhado.

Eu devia estar preparado para essa, mas não estava, o que só confirmava meu nível de estresse.

— Eu nunca bati em uma mulher na vida.

— Existe um jeito fácil de resolver isso.

— Sim, você pode parar com essa coisa do marido violento e descobrir o que aconteceu com a minha mulher.

— Eu posso. E você pode se submeter ao polígrafo.

— Não — respondi com firmeza, sem hesitação.

— Que bom que você parou para pensar — comentou ela com sarcasmo.

— Não vou entrar nesse jogo — eu avisei. — Se eu permitir que você me trate como um suspeito, você vai continuar me tratando como suspeito. Se eu passar no polígrafo, você vai me revistar para ver se tenho algum hematoma ou arranhão. Se o exame não revelar nada, você vai querer outro detector de mentiras. Se eu passar de novo, você vai procurar outra coisa. Cada minuto que você passa tentando elaborar um caso absurdo contra mim é um minuto desperdiçado. Vá procurar o assassino de verdade.

Fiquei paralisado, me dando conta do que tinha acabado de dizer. Santos percebeu. Assassino. Ela não precisou perguntar, mas eu podia ver a pergunta escrita em seu rosto. *Como você sabe que ela está morta?*

— Pense no detector de mentiras — disse ela.

— A resposta é não.

— Sinto muito em ouvir isso.

Ela começou a se afastar, mas eu a interrompi.

— Ei, o que está acontecendo aqui?

— Como assim?

— Isto começou como uma investigação de um serial killer. Agora se tornou uma caça às bruxas, e sou eu que estou amarrado na estaca. Estou aqui parado há duas horas, observando e rezando enquanto a equipe de busca faz seu trabalho. Mas também estou me perguntando... sobre você. Fiz até uma ligação.

— Você está me investigando?

— Fiz uma busca no Google com meu iPhone e li sobre a investigação do serial killer que você fez com a ajuda do *Miami Tribune*. E me ocorreu que você devia conhecer o antigo repórter criminal do jornal. Ele saiu faz uns cinco anos. Vinte e dois anos no trabalho. Ganhador de um prêmio Pulitzer. Um sujeito muito bom. Cobriu meu primeiro julgamento com pena capital e muitos outros. O nome dele é Mike Posten.

A agente Santos não disse nada, mas eu podia ver em seus olhos que o nome de Mike significava alguma coisa para ela.

— Enfim, liguei para o Mike — continuei. — Sabe o que ele disse?

— Não faço ideia. Faz anos que não o vejo.

— Bom, a aposta de Mike é que seu instinto, seu coração e sua cabeça não estão dizendo que Abe Beckham é o seu culpado. Ele acha que alguém está provocando você. E disse que a Victoria Santos que ele conhece é muito mais esperta do que isso.

Ela se aproximou um passo e me olhou nos olhos.

— A Victoria que Mike conhece é uma novata de 32 anos. Ninguém está me provocando.

— Só estou contando o que Mike acha.

Ela pareceu estar procurando uma resposta, mas mudou de ideia. Então virou e se afastou.

— Ei, Santos — eu chamei.

Ela deu mais dois passos, como se desejasse poder encerrar a conversa sobre Mike, mas algo a fez parar e ouvir o que eu tinha a dizer.

— O que aquela novata de 32 anos acha?

Estava escuro, longe dos feixes de luz portáteis, e não consegui ler a expressão de Santos. No entanto, meu instinto era que meu último golpe tinha sido dado.

Mas ela não ia cair com tanta facilidade. E voltou direto até mim, parando do outro lado da fita.

— A novata acharia exatamente o que eu acho — disse Santos, com um tom muito claro na voz. — Ela pode demorar mais para tomar uma decisão, por causa de sua inexperiência, mas a conclusão seria a mesma. Nosso serial killer ainda não atacou fora do condado de Palm Beach. O Cortador não matou Tyla Tomkins. E também não levou sua esposa.

Antes que eu pudesse começar a responder, ela virou de uma vez e se afastou. Eu queria passar por baixo da fita e fazer uma enxurrada de perguntas que de repente estavam me vindo à mente, mas contaminar uma cena de crime com minhas pegadas não era algo que eu precisava acrescentar à minha lista de problemas. Mais especificamente, eu sabia que a conversa dela comigo tinha acabado.

Deixei passar por ora, vendo em silêncio Santos voltar para o brilho das luzes de vapor da equipe de busca e salvamento.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Victoria sentiu um calafrio ao atravessar a Tamiami Trail, pelo trânsito interrompido, até encontrar o chefe da equipe de busca que estava na margem. Não estava tão frio quanto na manhã em que Tyla Tomkins foi encontrada, mas eram só dez da noite, e a temperatura caía rapidamente nos Everglades depois da meia-noite.

Ela tentou não demonstrar, mas Beckham a tinha afetado. Mike Posten foi o primeiro golpe baixo, mas depois ele tinha feito um ataque ainda pior.

O que aquela novata de 32 anos acharia?

Era uma pergunta interessante. Ela provavelmente acharia um monte de coisas. Que a coordenadoria da força-tarefa do escritório de Miami era o último lugar onde ela estaria nesse estágio da carreira. Que a exaustão nunca a atingiria. Que era verdade na época, e seria verdade para sempre, pelo menos do ponto de vista das estatísticas de homicídio: o lugar mais perigoso para uma mulher estar era num relacionamento com um homem.

Mas esses não eram motivos para ela perder a compostura. Um embate com Abe Beckham, dizer coisas num momento de raiva, não eram a maneira de compartilhar sua opinião profissional de que Tyla tinha sido assassinada por alguém que não era o Cortador.

E havia toda a questão de Mike Posten. Um homem casado que enfrenta a tentação e se mantém fiel à mulher. *Beckham podia aprender uma ou duas coisas com ele.*

Seu celular tocou. Era o escritório do xerife do condado de Palm Beach. Seu contato na força-tarefa estava ligando à dez e meia num sábado à noite, o que não era bom sinal. Ela se preparou e atendeu.

— O que foi, Juan? — perguntou ela.

— Parece que temos outra vítima — respondeu ele.

Ela engoliu a notícia com amargura, internalizando que era o preço que todo policial pagava por agir muito devagar para pegar um monstro.

— Onde?

— No canalial perto da Route Twenty-Seven. Fica meio longe do local onde as demais foram encontradas, mas ainda é propriedade dos Cortinas.

— Você já tem uma identificação?

— Não. O corpo foi encontrado nu, sem identificação. Mulher branca, possivelmente na casa dos trinta, é tudo o que posso dizer no momento.

— A marca registrada do Cortador?

— Sim — respondeu ele. — Marca registrada confirmada.

Cinzas no rosto.

Ela olhou na direção de Abe, que continuava no celular.

— Juan, me faça um favor. Dê uma olhada no alerta “Angelina Beckham” que foi expedido pela polícia de Miami-Dade hoje. Tem uma foto. Só para comparar.

— Claro.

— E Juan? — acrescentou ela.

— Sim?

— Me dê um retorno sobre isso. Quero dizer *no mesmo instante*, assim que você puder.

— Pode deixar — respondeu ele.

Victoria desligou, mas não guardou o celular. Ela ficou segurando o aparelho, esperando sua mão vibrar indicando a ligação de retorno. Uma brisa leve fez as águas iluminadas da escuridão dos Everglades ondularem, e fez seu coração bater mais forte ao pensar que, em questão de instantes, ela poderia encerrar a busca. Ou não.

De todo jeito, ela logo estaria a caminho de Palm Beach. Ia ser uma noite longa e dolorosa.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A agente Santos me deixou preocupado.

Fiquei observando ela atender o celular, atravessar a rodovia correndo, entrar no carro e sair em alta velocidade, não na direção dos Everglades, e sim da Florida's Turnpike. Em questão de minutos, notei mudanças drásticas nas atividades de busca. Os mergulhadores emergiram e saíram da água. As luzes pararam de varrer a restinga. Os cães farejadores de cadáveres obedeceram o comando de “sentar”. Uma viatura saiu, seguida de outra. A presença da polícia tinha sido reduzida a alguns grupos conversando à toa pelo canal, a sensação de urgência se dissipando na escuridão. Pessoas demais paradas, sem nada para fazer. Continuei respeitando o perímetro demarcado pela polícia, mas eu não sabia quanto tempo eu ia aguentar ficar quieto do lado dos espectadores da Tamiami Trail. Eu não estava vendo Rid em nenhuma parte. Deixei um recado para ele.

— Não estou gostando do que estou vendo. Me ligue imediatamente. O que está acontecendo?

Vi o trânsito passar rastejando por mim, meu coração na garganta. Observei a longa fileira de veículos se aproximando, procurando a van do médico legista, procurando alguma coisa que eu não queria ver. Meu celular vibrou com a ligação de Rid, que me contou sobre Palm Beach. De repente, eu não conseguia respirar.

— Diga que não é ela — eu pedi.

— Ainda não sabemos.

— Não me enrola!

— Abe, estou contando o que eu sei.

Fiquei olhando para ele do outro lado da rodovia, o celular grudado na orelha e, conforme Rid se aproximou, desligamos. Mesmo que ele só estivesse do outro lado

da fita amarela, era difícil ver ser rosto. Todas os feixes de luz foram desligados com exceção de um, e estávamos parados na escuridão que eram os Everglades.

— Eles estão com a foto de Angelina — eu disse. — Ninguém pode fazer uma comparação?

Rid olhou para o chão.

— Foi um ataque especialmente violento, pelo que me disseram. Os policiais na cena do crime confirmaram vestígios de cinzas, mas nem isso foi fácil. O rosto não está reconhecível.

— Meu Deus. — Tentei manter o controle. — E as impressões digitais? A equipe de investigação deve ter tirado as impressões de Angelina da escova ou do secador de cabelo... alguma coisa.

— Eles tiraram — respondeu Rid. — Mas, de novo, devido à gravidade dos ferimentos, não se sabe se as impressões digitais vão nos dar uma resposta.

Minha mente logo foi parar em outro lugar aonde eu não queria ir, e tentei me livrar da imagem horrível de tocos nos punhos, sem mãos, sem impressões digitais.

— Quando chegam os resultados do exame de DNA?

— Vai ser um pedido de urgência, não só para a identificação da vítima, mas pelo DNA do assassino também. Mas o laboratório não pode começar até o DNA ser coletado, o que precisa ser feito com cuidado. Não vai acontecer até o corpo chegar ao escritório do médico legista.

O corpo. Eu sabia melhor do que ninguém. Rid também.

— Abe, a coisa que mais pode ajudar é pensar em alguma característica marcante. Eu transmito para o legista de Palm Beach.

A pinta na parte interna da coxa, as sardas nos ombros, os detalhes que nem Angelina sabia sobre Angelina. Claro, eu podia fazer uma lista. No carro.

— Eu preciso ir — avisei.

Fui direto para a rodovia com pedágio. Rápido. E sozinho. Rid precisava ficar. A busca na Tamiami Trail estava suspensa, não cancelada. Considerei isso bom sinal; você se apegava ao que pode.

Eu estava ditando para o celular, e tinha chegado ao número 14 na lista de características únicas do corpo de Angelina, quando Ed Brumbel ligou de Belle Glade.

— Talvez você já saiba — disse ele. — Mas a polícia encontrou um corpo nos canaviais a mais ou menos um quilômetro e meio da minha casa.

Com “casa” eu sabia que ele queria dizer o escritório de assistência jurídica.

— Eu ouvi. Estou a caminho do escritório do médico legista agora.

—É..

— Ainda não sabemos.

— Vejo você lá — disse ele, sem hesitar.

— Não é necessário.

— Quem está com você?

— Ninguém.

— Abe, não faça isso sozinho. Encontro você lá.

Eu agradei e continuei dirigindo. Terminei a lista das marcas de Angelina enquanto atravessava a fronteira de Miami-Dade. Eu estava passando por um desses empreendimentos muito a oeste que tinham surgido nos limites da civilização durante o boom imobiliário, onde novos moradores logo aprendiam a indiferença dos pernalongos em relação ao fim da área residencial e o começo dos Everglades.

Mandei a lista por e-mail para o Rid, em seguida fiz a ligação que eu estava temendo: a mãe de Angelina. Margaret e eu tínhamos prometido nos manter informados. O pai de Angelina atendeu.

— Margaret está dormindo — ele me disse. — Ela estava enlouquecendo. Eu a fiz tomar um remédio para dormir.

Contei para o meu sogro aonde estava indo. O silêncio na linha me fez imaginar se a ligação tinha caído, mas ele finalmente falou.

— Margaret e eu precisamos encontrar você lá?

— Não acho uma boa ideia, Jake.

— Tem certeza?

Fiz um esforço para procurar algo positivo.

— Temos muitos ângulos para cobrir. Se não for Angelina, a busca para encontrá-la viva deve ser retomada no mesmo instante. Precisamos ter alguém da família no condado de Miami-Dade.

— Certo, faz sentido.

— Eu ligo assim que souber — prometi.

Desligamos. Eu acelerei.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Cheguei ao escritório do médico legista pouco antes de meia-noite. Ed estava esperando do lado de fora da entrada. Entramos juntos, passando pelas portas pneumáticas e pelos corredor.

Ouvi alguém chorando do lobby à nossa frente. Não pequenos soluços. Uma dor enorme, lancinante, o tipo de lamento que só acontece em um tipo de infortúnio na terra: uma mãe que perde uma filha.

Parei no fim do corredor, sem conseguir entrar no lobby tão bem iluminado. Havia algumas cadeiras na parede do lado oposto. Sentado em uma delas, estava um homem mais ou menos da idade de Jake, consolando a mulher a seu lado. Ela tinha a aparência de Palm Beach, uma mulher atraente e bem-vestida que podia muito bem ser uma das amigas da minha sogra.

A agente Santos estava sentada ao lado dela, segurando sua mão. Ela me viu, pediu licença ao casal e veio na minha direção.

— Não é a sua esposa.

Não houve uma grande sensação de alívio. De repente, eu me senti... egoísta, autocentrado. Foi como um golpe entre os olhos, o fato de que estávamos lidando com um serial killer, o que, por definição, significava diversas vítimas e uma dor exponencial. Outras famílias estavam sofrendo. A mãe soluçante da última vítima do Cortador encostou no ombro do marido. Eu queria ir até lá e abraçar os dois.

— Eu não estava enrolando você — disse Santos. — Acabamos de confirmar a identidade. Eu precisava contar a eles antes de contar para você.

— Eu entendo.

— Instruí Riddel a retomar a busca em Miami-Dade. É melhor você ir.

— Certo. Vou avisar os pais de Angelina.

— Você pode fazer a ligação do lado de fora, por favor? Não quero que esses dois escutem.

— Claro — respondi.

Santos voltou para os pais de luto. Ed me acompanhou pelo corredor até a saída.

— Que boa notícia — comentou ele.

— Pois é. Para nós.

Continuamos andando.

— A propósito, Vernon Callagher não deu em nada.

— Que Vernon?

— Lembra? O Michael Phelps do corte de cana? O cortador velho de quem Tyla Tomkins talvez estivesse falando na mensagem dela para você?

— Claro, claro.

— Achei mesmo que havia algo suspeito no acidente de carro que matou aquele político. Especialmente a maneira como todos os registros da investigação foram lacrados. Mas falei com a viúva de Conrad. No fim das contas, foi a família que mandou lacrar os relatórios, não a Açúcar Big. Conrad estava bêbado como um gambá, dirigindo rápido demais quando foi parar no canavial em chamas. O fogo invadiu a estrada, e foi isso. Ele bateu.

Ed tinha desviado tanto do assunto que eu mal estava conseguindo acompanhar.

— Que pena.

— O que estou dizendo é: não acho que o acidente de carro tivesse algo a ver com o crime de que Tyla estava tentando falar para você.

— Concordo. Vamos deixar isso tudo para lá.

— Não, não, não — disse ele, me cortando. — Não estou dizendo que devemos desistir. Se Tyla estava tentando dar informações sobre um crime cometido pela Açúcar Cortinas, nós com certeza precisamos descobrir o que era.

— Ed, neste momento, tudo o que eu quero é avisar meus sogros.

Saí andando pelo corredor, apertando o passo. Ele veio junto.

— Só me escute, pode ser? Acho que o crime de que Tyla estava tentando falar tem algo a ver com o acordo imobiliário em que o escritório dela trabalhou.

Pisei no capacho de borracha, as portas se abriram automaticamente, e continuamos do lado de fora.

— Acordo imobiliário?

— Quatro anos atrás a Açúcar Big fez um acordo bilionário para revender uma área produtiva para o estado da Flórida. Estava muito acima do valor de mercado,

mas os ambientalistas não se opuseram porque o plano era tirar todos aqueles acres da produção de açúcar e fazer os Everglades voltarem ao seu estado natural. Mas então a Açúcar Big fez os políticos assinarem um acordo de *leasing* das mesmas terras por mais vinte anos de produção de açúcar por um aluguel ridículo de barato. Foi basicamente um roubo.

Estávamos do lado de fora do prédio. Tentei usar meu celular. Sem sinal.

— Droga!

Saí andando pela calçada, procurando sinal. O estacionamento ficava virando a esquina. Ed veio junto.

— Então, esse acordo pelas terras...

— Ed, chega — interrompi, incomodado. — O que um acordo imobiliário tem a ver com qualquer coisa?

— Pense comigo — respondeu ele. — Tenho certeza de que ninguém descobriu isso ainda, mas posso mostrar um mapa. Esse serial killer desovou cada uma das vítimas de Palm Beach em um canavial. Até agora, cada um deles faz parte do terreno do acordo.

Eu parei, incrédulo.

— Você enlouqueceu? O que você acha que isto é, *O Código Da Vinci*?

— Hã?

— Ed, eu não quero saber de um acordo imobiliário escuso.

— Você não está entendendo. Tudo está ligado ao serial killer. Acho que é uma mensagem.

Comecei a andar ainda mais rápido, mas a imagem absurda de um cartum antigo que meu antigo mentor tinha presa na porta me veio à mente, até Carmen obrigá-lo a tirá-lo dali: dois detetives olhando para um mapa da cidade, alfinetes marcando o local de cada crime, os pontos formando a frase “Vá se foder”, e um detetive perguntando ao outro, “você acha que existe um padrão?”

Olhei para meu celular. Continuava sem sinal. Eu precisava ir para o outro lado do prédio. Continuei andando.

— Abe, você está ouvindo o que estou dizendo?

— Não estou mais. Achei que você tivesse vindo até aqui porque era um gesto de amizade. Em vez disso, você está enchendo meus ouvidos por causa de um processo?

— Podemos pegar essa gente de uma vez por todas, Abe.

— Não estou interessado.

— Abe, você e eu, um time. Podemos vencer a Açúcar Big.

— Essa é a sua briga, Ed. Não a minha.

— Faça dela a sua briga, droga. O Cortador não é o único assassino na cidade, sabe. Esses malditos barões do açúcar estão matando os Everglades, e estão saindo impunes.

— Ed, tenho problemas maiores na minha cabeça, minha mulher desapareceu, *e eu, honestamente, estou cagando!*

Parei de repente. Tínhamos dado a volta no prédio e quase batido de frente com uma equipe de televisão. Uma repórter chocada estava olhando direto para mim. Eu tinha gritado, a parte que ela ouviu estava totalmente fora de contexto, e o câmera também tinha ouvido. Eu estava prestes a explicar, mas a repórter não me deu a chance. Pelo menos, não em *off*. Com um estalar de dedos, a câmera estava gravando.

— Com licença — disse ela. — O senhor não é Abe Beckham?

O microfone estava no meu rosto. A luz vermelha da câmera estava olhando para mim.

Outro homem talvez tivesse aprendido a lição com a mentira de uma palavra no escritório de Carmen, aquela sobre quanto tempo fazia desde o meu último encontro com Tyla Tomkins. Mas eu estava desesperado para sair dali rápido.

— Não — respondi, e corri para o meu carro.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Eu não podia ir para casa. Não naquela noite. Minha residência ainda era uma cena de crime, e os investigadores iam voltar pela manhã. Se meu plano era estar presente, eu precisava dormir. Fui para o apartamento de JT.

Liguei para os pais de Angelina. O pai dela ficou aliviado, mas fez a pergunta óbvia:

— Então, onde acham que ela está?

— Precisamos continuar procurando.

— Sei que temos uma linha direta na polícia, mas quero oferecer uma recompensa junto. Sabe, “qualquer um que tenha informações, por favor, ligue para nós”. Nenhuma pergunta vai ser feita. Talvez... quanto você acha? Vinte e cinco mil? Cinquenta mil? Não sei. Como as pessoas decidem esses valores?

De fato, como? É isso que alguém vale? O que a família consegue pagar? Outra pergunta sem resposta.

— Uma recompensa é uma boa ideia, Jake. Vamos decidir o valor de manhã.

Eu disse a ele para não perder as esperanças, meu sogro me disse o mesmo, e desligamos. Bati no meu próprio rosto seis ou sete vezes na viagem pela rodovia pedagiada só para me manter acordado. Nenhum doeu tanto quanto minha próxima ligação. Só atendi porque achei que o código de área de Palm Beach podia significar que era alguém da força-tarefa. De alguma forma, aquela repórter da TV tinha encontrado meu número de celular.

— Dr. Beckham, eu sei que era você.

Meu primeiro instinto foi desligar, mas era preciso controlar os danos.

— Peço desculpas. Foi muito rude da minha parte, mas é um momento difícil. Por favor, respeite minha privacidade.

— Eu ouvi o que você disse. E gostaria de oferecer uma chance para você se explicar.

Eu precisava ser esperto.

— Vou dizer uma coisa, srta.... qual é o seu nome?

— Heather. Heather Hunt.

Claro.

— Eu amo minha esposa, e estou fazendo tudo o que é humanamente possível para encontrá-la. O que você ouviu estava totalmente fora de contexto. Agora, se você prometer me deixar em paz, eu prometo que da próxima vez que eu tiver uma atualização para a mídia, você vai ser a primeira pessoa para quem vou ligar.

— Dr. Beckham, não quero soar insensível, mas sua esposa é um assunto regional de Miami. Quero falar sobre a Açúcar Cortinas.

— O quê?

— Depois que você saiu correndo, literalmente, o dr. Brumbel explicou o que o senhor quis dizer quando falou aquilo. Ele disse que pouco antes de ser morta, Tyla Tomkins entrou em contato sobre alguma atividade criminosa e algo que foi acobertado pela Açúcar Cortinas.

Mas que inferno, Ed. Desde o início, eu tinha deixado claro para ele que a mensagem de Tyla era confidencial.

— Sinto muito, mas não posso falar sobre isso.

— O sr. Brumbel me deu seu celular e disse que o senhor ficaria feliz em explicar.

Que merda, Ed!

— Não, eu não posso fazer isso.

— Então o senhor de fato está c-a-g-a-n-d-o sobre uma possível conexão entre Tyla Tomkins e uma atividade criminosa na Açúcar Cortinas?

— Preciso desligar agora, Hunter.

— Heather. Heather Hunt.

— Estou dirigindo na estrada a 110 quilômetros por hora e estou usando o celular. Isso é perigoso. Boa noite.

Ela ligou de novo, mas eu ignorei. E me atrapalhei com o celular ao tentar ligar para Ed. Sim, ele tinha vindo depois da meia-noite me dar apoio, e talvez eu pudesse ter encontrado uma forma mais delicada de dizer que encontrar Angelina era uma prioridade maior do que processar a Açúcar Big. Mas tagarelar para uma repórter sobre Tyla e eu era uma vingança bem mesquinha.

A ligação caiu na caixa postal. No mesmo instante, minha mente ficou cheia de ideias sobre Ed do outro lado da linha, enchendo Heather Hunt de informações sobre

Tyla, eu e qualquer ação que ele estivesse tentando mover contra a Açúcar Cortinas. Deixei uma mensagem:

— Ed, eu confiei que você manteria confidencial a informação de que Tyla pudesse ter vazado informação. Por favor, não diga mais nenhuma palavra para a imprensa. Você está comprometendo uma investigação de homicídio. É tudo o que tenho a dizer.

Deixei o celular de lado, mas minha raiva se manteve pelo caminho todo até Miami. Talvez parte dela estivesse mal direcionada.

Eu ainda tinha que lidar com a bagunça do meu cunhado.

Era uma e meia da madrugada quando cheguei ao prédio de JT. Passei voando pelas lombadas, parei o carro na mesma vaga de quando Samantha e eu morávamos aqui e deixei as chaves no mesmo prato perto da porta. Duas viagens de ida e volta para Palm Beach nas últimas 16 horas, e isso tinha sido a parte fácil do meu dia. Eu estava exausto, mas dormir não era a primeira coisa que eu ia fazer. A conexão com a Cortinas tinha me deixado aflito, mas eu não podia desperdiçar energia nisso. Eu precisava manter o foco. Eu ainda queria ouvir a versão do JT da conversa com a agente Santos, e não me importava se isso significava acordá-lo no meio da noite para tal. Entrei no quarto dele, acendi a luz e o chacoalhei até ele acordar.

— Você disse para a agente Santos que Angelina bate em mim?

Ele piscou, tentando se situar.

— O quê?

Puxei as cobertas, tirei JT do travesseiro e o fiz sentar na borda do colchão, virado para mim. Ele estava usando a camiseta e a bermuda de basquete de sempre.

Repeti a pergunta, tentando não soar excessivamente acusatório, mas àquela altura do campeonato, eu estava perdendo o controle. Os olhos dele estavam se ajustando à luz, mas essa não era a única razão para a reação lenta. Finalmente, ele respondeu.

— Posso ter dito.

— JT, por que você fez isso?

— Eu... hum.

As pernas dele ficaram inquietas, o calcanhar direito batendo no chão como uma britadeira. O rastreador balançava em seu tornozelo.

— Não vou ficar bravo. Eu prometo.

As duas pernas dele começaram a se mexer. A cama estava chacoalhando. Eu precisava recuar um pouco.

— JT, respire, por favor. Quero que você relaxe e me conte por que disse para a agente Santos que Angelina bate em mim.

Ele inspirou pela boca, expirou pelo nariz. Para mim, o movimento parecia estar invertido, mas a maior parte das coisas estava no mundo do JT.

— Eu estava só... só tentando ajudar.

— Ajudar? Ajudar quem?

— Você.

— A mim? Como isso vai me ajudar?

— Ela estava tentando me fazer dizer que você bate na Angelina. E não acreditou quando eu disse que não. Então... eu sei lá, Abe. Eu fui longe demais. Sabe como é, você faz pressão, eu faço pressão de volta. Então foi assim: “Ah, é, você acha que Abe bate na Angelina? Isso é ridículo. É duplamente ridículo. Angelina bate nele. Está vendo, dona?”

À estranha maneira de JT, fazia sentido. Ele estava respirando com tanta força que seu nariz assobiava a cada expiração.

— JT, não comece a hiperventilar.

A respiração diminuiu, mas as pernas inquietas continuaram.

— Que bom que você quer me ajudar — eu continuei. — Mas não me ajuda você dizer que Angelina bate em mim. A agente Santos vai distorcer isso e dizer que era um relacionamento violento, Angelina me bateu vezes demais, e eu finalmente revidei, e Angelina acabou desaparecendo. Ou pior.

— Foi isso que aconteceu?

— Não, JT! Que merda, não!

— Não grite comigo, Abe.

Ele ficou de pé. Eu recuei, na defensiva, mas JT passou direto por mim. O corpo dele parecia estar apenas reagindo àquela necessidade incontrolável de andar de um lado para o outro. Era bem inocente, mas trouxe à tona as palavras de Angelina para mim. *Ele me assusta, Abe.*

— JT, você está tomando seus remédios todo dia?

— Aham, estou.

Ele estava em movimento constante, de um lado para o outro no pé da cama, de um canto do quarto para o outro.

— Tem certeza?

— Não me chame de mentiroso, Abe.

— Estou só perguntando. Porque sei que você quer me ajudar, certo?

— Quero, claro — ele respondeu, mas as palavras não passavam de grunhidos.

— JT, o melhor jeito de me ajudar neste momento é você se cuidar. Você pode fazer isso por mim?

—Quero ajudar, quero ajudar, quero ajudar. Só isso.

—JT, você pode me prometer?

—Eu só queria ajudar, era tudo o que estava tentando fazer, mas agora eu estraguei tudo, e ninguém nunca mais vai querer minha ajuda. Eu devia ter dito só: “não, vá embora, não posso falar agora, vejo você depois, chata do FBI que eu peguei olhando para o meu pau preto.”

Fui até ele, mas JT estava andando com muita fúria. Se eu não fizesse alguma coisa rápido, ele ia começar a pular pela sala e, por mais engraçado que as pessoas achem que isso é, não tinha nada de engraçado.

—Eu não devia ter dito nada, Abe!

—Não se preocupe. Preciso que você se acalme, pode ser?

—Eu sou um idiota.

—Qual é, JT.

—Idiota, idiota, idiota — disse ele, batendo na testa a cada “idiota”.

—JT, pare com isso!

Eu falei tão alto que me assustei, mas JT não se abalou. Ele abaixou e começou a mexer na tornozela.

—Precisamos tirar essa coisa de mim, Abe.

—Não!

—Não posso mais usar essa merda!

Era uma encrenca de que nós não precisávamos. De que eu não precisava. Por instinto, avancei sobre ele antes que tivéssemos um bando de viaturas no estacionamento e a polícia batendo na porta. Meu pé ficou preso na quina da cama, e eu caí. Meu reflexo foi jogar o braço para a frente e amenizar a queda, e bati meu tríceps com tanta força no pé da cama que praticamente vi estrelas.

—Que inferno, JT!

Ele não ouviu, nem chegou a notar. Meu braço estava me matando, mas o problema era a tornozela.

—Preciso tirar esta maldita coisa de mim, Abe!

Entrei em desespero. Eu só tinha uma carta na manga, que eu tinha guardado por 19 meses. Eu não tinha certeza se daria certo, mas, se algum dia houve uma ocasião certa para tentar, era aquele dia.

Comecei a cantar.

Eu estava fora do tom, minha voz entrecortada, em parte porque eu era um cantor terrível, mas principalmente porque eu não estava fazendo jus a uma lembrança especial. Era uma música que eu tinha ouvido Samantha cantar para o irmão em momentos ruins, alguns piores do que aquele. Samantha tinha uma linda

voz. Não era uma surpresa que tivesse funcionado para ela. Eu estava fazendo o melhor que podia.

— Você pode cantar comigo, JT?

Cantei a primeira estrofe sozinho, com menos força do que o compositor tinha pretendido, sem lembrar em nada o coral da antiga igreja dos dois. Mas foi o suficiente para fazê-lo parar de andar e sentar na borda do colchão. Eu não sabia a segunda estrofe, então comecei de novo, e JT se juntou a mim.

*Deus me deu um arco-íris
Depois de uma tempestade.
Durante todo o inverno Deus me diz
Que vai esquentar de novo.
Nos momentos difíceis
A graça Dele
Me deixa grato, tão grato.
Sou grato por Ele ser tão grande.
Seja grato.*

Cantamos duas vezes. JT ficou calmo. Parou de andar, as pernas ficaram quietas. O quarto ficou estranhamente silencioso, uma raridade na minha vida com JT, e eu saboreei aquele momento.

— Tente voltar a dormir — eu disse a ele.

JT deitou na cama e se cobriu. Apaguei a luz e fui em direção à porta.

— Abe? — chamou ele na escuridão.

Parei no batente.

— Pelo que você é grato? — ele perguntou.

A pergunta me atravessou como uma faca, me cortando ao meio. Metade de mim estava dentro de um quarto cheio de memórias de Samantha. Metade está lá fora, em algum lugar, procurando Angelina.

— Boa noite, JT — eu disse, fechando a porta.

Fiz minha cama no sofá e deitei na escuridão. Mesmo com a porta de JT fechada, eu podia ouvir os roncoss. Mas não foi isso que me manteve acordado. Eu

não conseguia fechar os olhos sem voltar para o hospital. No entanto, os fechei mesmo assim.

Era uma manhã quente de verão, mas Samantha não sabia disso.

Estávamos num hospital por força das circunstâncias. Era a ala para pacientes terminais e, mesmo que as intenções de todos fossem boas, minha cabeça ia explodir se eu ouvisse as palavras “faça ela ficar confortável” mais uma vez. Samantha estava dormindo e acordando por causa dos analgésicos.

Eu mesmo estava meio dormindo, na cadeira ao lado da cama, quando os olhos dela se abriram

— Abe?

— O que foi, querida?

Ela gesticulou para eu me aproximar. Eu me inclinei sobre o protetor da cama.

— Me prometa uma coisa — sussurrou ela.

Pensei que seria nosso momento Ryan O’Neal e Ali MacGraw, nosso próprio *Love Story*, em que minha esposa me diz no leito de morte que quer que eu me case de novo.

— Qualquer coisa — respondi.

— Me prometa que você vai cuidar do JT.

Peguei a mão dela, aquela mão esquelética.

— Prometo.

Samantha teria se apoiado em um cotovelo, mas não teve forças. Ela me olhou bem nos olhos.

— Não, não diga só “prometo”. Fale isso para mim. Diga, “Samantha, eu prometo a você, vou cuidar do JT”.

Eu engoli com dificuldade. Eu estava tentando não apertar os dedos dela com muita força, ela parecia tão frágil, mas estava esmagando os meus com a força que ainda tinha.

— Samantha, eu prometo a você, vou cuidar do JT.

Uma paz pareceu tomar conta dela. Ela soltou minha mão, recostou no travesseiro e fechou os olhos.

Não foi a última coisa que eu disse para minha esposa. Mas tenho bastante certeza — aliás, certeza absoluta — de que foram as últimas palavras que Samantha Vine ouviu.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Dormi até sete da manhã. A música me acordou.

Se-e-e-ja grato. JT estava tocando a versão em CD da nossa canção. De fato, era domingo de manhã.

Meu braço estava dolorido quando me levantei do sofá, mas não era um grande problema. Eu tive sorte de não quebrar o nariz, considerando a queda. Verifiquei meu celular. Havia 11 mensagens de Heather, Hunter, seja lá qual fosse o nome dela. Deletei todas.

— Abe, você pode fazer compras para mim hoje? Não tenho mais quase nada para comer.

Pois é, era uma das minhas prioridades. Parecia um ótimo trabalho para uma das muitas pessoas que tinha perguntado se podia ajudar.

— JT, eu fiz compras para você na sexta.

— Acho que estava contaminado. Tive que jogar a maior parte no lixo.

Mesmo? MESMO? Respirei fundo. *Seja grato.*

— Eu cuido disso.

— Você pode ir agora?

— Não, eu não posso ir agora, JT.

— Estou com muita fome.

Pedimos uma pizza. Sim, às sete da manhã. Havia um lugar em South Beach que só entregava depois de quatro da madrugada. Viver em uma cidade onde as pessoas farreavam em turnos tinha suas vantagens.

Liguei para Rid. A busca na Tamiami Trail tinha sido reduzida, mas continuava em andamento. Ela seria encerrada ao meio-dia. Eles não tinham gente suficiente para ir além da área de um quilômetro e meio da ponte. Liguei para Sloane,

amiga de Angelina. Às oito e meia, ela tinha quarenta voluntários para percorrer a Trail. Nós nos reunimos no estacionamento a leste da ponte. A maioria eram mulheres, muitos chapéus de aba larga, garrafas d'água e protetor solar. Sloane fez as vezes de monitora.

— Quero duas filas — anunciou ela para o grupo. — Uma vai para o lado norte, a outra, para o sul. Não encostem nem recolham nada. Se virem qualquer coisa, *qualquer coisa mesmo*, liguem para o meu celular. Não brinquem de polícia. Deixem os profissionais checarem.

— Que distância vamos percorrer? — perguntou.

— Até onde for possível.

Alguém na multidão comentou que a Trail tinha mais de 440 quilômetros, e ouvi uma ou duas pessoas murmurando algo sobre “ela”, supostamente Sloane, ter enlouquecido.

— Se vocês se cansarem, só me avisem — continuou Sloane. — Temos uns dois voluntários que vieram de carro e podem levar vocês para a área de armazenamento.

Isso provocou um suspiro coletivo de alívio nos voluntários. E lá se foram eles. Eu não. Chamei Rid. Conversamos perto da ponte, do lado de fora da fita de isolamento.

— Santos vem hoje? — perguntei.

— Ela está em Palm Beach.

— Peço desculpas pela pergunta idiota, mas eles têm certeza de que esse último homicídio foi cometido pelo Cortador?

— Têm. Cinzas no rosto. Mulher branca com namorado negro. Outros indicadores... desculpe, parceiro... não posso compartilhar com você.

— Eu entendo.

— A questão é — continuou Rid — isso torna ainda mais improvável que Angelina seja uma das vítimas do Cortador. Não é o estilo dele, duas em um fim de semana. Não é o padrão de nenhum serial killer. Alguns deles dormem por dias depois de matar.

— Esse é o perfil típico do polícia — eu disse, porque conhecia um pouco o assunto. — Não que eu esteja torcendo para o Cortador ter alguma coisa a ver com Angelina, mas serial killers podem começar a matar aleatoriamente, em especial ao final da jornada.

— É verdade. Mas mortes aleatórias não são o que está na cabeça de Santos.

— Ela ainda está atrás de mim?

Eu apostava que tinha cinquenta por cento de chances de Rid responder.

— Ela não descartou você. É tudo o que posso dizer.

— Eu preciso saber mais — pedi.

Ele não continuou, mas também não encerrou a conversa.

— Falei com JT — contei. — Ele disse para Santos que Angelina bate em mim.

— Eu sei — disse Rid. — Isso não ajuda. Você, quero dizer.

— Existe uma boa explicação. Basicamente, JT estava falando merda. Você sabe disso, e eu sei disso. Preciso da sua ajuda para fazer Santos entender isso também.

Rid desviou o olhar, virando para a fila de voluntários invadindo a ponte como um exército de formigas.

— Ele disse alguma coisa específica?

— Não. Só que Angelina bate em mim. Quando Santos pressionou para obter detalhes, JT disse que ela precisava perguntar para mim.

— Ela perguntou para você?

— Perguntou.

— Você disse alguma coisa?

— Eu disse que não é verdade.

Rid me encarou.

— Então você não contou que Angelina quebrou seu nariz?

Prendi a respiração. Aquilo fazia três anos.

— Eu quebrei o nariz jogando basquete.

— Não quebrou, não, Abe. Essa é a sua versão. Nuke e você foram tentar um rebote, e o cotovelo dele acertou bem no seu nariz. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo no ginásio Carver. Só que eu falei com Nuke e sei que não aconteceu.

Eu tinha dado a Nuke um par de tênis de cano alto do LeBron para contar aquela história. Pelo jeito, a memória dele durava tanto quanto os tênis.

— Isso faz muito tempo — eu disse.

— Não faz tanto tempo — rebateu ele.

— Angelina e eu namoramos por quase três anos, morando juntos por quase metade desse período. Foi duro para ela quando a relação acabou. Quando ela descobriu que eu estava terminando por causa da Samantha...

— Uma negra.

Palavras dele, não minhas.

— Ele não lidou bem.

— *Não lidou bem?* Abe, ela arrebitou sua cara.

— Não foi...

— Não foi culpa dela? Era isso que você ia dizer? Que merda é essa, Abe? Agora você está falando como aquelas mulheres que apanham e voltam para casa,

para um marido que sente muito pelo que fez, e acabam saindo pela porta em um saco para cadáveres.

Eu conhecia essas mulheres. Eu havia processado os maridos. Não era a mesma coisa que Angelina e eu.

— Não aconteceu nada disso desde o nosso casamento.

— E a garrafa de cerveja estilhaçada?

— Não aconteceu *nada* — eu disse, com a voz mais dura.

— Tudo bem. Como quiser — ele desviou os olhos de novo.

— Ei — eu disse, forçando Rid a fazer contato visual. — Santos não precisa saber do nariz quebrado.

Demorou um pouco e, por muito tempo, achei que o tivesse perdido. Mas finalmente vi a expressão no rosto dele, a que me dizia que éramos amigos, não só colegas, e que tínhamos um acordo.

— Sangramento no nariz — disse ele. — Culpa da bola.

— Obrigado, Rid. Muito obrigado.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Victoria não estava em Palm Beach. Ela estava em Miami, em uma reunião com o primeiro assistente da promotoria federal, Matthew Lewis. Em qualquer organização, ninguém trabalha mais do que o primeiro assistente do manda-chuva, e o escritório da promotoria federal não era a exceção. Lewis chegava cedo e saía tarde, e era rotina trabalhar em fins de semana e feriados, saindo de vez em quando para fumar um cigarro.

Eles estavam conversando em uma mesa externa, no pátio do lado de fora do Federal Building, um punhado de cigarros apagados no cinzeiro entre eles. Era proibido fumar dentro do prédio, e aquele era o lugar de sempre de Lewis.

— Tem uma guerra do açúcar sendo preparada — anunciou.

Lewis sorriu e acendeu outro cigarro. No começo de sua carreira, ele tinha sido um dos advogados durões do governo envolvidos no salvamento dos Everglades que participaram de um processo contra o estado da Flórida por não impor a regulamentação sobre a água limpa por parte da Açúcar Big. Ninguém em Tallahassee admitiria, mas Cortinas controlava os políticos estaduais que negociaram o acordo.

— O que os canalhas fizeram desta vez? Afogaram filhotes de gato recém-nascidos?

Ela sorriu de leve e então ficou séria.

— Não tenho certeza de qual direção isso vai tomar, mas a matéria com Ed Brumbel no noticiário hoje de manhã me fez pensar.

Lewis deu mais um trago no cigarro.

— Quem?

— Advogado da Farm Aid em Belle Glade. Passou os últimos vinte anos da carreira tentando condenar a Açúcar Big por alguma coisa. É um tonto, mas todo mundo sabe que até um relógio quebrado está certo duas vezes. Pode haver de fato uma grande ligação entre a Açúcar Big e minha investigação do Cortador.

— Fale mais.

— Basicamente, temos cinco vítimas que foram encontradas nos canais do condado de Palm Beach. Não há nenhuma dificuldade em conectá-las a um assassino. Mas temos duas vítimas de fora em Miami-Dade. Uma é Tyla Tomkins, a advogada da Belter, Benning & Lang. Tenho quase cem por cento de certeza de que o Cortador não é o assassino.

— Um imitador?

— Talvez. A outra é a esposa de Abe Beckham, que continua desaparecida. A busca está em andamento, e não tenho um corpo para examinar, então não tenho certeza sobre ela. Mas minha aposta é: não foi o Cortador.

— Onde a guerra do açúcar se encaixa nisso?

— Brian Belter estava dormindo com Tyla Tomkins. Não tenho dúvidas quanto a isso. E temos uma mensagem de voz de Tyla Tomkins para Abe Beckham. Parece que ela estava oferecendo informações incriminatórias sobre as atividades da Açúcar Cortinas. Afinal, Tomkins fez parte do trabalho mais delicado, tanto para as empresas quanto para a família Cortinas.

— Então Tomkins tinha a possibilidade de arruinar o casamento de Brian Belter e de causar um sério dano ao seu melhor cliente.

— Exato.

Lewis bateu as cinzas.

— Então qual é a sua teoria? Belter se transformou no *Dexter*?

— Não, minha teoria é que Belter tinha um grande problema que só poderia ser solucionado eliminando Tyla Tomkins. O Cortador não só estava no noticiário, mas os corpos estavam aparecendo nos canais do cliente dele. Talvez tenha surgido daí a ideia. Matar Tyla e fazer parecer obra do Cortador.

Lewis pensou por um instante.

— Eu conheço o Belter. Ele não me parece o tipo de sujeito que sai brandindo um facão.

— Cortinas ainda usa cortadores de cana fora dos Estados Unidos. Não seria complicado trazer um para cá, colocá-lo para fazer o serviço e pagar pesos suficiente para manter sua boca fechada.

— Talvez.

— Então alguns desses cortadores têm históricos questionáveis. Um dos contratados no Brasil era ex-presidiário em liberdade condicional. Deixou a namorada em coma por cinco dias quando golpeou a cabeça dela com o lado plano do facão. Um movimento do punho, e ela estaria morta.

— Ele poderia ser seu serial killer?

— O sujeito voltou para a cadeia. Mas existem dezenas de milhares de cortadores de cana na América Central, América do Sul e no Caribe. Tudo o que Belter precisava fazer era encontrar alguém para matar Tyla Tomkins.

— Até o momento, o que você fez em relação a isso?

— Um dos assistentes da promotoria ajudou com um mandado. Queremos acesso aos computadores e aos e-mails de Tyla na BB&L.

— Vai ser uma briga do cão.

— Pois é. Maggie Green está interferindo de todas as maneiras.

— Vou ver o que posso fazer. Mas como você relaciona Belter ao desaparecimento da mulher de Beckham? Por que Belter teria alguma coisa a ver com ela?

— Ele não teria.

— Então em quem você está de olho aqui?

— Abe Beckham.

— Ah, o marido. A versão do século XXI do Coronel Mostarda.

— O quê?

— Desculpe. Joguei muito *Detetive* quando era criança. Minha pergunta é, além do fato de ele ser o marido, por que você acha que foi Beckham?

— Tenho quase certeza de que ele estava tendo um caso. Com Tyla Tomkins. Lewis balançou a cabeça.

— Então uma mulher coloca a carreira em risco para vazar uma informação de um crime, ele não consegue guardar o pau na calça. Ele sempre foi um filho da mãe arrogante.

— Você conhece o Beckham?

— Não suporto esse sujeito. Típico promotor estadual com aquela mentalidade de “meu pênis é maior do que o seu”. Acha que todos os agentes federais são idiotas de colarinho branco e que os únicos promotores de verdade são os que cuidam de assassinatos, estupro e roubos.

— Realmente não foi o que me pareceu.

— Provavelmente porque você o pegou de jeito. Você está de olho em Beckham tanto do caso de Tyla Tomkins quanto da esposa?

— Estou de olho, sim.

— Então isso cria duas possibilidades para o assassinato de Tyla Tomkins: Belter e Beckham.

— Três, na verdade. Não se pode eliminar um imitador.

— Certo, três. Mas só um deles tem uma relação tanto com Tyla quanto com Angelina.

— É verdade.

— Então, se eu fosse você, manteria Brian Belter como possibilidade. Mas, no curto prazo, ataque o caminho de menos resistência. Veja aonde isso leva.

— Ou seja, Beckham. Concordo totalmente. Mas não tenho tempo, orçamento nem estômago para uma caça às bruxas. Qualquer que tenha sido o papel de Beckham, tenho um serial killer para pegar. É por isso que estou fazendo tudo para manter qualquer suspeita em relação a Beckham fora do radar. Um circo da mídia sobre outro marido que matou sua linda esposa só vai prejudicar a busca pelo Cortador. Preciso da sua ajuda.

— É só pedir.

— Quero que Beckham faça um teste de polígrafo. Se ele passar, eu viro a página.

— Você perguntou para ele?

— Perguntei. Ele recusou.

Lewis tragou mais uma vez, a nuvem de fumaça se formando no ar.

— Não posso pedir um mandado exigindo que alguém se submeta ao detector de mentiras.

— Eu sei. Mas veja como eu quero lidar com a situação: “sr. Beckham, você pode recusar o polígrafo, mas isso não vai me deixar feliz. Aliás, vai me deixar tão infeliz que posso até mandar tudo para o inferno. Vamos prender você por uma acusação menor, algo bem menos sério que homicídio. Se você for preso, vamos manter você numa cela por uma noite e, se isso acontecer, mesmo por uma infração menor, mesmo que por uma noite, podemos fazer uma revista em você. É o que a Suprema Corte diz.”

— Você está certa sobre a lei. Mas de que infração menor você está falando?

— A boa e velha um, zero, zero, um — disse Victoria, se referindo à seção 1001 do código penal americano.

— Ah, a estratégia Martha Stewart. Se não conseguir emplacar o crime de verdade, prenda a pessoa por fazer uma declaração falsa para um agente do FBI.

— Soa péssimo, eu sei, mas é só uma tática. A mulher de Beckham está desaparecida. A última coisa de que ele precisa é ser arrastado para o centro por mentir para um agente do FBI, ser revistado e jogado numa cela por uma noite. As

peessoas ouvem “mentira” e “revista” e pensam: “Esse sujeito é culpado e perigoso.” Ele estaria a caminho da condenação por milhões de jurados de TV que não se cansam dessas coisas. É uma questão de desaprovação: “Veja, dr. Beckham. Vamos poupá-lo do estigma e do constrangimento da prisão e da revista. Só faça o teste do polígrafo, e nenhuma acusação vai ser feita.”

— É uma boa tática — disse Lewis. — Mas só se ele tiver feito uma declaração falsa.

— Ele mentiu para a promotora do estado, para um detetive de homicídios de Miami-Dade e para uma agente do FBI, no caso, eu.

— Sério? Quando?

— Segunda de manhã. Estávamos sentados na sala de Carmen Jimenez. Beckham disse que fazia dez anos que não via Tyla Tomkins. Temos fotos dos dois jantando juntos em setembro passado.

— Jura?

— Juro — disse Victoria, apertando os olhos. — Então estou pedindo a sua ajuda. Quero olhar nos olhos de Abe Beckham e dizer que, se ele não se submeter ao detector de mentiras, o assistente da promotoria federal está preparado para aparecer diante de um júri e indiciá-lo por mentir para um agente do FBI.

Lewis apagou o cigarro e abriu um sorriso irônico.

— Bom trabalho, agente Santos. Pelo jeito, você tem o suficiente para uma revista e um polígrafo.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Eu estava nu. Totalmente nu. E não estava gostando nem um pouco.

— Vire, por favor — instruiu o policial.

Eu virei. O vento da saída do ar-condicionado soprou entre as minhas coxas. A caneta laser revistou minhas partes privadas. Essa não era a revista típica que a polícia faz em busca de armas ou produtos de contrabando escondidos que pudessem colocar os guardas carcerários ou outros presidiários em perigo. Era um exame completo para verificar hematomas, arranhões ou qualquer outra evidência física de um conflito entre mim e Angelina. De acordo com o formulário do departamento de polícia de Miami-Dade que eu tinha assinado, o exame estava sendo feito com meu “total consentimento e ciência”. Mais ou menos. A agente Santos tinha sido bem persuasiva.

— Quero um polígrafo e um exame físico completo. Ou nós literalmente transformamos isso num caso federal por causa da mentira que você contou sobre Tyla Tomkins.

Se eu não fosse um promotor, teria soado como um blefe. Mas eu sabia que mentir para um policial ou agente do FBI durante uma investigação criminal era uma infração passível de até cinco anos de prisão, mesmo que a declaração não tivesse sido feita sob juramento. Eu não estava convencido de que Santos levaria aquilo a cabo, mas não estava em posição de acusar o blefe. Então me submeti ao detector de mentiras. E depois tirei a roupa.

— Levante os braços — disse o examinador.

Levantei. Estávamos numa sala pequena sem janelas. As paredes eram amarelas, feitas de blocos de concreto. Luzes fluorescentes agrediam meus olhos. O examinador claramente já tinha feito isso antes, e eu estava começando a achar que o

sujeito que recolhe as fezes dos elefantes no zoológico não tinha o pior emprego do mundo. Poucas pessoas tinham se familiarizado com o ligamento obscuro que separava meus testículos do meu reto, mas ele tinha encontrado. O examinador narrou suas descobertas para um gravador, e o assistente tomou notas. *Lado esquerdo da virilha, liberado; lado direito da virilha, liberado.* Rid estava num canto, desviando os olhos como os homens fazem quando estão no mictório de um banheiro público, onde a única meta é não ser pego olhando. Rid não estava lá para me dar apoio moral. Ele era um dos principais detetives na busca por Angelina.

— Vamos tirar uma foto disso — o examinador anunciou.

Meus braços estavam levantados. O examinador estava apontando a caneta laser para a parte interna do meu tríceps esquerdo.

— Uma foto do quê? — perguntei.

— A autorização inclui fotografias — ele explicou.

— Eu sei. Só quero saber o que você está fotografando.

Rid se pronunciou do canto.

— É um hematoma, Abe.

Entortei o pescoço, tentando a ver a parte do músculo do meu tríceps que não costumava estar no meu campo de visão.

— Eu nem sabia que estava aí.

— Não está amarelada — disse o examinador. — Provavelmente tem menos de dois dias.

O assistente tomou nota.

— Não consigo pensar em nada nos últimos dois dias — respondi.

— Talvez tenha sido jogando basquete — comentou Rid.

Fiz contato visual com ele. Rid desviou os olhos, mas eu estava lendo sua mente: *Igual ao nariz quebrado.*

O assistente tirou a foto, várias fotos, na verdade, quase como se estivesse disparando uma metralhadora. De repente, me lembrei da minha queda no quarto de JT.

— Ah, eu sei como aconteceu. Noite passada, com o JT, houve uma pequena crise, acho que podemos colocar nesses termos. Tropecei no pé da cama e...

— Abe — interveio Rid, fazendo um sinal discreto de “corta”. Minha explicação parecia uma mentira e, na cabeça dele, meu amigo estava me fazendo um favor ao me pedir para parar. Talvez Rid estivesse certo. Calei a boca.

Se o examinador encontrou outros hematomas, não me contou. O exame todo durou menos de vinte minutos.

— Você pode se vestir agora.

O examinador saiu com o assistente. Já tinha sido bastante ruim ficar em pé nu em uma sala com três outros homens, mas a sós com Rid era mais do que constrangedor.

— Vou checar o polígrafo — disse ele, saindo também.

Recolhi minhas roupas e me vesti. O hematoma podia ser um problema, considerando o que JT tinha dito para Santos, mas eu não estava preocupado. Eu estava convencido de que o resultado do detector de mentiras rapidamente ia colocar um fim àquela loucura. Eu nunca tinha me submetido a um, mas já tinha visto o teste ser realizado com suspeitos muitas vezes. Santos tinha insistido que seria realizado por um examinador do FBI, então eu não o conhecia, o que não era uma questão para mim.

Tudo saiu como esperado. O examinador fez as perguntas de controle de sempre sobre temas irrelevantes. *Você gosta de sorvete? Seu cabelo é roxo?* Elas eram feitas para dar ao examinador uma base de quando eu falava a verdade para regular os instrumentos. Então ele partiu para o tema em questão. Três perguntas — em geral eram três — que me excluiriam ou me elevariam ao topo da lista de suspeitos.

Você já viu sua esposa morta?

Você matou sua esposa?

Você teve alguma coisa a ver com o desaparecimento de sua esposa?

Claro, minhas respostas foram não, não e não.

Alguém bateu na porta. Rid entrou e a fechou. Não gostei da expressão no rosto dele, e a primeira pergunta que saiu da minha boca foi um reflexo da paranoia cada vez maior.

— Não me diga que não passei.

— Não, não. O FBI não vai divulgar os resultados.

— Hã?

— Santos afirmou que você concordou em fazer o teste. Ela nunca concordou em compartilhar o resultado.

— Que merda é essa?

— Desculpe. Eu também não contava com essa. Acho que foi por isso que ela insistiu em um examinador do FBI.

— Isso é ridículo — eu disse. — Eu passei, e agora Santos não quer que eu declare publicamente que passei.

— Vou esclarecer isso. Mas, por enquanto, esqueça.

— Não vou esquecer nada...

— Abe, escute. Preciso que você vá a Little Havana comigo.

— Para quê?

— Fomos a todas as lojas de penhor na Eighth Street até a Tamiami Trail. Encontramos uma em Little Havana que parece ter alguma coisa para nós. Um sujeito que nunca entrou na loja antes apareceu sábado de manhã bem cedo para vender um anel de diamante de noivado. Sem negociação. Ele aceitou o que foi oferecido, muito menos do que valia.

Meu coração desabou.

— Vamos — disse Rid. — Preciso que você me diga se é o anel de Angelina.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Não conversamos no carro. Rid foi dirigindo. Fiquei olhando pela janela do passageiro.

A Calle Ocho já tinha sido o coração de uma comunidade de exilados cubanos, um lugar onde homens idosos podiam ser encontrados no parque José Martí jogando dominó, fumando charutos e conversando sobre *béisbol*. Muitas *tiendas* do bairro ou tinham desaparecido, ou foram esmagadas por El Costco ou apenas uma fatalidade da mudança demográfica. Lojas de penhor continuaram aparecendo, resilientes como sempre, atendendo o fluxo sem fim de recém-chegados a Miami que careciam de crédito e precisavam de dinheiro rápido, sem que nenhuma pergunta fosse feita.

A Pawn 24 era uma dessas lojas que nunca fechava, mas a porta estava sempre trancada. Barras de segurança feitas de ferro reforçavam a vitrine onde, uma ou duas décadas antes, qualquer coisa, de estátuas de jardim da Virgem Maria até bolos de casamento cubanos podiam estar expostos. Rid e eu fomos até a entrada e tocamos a campainha. Um homem na casa dos vinte anos apareceu. Tatuagens cobriam seus braços. Um palito de dente estava pendurado em sua boca enquanto ele falava do outro lado do vidro.

—O que vocês querem?

Rid mostrou o distintivo. O homem o conferiu, destrancou a porta, nos deixou entrar e a retrancou imediatamente.

—Domíngó à tarde é o melhor momento para assaltos — explicou ele. — Meu tio diz para deixar a porta trancada.

—Seu tio é um homem esperto — disse Rid.

O nome do sujeito era Manny. O tio dele era dono da loja, e Manny trabalhava no turno da noite e nos fins de semana. Trocamos um aperto de mão —

apenas um, uma formalidade. Rid me apresentou como promotor público antes e depois como marido de Angelina.

— Vi você no noticiário — comentou ele. — Sinto muito pela sua mulher.

— Obrigado — respondi.

— Não sei como posso ajudar, mas, quando os policiais apareceram de manhã, perguntaram se alguém suspeito apareceu sexta depois da meia-noite. Respondi que todo mundo é suspeito na sexta depois da meia-noite.

— Você estava aqui sozinho quando o sujeito apareceu para vender o diamante? — perguntou Rid.

— Claro que eu estava sozinho. O que você acha que isto é, o Walmart? Basicamente, somos eu ou meu tio cuidando do lugar.

— Como era o homem? — perguntou Rid.

— Sem-teto, se você quer a minha opinião. Talvez um metro e oitenta, cabelo escuro. Mas essa não é a parte suspeita. Os policiais perguntaram se alguém apareceu tentando obter dinheiro fácil com objetos femininos. Anel de diamantes, brincos, colar, uma bolsa de marca, sapatos caros, esse tipo de coisa. Foi quando mencionei o anel de noivado.

— Por que você não mostrou o anel para eles?

— Porque meu tio ia acabar comigo se soubesse que um bando de policiais apareceram na loja para xeretar, inspecionando a mercadoria, certo? Se o anel é da mulher do sujeito, ele pode me dizer, e aí vocês podem falar com meu tio. Se não for dela, paramos por aqui. Meu tio não precisa nem saber que vocês estiveram aqui.

— Estou bem ansioso para ver o anel — eu disse.

— Está no cofre — avisou Manny. — Vou buscar.

— Vamos com você — disse Rid.

— Não precisa.

— Quero minimizar o manuseio — explicou Rid.

— Se estão procurando impressões digitais, esqueçam. Foi o que eu disse para os policiais de manhã. Eu limpei bem o anel, deixei mergulhado em solução o dia todo ontem e poli.

— Entendi — disse o detetive. — Mas é melhor mantermos o mínimo de manuseio.

A voz de Manny ficou mais séria.

— Preciso que vocês relaxem, pode ser? Eu não precisava ser um bom cidadão. Podia ter ficado de boca fechada e deixado meu tio vender o anel. A menos que vocês tenham um mandado, não podem entrar no estoque. Ponto final.

— Não precisa ficar na defensiva — disse Rid.

— Também não preciso perder meu emprego. Vocês estão fazendo eu me arrepender de ter me envolvido. Coloquei o anel em uma pequena caixa de joia, então não preciso nem encostar nele para trazê-lo para cá. Vocês querem ver, ou não?

Nem todas as lojas de penhor eram tão cuidadosas, mas na minha opinião havia um monte de mercadoria roubada nos fundos dessa. Eu não dava a mínima para o produto de furto do tio do sujeito.

— Pegue o anel, Manny. Vamos esperar.

— Mas não encoste nele — advertiu Rid.

Ele virou e desapareceu. Rid e eu esperamos no balcão. A Pawn 24 não era o tipo de lugar que mantinha joias caras expostas. A maior parte dos itens nas prateleiras estava entre 75 e duzentos dólares. Pelo jeito, ferramentas elétricas eram peças cobiçadas. Instrumentos musicais não ficavam atrás. Pistolas eram o que mais vendia. A placa no caixa dizia: “Não passamos cartão de crédito”, o que, do ponto de vista semântico, não ficava muito claro.

— Aqui está — anunciou Manny.

Ele colocou a caixa sobre o balcão. A maior parte do veludo azul estava gasta.

— Abra, por favor — pediu Rid.

Ele levantou a tampa da caixa velha. O diamante refletiu a luz e brilhou nos meus olhos. Fiquei paralisado.

— Uma beleza — comentou Manny. — Deve ter um quilate e meio.

Era isso mesmo. Exatamente. Corte marquise. Ouro branco. Eu não conseguia desviar os olhos, mas senti o peso do olhar de Rid — em mim. Era como se ele soubesse que alguma coisa estava acontecendo antes que eu abrisse a boca.

— Não é da Angelina — eu disse.

— Como assim?

Eu sabia que ia parecer loucura e não tinha certeza se Rid ia acreditar em mim. Eu mesmo não podia acreditar.

— Não é o anel da Angelina — eu repeti. — É o da Samantha.

CAPÍTULO QUARENTA

Por setecentos dólares eu comprei de volta o anel de Samantha da loja de penhor, o que é menos de 10% do preço de varejo, mas uns duzentos dólares a mais do que Manny tinha pago por ele.

De início, o tio simplesmente se recusou a se desfazer do anel.

Podíamos ter movido uma ação para forçar a questão, mas havia pouca dúvida de que, até isso acontecer, o anel teria se “perdido”. Depois de dizer que estava torcendo para minha esposa estar bem, o tio cretino tentou emplacar uma taxa adicional de cinquenta dólares pelo pagamento em cheque. Por sorte, Rid estava lá para impedir outro homicídio. Os investigadores coletaram o anel como evidência e o levaram para o laboratório. O anel ainda tinha o cheiro forte da solução de amônia que Manny tinha usado para limpá-lo, então havia pouca esperança de obter impressões digitais, mas valia a pena tentar.

Um detetive de Miami-Dade levou Manny para a delegacia para olhar para as fotos dos homens presos recentemente na área. Dois outros policiais vasculharam a área, conversando com os desabrigados, uma vez que essa tinha sido a descrição do sujeito que vendeu o anel.

Rid e eu voltamos para minha casa, que continuava sendo uma cena de crime protegida. A agente Santos nos encontrou lá. Eu ainda tinha roupa suja para lavar com ela por causa dos resultados do polígrafo, mas, no momento, o anel era mais importante. Conversamos na entrada, em pé ao lado do carro de Rid.

— Onde você guardava o anel? — perguntou ela.

Eu já tinha falado sobre isso com Rid.

— Tem um cofre no closet.

— Já ouviu falar dos cofres de banco? — continuou Santos.

— Eu tinha um — respondi.

Eu tinha colocado o anel de noivado e a aliança de Samantha lá depois do funeral. Continuei usando a minha aliança por muito meses, até Angelina e eu começarmos a namorar. Quando decidi me casar de novo, meu plano era guardá-la ali com os anéis de Samantha.

Fui até o banco e abri o cofre. Os dois anéis estavam lá. Eu os segurei exatamente como tinha feito quando os coloquei no dedo de Samantha. Quando me senti pronto, eu os devolvi ao cofre. Tirei minha aliança, respirei fundo e tentei deixá-la ao lado das joias que eram a expressão do meu amor por ela. Então li a inscrição que Samantha mandou gravar nela. Não eram as iniciais, a data ou algo romântico como era usual. “Me coloque de volta”, estava escrito. O amor e o senso de humor de Samantha tomaram conta de mim. Meu coração ficou apertado. Naquele momento, simplesmente não era mais possível deixar minha aliança numa caixa fria de metal num cofre de banco e ir embora. Também não consegui deixar os anéis dela para trás. Trouxe o anel de noivado dela e as nossas alianças para casa e coloquei no cofre do closet, com toda intenção de levá-los de volta para o banco quando estivesse pronto.

— Acabei nunca fazendo isso — respondi.

— Vamos dar uma olhada lá dentro — disse ela. — Não tem nenhum cofre na lista do inventário, mas vamos ver se está aqui e os investigadores não viram.

Rid destrancou e abriu a porta.

— Está congelando aqui — comentou ele.

Estava tão frio que as janelas tinham gotas de condensação. Era difícil manter fresca uma cena de crime ativa com investigadores entrando e saindo, portas abrindo e fechando o tempo todo. Alguém da equipe tinha ligado o ar condicionado, regulado para 15°C e esquecido de regular a temperatura antes de sair.

Rid e Santos andaram comigo pelo corredor até o quarto principal. Fui até o closet. A cadeira onde eu me sentava toda manhã para amarrar os sapatos estava no lugar de sempre. Eu a levei até a parte dos fundos e parei em frente ao armário embutido onde prateleiras, gabinetes e nichos ocupavam a parede toda. Subi na cadeira para alcançar o pequeno gabinete que ficava no topo e o abri. Uma sensação de vazio tomou conta de mim, tão vazio quanto o espaço que eu estava olhando.

— Sumiu — eu disse.

Olhei para o armário por mais um momento, depois desci da cadeira. Saímos do closet e fomos para o quarto.

— Além desses anéis, o que mais havia no cofre? — Santos perguntou.

— Um par de brincos de diamante que comprei para ela no nosso primeiro aniversário de casamento. E um relógio que Luther deu para ela. Tenho outras lembranças, mas não é nada de valor para ninguém além de mim.

— Abe e eu já cobrimos isso — anunciou Rid. — A polícia de Metro-Dade está checando outras lojas de penhor para ver se esses outros itens também foram vendidos.

— Bom — disse Santos. — Isso muda a análise.

Eu sabia disso, mas queria saber o que ela estava pensando.

— Como?

— Não é incomum serial killers levarem souvenirs das vítimas. Anéis, pingentes, esse tipo de coisa. Mas os anéis de Samantha não são um troféu. Isso parece mais um roubo.

— Um roubo com sequestro? — perguntei.

— Possivelmente — Rid respondeu. — Só que não há nenhum sinal de alguém revirando as gavetas e armários procurando objetos de valor.

— Pode ter sido uma invasão — sugeri. — Sei de outras duas na área no último ano. Os proprietários abrem a porta e, assim que isso acontece, o sujeito força o morador a deixá-lo entrar, saca uma arma e exige ser levado a qualquer dinheiro ou joia que eles tenham na casa. Não há sinal de resistência porque não há resistência. É o elemento surpresa.

— Angelina sabia dos anéis? — perguntou Riddel.

— Nunca comentei com ela — respondi. — Mas, obviamente, ela não poderia levar um invasor para o cofre se não soubesse da sua existência. Talvez ela o tenha encontrado por conta própria. Não é como se ele estivesse escondido do sótão.

— Mas temos outro problema — Santos interveio.

— Qual?

Ela foi até a cômoda onde a caixa de joias de Angelina estava totalmente visível. E a abriu.

— O anel de noivado de Angelina ainda está aqui.

Fui até a cômoda. O anel de diamante estava exatamente onde Angelina o deixava toda noite antes de ir dormir. Rid olhou para mim, eu para ele, ambos procurando uma explicação.

— Um enigma, não é mesmo? — comentou ele.

— Pois é — Santos concordou, olhando para mim. — Você tem uma resposta para isso?

Olhei para o anel de Angelina, pensando.

— Não. Não tenho mesmo.

Santos pediu para Rid dar continuidade com os investigadores.

— Cuide para que eles cubram a área do armário minuciosamente — ela acrescentou.

Rid e eu saímos com ela do quarto e voltamos para a sala. Ajustei o termostato para um nível normal, que não me levasse à fadiga. Riddel recebeu uma ligação e foi para a cozinha. Tive um momento a sós com Santos.

— Quero os resultados do polígrafo — eu disse.

— Não. Eu nunca prometi...

— Eu sei, eu sei. Riddel me contou. Você nunca prometeu compartilhar os resultados. Isso é ridículo. O direito de saber o resultado faz parte de qualquer acordo de se submeter ao teste.

— Não era parte do nosso acordo.

— Isso é sórdido — eu disse.

— Como é?

— Você tem uma reputação incrível de ser uma agente exemplar do FBI. Mas não é o que estou vendo. Já lidei com advogados de defesa tão nojentos que tenho vontade de usar um escafandro sempre que estamos na mesma sala. Nem mesmo eles fariam algo assim.

— Você precisa tomar cuidado, dr. Beckham.

— Por quê? Porque você pode se virar contra mim? Você já me condenou muito tempo atrás, antes mesmo de ver as evidências.

— Não é verdade.

— É verdade. — Eu estava perdendo a calma e provavelmente devia ter parado, mas não consegui. — Você já descobriu tudo. Uma linda esposa, mais um caso antigo com Tyla Tomkins, mais uma garrafa de cerveja quebrada, igual a um marido culpado. E o que acontece? O marido culpado senta para fazer um teste de polígrafo. E adivinhe só? O marido passa.

— Você não sabe do que está falando.

— Você não divulgou os resultados porque eu passei. Isso não se encaixa muito bem com a sua teoria para o caso, não é? Eu passei, mas você não quer que eu possa contar para ninguém que passei. Isso é a coisa mais podre que já vi um agente da lei fazer, e você é péssima por estar fazendo isso. Você é péssima, estou dizendo na sua frente.

Eu não devia ter falado nada, mas a sensação foi boa. Pela primeira vez em muito tempo, alguma coisa me trouxe uma sensação boa. Não importava que Santos estivesse soltando tanta fumaça que eu quase tive que ligar o ar-condicionado a 15 °C de novo.

Ela deu um passo para frente, os olhos em brasa.

— Eu estava fazendo um favor para você.

Olhei para ela, confuso.

— Até este momento, você podia dizer com honestidade que se dispôs a fazer um teste de polígrafo, que fez o teste e que o FBI se recusou a divulgar o resultado. Agora você precisa dizer a verdade, dr. Beckham.

Eu senti o que ia acontecer, mas não quis acreditar. Então o martelo baixou.

— Você não passou.

De repente, perdi a capacidade de falar. Santos se afastou, me deixando sozinho na sala onde tinha visto minha esposa pela última vez.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Rid me levou para o centro “Encontrem Angelina Beckham”. Para mim foi uma novidade que esse lugar existisse. Eu tinha Sloane, amiga de Angelina, para agradecer. Ela tinha convencido o gerente de um hotel na movimentada US 1, em frente a Universidade de Miami, a doar o salão de baile pelas próximas duas semanas. Cerca de cem cidadãos voluntários estavam lá dentro quando chegamos. As pessoas estavam se preparando para distribuir panfletos, folhetos e pôsteres com a foto de Angelina. Um grupo de mulheres em outra mesa estava ocupado fazendo laços de fita amarela. Uma dúzia de outras pessoas estava digitando em laptops, tablets e outros dispositivos, espalhando a notícia no mundo virtual das redes sociais. Era uma operação impressionante, mas todos tinham café, frutas e lanches suficientes espalhados por três mesas para servir pelo menos o dobro de pessoas. Foi como o funeral de Samantha: qualquer um que não sabia o que fazer levava comida.

A porta estava aberta, mas parei na entrada. Do outro lado do salão, na parede atrás das mesas do bufê, um retrato enorme de Angelina olhava para mim. Claro que estava lidando com a crise e tinha dolorosa ciência do que estava enfrentando, mas a palavra **DESAPARECIDA** em negrito embaixo do rosto dela me atingiu como um coice.

A irmã de Angelina veio até mim. Ela e o marido tinham acabado de chegar de Jacksonville. Apresentei Rid, mas ele logo pediu licença e foi para perto da comida para nos deixar a sós.

— Boa notícia — disse ela. — A recompensa subiu para 25 mil dólares.

— Bom trabalho — respondi. — Obrigado por tudo o que vocês estão fazendo.

— Ah, não fui eu — ela respondeu, os olhos marejados. — Foi tudo obra da Sloane.

Ela me abraçou tão forte e por tanto tempo que foi constrangedor. Eu não sabia ao certo o que tinha provocado aquilo. Talvez a irmã mais velha estivesse envergonhada por ser tão superada pela melhor amiga. Talvez ela estivesse enlouquecendo porque Angelina, a mais bonita das irmãs Miller, estivesse recebendo toda a atenção de novo. Talvez eu fosse arder no inferno por pensar essas coisas. Eu não sabia dizer. Era estranho, o que quer que fosse.

Provavelmente era só o fato de eu estar no limite, sabendo que não tinha passado no polígrafo.

Vi Sloane do outro lado do salão. Ela estava em modo supervisora, iPad na mão e um fone para facilitar as múltiplas tarefas. Angelina e ela já tinham dividido a organização de um festival de arte no campus da Universidade de Miami, e de repente vi a imagem de Sloane repreendendo algum artista infeliz por passar com sua caminhonete pelo gramado.

— Os avisos do Facebook vão começar a aparecer em algumas horas — ela me contou. — A cobertura local não me deu um horário exato, mas todos os canais vão estar aqui em algum momento antes da transmissão das seis.

— Excelente — respondi.

— Estou convencendo o supervisor de Angelina para ver se o banco cobre as doações existentes para elevar a recompensa para cem mil.

— Maravilha. Recebi e-mails a tarde toda das pessoas no escritório da promotoria, se oferecendo para doar também.

— Encaminhe para mim, se quiser. Vamos marcar para cinco horas para termos um número certo. Depois, vamos fazer uma coletiva de imprensa.

— Parece um bom plano.

— Você devia falar com os seus sogros — disse Sloane. — Eles não querem fazer a coletiva, mas é importante mostrar nosso rosto para fazer um apelo para a comunidade.

— Bom, se eles não querem, eu...

— Não, Abe. *Eles* precisam fazer.

A ênfase era no “eles”, não no “precisam”. Entendi a mensagem. Eu não era suficiente.

Ela sabia que eu não tinha passado no detector de mentiras?

— Certo, vou falar com eles — respondi.

Sloane abriu uma imagem no iPad e me mostrou.

— Neste momento, vamos usar a recompensa por informações que levem ao retorno de Angelina em segurança. Você e seus sogros vão ter de decidir quando vamos divulgar isso.

Olhei para a tela. A recompensa pelo retorno de segurança de Angelina estava escrita em grandes letras vermelhas. Embaixo, em preto e em uma fonte um pouco menor, estava uma recompensa menor “por informações que levem à localização e recuperação do corpo de Angelina”.

— Eu aviso você — respondi.

Ela me agradeceu — não sei pelo quê. Em seguida, bloqueou a tela do iPad, pediu licença e foi até a mesa dos laços para acelerar a produção. Rid estava no terceiro cupcake na mesa do bufê. Ele pegou mais dois e veio até mim.

— Está com fome?

— Não.

— Você precisa comer alguma coisa.

— Mais tarde.

Mais alguns voluntários chegaram. Sloane foi direto falar com eles.

— Essa garota é boa — comentou Rid. — Ela está andando por aí dizendo para os voluntários deixarem você em paz. Estava ficando tão ruim que seus sogros tiveram que sair por um tempo.

Eu estava me perguntando onde eles estavam.

Rid engoliu o resto do cupcake.

— É melhor dar espaço para vocês. Uma central não funciona para a família caso se transforme em uma fila constante de condolências. Especialmente de pessoas que você não conhece.

Minha atenção foi parar na entrada. O pai de Angelina estava de volta. Margaret não estava junto. Algumas pessoas não tinham recebido a mensagem sobre o espaço e se aglomeraram em volta dele. Jake apertou mãos com gentileza, então me viu e atravessou o salão. A expressão no rosto dele indicava problemas.

— Falei com a agente Santos por telefone — anunciou ele. Em seguida, ele olhou por sobre o ombro, chegou mais perto e falou em voz baixa. — Por que você não me contou que ia fazer um teste de polígrafo?

Não era uma conversa que eu queria ter no meio do centro “Encontrem Angelina”.

— Podemos falar sobre isso lá fora?

— Abe, você fez um teste de polígrafo?

— Fiz.

Jake parecia com medo de perguntar. E estava esperando que eu revelasse o resultado que ele queria ouvir.

— Vamos conversar lá fora — eu propus.

Ele olhou para mim, confuso. Eu disse a Rid que voltava logo, e meu sogro saiu comigo do salão. Encontramos um lugar para conversar no fim do corredor, apenas eu, meu sogro e um enorme peso entre nós. Ele ainda estava perguntando sobre o resultado, mas só com os olhos: *Você passou, não passou?*

Dei a melhor resposta que consegui.

— Você sabe alguma coisa sobre polígrafos, Jake?

— Só o que vi na TV.

— Basicamente, o examinador faz um monte de perguntas, mas só três delas importam de verdade. Muita coisa depende de como o examinador formula as perguntas-chave. Em todo teste de polígrafo em que já estive envolvido no escritório da promotoria, a acusação e a defesa negociam por horas, é um diálogo, sobre a formulação exata das perguntas. Então, quando todos estão de acordo, você senta para o teste. Não tivemos essa negociação. Não houve diálogo. Não houve tempo. Eu só sentei para o teste.

— Quais foram as três perguntas que fizeram?

Eu contei.

— A última é que foi... problemática — eu disse, procurando a palavra certa.

— Problemática?

— O examinador perguntou: “Você teve alguma coisa a ver com o desaparecimento de Angelina?” Minha resposta foi a mesma que para as outras questões: “não”.

— O que o examinador disse sobre a sua resposta?

— Eu não vi o relatório do examinador do polígrafo — respondi, o que era verdade. — Mas eu com certeza entendo como alguém pode ver sinais de alguma confusão em um “não” direto, sem nenhuma possibilidade de explicar.

Jake estava sem fala, os olhos dele lançando raios na minha direção como eu nunca tinha visto antes.

— O que você está me dizendo?

— Foi uma pergunta ruim, é o que estou dizendo. Se eu tive alguma coisa a ver com o desaparecimento de Angelina? Jake, um serial killer mandou fotos para a nossa casa. Angelina e eu tivemos uma discussão. Passei a noite no apartamento do JT. Deixei Angelina sozinha na nossa casa. Claro que eu sinto que tive alguma coisa a ver com o desaparecimento dela.

Ele ficou em silêncio. Eu estava tentando ler sua expressão, mas não consegui entender o que se passava na cabeça de Jake. Se ele não falasse nada logo, seria o mesmo que dizer: *você matou minha filha*.

— Quero ver o relatório do examinador — ele disse.

— Não sei se consigo isso para você.

— Consiga — ele insistiu, a voz um pouco mais fria.

— Pode deixar, vou dar um jeito.

Ele chegou mais perto, seu nariz a menos de trinta centímetros do meu, nossos olhos na mesma altura.

— Quero acreditar em você, Abe. Sempre foi importante para Angelina que a mãe dela e eu amássemos você como um filho. Mas se o “alguma coisa” que você teve a ver com o desaparecimento dela foi algo além do que você acabou de descrever, eu mato você.

O olhar de fúria dele durou mais um instante. Então, Jake deu meia volta e voltou para o salão sem mim.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Victoria estava trabalhando na central da força-tarefa do Cortador no escritório de Miami, longe dos voluntários. Angelina continuava em sua cabeça, mas o Cortador e as vítimas deixadas por ele nos canais de Palm Beach também estavam. Suas fotos estavam no mural, com informações pessoais e uma breve descrição física. Elizabeth, 23 anos; Caitlin, 25 anos; Holly, 21 anos; Amanda, 28 anos. E a mais recente, Megan, 31 anos. Vidas encurtadas por um monstro com um facão. Em todo o sul da Flórida, mulheres brancas com maridos ou namorados negros estavam aflitas, mas pouco tinha sido comentado sobre as vítimas de Palm Beach desde o assassinato de Tyla Tomkins e o desaparecimento de Angelina Beckham. Para cada homicídio que se tornava uma obsessão da TV, dúzias passavam batidos. Muitos não eram solucionados.

Vocês não, meninas. Eu prometo.

Victoria estava sentada sozinha na mesa de reunião, laptop à sua frente, caixas de arquivos e materiais espalhados pela mesa. Ela estava telefonando de uma linha segura para uma atualização com o agente de tecnologia quando seu celular tocou. Era Abe Beckham. Ela desligou o telefone fixo e atendeu a ligação de Abe.

—Preciso ver uma cópia do relatório do examinador do polígrafo — disse ele.

—A resposta continua sendo não — respondeu Santos.

—Meu sogro quer ver.

—Ele também não vai poder.

—Por que você disse a ele que fiz o teste?

—Porque ele perguntou.

Ela podia quase sentir a surpresa de Beckham.

—Jake perguntou se eu fiz um teste de polígrafo?

— Sim.

— Só para deixar claro — insistiu ele, a voz marcada pela incredulidade. — Jake perguntou se eu tinha feito um teste de polígrafo antes de você mencionar qualquer coisa. É isso que você está dizendo?

— Sim.

Santos não estava brincando. Era a verdade.

— Você disse o resultado para o meu sogro?

— Não. Eu disse a ele para perguntar para você como tinha sido. Dr. Beckham, eu preciso fazer uma ligação. Preciso desligar.

— Espere. Eu quero o relatório.

— Não quer, não. E não vai receber.

— Ah, eu não quero? O quê? Você está me fazendo outro favor?

— Não. Estou fazendo um favor para *mim*. Até logo.

Santos desligou e foi até o micro-ondas no balcão preparar o “jantar”. Alguns agentes não podiam viver sem uma cafeteira, mas, para Victoria, uma central não estava funcionando oficialmente sem pipoca de micro-ondas.

Ela sabia que provavelmente tinha soado como uma espertalhona, mas *estava* fazendo um favor para si mesma. E para Elizabeth, Caitlin, Holly, Amanda e Megan. Se divulgasse o relatório do teste para Abe Beckham, o sogro ou qualquer pessoa, ele com certeza ia vazar para a imprensa. Do dia para a noite, o desaparecimento seria uma sensação midiática. Victoria tinha trabalhado em casos suficientes para saber que o sensacionalismo naquele nível não ajudaria a pegar o Cortador.

E também não a ajudaria a descobrir o que tinha acontecido com Angelina.

A pipoca parou de estourar. Ela abriu o saco para deixá-lo esfriar, voltou para o telefone e discou da linha segura. Durante a conversa, Santos saboreou a sua “entrada”, gomos de tangerina, outro clássico de sua dieta.

— Você pode falar, Albert?

Albert tinha um pouco mais do que a metade da idade de Victoria, era um agente talentoso que tinha construído sua carreira de assuntos tecnológicos gerais a um cobiçado cargo na Unidade Cyber do FBI em Washington. Ele se esforçava para agradar, assim como Victoria quando estava começando, e ela explorava a ambição do rapaz, assim como seus supervisores tinham feito com ela. Albert ficava mais do que feliz de ajudar num fim de semana, mesmo que estivesse apenas confirmando as descobertas dos agentes de tecnologia de Miami.

Victoria queria ter certeza sobre isso e estava certa de que os agentes de Miami eram bons. Mas Albert era alguém que ela conhecia, e ele estava sempre certo.

— Certo, tenho uma coisa para você — anunciou ele. — Primeiro, sobre as quatro mensagens de voz que Tyla Tomkins deixou no celular de Abe Beckham. Seus agentes de Miami estavam certos: todas elas foram recebidas e deletadas no mesmo dia.

— Tem certeza?

— Tenho. Mas tem uma coisa interessante que, sem querer ofender, o pessoal de Miami não pegou. Quando se trata de correio de voz, existem mensagens deletadas, e mensagens permanentemente deletadas. A diferença é o que a palavra “permanente” implica: você nunca vai recuperar aquilo. Desapareceu. Ainda que cada uma das mensagens tenha sido recebida num dia diferente, as quatro foram permanentemente deletadas no mesmo dia.

Victoria colocou sal na pipoca.

— Quando?

— Domingo, 19 de janeiro.

— O médico legista determinou a morte de Tyla Tomkins sábado à noite ou domingo bem cedo.

— Se for esse o caso — disse Albert — é uma descoberta ainda mais interessante do que eu imaginei.

— Pois é. Significa que a pessoa que deletou as mensagens sabia que Tyla Tomkins estava morta pelo menos um dia antes de o corpo ser encontrado nos Everglades, pelo menos dois dias antes de ela ser identificada.

— Bom, então, de nada — disse ele.

— E o celular pré-pago de Tyla? — perguntou ela, mudando de direção. — Alguma coisa sobre o número que não conseguimos identificar?

— Infelizmente não vou poder ajudar. Cinco dos dois números para os quais ela ligou eram celulares registrados. Isso inclui Beckham. Mas esse sexto número é de um celular igual ao de Tyla. Pré-pago, descartável, sem registro. Não há como saber de quem era o celular e com quem Tyla estava falando. A menos que você recupere o aparelho de fato e encontre as impressões digitais.

O agente de Miami tinha dito a mesma coisa. Mas agora ela tinha dupla certeza.

— Certo, vamos ter que trabalhar nisso. Muito obrigada.

Os dois desligaram. Victoria atacou o saco de pipoca, recostou na cadeira e pensou sobre aquilo tudo. Às vezes, todas as peças do quebra-cabeça estavam espalhadas na mesa bem diante de você. Era só uma questão de configurá-las da maneira certa. Mas, às vezes, uma peça estava faltando. Se você tivesse sorte, sabia

qual era a peça. Ou pelo menos fazia uma ideia de que peça estava faltando. Victoria fazia uma ideia.

Não havia como saber com quem Tyla estava falando. A menos que o aparelho em si fosse encontrado, e com impressões digitais.

Ela pegou o telefone de novo e ligou para a detetive Reyes, seu contato no setor de violência doméstica na polícia de Miami-Dade.

— Preciso que você consiga uma declaração assinada para um pedido de mandado de busca no escritório da promotoria.

— O que estamos procurando?

— Um celular.

— Quando.

— Neste instante.

— Você quer dizer esta noite?

— Isso — confirmou Victoria. — Definitivamente esta noite.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

A ligação me surpreendeu. Era Brian Belter, que queria me encontrar para um café, o mais rápido possível.

— É mais do que importante, vai compensar muito o seu tempo, e não é nada que eu possa discutir por telefone — disse ele.

— Você pode vir para a central? — perguntei.

E passei o endereço. Belter sugeriu um café a dois quarteirões de distância. Combinamos de nos encontrar em vinte minutos.

A urgência na voz dele despertou meu interesse, mas eu não sabia ao certo o que pensar. Eu sabia que Ed Brumbel me diria para fazer, mas eu não estava em condições de interrogar Belter até ele desabar, chorar e admitir que a Açúcar Big tinha escravizado os trabalhadores, destruído os Everglades e afundado o Titanic. Saí sozinho e não contei para ninguém aonde estava indo.

Belter estava esperando numa mesa no fundo. Ele estava usando uma camisa de golfe do resort Cortinas na República Dominicana, o que me fez lembrar que menos de 48 horas tinham se passado desde a inesperada viagem de negócios que tinha resultado em sua ausência no velório de Tyla. Parecia fazer um mês.

Belter levantou para me cumprimentar.

— Obrigado por vir — disse ele.

Sentei, e ele fez o mesmo, de frente para mim. Havia um café expresso curto soltando fumaça diante dele.

— Posso pedir um café para você? — perguntou Belter.

— Não. Meu estômago já está revirado.

Ele olhou para baixo, mexendo o café.

— Sinto muito que você tenha que passar por isso. De verdade.

— Obrigado. Não posso ficar muito tempo.

— Entendo. Eu queria dizer que gostaria de contribuir com o fundo da recompensa da sua esposa.

Não parecia exatamente algo que não pudesse ser dito por telefone.

— É muita gentileza sua.

— Vinte e cinco mil dólares.

Levei um susto.

— É muita gentileza sua. Obrigado.

— Tudo o que peço é um pequeno favor. Mais um sinal de apoio, na verdade.

— Ah — eu disse. Essa era a parte do “frente a frente”. — Apoio em relação a quê?

— A verdade. Eu nunca dormi com Tyla Tomkins.

Meu instinto era ir embora, mas era a primeira vez que eu me sentava em horas, e meu corpo se recusou a levantar.

— Não sei nada sobre isso.

— Tenho *certeza* de que Tyla *deve* ter mencionado para você.

— Na verdade, eu nunca...

— Abe — Belter me interrompeu antes que eu pudesse fechar a porta para qualquer proposta que ele tivesse em mente.

Ele sacou o talão de cheques do bolso do casaco, abriu uma caneta tinteiro Montblanc, mas parou antes de preencher o número.

— Quanto eu disse que seria minha contribuição?

— Vinte e cinco mil.

— Desculpe. Foi um erro. Esqueci um zero.

Fiquei olhando sem conseguir acreditar enquanto ele fazia um cheque de 250 mil dólares.

— Tem um fundo criado por vocês ou devo fazer o cheque nominal a você?

— Para *mim*?

— Ou podemos nos livrar desses ridículos cheques de papel de uma vez, e eu transfiro o valor. Para uma conta à sua escolha, em uma país à sua escolha.

— Você de fato está tentando subornar um promotor assistente?

Belter nem piscou. Sua expressão era totalmente profissional, nada mais, nada menos, como se quisesse lembrar com quem eu estava lidando. Como quem diz: “a Açúcar Big já subornou peixes muito maiores do que você, Abe Beckham.”

— Fique com seu dinheiro — eu disse, me levantando.

Ele segurou meu punho antes que eu saísse da mesa, mas foi a intensidade em seus olhos que me prendeu.

— Eu sei de quem é o número desconhecido.

— A ligação não identificada? — perguntei.

— Tyla ligou para seis números diferentes do celular pré-pago — disse ele, a voz calma, as palavras fluindo com a cadência de uma metralhadora.

— Cinco dos números foram conectados a cinco homens casados que traíram a esposa: você, eu e três outros imbecis que vão ter muito para explicar quando a investigação do assassinato de Tyla Tomkins bater na porta deles. Por favor, não se ofenda, estou só sendo realista, não cruel, mas é provável que sua mulher esteja morta, o que libera você, sem dever nenhuma explicação para ela nem para ninguém. Por outro lado, minha esposa está bem viva, não é nada misericordiosa, e nosso acordo pré-nupcial expirou um ano e meio atrás por ocasião auspiciosa do nosso vigésimo aniversário de casamento.

— Que romântico.

— Escute. O sexto número que apareceu no celular pré-pago de Tyla nunca foi identificado. É porque a ligação foi feita de outro pré-pago, tão impossível de rastrear quanto o de Tyla. Mas eu sei de quem era o outro aparelho.

— De quem?

— De *outra pessoa* — ele respondeu, chegando mais perto. — O que estou tentando dizer é: eu nunca dormi com Tyla. A única vez que falei com ela pelo pré-pago foi para “organizar” as tardes dela com *outra pessoa*.

Eu sabia exatamente de quem Belter estava falando.

Ele deslizou o cheque pela mesa. Estava em meu nome.

— Eu era só um mensageiro. Tyla *deve* ter mencionado isso para você — insistiu ele.

Eu o encarei. Havia muitas coisas que eu podia ter dito, muitos nomes de que eu poderia tê-lo chamado. Mas meu corpo estava vazio, e até mesmo um ataque verbal parecia um desperdício de energia.

— Nunca mais me ligue — eu disse.

Fui embora, deixei o cheque na mesa, e voltei para a central.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

A caminhada de dois quarteirões de volta à central me fez bem. Meu ânimo se acalmou, e recuperei o foco. Mas eu nunca iria esquecer.

Brian Belter ainda ia ouvir falar de mim.

Estávamos a trinta minutos da coletiva de imprensa. Eu queria falar com Margaret e Jake para ver como os dois estavam. Rid me parou no corredor antes que eu chegasse ao salão e me levou a uma sala de reuniões perto da suíte que tinha sido transformada em sala de espera improvisada. Alguém tinha encostado a grande mesa retangular na parede e trazido um sofá e mais duas poltronas. Carmen Jimenez se levantou para me cumprimentar. Éramos só nós três.

— Como você está, Abe? — perguntou ela, com uma voz sincera.

Eu podia ter mentido; podia ter dito a verdade. Que diferença teria feito?

— Obrigado por vir, mas não precisava — eu respondi.

— Eu quis vir — disse ela. — Primeiro, as boas notícias. O pessoal do escritório está totalmente com você. Aqui estão mais cinco mil dólares para o fundo da recompensa.

— Muito obrigado. Significa muito para mim — respondi.

Mas eu sabia que boas notícias em geral vinham acompanhadas de más notícias.

— Sente, Abe — pediu ela.

Especialmente quando alguém pede para você sentar. Ocupei uma poltrona. Ela escolheu a outra. Rid estava atrás dela, inclinando na borda da mesa.

— Eu sei do polígrafo — anunciou ela.

— Carmen, eu não matei a Angelina.

— Sei que você não passou.

— Vou repetir: eu não matei minha esposa. As perguntas eram ruins. Veja só a terceira, ele me perguntou...

— Abe, você não passou em nenhuma das três perguntas.

Fiquei gelado. *Você já viu sua esposa morta? Você matou sua esposa? Você teve alguma coisa a ver com o desaparecimento de sua esposa?*

— Não é possível — eu disse.

— Eu conheço o examinador — explicou ela. — E conversei com ele.

— Ele mostrou o relatório?

— Santos não deixou ele mostrar para ninguém. Mas ele não mentiria para mim sobre isso. Você não passou.

— As perguntas eram ruins, Carmen. A primeira: *Você já viu sua esposa morta?* Eu não tive a chance de esclarecer, mas eu sabia que ele estava falando de Angelina, então minha resposta foi apenas “não”. Mas, sim, claro que vi minha esposa morta. Pelo amor de Deus, eu enterrei a Samantha!

— Eu concordo com você — disse ela. — A número três também é ruim. Mas é a número dois que me preocupa.

Você matou sua esposa?

— Polígrafos não são infalíveis — eu respondi. — Você sabe disso. Todos nós sabemos disso. É por isso que nenhuma corte dos Estados Unidos nunca aceitou esse teste como evidência num julgamento.

— Eu entendo — continuou ela. — Pode ter sido a sequência de perguntas, pode ter sido o examinador, pode ter sido cansaço da sua parte, pode ter sido o estresse de tudo o que está acontecendo.

— Podem ter sido todas essas coisas — eu emendei.

— Pode ter sido — repetiu Carmen. — É o seguinte, Abe. Primeiro, quero você fora da coletiva de imprensa. Eu cuido disso com os pais de Angelina.

— Por quê?

— Duas razões. Não quero ninguém pegando você de surpresa com uma pergunta sobre o polígrafo. Os rumores estão circulando, e isso pode acabar mal para você.

— Eu sei me cuidar — respondi.

— Talvez. Mas não resolve o problema maior: Jake não quer que você vá. Não fiquei chocado. Mas doe mesmo assim.

— Eu quero participar.

— Não force as coisas, Abe. Você fez seu trabalho com a imprensa local ontem. Deixe os pais de Angelina assumirem e fazerem o anúncio hoje à noite. Eles estão colocando 25 mil do próprio bolso.

— Vai parecer estranho se eu não estiver presente.

— Vai parecer pior se Jake se recusar a ficar a sete metros de distância de você.

— Muito pior — emendou Rid.

Eram dois contra um, e o um estava oscilando.

— A cobertura da mídia só vai se intensificar — eu argumentei. — Não posso andar por aí desviando de câmeras e microfones dizendo “nada a declarar”.

— Concordo totalmente — disse Carmen. — Então o plano é: seus sogros e eu vamos fazer a coletiva de imprensa. Você e Riddel vão sair antes mesmo de começar, e vou explicar que você está ocupado auxiliando os investigadores na busca da sua mulher. Hoje, você vai fazer o que for preciso para ter uma boa noite de sono. Tome um remédio para dormir se precisar. De manhã, você vai estar descansado, e vamos refazer o teste do polígrafo. Quando acabar, você pode enfrentar todas as perguntas da mídia que quiser.

Quando acabar. O que ela estava realmente dizendo era “se você passar”. Deixei para lá.

— Vai ser o mesmo examinador?

— Não. O FBI não vai fazer parte disso. Vamos usar alguém do meu conhecimento e da minha confiança e que vai formular as perguntas direito.

— Mas não alguém que eu conheça — pedi. — Se eu vou fazer isso, não quero que ninguém diga que o segundo teste estava comprometido.

— Ninguém que você conheça — concordou Carmen.

Eu estava tentando encontrar uma falha ali, mas não consegui. Tudo fazia sentido. E foi bom saber que pelo menos duas pessoas — duas pessoas que de fato importavam — não tinham me colocado no topo da lista de suspeitos.

— Certo — eu disse. — Esse é o plano.

Carmen pareceu satisfeita. Trocamos apertos de mão e fomos até a porta. Ela foi para um lado, na direção do salão. Rid e eu fomos na direção contrária, evitando a multidão. Pegamos uma saída lateral e entramos no carro dele. Ninguém nos viu sair e pegar o trânsito da US 1.

Era uma coisa idiota de se dizer, mas não consegui me conter:

— Agora tudo o que preciso fazer é passar num maldito teste — comentei, com um riso nervoso.

— Não refaça se não quiser, Abe.

Eu estava virado para Riddel do banco do passageiro, mas os olhos dele se mantiveram fixos na estrada.

— Não, eu gostei do plano da Carmen — respondi. — É uma coisa que eu preciso fazer.

Paramos em um farol vermelho. Rid virou o rosto do console e olhou direto para mim.

— Abe, estou falando como seu amigo agora, não como detetive.

— Certo, fale, amigo.

— Você provavelmente precisa de um advogado.

Rid e eu vimos a coletiva de imprensa de “Encontrem Angelina” pelo televisor da delegacia. Não foi fácil de assistir. Jake falou primeiro, lendo um roteiro preparado, que era a única maneira de lidar com aquilo.

— A família e os amigos de Angelina pedem a qualquer um que possa saber alguma coisa sobre o desaparecimento, o paradeiro ou... — ele fez uma pausa, e sua voz falhou — o destino dela. Por favor, ligue para o Departamento de Polícia de Miami-Dade no número que está aparecendo na tela, ou deixe a informação no site “Encontrem Angelina Beckham”. Uma recompensa de cem mil dólares está sendo oferecida por informações que resultem no retorno dela em segurança.

O microfone foi passado de Jake para Carmen, mas o ângulo da câmera estava aberto o suficiente para que eu visse Margaret ao lado do marido. Carmen disse tudo perfeitamente, minha estimada e confiável substituta, mas eu mal processei uma palavra. Todo o meu foco estava na mãe de Angelina. Eu quase podia sentir a tristeza, a exaustão, a preocupação, a esperança se esvaindo pesando em seus ombros. O coração dela não estava só partido. Estava despedaçado, as partes caindo ao vivo, diante da câmera, para o mundo todo ver, a dor formando poças de desespero ao seu redor, poças sem fim que podiam afogar até o mais robusto dos espíritos.

Eu me perguntei genuinamente se Margaret ia sobreviver a isso.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Sáímos da delegacia de Miami-Dade às oito horas. Rid dirigiu meu carro e foi para casa ver sua esposa. Eu não sabia ao certo onde passar a noite. Eu não tinha certeza se seria capaz de lidar com JT. Dirigi rumo ao oeste na Tamiami Trail até chegar à ponte. Parei no acostamento, andei até o guarda-corpo e olhei para a noite. Não havia nada além da escuridão dos Everglades à minha frente. A margem ao longo do canal não era mais uma cena de crime. A busca por Angelina nesse trecho estava encerrada, pelo menos naquela noite. Talvez eles voltassem de manhã. Talvez uma nova pista surgisse à noite e mudasse a busca para outro local. Talvez uma notícia sinistra desse fim a todas as esperanças.

O pensamento fez minha cabeça girar.

Estávamos chegando ao fim da importante marca de 48 horas desde o desaparecimento de Angelina. O tempo estava passando. Algumas pessoas diziam que as primeiras sessenta horas eram cruciais, mas se você ouvir isso, provavelmente está falando com um homem que está na quadragésima nona hora de busca pela esposa. Eu tinha perguntas que precisavam ser respondidas antes que fosse tarde demais. Liguei para Rid.

— Por quanto tempo o Cortador manteve as vítimas antes de matá-las?

— Abe, não faça isso com você mesmo.

— Eu preciso saber. Quanto tempo nós temos?

— Varia.

— Qual foi o máximo de tempo que ele manteve viva uma vítima?

— Não é uma ciência exata. Você precisa saber exatamente quando a vítima desapareceu, e a estimativa do horário do óbito é sempre isso, uma estimativa.

— Tudo bem, estamos fazendo uma estimativa. Qual foi máximo de tempo que ele manteve qualquer uma das vítimas antes de matá-la? Três dias? Dois dias? Um?

Rid não respondeu de imediato.

— Menos — disse ele finalmente.

— Uma questão de horas, então.

— Sim. Com exceção da primeira.

— Ela ficou viva por mais tempo? — perguntei, esperançoso.

— O corpo dela foi encontrado queimado no canavial. Não dá para fazer uma estimativa do horário da morte, então não temos como saber quanto tempo se passou entre o desaparecimento e a morte dessa vítima.

Parei para respirar.

— Certo. Tudo bem. Isso ajuda.

— Não ajuda, não. Siga o conselho de Carmen e vá dormir, Abe. *Isso* vai ajudar.

Desligamos. Dei mais uma olhada nos Everglades, uma vista panorâmica, meus olhos varrendo a escuridão. Eu me perguntei quantos corpos aquele impressionante corpo hídrico nunca tinha liberado. E me perguntei se Angelina estaria entre eles. Ela tinha me avisado, na verdade. Ouso dizer que ela tinha *previsto* esse momento. Eu tinha me esquecido dessa conversa, mas as palavras voltaram para mim como uma enxurrada no quarto de JT depois que cantamos juntos, quando ele me chamou no escuro e perguntou, “Pelo que você é grato, Abe?” Angelina tinha me perguntado a mesma coisa de uma forma um pouco diferente, com um tom de voz muito diferente. Aliás, Angelina estava gritando, chorando, lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Mas que inferno, Abe! Sou gentil, sou bonita, eu mereço ser mais bem tratada do que isso. Um dia você vai parar de lamber suas feridas, vai parar de viver no passado, e acordar. Mas vai ser tarde demais! Porque não vou estar mais aqui, e então você vai perceber como sente a minha falta.

Seja grato.

Dei a partida no carro. Meu telefone tocou. Era o JT. Quase não atendi. Eu tinha certeza de que ele ia me pedir para ir para lá. Só mais um toque, e ia cair na caixa postal. Alguma coisa me fez atender. Ele não parecia nada calmo.

— Abe, você precisa vir para cá agora!

Eu sabia.

— O que foi desta vez, JT?

— A polícia está aqui.

— O quê? Por quê?

— Eles têm um mandado.

Estava difícil pensar com clareza, mas o conselho casual de Rid ecoou claramente na minha cabeça. *Você provavelmente precisa de um advogado.* Tinha sido um grande aviso de um amigo que não podia me dizer abertamente o que estava acontecendo, e eu tinha ignorado.

— JT, escute com cuidado. Não interfira no trabalho da polícia. Mas quero que você repita estas palavras: “Policial, eu não autorizo a busca de nenhum item que não esteja listado no mandado, e eu não autorizo a busca em qualquer lugar não descrito no mandado.”

— Certo.

— Não, não diga “certo”. Repita o que eu acabei de falar.

Ele tentou. E se enrolou.

— JT, onde os policiais estão agora?

— No meu quarto.

— Fique na linha, entre no quarto, pare em um lugar onde os policiais possam ouvir você. Vou repetir exatamente o que você deve dizer.

— Certo — disse ele, eu percebi que JT estava se movendo. — Estou no quarto.

Repeti o mantra em trechos curtos, e pedi para ele repetir alto o bastante para os policiais, os vizinhos e até os mortos ouvirem. *Policial, eu não autorizo...*

— Muito bem — eu disse. — Agora aguentue firme, estou chegando.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

A busca estava em andamento quando cheguei ao apartamento de JT. Duas viaturas da polícia de Miami-Dade estavam paradas na entrada. Um policial fardado estava na porta. Em vez de tentar explicar que eu era o cunhado que costumava morar ali e ainda pagava o aluguel, apenas mostrei meu distintivo, me identifiquei como promotor assistente e entrei. Encontrei JT perto da porta, sentado no chão com as costas encostadas na parede, agarrado a uma caixa vazia de cereal. As mãos dele tremiam, seu corpo era uma pilha de nervos.

— Você está bem? — perguntei.

Já vira o apartamento completamente bagunçado, mas nada que chegasse perto daquilo. O carpete tinha sido arrancado. Os móveis, afastados das paredes. As almofadas estavam espalhadas pelo chão. E isso era só na sala. JT olhava direto para frente, uma expressão vazia no rosto.

— Eles jogaram fora o resto da minha comida.

Olhei na direção da cozinha, que estava quieta, e não havia nenhum policial à vista. Mas eu podia ouvi-los do outro lado do corredor do quarto de JT.

— Entregaram uma cópia do mandado para você?

JT abriu o punho e me entregou o mandado, que ele tinha transformado em uma bola de papel de jargão jurídico.

Abri o papel amassado e li a descrição do item a ser confiscado: “um celular pré-pago, fabricante desconhecido.” De repente, eu me dei conta do motivo por trás daquilo, e não porque Brian Belter tinha mencionado o celular pré-pago no café três horas antes.

— Eu sabia que iam vir atrás de mim — comentou JT, sem fôlego, como ficava quando estava prestes a ter um ataque de pânico. — Essa merda acontece quando

— você coloca essas malditas tornozeleiras. Preciso tirar esta porcaria, Abe.

— Ninguém está atrás de você, JT. Estou aqui agora. É um problema que podemos resolver. Só espere aqui.

— Certo, tudo bem.

A voz dele tremia, o que não era bom sinal, mas eu precisava resolver isso aqui.

Fui até o quarto, onde encontrei a agente Santos e a detetive Reyes. O policial de Miami-Dade estava revirando as gavetas da cômoda. Outro estava vasculhando o closet. Santos me parou na porta.

— Espere no corredor, por favor.

Dei um passo para trás, tecnicamente saindo do quarto.

— Você sabe que não está aqui — eu disse.

— Como é?

— Você sabe muito bem que meu cunhado não estava falando com Tyla Tomkins em um celular pré-pago.

— Vamos descobrir.

Um dos policiais levantou o colchão e colocou contra a parede. Não encontrou nada.

— Isso é uma busca vazia — eu disse. — A chata da Quarta Emenda impede que vocês entrem aqui sem uma causa provável, então vocês estão fingindo procurar um celular, que vocês sabem que não está aqui, e torcendo para encontrar outra coisa. Você está tão desesperada assim?

— Você está tão preocupado assim que *outra coisa* vá aparecer?

— JT já declarou que não autoriza a busca por qualquer coisa que não esteja listado no mandado de busca.

— Boa sorte com isso — disse ela.

Promotores e advogados de defesa discutem todo dia por causa de itens confiscados que não estão listados em mandados: uma arma encontrada em busca por contrabando, uma faca encontrada em uma busca por um par de sapatos. Se a polícia procura a arma de um homicídio e não encontra, a defesa explora esse argumento no julgamento. É melhor procurar um celular e torcer para encontrar um facão ensanguentado.

— O que você está procurando, Santos?

— Um celular.

— O que você está procurando *de verdade*? Só me diga. Se eu souber onde está, entrego para você, e vocês não precisam virar o apartamento do JT do avesso.

Ela não respondeu. Um oficial saiu do closet. Ele tinha terminado. Nada.

—Procure lá fora no deck —instruiu Santos.

—Espere —eu disse, enquanto lia o mandado.

O apartamento de JT tinha um quintal mais ou menos do tamanho da sala. A Home Depot e eu tínhamos construído aquele deck de acordo com especificações de Samantha.

O policial passou por mim e saiu. Fui atrás dele.

—Você não tem um mandado para a parte externa —eu disse.

Ele continuou andando pela sala, na direção da porta de vidro da cozinha. Peguei meu iPhone e comecei a filmá-lo.

—Pode parar —avisei. —O mandado não cobre o deque nem nenhuma área externa do apartamento. Essa é uma busca ilegal.

Isso chamou atenção da agente Santos.

—Não vá lá fora —ela deu a ordem ao policial.

Santos não parecia feliz, mas minha leitura do mandado estava correta.

Outro policial a chamou de volta ao quarto. Fui atrás dela pelo corredor, começando a me sentir um pouco como um ioiô.

Ela me fez parar na porta, mas eu tinha uma visão clara do quarto.

—Dê uma olhada nisso —disse ele.

A última gaveta do criado mudo de JT estava aberta. Uma pequena pilha de revistas estava empilhada no chão, como se o policial as tivesse tirado da gaveta, uma por uma, e parado quando algo chamou sua atenção. Santos olhou dentro da gaveta, mas eu não conseguia enxergar tão longe.

—Se não for um telefone, coloque de volta —avisei.

Santos colocou luvas de látex e tirou um jornal lá de dentro.

Eu estava ficando nervoso. Qualquer coisa pode ser embrulhada em jornal.

—Não vi nenhum periódico mencionado no mandado —eu disse.

Ela abriu o jornal. Não parecia estar escondendo nada, pelo menos de onde eu estava. Mas Santos estava hipnotizada, pelo jeito, pela notícia. Ela se aproximou de mim com o jornal na mão, e parou a mais ou menos um metro na minha frente. O jornal estava amarelado pela passagem do tempo. E me mostrou a manchete.

“Companhia de Açúcar Indiciada por Trabalho Escravo”

Era um exemplar do *Miami Tribune* —de 1941.

—Eu sei o que você está pensando —eu disse. —Um serial killer ataca as vítimas com um facão e joga os corpos em um canal. Aqui está JT, um sujeito com

ficha na polícia, um histórico de instabilidade emocional e que provavelmente nunca leu um jornal na vida. Mas por algum motivo ele guarda um jornal velho sobre cortadores de cana em seu criado mudo.

— Se você tiver uma explicação, sou toda ouvidos.

— O pai de JT era cortador de cana da Companhia Nacional de Açúcar em 1941. Foram sujeitos como ele que fizeram a empresa ser indiciada.

— Você está dizendo que esse jornal pertence ao pai de JT?

Comecei a responder, mas parei.

— Na verdade, não estou dizendo nada. Nem o JT. Exceto para declarar, mais uma vez, que o único item listado no mandado de busca é um celular.

Santos foi até o outro lado do quarto e deixou o jornal no criado mudo.

— Continue procurando — ela instruiu o policial.

— Isso é uma perda de tempo — eu disse. — Você sabe que o JT não está com o aparelho. E sabe que ele não é o assassino. JT estava bem aqui, em prisão domiciliar e com uma tornozeleira, quando a última vítima foi assassinada.

Ela olhou para mim do outro lado do quarto, mas senti mesmo assim.

— JT estava em prisão domiciliar quando a última vítima foi *encontrada*. O médico legista estimou o horário do óbito pelo menos duas horas antes de JT iniciar a prisão domiciliar.

De repente, entendi por que tinha sido tão difícil comparar a foto de Angelina com o rosto da vítima. Depois de tanto tempo nos Everglades, o inchaço e a decomposição podiam tornar o reconhecimento facial problemático.

Santos veio até mim de novo.

— Você sabe onde seu cunhado estava naquela noite?

Não respondi.

— Achei que não mesmo — ela disse. E, para o policial: — Embale o jornal. Até onde sei, é evidência. Vamos deixar o juiz decidir se é admissível na corte.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

— Peguei o jornal com a Samantha — explicou JT.

Éramos só ele e eu na sala de TV. A polícia tinha ido embora. Nada de celular. Tinham levado só o exemplar velho do *Miami Tribune*. Peguei as almofadas do sofá do chão e as recoloquei exatamente onde estavam antes, então pedi para JT sentar. Ele me ignorou e ocupou seu pufe laranja.

— É a merda do seu sofá, Abe. Sente nele.

— Foi o que fiz.

— Quando você diz que pegou o jornal com a Samantha, está dizendo que ele estava aqui, como o sofá e todos os outros móveis, e você encontrou por acaso quando se mudou para cá? Ou que ela literalmente deu o jornal para você?

— Foi um presente — falou ele.

— Quando foi?

— Pouco antes de ir para o hospital — respondeu ele, engolindo em seco. — Da última vez.

Não era nosso assunto favorito.

— Me conte o que aconteceu.

JT grunhiu, apertando os olhos com a base das mãos, claramente não querendo embarcar nessa viagem.

— JT, isso é muito importante.

— Tudo bem! — respondeu ele, com raiva na voz.

Dei um minuto para meu cunhado. Ele se recompôs.

— Samantha me disse que provavelmente não ia mais voltar para casa. — ele fez um pausa para recuperar o fôlego. — Ela disse, “JT, a mamãe morreu. Devon se foi. O papai não vai durar muito. Quando eu me for, só vai ficar você”.

Devon era o irmão mais velho, que eu não tinha conhecido.

— Continue — pedi.

— Foi quando ela me contou a história.

— Que história?

— A maldita história do jornal, Abe. Meu velho era um desses homens que as empresas de açúcar traziam do Memphis como escravos. Faz parte da nossa família. É uma parte da história. Precisamos cuidar dela, passá-la adiante. Informar as pessoas que a escravidão não acabou em 1865.

— Onde ela conseguiu o jornal?

— Onde você acha? Ela disse que havia mais coisas.

— Mais coisas?

— Sim, Luther tinha um monte de merda de quando era cortador de cana. A empresa o fez comprar com seu próprio dinheiro: um cobertor, todas as roupas e o equipamento. Ele é tão pão-duro. Se Luther comprou, então ele guardou.

Eu me lembrava dessa parte da história. Antes que a primeira fileira de pés de cana fosse cortada, os homens estavam tão endividados que nunca iam conseguir sair da *plantation*. Pelo que eu me lembrava, também faziam cada trabalhador comprar um facão. Não entrei nessa questão. Não especificamente.

— Onde está o resto das coisas?

— Não sei, Abe. Ela me deu a matéria de jornal e falou que o resto estava em uma caixa em algum lugar. Nunca fui procurar. Samantha disse que eu precisava passar aquilo para a próxima geração, mas para quem vou passar alguma coisa, Abe?

— Samantha contou onde a caixa estava?

— Está com todas as merdas antigas do meu velho. Não sei onde. O que aconteceu com as coisas dele quando vocês o colocaram no asilo?

Finalmente, uma pergunta que eu sabia responder.

— Está num depósito — respondi.

Com alguns outros artigos pessoais de Samantha, coisas que não fui capaz de doar para a caridade, e que eu sabia que Angelina não ia querer na nossa casa.

— Então é lá que está — disse JT. — No depósito. Mas por que isso importa? Por que tudo isso importa?

— Não importa — respondi.

JT levantou do pufe e começou a andar de um lado para o outro.

— Importa para Santos. Aquele mulher é louca. Ela apareceu na minha casa noite passada, fazendo perguntas como se tivesse sido você quem matou a Angelina. Agora ela vem para a minha casa com um mandado de busca, agindo como se eu

tivesse matado a sua mulher. Ou talvez ela ache que eu matei todas essas mulheres. É isso que ela acha, Abe?

— JT, relaxe. Ela não acha que você matou ninguém. Santos está colocando pressão em você para colocar pressão em mim.

— Então ela acha que eu não fiz nada?

— Não.

— Ela acha que você fez?

Desviei os olhos de JT, para o meio da sala.

— Honestamente, não sei mais o que ela acha.

Levantei do sofá e peguei a chave do carro no bolso.

— Aonde você vai? — meu cunhado perguntou.

— A lugar nenhum — respondi, indo em direção à porta.

Ele veio atrás.

— Como assim, a *lugar nenhum*? Você está indo a *algum lugar*.

Abri a porta.

— Vá dormir, JT.

Ele me segurou pelo braço.

— Aonde você vai, Abe?

Não respondi, mas minha expressão estava dura o bastante para fazê-lo soltar meu braço.

— Vou procurar algumas respostas. Tranque a porta e vá dormir.

Não esperei amanhecer. O Depósito AAA ficava aberto 24 horas por dia, sete dias por semana. Fui para casa, peguei a chave da unidade e dirigi até o depósito. O prédio de cinco andares estava deserto e parecia mais um mausoléu. Os sensores acionaram as luzes do lobby quando eu entrei.

A unidade 403 ficava no quarto andar. O elevador não estava funcionando, então subi a escada. Tecnicamente, o prédio tinha ar condicionado, mas eu estava suando nos degraus. Mais suor quando atravessei o corredor. Talvez fosse o ar parado. Talvez fossem os meus nervos.

Abri a porta de metal que parecia a de uma garagem. Estava mais fresco do lado de dentro do que no corredor, mas foi minha única sensação de alívio. As memórias me encararam, dificultando minha entrada.

Minha última visita à unidade 403 tinha sido seis meses depois do funeral de Samantha. Eu tinha doado alguns pertences dela. Outros, achei que deveria guardar, mas não necessariamente em casa, ainda mais depois que comecei a namorar Angelina. Carmen tinha passado pelo mesmo exercício com a morte do marido. Ela

me disse para olhar uma gaveta ou um armário por vez e fazer três pilhas: das coisas para guardar, das para doar/jogar no lixo e uma pilha “não sei ao certo o que quero fazer com isso”. Era uma linha tênue entre “Guardar” e “Não tenho certeza”. Por um lado, era inútil guardar um diploma emoldurado, mas ele representava quatro anos da vida de Samantha. E quanto à enorme casa de bonecas que Luther fez para a filhas com as próprias mãos e que Samantha estava guardando para a própria filha?

Entrei na unidade e vi as coisas que eu tinha embalado com tanto cuidado, ainda sem saber o que fazer com elas. Aquilo tudo tinha ido parar na unidade 403 — junto aos artigos pessoais que Samantha tinha levado do apartamento de Luther quando ele foi para o asilo. Ela tinha lacrado as caixas, escrito o nome do pai com caneta preta e guardado tudo na nossa garagem. Eu nunca tinha olhado dentro de nenhuma dessas caixas. Elas tinham ficado lacradas desde que Samantha as embalou. Quando ela morreu, “Luther Vine” era a maioria da minha pilha “Não tenho certeza”, mas em grande parte era por procrastinação minha. Eu planejava cuidar delas um dia.

Aquele era o dia.

As caixas estavam empilhadas do chão ao teto à esquerda. Comecei de cima, levando duas caixas por vez para o corredor e cortando a fita com a chave. Eu não fazia ideia por que Samantha tinha guardado algumas das coisas de Luther. Quem precisa de um *Guia de TV* de 1972?

Meu chute era que ela tinha embalado o apartamento todo sem decidir o que guardar e o que descartar. Se Luther tinha guardado alguma coisa, era importante. Eu entendia. Era uma aposta segura que, dez minutos depois de jogar fora o *Guia de TV*, Samantha teria recebido uma ligação urgente da clínica de repouso: “Ei, o que aconteceu com aquele guia de 1972?”

A nona caixa chamou minha atenção, mas só depois que a tirei do alto da quarta pilha. Do lado que estava encostado na parede, que não estava visível, em letras pretas, Samantha tinha escrito: “Luther Vine 1941. GUARDAR.”

Levei a caixa para o corredor e a coloquei no chão. Com a parte mais afiada da chave rasguei a fita. Abri as abas. Havia toda a antecipação ao abrir uma cápsula do tempo, com a diferença de que eu sabia exatamente o que estava procurando.

Um cobertor velho estava por cima, bem dobrado. Eu o tirei e deixei no chão. Embaixo, encontrei um grupo aleatório de coisas. Algumas eram fáceis de reconhecer, e foram as que tirei primeiro. Um cantil para água. Uma lancheira de adulto. Um par de luvas de trabalho. Botas pesadas com biqueira de aço. Outras coisas eu tive que olhar mais de perto para entender o que eram. Um par de joelheiras de metal. Munhequeiras. Havia até um crachá com o nome de Luther, identificando-o como

funcionário da Companhia Nacional de Açúcar. O registro de pagamento e o controle das tarefas era interessante. Dizia que Luther tinha cortado 43 toneladas de cana na primeira semana de trabalho. Ele devia à empresa 19 dólares e 27 centavos.

Esvaziei totalmente a caixa, a parte da história sombria de Luther espalhada pelo chão. Voltei para dentro da unidade e procurei em mais caixas, mas só havia uma de 1941. Olhei uma segunda vez. Fiquei lá até meia-noite.

Não encontrei o facão de cortar cana.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Eu deveria ter ido deitar, mas dormir estava fora de questão.

Parte de mim queria ir falar com Luther e perguntar o que tinha acontecido com o facão. Havia dois problemas nisso.

Um: ele com certeza estava dormindo àquela hora. Dois: ele provavelmente não se lembrava disso. Pelo que eu sabia, ele tinha perdido a memória enquanto trabalhava com jardinagem quando Truman era presidente.

Tenha uma boa noite de sono. Esse tinha sido o conselho de Carmen. Eu ia fazer o teste de polígrafo pela manhã, um teste com perguntas “melhores”. Eu precisava estar descansado e pronto. Mas estava cansado de outras pessoas ditarem minhas necessidades.

A segunda-feira tinha chegado fazia uma hora e meia quando cheguei a Little Havana. Parei depois da Pawn 24 que, claro, estava aberta. Da calçada, pelas barras de ferro e pelo vidro grosso da vitrine, eu podia ver Manny com um cliente no balcão. Eles estavam negociando sobre o valor de “empréstimo” de um relógio de pulso roubado ou algo assim. Não entrei. Manny e o tio já tinham nos dado toda ajuda que estavam dispostos a dar. Manny tinha visto dúzias de fotos da delegacia, e nenhuma delas era do sujeito que tinha vendido o anel de Samantha. A polícia tinha percorrido as ruas por horas e perguntado a todos os desabrigados do bairro sobre o anel. Nada. O problema era que a polícia tinha feito sua busca à tarde, não depois da meia-noite, quando a venda foi feita. Tinham me dito para deixar a investigação para eles, mas tínhamos passado das primeiras 48 horas desde que Angelina tinha desaparecido e não tínhamos pistas. Minhas opções eram ficar deitado na cama acordado ou fazer alguma coisa. A decisão foi fácil.

— Ei, você tem um segundo? — perguntei ao primeiro sujeito que vi.

Ele estava parado na entrada recuada de uma farmácia que tinha fechado à meia-noite, montando sua cama de papelão.

— Suma — ele grunhiu. — Este canto é meu.

Dei um pouco de dinheiro ao homem e mostrei uma foto do anel de Samantha no meu iPhone.

— Sabe de alguém vendendo um anel igual a esse?

— Não.

Mostrei uma foto de Angelina.

— Estou procurando essa mulher.

Ele olhou mais de perto, como se de fato quisesse ajudar, e se afastou.

— Não perca seu tempo. Pior boquete da minha vida.

Não ia ser fácil. As seis conversas seguintes foram ainda menos produtivas, e não só porque meu espanhol era risível. O sétimo pegou meu celular. Consegui não tirar a mão do aparelho, mas ele não quis soltar até eu jogá-lo no chão.

— Cretino! Por que você me entregou o celular se não quer que eu fique com ele?

Ele ficou no chão, o que me fez sentir ainda pior. O homem me lembrava um pouco de JT. Eu estava voltando para o meu carro quando vi uma mulher do lado de fora de uma loja de charutos. O mundo dela estava embalado em um saco de lixo verde dentro de um carrinho de supermercado que ela empurrava pela calçada.

— Posso fazer uma pergunta?

A mulher parou, parecendo surpresa que eu estivesse falando com ela. Mostrei a foto do anel e fiz a mesma pergunta que fiz aos outros.

— Mãozinha vendeu esse anel — disse ela.

Minha vez de ficar surpreso.

— O que você disse?

— Meu amigo Mãozinha vendeu um anel de diamante igual a esse.

— Quando?

— No fim de semana. Quinhentos dólares. Ou foi o que ele disse. O bosta não me deu nem dez centavos, então chamei ele de mentiroso.

Meu coração começou a bater mais forte.

— Seu amigo é perigoso?

— Se você fosse perigoso, iria deixar as pessoas chamarem você de Mãozinha?

Fazia sentido, mas ele também não parecia o principal suspeito no desaparecimento da minha esposa.

— Como eu encontro o Mãozinha?

Ela levantou uma sobrancelha, negociando.

— Você quer muito encontrar o Mãozinha?

— Dou dez dólares para você.

Eu não queria parecer ansioso demais.

— Eu não diria em que cidade ele está por dez dólares.

Dane-se parecer ansioso.

— Então quanto?

— Cinquenta. Levo você para onde ele dorme.

— Vinte para me levar para o canto dele — negociei, tirando a nota da carteira.

— Cinquenta se Mãozinha estiver mesmo lá.

Ela arrancou os vinte da minha mão.

— Feito.

Eu me ofereci para empurrar o carrinho, mas ela teria preferido cortar um braço a aceitar. Podia ser o meu braço. A mulher foi na frente, e fui atrás ouvindo o barulho das rodinhas na calçada rachada. Aquele trecho da Calle Ocho era mão única e ficava a alguns quilômetros do centro de Miami, mas seguimos nessa direção. Andamos por cinco quarteirões e, quando a viagem começou a parecer inútil, ela parou do lado de fora do supermercado El Presidente. Do outro lado da rua havia um terreno baldio. Uma enorme placa de “Vende-se” indicava que ele funcionaria tanto para fins comerciais quanto residenciais, “aprovado para 323 unidades”. Meu olhar foi além da cerca de corrente, em direção ao fundo do terreno, onde os sem-teto tinham decidido não esperar que as unidades aprovadas fossem construídas.

— Mãozinha está ali — afirmou a mulher.

— Você precisa me mostrar quem é se quiser seu dinheiro — avisei.

— Muquirana — murmurou a mulher.

Atravessei a rua atrás dela, que sabia exatamente onde estava a abertura não autorizada na cerca, que era grande o bastante para acomodar seu carrinho. O chão estava lotado, trechos de grama e mato aqui e ali. As escavadeiras tinham deixado algumas árvores em pé no fundo do terreno, e quando mais nos afastávamos da rua, mais desabrigados apareciam. Havia casas de papelão atrás das árvores. Pedacos de plástico serviam de cobertor. Um cheiro pungente de urina vinha de trás das moitas. Se eu apertasse os olhos, transformando a noite em uma filmagem em preto e branco granulada, parecia uma cena de *Vinhas da Ira*.

Bem no fundo do terreno havia diversas mesas de piquenique, imagino que roubadas de um parque próximo e trazidas para cá para servir de abrigo. Nós nos afastamos mais da iluminação da rua, mas sob o luar vi a silhueta de um homem deitado no chão, embaixo de uma das mesas.

— É ele — disse a mulher.

Comecei a me aproximar da mesa, mas ela me parou.

— Você me deve trinta dólares.

Cumpri o acordo.

— Mais dez se você fizer uma boa apresentação.

A mulher sorriu, pegou a nota de dez, e gritou na escuridão:

— Ei, cretino! Tem um idiota aqui que quer falar com você!

Então guardou o dinheiro em um de seus muitos bolsos e saiu empurrando seu carrinho de volta para a Calle Ocho. O homem se mexeu e se sentou, mas não saiu de baixo da mesa de piquenique.

Fiz uma avaliação rápida. Eu sabia que não estava lidando com o Cortador, um serial killer com os meios para dispor de múltiplas vítimas nos canaviais do condado de Palm Beach a mais de 140 quilômetros de distância e evitar ser pego por mais de dois meses. Em teoria, ainda era possível que esse fosse o homem que levou minha esposa e talvez até a matado. Mas alguma coisa me dizia que se Mãozinha de fato fosse o responsável pelo penhor, o anel de Samantha tinha chegado a ele por outra pessoa, talvez até uma terceira. Segui meus instintos e levei em conta essa premissa.

— Posso falar com você? — perguntei, me aproximando.

— Fique onde está!

Parei a alguns metros. Devagar, abaixei o corpo até ficar agachado. Estávamos no mesmo nível, mas, nas sombras embaixo da mesa, o rosto dele mal estava visível.

— Sua amiga disse que você vendeu um anel de diamante no fim de semana.

— Ela não é minha amiga.

Mãozinha não negou a venda.

— Você pode me dizer onde conseguiu o anel?

— Você pode ir se foder?

Mãozinha de fato era um cretino.

— Escute, amigo. Não sou um policial. Não estou aqui para causar problemas para você. Só preciso de umas informações.

Ele não respondeu, e eu continuava sem conseguir ler seu rosto. Mãozinha estava encoberto pela escuridão completa sob a mesa, as árvores em volta.

— Só me diga como você conseguiu o anel — pedi. — Eu pago pela sua ajuda.

— Quanto?

Meu dinheiro estava acabando.

— Vinte dólares.

— Cem.

— Não tenho esse tanto comigo.

Não era mentira.

- Fico com o seu telefone.
- Não posso dar meu celular para você.
- Então não posso ajudar.

Paciência, eu disse a mim mesmo, mas a raiva estava surgindo de algum lugar bem profundo, irreversível.

- Me diga onde você conseguiu o anel — insisti.

Era uma voz tão ameaçadora que eu mal reconheci como minha. Era um aviso, mesmo que ele não pudesse ver a raiva nos meus olhos.

- Me dê seu celular.
- Não tenho celular.
- Todo mundo tem.

Abri a carteira e peguei todo o meu dinheiro.

- Dou sessenta dólares para você.
- E o celular.

Em outra noite, eu teria feito o jogo dele ou, pelo menos, chamado uma viatura e feito isso de acordo com o protocolo. Mas minha mulher estava desaparecida e, depois do assassinato de Tyla, a prisão domiciliar de JT e uma montanha de incômodos da agente Santos, algo se rompeu. Eu o ataquei, agarrando-o pela camisa e o tirei de baixo da mesa. Mãozinha era muito menor do que eu e, rapidamente, ele foi dominado por mim e estava virado para baixo. Eu estava sentado nos rins dele, minha mão em sua nuca, forçando sua testa no chão.

- Não me machuque! — ele implorou.

Agarrei seu cabelo sujo e puxei sua cabeça para trás.

— Você quer meu telefone? — perguntei com uma voz furiosa. — Aqui está. Olhe, seu filho da puta. Olhe para essa foto!

Continuei segurando a cabeça dele, o celular na minha mão livre. O retrato de Angelina estava diante dos olhos de Mãozinha.

- Olhe para ela! O que você sabe sobre essa mulher?

Era uma ordem, não um pedido. Ele não respondeu. Afundi o rosto dele na terra e então puxei a cabeça para trás até ele conseguir ver a foto de Angelina de novo.

- O *que* você sabe? — eu gritei.
- É ela — disse Mãozinha.
- Quem?
- A mulher que me pediu para penhorar o anel.
- Não minta para mim!

— Não estou mentindo! Ela disse que se eu entrasse na loja e vendesse o anel, podia ficar com cinquenta dólares.

— É mentira.

— É verdade!

O corpo dele tremia sob o meu peso. Puxei o cabelo com mais força.

— Não se atreva a mentir para mim!

O corpo de Mãozinha não estava mais tremendo. Eram ondulações sísmicas, a diferença entre 5.0 e 7.0 na escala Richter. E ele chorava incontrolavelmente.

— Não estou mentindo! Era ela. É a mulher!

Senti minha força diminuir e o cabelo escorregar pelos meus dedos. O queixo de Mãozinha caiu, ele chorava na terra. Levantei e parei diante dele, sem saber o que pensar.

— Se eu descobrir que você machucou a mulher da foto...

— Eu nem encostei nela! Só vendi a porcaria do anel.

Eu queria chamá-lo de mentiroso, um mentiroso completo, mas minha cabeça estava girando, e a acusação não veio. Peguei Mãozinha pelo colarinho e o obriguei a ficar de pé.

— O que você está fazendo, cara?

Continuei segurando a camisa, forçando-o a andar comigo.

Ele estava quase correndo para me acompanhar quando atravessamos o terreno baldio e saímos pela abertura na cerca. Mãozinha estava com medo demais, cansado demais e era covarde demais para resistir.

— Aonde você está me levando?

Não respondi, mas estávamos a menos de dois quarteirões da Pawn 24. Eu já tinha visto Manny pela vitrine, então sabia que ele estava trabalhando. Demorei menos de um minuto para chegar, mesmo arrastando Mãozinha. Toquei a campainha. Manny atendeu a porta, mas não esperei até ele destrancar. Enfiei o rosto de Mãozinha contra o vidro e, com a outra mão, mostrei meu distintivo. Manny pareceu assustado por um instante, mas me reconheceu da outra manhã.

— Foi ele? — gritei. — Foi ele que vendeu o anel?

O rapaz tatuado observou o rosto pelo vidro. Só levou alguns segundos. Em seguida, ele assentiu.

— Eu devolvo o dinheiro para você — disse Mãozinha. — Mas não me machuque, ok?

Eu o arranquei da vitrine e o fiz sentar na calçada.

— Não se mexa — avisei, enquanto ligava para Rid. — Vamos descobrir que diabo está acontecendo.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Mãozinha soluçou e chorou, me implorando para deixá-lo ir, até que a viatura da polícia de Miami-Dade chegou e o colocou no banco de trás. Segui atrás no meu carro até a delegacia. Rid nos encontrou lá, mas imediatamente me excluiu do processo. Encontrei um banco no corredor e esperei do lado de fora da sala de interrogatório enquanto Rid e outro detetive faziam seu trabalho. Pouco antes de uma da manhã, a porta se abriu, e meu amigo veio até mim.

— Mãozinha não faz ideia do que aconteceu com Angelina — avisou ele.

Era difícil saber se isso era boa ou má notícia.

— Tem certeza?

— Existem detetives mais antigos por aí, Abe. Mas estou neste trabalho há um tempo. Tempo suficiente para saber. Mas não me entenda mal. Ele não vale nada.

— Quero saber.

— Ele é um agressor sexual registrado no estado de Nova York. Foi seu último endereço conhecido.

— Qual foi o crime?

— Múltiplos atos de má conduta sexual. Pelo jeito, Mãozinha é um grande fã de futebol feminino adolescente. Contanto que possa ficar do outro lado da cerca e se masturbar.

Finalmente, uma explicação definitiva para o apelido. Não me deixou exatamente tranquilo.

— Mas se existe um histórico de má conduta sexual, ele não se torna ainda mais suspeito?

— Abe, a situação é a seguinte: sua mulher e o anel de Samantha desapareceram, mas não há sinal de arrombamento na sua casa. Uma possibilidade é

que o culpado fosse alguém conhecido e que Angelina o tenha deixado entrar.

— Ou ele morava lá — completei. — A teoria da agente Santos.

— Certo — continuou Rid. — Ou ele era um estranho e tinha a chave. É por isso que estamos verificando cada estacionamento possível onde Angelina possa ter deixado o carro no último mês, para ver se alguém fez uma cópia da chave. Mãozinha não se encaixa no perfil de alguém que poderia colocar as mãos na chave da sua casa, quanto mais alguém capaz de encontrar o anel de Samantha e de fazer sua mulher desaparecer, tudo sem deixar nenhum tipo de evidência.

— Então como ele conseguiu o anel?

— Não sei.

— Ele disse que foi com Angelina.

— É a versão dele, e Mãozinha não está arredando o pé — disse Rid. — Ele obviamente está mentindo, protegendo um amigo, ou com medo de dar nomes.

— É tão óbvio assim que é mentira?

— Para mim é.

Fui até o banco, tentei sentar, mas minha mente estava em disparada. Voltei para onde Rid estava.

— Não é possível que ele tenha conseguido o anel com Angelina?

Ele suspirou, irritado.

— Abe, acabei de descrever os cenários prováveis: alguém que ela conhecia ou um estranho que tinha a chave.

— E os cenários *improváveis*? — Fiz uma pausa, tomando o cuidado de formular a frase direito. — E se ela tiver ido embora?

— Simplesmente ido embora? No meio da noite. *Puf*. É isso que você está dizendo?

— É.

— Por que ela faria isso?

— Para me ensinar uma lição.

Rid bufou.

— Abe, você precisa dormir.

— Estou falando sério, Rid. Me escute. Sempre incomodou Angelina que eu estivesse apegado à memória de Samantha. De repente, ela desaparece, e a única coisa que está faltando na minha casa são as joias de Samantha, incluindo o anel de noivado, que foi vendido em uma loja de penhores em Little Havana por uma fração do valor. Isso não é mandar uma mensagem: “Tire essa porcaria da minha casa”?

— Abe, foi uma semana difícil. Você está muito cansado.

—E, para completar, o anel de Angelina estava na cômoda. Que ladrão subiria até a última prateleira do meu closet para pegar os anéis de Samantha, mas deixaria outros muito mais acessíveis bem na cômoda?

—Tudo bem, é estranho, eu concordo. Mas deve haver uma explicação melhor do que Angelina tentar ensinar uma lição para você.

—Nada que me ocorra, e tenho pensado muito sobre isso. A própria Angelina me disse isso uma vez: que eu sentiria sua falta quando ela não estivesse mais aqui. Que eu lhe daria valor.

Uns dois policiais passaram por nós no corredor. Rid esperou ele desaparecer e balançou a cabeça para mim.

—Abe, pare com isso. Você está torcendo para sua mulher estar viva e em segurança. É natural. E a ideia de que Angelina tenha levantado e ido embora é um cenário muito melhor do que algumas das outras possibilidades que devem estar passando pela sua cabeça. Mas não comece a espalhar essa teoria com mais ninguém além de mim.

—Por que você está sendo tão intransigente?

—Porque, se você não estivesse em choque e privado de sono, eu diria que é a coisa mais egocêntrica que algum homem já afirmou.

—Do que você está falando?

—Em primeiro lugar, é uma loucura dizer que sua mulher desapareceu só para fazer você lhe dar mais valor. Sei que Angelina é geniosa, e que ela já quebrou seu nariz quando você a trocou por Samantha, mas a menos que existisse alguma coisa muito abusiva entre você dois...

—Não existe — eu interrompi.

—Tudo bem, não existe. Mas, para seguir o raciocínio, digamos que Angelina é a maluca mais descompensada do quarteirão e tem um lado maligno. Você viu os pais dela na TV à noite. Sei que você viu a mãe dela praticamente desabar diante da câmera. A ideia de que Angelina pudesse fazer isso com os próprios pais só para ensinar uma lição para você é... Abe, é...

Eu poderia ter esperado Rid terminar o raciocínio, mas não era necessário.

—Impensável? — sugeri.

—É o que eu diria.

Eu também. Talvez eu precisasse dormir.

—Certo. Isso é válido. Mas continuamos tendo o fato de que o anel foi parar com Mãozinha. Mostrei a foto de Angelina no meu celular. Ele admitiu que pegou o anel com ela. E disse a mesma coisa para você.

—Disse, mas...

— Mas o quê?

Rid me pegou pelo braço e me levou para a sala de interrogatório.

— Venha comigo.

— Para quê?

— Quer saber por que é mentira que Mãozinha pegou o anel direto com a sua mulher? Vou mostrar.

Ele abriu a porta, e nós entramos. Mãozinha estava sentada na mesa de frente para o outro detetive de Miami-Dade. E se encolheu ao me ver, a lembrança da nossa “discussão anterior” ainda fresca. Parei no canto perto da porta. Rid foi até o outro lado da sala e se inclinou sobre a mesa, olhando para Mãozinha. Havia um envelope de papel pardo sobre a mesa. Rid o abriu. Eu não conseguia ver o que havia dentro e, até Rid fazer uma pergunta para Mãozinha, eu não sabia que era uma foto.

— Foi essa a mulher que pediu para você penhorar o anel?

Mãozinha assentiu, rápido, nervoso.

— É, é ela. Essa é a mulher.

Rid guardou a foto, pegou o envelope e me levou de volta para o corredor, fechando a porta. Em seguida, ele me mostrou a fotografia.

Pisquei, confuso.

— Parece a Charlize Theron.

— É a Charlize Theron. Mãozinha disse a mesma coisa quando mostramos uma foto de Reese Witherspoon quinze minutos atrás. E de Kirsten Dunst dez minutos antes disso. Todas elas são loiras lindas, assim como sua mulher na foto do celular, e todas pediram para que ele penhorasse o anel.

Qualquer coisa que ainda restava dentro de mim logo se esvaiu — toda a empolgação de uma pista concreta, toda esperança de uma descoberta na investigação.

— Mas é claro que ele conseguiu o anel com alguém.

— Com alguém. Mas não com Angelina. Se você quer a minha opinião.

Olhei para o relógio na parede. Eram quase duas da madrugada.

— Está tarde — eu disse.

— Vá dormir um pouco — aconselhou Rid. — Você tem um teste de polígrafo em sete horas.

Respirei fundo e deixei todo o ar sair.

— Pois é. Talvez desta vez seja melhor eu estudar.

CAPÍTULO CINQUENTA

Dormi três horas, mas não mais do que isso. Eu podia ter ficado na cama e olhado para o teto do JT por mais duas horas. Em vez disso, levantei, tomei banho e fui até a casa de repouso Sunny Garden.

Luther acordava cedo, e cada ano antecipava uma hora em seu relógio interno. Seis da manhã, sem problema. Aliás, era praticamente hora do almoço para ele. Quando entrei em seu quarto, Luther estava sentando em uma cadeira perto da janela, totalmente desperto e vestido, a camisa de flanela abotoada até o pomo-de-Adão. Ainda melhor, ele estava lúcido.

— Veja só, é o sr. Lincoln.

— Não precisa se levantar.

— Não se preocupe.

Sorri como se nada estivesse errado e, na cabeça de Luther, não estava. Eu não tinha mencionado nem uma palavra sobre Angelina, e meu sogro era a antítese do maníaco por notícias. Se não aparecesse na ESPN, não existia.

Puxei outra cadeira.

— Como você está, meu velho?

— Velho. É basicamente isso.

Era mesmo. Metade do tempo ele não conseguia lembrar que eu tinha me casado de novo, então, mesmo nas melhores circunstâncias, qualquer menção a Angelina era confusa para ele. Uma conversa sobre seu desaparecimento com certeza acabaria mal. Depois que Samantha morreu, eu me perguntei quanto tempo levaria até o próximo funeral, imaginando que seria o de Luther. De jeito nenhum eu achei que seria da minha segunda esposa.

Um barulho veio do corredor, bem do lado de fora do quarto de Luther. Torci o pescoço para espiar e vi os paramédicos empurrando uma maca do quarto. Um lençol branco cobria o corpo. Fui fechar a porta, mas Luther me fez parar.

— Perdemos alguém? — perguntou ele.

— Pelo jeito. Do outro lado.

— Oh, é a Barbara. Triste, triste, triste. Não era a hora dela.

— Quantos anos ela tinha?

— Noventa e quatro.

Desviei os olhos e voltei a encará-lo.

— Sem querer ofender, Luther, mas ela tinha 94 anos. Não era a hora dela?

— Eu sei como você pensa. Ela é velha. Está pronta. Mas não estava. Não estava pronta, quero dizer.

— Ela queria chegar aos cem?

— Não, não. Barbara desejou a própria morte cinquenta anos atrás.

— Ela fez o quê?

Luther se inclinou para a frente e me olhou nos olhos, ainda que um dos olhos meio que estivesse virado para outra direção.

— Preste atenção, rapaz. Existe uma diferença entre querer morrer e estar pronta para morrer.

Pensei no assunto e decidi que o que ele estava dizendo fazia sentido.

— Por que ela não estava pronta?

— Pela mesma razão por que desejava estar morta. Coração partido.

— Como o coração dela se partiu?

Luther recostou e cruzou os braços.

— Não faço ideia.

— Então como você sabe?

— Sou tão velho quanto Noé. Eu reconheço um coração partido quando vejo um. Sim, senhor. Aquele coração parou de bater ontem à noite. Mas Barbara morreu muito tempo atrás.

— Que triste.

— Não tem nada mais triste. — De novo ele se aproximou, dessa vez, levantando um dedo para deixar uma coisa clara. — Você sabe o que eu sempre digo, não sabe, Abe?

Meneei a cabeça.

— Morrer não é uma vergonha.

E então Luther concluiu:

— Mas é uma pena morrer por causa de um coração partido.

Eu podia ter começado a divagar nesse momento, deixar minha mente voltar para a primeira vez que ouvi Luther falar de corações partidos. Mas me recusei a fazer isso.

Ele apontou para a jarra sobre a bandeja.

— Você pode me servir um copo d'água?

— Claro.

Levantei e enchi o copo. A cena me fez pensar na conta que ele tinha com a Companhia Nacional de Açúcar, como estava registrado nas fichas de controle e nos canhotos de setenta anos que eu tinha acabado de ver no depósito. A empresa tinha cobrado dele por uma água que não era suja demais para beber, parte dos 19 dólares que Luther devia ao fim da primeira semana cortando cana.

— Luther, nós já conversamos sobre seus dias cortando cana?

Ele firmou o copo e tomou um gole.

— Provavelmente não.

— Você se importa se eu perguntar sobre isso?

— O que você quer saber?

— Encontrei uma caixa que Samantha guardou. Tinha algumas coisas de quando você era cortador de cana.

Os olhos dele se iluminaram de leve, não por causa das lembranças dos canaviais, mas por causa da menção ao nome de sua filha.

— Samantha dizia que aquelas coisas deviam estar em um museu. Acho que ela nunca encontrou nenhum interessado.

— Acho que não. Ainda está tudo lá — comentei, parando por um segundo antes de falar do que de fato importava. — Menos o facão.

— Meu facão de corte não está lá?

— Não. Todo o resto. Menos a faca.

— Raios, eu paguei um dólar e cinquenta por aquela faca. Mais cinquenta centavos pelo amolador.

Isso me fez pensar no comentário de JT: *se Luther comprou, então ele guardou*.

— Luther, quero que você pense com cuidado. Quando foi a última vez que você viu seu facão?

— Nossa, não sei.

— Foi quando você cortava cana para a Companhia Nacional de Açúcar? Só quero saber se você o trouxe para casa do canavial.

— Ah, eu tenho certeza. Se alguma coisa valia a pena guardar, era aquela faca.

— Certo, isso me ajuda. Agora pense antes de responder: você guardava o facão junto com todas as outras coisas dos seus tempos de cortador de cana?

— Não vejo essas coisas há anos, Abe.

— Eu sei. Faz muito tempo. Mas é importante. É possível que você guardasse o facão em outro lugar? Numa caixa de ferramentas? Num galpão?

— É possível, acho.

— Ele pode ter se perdido? Ou ter sido jogado fora? Talvez alguém tenha roubado?

— Quando?

— Tanto faz.

— Merda, Abe. Estamos falando de mais de setenta anos.

— *Eu sei* — respondi, meu tom mais urgente do que eu pretendia. — Mas eu preciso saber: é possível?

— Abe, claro que é possível. Isso foi antes da Segunda Guerra. Quem sabe onde aquela faca foi parar? Pode estar em qualquer lugar.

Sentei e respirei fundo. Era o melhor que ele podia me oferecer, e era a realidade da situação, quer eu gostasse ou não.

— Você tem razão — eu disse. — Em qualquer lugar.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Uma névoa logo antes de amanhecer atravessava a escuridão no parque Shadow Wood. Em silêncio, Victoria e a unidade de oito membros da SWAT estavam no compartimento traseiro de um veículo especial.

A informação tinha vindo de um cliente atento de um posto de gasolina de autoatendimento. O responsável pela pista, veterano da Guerra do Vietnã, tinha passado a noite dirigindo desde Tallahassee. Ele parou atrás de um sedan, desceu de sua caminhonete e se espremeu entre seu para-choque e a traseira do outro veículo a caminho da bomba de gasolina.

— Senti o cheiro de muitos cadáveres no Vietnã — contou ele à polícia. — Não é algo que você esquece. Foi o cheiro que estava saindo do porta-malas daquele carro.

A esperança era que não fosse o corpo de Angelina, de que Angelina ainda estivesse viva e na casa. Qualquer situação que possa envolver reféns exigia uma ação muito mais drástica do que uma busca. O FBI optou por uma resposta tática.

O parque Shadow Wood ficava ao lado da casa do suspeito em uma área tranquila. Era um desenvolvimento imobiliário típico dos anos 1970 no noroeste do condado de Broward, onde os moradores tinham escolhido uma de quatro plantas, escavadeiras chegaram, boas escolas foram construídas e, em dois anos, mil casas em estilo americano ocupavam a área onde as águas dos Everglades tinham corrido um dia. Foi uma decisão estratégica da SWAT atacar antes que o sol nascesse, e o parque oferecia uma cobertura adicional de árvores de quarenta anos e arbustos largos. Foi a base designada para a investida da SWAT.

O veículo parou. O líder da equipe, Kyle Crawford, repassou a lista pré-ataque.

O SWAT C-33 era um veículo de dupla finalidade que oferecia suporte técnico e servia como plataforma de comando móvel para o planejamento e para a

comunicação da equipe de atendimento. As imagens da câmera de visão noturna no capacete de Crawford seriam transmitidas ao vivo em um monitor dentro do veículo. Dois outros membros da equipe — os *breachers*, que eram os primeiros a entrar — também tinham câmeras. Um microfone de cabeça permitia a comunicação por áudio. Victoria estaria em contato constante com a equipe enquanto assistia ao andamento da operação em tempo real, pelos olhos deles.

A lista de Crawford tinha terminado. As portas traseiras se abriram, e o time desembarcou. A intensidade era palpável, mesmo que eles ainda estivessem em modo pré-lançamento. Uma segunda unidade da SWAT tinha acompanhado em um veículo separado e se juntado a eles. Todos vestindo preto, com pintura militar cobrindo o rosto, as unidades eram praticamente invisíveis no escuro. Victoria estava armada apenas com sua Sig Sauer 9 mm padrão, mas muito mais poder de fogo entraria antes dela. Os membros dos times portavam M16s totalmente automáticos. Coletes à prova de bala feitos de Kevlar, capacetes e incontáveis horas de treinamento e experiência podiam protegê-los de qualquer reação possível.

Um terceiro veículo chegou. O especialista de comunicação de Victoria e dois agentes forenses alcançaram o time e entraram na central móvel de comando.

Crawford sinalizou com a mão. O SWAT 1 entrou em formação em um uníssono silencioso.

Pelos óculos de visão noturna, Victoria viu a primeira onda de membros da SWAT se espalhar pelo perímetro de mais de mil metros quadrados enquanto cercava o suspeito que estava em casa.

Oliveiras maduras bloqueavam parcialmente a visão, mas ela podia ver o jardim da frente, a entrada e a fachada da casa. As janelas estavam pretas, nenhum sinal de luzes acesas lá dentro, mas um mata-insetos na varanda emitia uma luz âmbar sombria e fúnebre.

Crawford ajustou seu fone. Ele estava recebendo uma mensagem do time 1.

— Em posição — Crawford instruiu sua equipe. — Dez segundos para o vídeo.

Victoria voltou para o veículo. O especialista de comunicação estava sentando diante de cinco monitores distintos, cada um conectado a uma câmera de campo diferente. A agente do FBI olhou por sobre o ombro. Crawford e dois membros da SWAT se juntaram a ela. O primeiro monitor piscou e se fixou em uma imagem. Era de um dos agentes de vigilância, o primeiro a se aproximar da casa. Esse era um trabalho importante e abrangente de esquadriñar a cena em silêncio, pelo lado de fora. Eles já tinham levantado a planta da área e confirmado a disposição desse modelo específico de casa, que o time tinha estudado e memorizado. Câmeras de infravermelho não podiam ver pelas paredes de tijolo nem pelo vidro, mas o inverno

na Flórida era a estação das janelas abertas. Se os agentes conseguissem encontrar uma, os sensores de calor diriam se alguém estava lá dentro.

— Vídeo confirmado — informou Victoria pelo microfone. — Vão em frente. Câmbio.

— Planta correta — o agente de vigilância reportou —, nenhuma alteração estrutural detectada. Dois quartos pequenos na ala sul da casa. Ambos vazios. Cozinha, sala de jantar e de TV no lado leste. Também vazios. O sensor infravermelho confirma um elemento na suíte principal, lado norte. Grande, provavelmente um homem. Parece estar dormindo. Acesso direto pelas porta de vidro de correr viradas para o pátio na parte de trás. Câmbio.

— Algum sinal de um segundo elemento? Câmbio.

Com “elemento”, Victoria queria dizer “vítima”. Eles estavam procurando um serial killer, e Angelina ainda estava desaparecida.

— Não estou vendo. O scan infravermelho mostra um brilho amorfo no banheiro da suíte principal. Alguma fonte de calor.

Victoria chegou mais perto do monitor. A imagem era fraca, mas a descrição tinha sido exata. Ela já tinha trabalhado muitas vezes com infravermelho e tinha visto brilhos fracos como aquele de vítimas em caçambas ou escondidas em matagais. Um corpo humano continua emitindo sinais detectáveis de calor pelo menos duas ou três horas depois de morrer.

Crawford abriu o microfone para seu time todo:

— Em posição — comandou ele, sem nenhuma emoção na voz. — No três estamos no amarelo.

“Amarelo” era o código da SWAT para posição final de cobertura e proteção. “Verde” significava ataque, o momento de vida ou morte, literalmente.

Crawford saiu da van de comunicação e se juntou ao restante do time 2. Victoria não podia mais vê-lo, mas a imagem da câmera no capacete do líder piscou no segundo monitor. Imagens de outras câmera em campo piscaram nos monitores três, quatro e cinco. Victoria tinha o cenário completo. E tinha o comando de Crawford no ouvido.

— Três, dois, um.

Os monitores mostraram a SWAT em ação, uma onda silenciosa e bem coreografada pelas árvores, para fora do parque e entrando no jardim. Victoria podia quase sentir os passos — dedos primeiro, seguidos de calcanhares, joelhos flexionados para absorver o impacto caso fosse necessário abrir fogo. O monitor dois capturou a aproximação pelo lado leste para cobrir a porta dos fundos. O monitor três mostrou a contenção pelo lado da rua, a SWAT a uma distância de ataque da

porta da frente, mas não perto demais, e a abordagem parou logo antes de alcançar a luz amarela da varanda. Crawford e outros dois agentes deram a volta pelo pátio, mas a câmera dele não estava clara. A neblina e as telas do pátio criavam um borrão no monitor, o que só aumentou a ansiedade de Victoria.

Ela se perguntou sobre a aura fantasmagórica de calor emanando do banheiro.

As imagens se congelaram. O movimento parou. Uma rodada de confirmações por microfone afirmou: a SWAT estava em posição.

— No três, estamos no verde — sussurrou Crawford, a voz entrecortada pela frequência do rádio no ouvido de Victoria.

Ele contou devagar, cheio de propósito, um homem com água gelada nas veias. No três, os monitores se tornaram um borrão em movimento. O fone de Victoria ecoou o barulho simultâneo das portas da frente e dos fundos sendo arrombadas, e o vidro das portas de correr se estilhaçando na suíte principal. Ela se preparou para os disparos, mas ouviu apenas os gritos de Crawford e sua equipe atravessando a casa até o quarto.

— Abaixo, abaixo! Deite no chão!

Victoria olhou para as imagens noturnas dos monitores, todas convergindo para o homem no colchão, o homem cercado.

Houve um estalo no rádio, mais comandos. O monitor um revelou o elemento sob controle. Os outros piscaram com a varredura da casa. A câmera cinco estava no banheiro, onde o infravermelho tinha detectado calor.

— Nada aqui — relatou o agente.

Victoria olhou o monitor mais de perto. Um banheiro vazio.

— Tudo limpo — disse Crawford.

Victoria e seus especialistas forenses entraram em ação e correram na direção da casa. Dois agentes tecnológicos estavam bem atrás dela. Só o especialista em comunicação ficou para trás.

Victoria atravessou o gramado o mais rápido que conseguiu. A fonte de calor continuava sendo um mistério, mas, se eles de fato tivessem pegado o Cortador, Victoria não queria algum advogado de defesa esperto argumentando que ele tinha confessado um crime com um rifle M16 na cabeça. A porta da frente mal estava presa às dobradiças, danificada pelo arrombamento. Ela correu para dentro da casa. Os agentes de tecnologia foram com a SWAT até o computador do homem. Victoria e os especialistas forenses foram até a suíte principal. Crawford e dois outros agentes estavam parados em cima de um homem grande deitado de bruços no chão ao lado da cama. Ele estava usando uma calça de pijama e uma camiseta branca. Suas mãos estavam atadas nas costas com cabos plásticos.

—Onde está Angelina Beckham? — gritou Victoria.

— Eu não sei! — disse ele com o rosto no carpete.

— O que você fez com ela?

— Nada. Não sei de quem você está falando!

Ela não sabia ao certo se o homem estava mentindo.

— Santos, encontrei uma coisa — o especialista forense disse do banheiro.

Victoria correu para lá. O agente estava no chão.

— A fonte de calor do infravermelho veio daqui — ele explicou.

Ela não estava vendo nada além dos ladrilhos.

— O quê?

— Solução de limpeza química — disse o agente. — Uma concentração de ácido sulfúrico ou ácido clorídrico, que aumenta os íons hidrônios em uma solução e atrai elétrons de qualquer coisa que você esteja tentando limpar. Os íons hidrônios têm uma reação química com o material que está sendo limpo, o que libera o calor.

— Calor suficiente para ser captado pelo scan infravermelho.

— Se houver ácido suficiente. E uma bagunça grande o bastante.

— Que tipo de bagunça?

Ele pegou o frasco de Luminol e borrifou nos ladrilhos de cerâmica do chão. Victoria apagou a luz. O brilho azul contou a história.

— Sangue — o agente anunciou. — Pela quantidade de calor que apareceu no infravermelho, eu diria que ele estava usando um monte de soluções químicas, limpando *muíto* sangue.

Um agente da SWAT entrou na suíte.

— Nenhum corpo no porta-malas no carro — ele avisou Victoria. — Mas os cães farejadores de cadáveres estão enlouquecidos. O veterano do posto de gasolina estava certo. Com certeza um corpo esteve ali em algum momento.

— Vamos chamar os legistas — instruiu Victoria.

— Tem mais alguma coisa que você precisa ver.

Ela saiu da suíte principal e atravessou o corredor com o especialista. Outro agente abriu a porta, e Victoria entrou onde deveria ser a garagem. De alguma forma, ela sabia o que estava prestes a ver, mas ficou sem fôlego mesmo assim.

— Meu Deus — ela exclamou, parando na entrada.

Os fundos de uma garagem para dois carros tinha sido transformado em uma sala sem janelas. As paredes e o teto estavam pintados de preto. O chão estava no contrapiso de concreto. Havia três spots de luz no teto, os feixes ofuscantes voltados para o centro da sala, onde quatro jogos de algemas de metais — dois para os pulsos, dois para os tornozelos — estavam parafusados ao concreto. A iluminação estava tão

concentrada que a área continuava nas sombras, mas havia luz suficiente para revelar a bancada encostada na parede. Devagar, Victoria foi até lá. As ferramentas de um sádico apareceram. Tiras de couro. Açoites de couro cru. Alicates. Tesouras. Clipes de metal, coleiras, algemas, alfinetes e consolos de diferentes comprimentos e espessuras, o maior chegando a uns 45 centímetros. Os objetos estavam meticulosamente dispostos na bancada. Mas era a ferramenta pendurada na parede, logo acima da bancada, que distinguia esse assassino de tantos outros sociopatas que podiam ter se encaixado no perfil criminal.

Era um facão para cortar cana.

Victoria sentiu uma onda de... alguma coisa. *Realização* talvez resumisse bem; a tragédia de tantas jovens vítimas tornava impossível chamar aquilo de sucesso.

— Pegamos ele — disse ela em voz baixa.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Eu estava mais ou menos uma hora adiantado em relação ao horário de pico, passando pelo campus da Universidade de Miami com a primeira onda de trabalhadores, rumo à sede do “Encontre Angelina”, sem nenhum plano em mente, apenas com a sensação de que eu precisava fazer alguma coisa. O supermercado abria às sete, e eu já tinha passado por lá e deixado três sacolas de compras no apartamento de JT, colocando um fim ao mantra “eu não tenho comida”. Foi quando Rid me ligou de sua casa.

— O Cortador foi detido.

Incontáveis perguntas entupiram minha cabeça, mas reduzi a confusão mental à mais importante:

— E Angelina?

— Não sabemos.

Minhas mãos tremiam no volante. Tive que sair da US 1 e parar em um posto de gasolina, mas deixei o motor ligado.

— Vocês não sabem se o Cortador a levou; ou ele a levou, e vocês não sabem o que aconteceu com ela?

— A primeira opção. Fique feliz, Abe. Se esse monstro estiver de alguma forma envolvido, não resta muita dúvida do que ele fez.

Coloquei o ar-condicionado no máximo, qualquer coisa para me ajudar a respirar de novo.

— Quem é ele?

— O Cortador se chama Tommy Salvo. Ele trabalha para a Açúcar Cortinas.

Meu queixo caiu.

— Ele *trabalha* para essa maldita empresa de açúcar. Como Santos não conseguiu localizar esse sujeito antes?

— Lembre que a indústria do açúcar tem centenas de milhares de funcionários e ex-funcionários. Uma busca pelo computador o excluiu na primeira pesquisa no banco de dados. Salvo tem uma casa no condado de Broward, mas vive na Nicarágua na estação da colheita, de outubro a maio. Pelo jeito, o corte ainda é feito à mão lá.

— Ele de fato é cortador de cana?

— Não. O corte é feito por nicaraguenses muito mal pagos. Salvo é cidadão americano e é supervisor das operações de campo. De todo jeito, ele escapou na busca do computador porque não tem ficha na polícia, e os registros de imigração revelaram que estava na Nicarágua na época dos assassinatos.

— Então ele voltou ilegalmente.

— Exato. O FBI acha que ele voltou por Manágua—Havana—Nassau em um jato cubano, depois pagou alguém por baixo dos panos para entrar de barco nos Estados Unidos pelas Bahamas. Uma rota complicada, mas, se você é um serial killer que quer que as autoridades pensem que você está fora do país, vale a pena fazer o esforço. Ninguém sabia que ele estava aqui.

— Exceto...

Comecei a falar, mas parei.

— Exceto quem? — perguntou Rid.

— Exceto, talvez, Tyla Tomkins. Será que era por isso que ela estava me ligando e deixando mensagens na minha caixa postal?

Rid não respondeu.

— Salvo matou Tyla? — perguntei.

— Não está claro.

— Que resposta de merda.

— Abe, minhas mãos estão atadas em relação ao que posso revelar para você. Santos está interrogando o suspeito agora. Tudo isso é confidencial.

— Não me venha com essa história de “confidencial” — eu gritei, minhas palavras eram raios de fúria. — Saber o que aconteceu com Tyla pode significar a diferença entre encontrar ou não encontrar minha mulher. Me conte o que você sabe, bom, ruim, tudo. Mas me conte, Rid!

Uma dona de casa em um utilitário parou no posto e manobrou na direção da bomba à minha frente, um bando de crianças na parte de trás. Ela passou direto e voltou para a rodovia. Minhas janelas estava fechadas, mas devo ter parecido um maluco, gritando no celular e socando o volante.

— Tudo bem, o que eu sei é: Salvo montou sua sala de assassinatos como um estúdio de filmagem amador. Paredes pretas, focos de luz, isolamento acústico, a coisa toda. O FBI confiscou o computador dele, mas Santos não está revelando muito sobre o que foi encontrado. É uma aposta bem segura que esse filho da puta doente gostava de filmar o que fazia com as vítimas, mas não faço ideia se isso significa as cinco mulheres do condado de Palm Beach, ou se significa mais do que isso. Não quero levar você a uma conclusão errada com alguma informação pela metade. Isso pode acabar sendo uma boa notícia para você. Ou pode ser uma notícia terrível.

Eu praticamente caí para a frente, minha testa batendo no volante.

— Onde está sendo o interrogatório?

— No escritório do FBI.

— Estou indo para lá.

— Não vá. Santos não vai deixar você chegar perto do interrogatório.

— Rid, eu vou. Você está no campo ou na reserva?

Ele hesitou, mas só por um segundo.

— Vou avisar para Carmen que o polígrafo está cancelado e encontro você lá.

Desliguei o telefone, liguei o carro e fiz uma prece quando saí do posto e peguei a US 1.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Victoria sabia que ia fazê-lo falar.

Apesar de ter feito as autoridades acreditarem que ele estava na Nicarágua, o Cortador não era muito esperto. Ela tinha passado as primeiras duas horas do interrogatório tentando fazê-lo entender que não havia como escapar daquilo: Victoria ia acabar com ele. Em seguida, ela e o parceiro saíram da sala, deixando-o sozinho na mesa olhando para as paredes nuas por dez minutos, vinte, meia hora. Os dois agentes do FBI ficaram assistindo da sala de observação, atrás do espelho.

Com eles estava Bert Franklin e o parceiro, ambos detetives de homicídios do departamento do xerife do condado de Palm Beach.

— Vamos deixá-lo cozinhando por mais quanto tempo? — perguntou Franklin.

— Mais alguns minutos — respondeu ela.

— É uma estratégia boba — disse ele. — Se você deixá-lo ali por mais muito tempo, e ele vai pedir um advogado.

Franklin ainda estava furioso com o fato de ser apenas um simples observador. O FBI tinha reivindicado a jurisdição com base na enorme quantidade de pornografia infantil encontrada no computador do Cortador — o que era um crime federal. Foi o gancho que permitiu que Victoria assumisse o controle do que, de outra forma, teria sido estritamente uma violação de uma lei estadual: homicídio. Victoria tinha convidado Franklin e o parceiro como uma cortesia profissional em uma força-tarefa multiagências.

— Deixe comigo — disse ela.

Victoria chegou mais perto do espelho, estudando seu suspeito. Salvo era um homem grande, 1,87 m, bem mais de noventa quilos. Musculoso, mas não como um marombeiro. Ele tinha o físico e a aparência desgastada de um fazendeiro que passou

a vida trabalhando no campo. Sua barba grisalha não estava aparada, era apenas o resultado de um homem que não gostava de se barbear. Um corte militar tornava menos óbvio que ele estava ficando careca. Aos 48 anos, ele era mais velho que o perfil elaborado por Victoria, o que explicava o Viagra que tinham confiscado na casa. Disfunção erétil só explicava uma parte da abundância de consolos, todos pretos, tudo isso confirmando o perfil feito por ela de um homem branco e raivoso que escolhia mulheres brancas com namorados negros. *Ainda gosta da coisa preta, vadia?*

— Fase dois — anunciou Victoria.

Estava na hora de voltar para a sala de interrogatório. Ela já tinha feito isso muitas vezes em muitos casos. Era quando os mais espertos começavam a barganhar. *Eu conto onde deixei os cinco corpos que você não sabe que existem se você não pedir a pena de morte.* Victoria não esperava isso do Cortador. Ele precisava mostrar como era esperto. *Veja quantas pistas você perdeu, como eu estava bem diante do seu nariz e rindo da sua incompetência.* O Cortador gostava de se gabar. Ela podia sentir.

Victoria colocou um maço de cigarros diante dele.

— Cigarro?

O Cortador aceitou. Ela deslizou um isqueiro pela mesa, e ele o acendeu.

— Eu sabia que você fumava — comentou Victoria.

— Muito bem, Sherlock. Foram os cinzeiros espalhados pela minha casa ou os pacotes de cigarros que me entregaram?

Exibicionista.

— Foram as marcas de queimadura nas suas vítimas — respondeu ela.

O Cortador soltou a fumaça, sem dizer nada.

Victoria dispôs metodicamente quatro fotos de autópsia na frente dele, quatro das vítimas de Palm Beach, excluindo a que ficou irreconhecível com as queimaduras no canal. Só o rosto aparecia nas fotos.

— Mas não são cinzas de cigarro espalhadas no rosto delas — Victoria comentou. — Não é?

Ele deu mais um trago.

— Você sabe o que é.

— Por que você não me diz?

O Cortador recostou na cadeira, batendo as cinzas no chão. *Está se acomodando*, Victoria pensou.

— Você sabe por que as mulheres eram chamadas de sexo frágil? — ele perguntou.

Ela sabia que tinha a ver com uma noção arcaica de beleza e pureza — *Espelho, espelho meu* — mas queria saber a opinião dele.

— Nunca pensei muito nisso.

— É porque, quando você as compara com os homens, elas de fato são mais frágeis.

— De que maneira?

— Você está prestando atenção? Do que você acha que estamos falando aqui? Estou falando da pele. Existe uma diferença de pigmentação entre homens e mulheres.

— Eu diria que isso depende da pessoa.

— Isso é porque você é burra — disse ele. — E eu sou muito mais esperto do que aparento.

Converse comigo, espertalhão.

— É um fato químico e molecular — continuou ele. — Obviamente, não é uma diferença tão dramática quanto um homem negro e um branco. Mas, se você comparar um homem branco com uma mulher branca, ou um homem negro com uma mulher negra, os homens têm mais melanina e hemoglobina. Os homens são mais escuros. As mulheres, mais claras. As mulheres são o sexo frágil.

Victoria mal podia esperar para ver o que esse sujeito andava lendo na internet.

— É mesmo?

— Não me trate com condescendência.

— Não estou tratando.

— Estou vendo a expressão em seu rosto. Você me acha um racista que tem uma bandeira confederada e uma carteirinha de membro da Ku Klux Klan.

— Eu não disse isso.

— As pessoas acham que, porque eu trabalho com agricultura e não fiz faculdade, eu não ia bem na escola. Na verdade, eu era bom aluno. Química era minha matéria favorita.

Tradução: você cozinhava metanfetamina.

— E já morei no mundo todo. Nicarágua, República Dominicana, Brasil.

— Impressionante.

— Não estou tentando impressionar você. Estou explicando uma coisa. Meu cérebro, e o que vejo com meus dois olhos, me diz que a cor da pele é cada vez menos uma questão de raça.

— Não sei se estou entendendo o que você disse.

— Você pode prestar atenção? É simples. Você vai a um lugar como Manágua, Santo Domingo ou São Paulo, quem sabe de que maldita raça são aquelas pessoas? Brancas? Negras? Hispânicas? Indígenas? Multirracial, o que quer que isso signifique?

A verdade é que os rótulos não servem para nada. É um processo milenar, mas o mundo está evoluindo na direção de uma única raça humana em que a cor da pele só é importante para uma coisa: sexo. O macho mais escuro é atraído pela mulher mais clara.

— Essa é sua teoria?

— Não é uma teoria. É um fato. É por isso que homens negros sempre quiseram as nossas mulheres.

— Isso deixa você bravo?

— De jeito nenhum. Passei minha vida adulta inteira cercado de homens de pele escura nos canaviais. Não tenho nenhum problema com eles. Atração física pelo sexo frágil é totalmente natural. — Ele se inclinou para a frente, a fumaça do cigarro indo na direção de Victoria. — O que me irrita são as mulheres brancas querendo parir bebês negros.

Victoria tinha ouvido o suficiente. Com os vídeos caseiros das vítimas no computador dele, as evidências físicas coletadas pela equipe forense e o desejo demonstrado de encher o mundo com baboseiras antropológicas, Cortador estava a caminho de um sono bastante longo no fim do corredor da morte. Estava na hora de descobrir o que ele sabia sobre os crimes fora do condado de Palm Beach.

Victoria recolheu as fotos das vítimas e as guardou no envelope.

— Tem outra razão por que eu sabia que você fumava — disse ela. — Além das marcas de queimadura nas vítimas, quero dizer.

Ele apagou o cigarro e acendeu outro.

— Isso faz parte do seu brilhante perfil criminal? Homem, branco, fumante compulsivo?

Victoria abriu outro arquivo e dispôs uma única foto de Tyla Tomkins sobre a mesa. Não Tyla, a vítima. Era Tyla, a advogada, a profissional numa foto em preto e branco do site da BB&L.

— Vi você do outro lado da rua no velório de Tyla Tomkins — comentou Victoria.

O Cortador sorriu.

— Era você, não era? Aquele ponto laranja brilhante no estacionamento?

Silêncio.

Ela se inclinou para frente, encarando-o do outro lado da mesa.

— Você matou Tyla Tomkins?

— Não — respondeu ele, sem hesitar. — Mas nós teríamos gostado de matar.

— O que você quer dizer com “nós”?

— Todos nós na Nicarágua. Ela fazia parte do time de advogados de Miami que vieram encher nosso saco.

Não era o que Victoria esperava.

— Quem mais estava no time?

— Um monte de engravatados. Não lembro.

— Eles foram encher o saco de vocês por quê?

— Tudo. A operação de corte de cana inteira na Nicarágua.

— O quê, especificamente?

— A mesma merda de sempre. Questões trabalhistas. Pergunte para os advogados se quiser saber mais.

Victoria olhou para o parceiro, que fez uma anotação. Eles *iam* perguntar para os advogados.

Ela colocou mais uma foto na mesa. Era um registro da câmera de segurança do restaurante em Orlando, Tyla jantando com Abe Beckham.

— Por que você mandou isso para Angelina Beckham?

— Quem é Angelina Beckham?

Victoria ignorou a pergunta e colocou uma cópia da foto do restaurante sobre a mesa, bem ao lado da primeira, mas essa tinha uma mancha de cinzas no rosto de Tyla.

— Angelina Beckham encontrou essas fotos em sua caixa de correio. Sei que foi você quem as mandou. É sua marca registrada.

— Minha marca registrada?

— Cinzas de cana no rosto de Tyla.

Ele olhou mais de perto, quase rindo.

— Por que alguém espalharia cinzas pretas num rosto que já é preto?

— Não sei. Por quê?

O Cortador deu um longo trago no cigarro.

— Não faz sentido para mim.

Para Victoria também não. Ela colocou uma foto de Angelina sobre a mesa.

— Onde está Angelina Beckham?

— É esta aqui?

— Você sabe que é.

— Nunca ouvi falar — respondeu ele.

— Por que você foi ao velório de Tyla Tomkins? — perguntou Victoria, uma mudança rápida, para confundi-lo.

— Eu não fui ao velório dela.

— Por que você estava fumando no estacionamento do outro lado da rua?

— Tenho uma pergunta melhor: por que vocês, imbecis, acham que o Cortador matou essa Tyla?

Cortador, um nome criado pela mídia. Obviamente ele estava acompanhando a cobertura da imprensa.

— Cortador a matou?

— Pergunte para ele.

— Estou perguntando.

Ele deu mais um trago, apertando os olhos. Era um desses momentos reveladores que não podiam ser reproduzidos, e Victoria só podia torcer que o vídeo mostrasse que ele estava falando de si mesmo na terceira pessoa.

— O Cortador não faz essa merda preta — disse ele. — Você deveria saber disso, gênio.

Victoria empurrou a foto na direção dele. Ela odiava conversar no nível de um psicopata, mas às vezes era necessário.

— O Cortador “fez” Angelina Beckham?

Ele olhou para a foto, um sorriso doentio curvando seu lábios.

— Ele faria. Se ela precisasse de um lembrete.

— Angelina precisava desse lembrete?

Ele balançou a cabeça e deu de ombros.

— Como é que vou saber? Nunca vi essa mulher antes.

Victoria o olhou nos olhos, se recusando a piscar. Ele não desviou. Ela podia ter insistido, provocado, feito a mesma pergunta repetidas vezes, de cinquenta maneiras diferentes. Mas não achou necessário.

Victoria acreditava nele.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Rid me encontrou na entrada do escritório do FBI em Miami.

Ele estava certo. Eu passei pela segurança no lobby principal, e só. Santos estava mantendo uma rédea curta no interrogatório. Ela provavelmente não teria nem me deixado entrar no prédio se Rid não estivesse comigo.

— Ela deve pelo menos deixar você observar — eu comentei. — Você é um dos principais detetives de Miami-Dade na força-tarefa.

Estávamos sozinhos em uma sala de espera sem janelas. Eu estava andando de um lado para o outro. Rid estava no sofá, sentado embaixo de uma placa em homenagem os agentes mortos do escritório de Miami.

— Ela acha que sou um canal direto para você — disse ele.

— Talvez nós não devêssemos ter cancelado aquele segundo teste do polígrafo hoje de manhã.

— Abe, você não está em condição de passar por outro polígrafo.

— Você sabe disso. Você está sentado aqui comigo. Mas se Carmen achar que eu estou só com medo de refazer o teste?

Rid olhou para mim com uma expressão séria.

— Você sabe a minha opinião sobre isso.

Ele tinha se pronunciado quando Carmen sugeriu o segundo teste. E não ia simplesmente se repetir, mas seu conselho “de amigo” apareceu de novo mesmo assim: *Você provavelmente precisa de um advogado.*

— Vamos ver o que acontece — respondi.

Parei e liguei para a mãe de Angelina de novo. Ninguém atendeu. Era a mesma coisa com o pai. Não me dei ao trabalho de deixar uma quarta mensagem pedindo para eles me retornarem. Eu queria ser quem contaria para eles que o Cortador tinha

sido detido. Depois da maneira como Jake tinha falado comigo antes da coletiva de imprensa, estava me incomodando que nenhum dos dois atendesse.

— Ligue para eles, Rid. Veja se atendem.

Ele ligou. Primeiro para Margaret. Depois para Jake. Nenhum dos dois atendeu. Liguei para o hotel, depois para a irmã de Angelina. Tentei falar com Sloane na central. Nenhum sinal dos pais de Angelina.

— Isso está ficando estranho — comentei.

Ficando estranho? A expressão no rosto de Rid estava quase fazendo essa pergunta, mas ele se conteve. Teria sido engraçada se não fosse tão nada engraçado.

Meu celular tocou, e atendi sem ver de quem era o número, torcendo para ser Jake ou Margaret. Era Ed Brumbel.

— Fiquei sabendo que prenderam o Cortador.

Eu não falava com ele desde a minha mensagem sobre falar com a repórter, mas isso já parecia fazer muito tempo.

— Como você ficou sabendo?

— Eu li todos os releases que a indústria do açúcar lança. Cortinas acabou de divulgar um sobre Tommy Salvo, basicamente o deserdando.

— Você pode encaminhar para mim?

— Claro. Eu também tenho uma ou duas coisas para contar sobre Tommy Salvo. Peguei o depoimento dele vinte anos atrás na época do processo coletivo.

— Sobre os pagamentos?

— Isso. Ele era um dos supervisores que conferia os pagamentos. E um mentiroso desgraçado.

— Pelo que sei ele está nas operações na Nicarágua agora.

— Eu li no release. E é isso que de fato me interessa. Comparado com a América Central, o velho programa do visto H-2 nas *plantations* da Flórida parece o Club Med.

— Ed, estou procurando a minha mulher. Não tenho tempo para falar...

— Eu entendo. E, sabe, peço mil desculpas sobre deixar escapar a história de Tyla para aquela repórter no sábado à noite. Ou domingo de manhã, tanto faz.

— Esqueça.

— Mas me escute. A Cortinas divulgou um release proativamente para conter os danos. Eles sabem que a empresa vai sofrer um golpe e tanto.

— Porque um de seus dez mil funcionários provou ser um assassino. Não acredito.

— Não. Porque Salvo saiu da Nicarágua três meses atrás, logo antes de a temporada de colheita começar na América Central, pouco antes de os assassinatos

começarem na Flórida. A Cortinas obviamente sabia que ele não estava indo trabalhar, e eles deviam saber que ele tem uma casa não muito longe de onde os corpos estavam sendo deixados nos canaviais. Mas a empresa nunca revelou ao FBI que Salvo deveria estar no radar. Até onde o FBI sabe, Salvo estava na Nicarágua o tempo todo.

— Parece um argumento importante — respondi. — Mas estou tendo dificuldade de relacionar isso com a única coisa que importa agora, que é encontrar minha esposa.

— É uma peça do quebra-cabeça maior — continuou ele. — Isso explica Tyla Tomkins.

Estávamos chegando a algum lugar.

— Como?

— Tyla estava tentando contar para você sobre algum tipo de atividade criminoso envolvendo as empresas Cortinas. A operação na América Central está fora de controle. Sabe qual é a segunda coisa que mais mata os homens na Nicarágua e em El Salvador? Doença crônica dos rins. Sabe onde 99 por cento desses homens trabalham? Nos canaviais. É uma doença misteriosa. Eles não sabem se é a exposição aos pesticidas ou se as empresas de açúcar estão fazendo esses homens literalmente trabalharem até a morte. Chama de “a doença da cana-de-açúcar”. Homens saudáveis na casa dos vinte estão indo parar na diálise e morrendo. Isso é criminoso, Abe.

— Eu sei, mas sou um promotor de Miami. Por que Tyla viria até mim para falar sobre crimes na América Central?

— Ela estava delatando seu próprio cliente e confiava em você. Alguma coisa ou alguém disse a ela que Tommy Salvo estava imerso em alguma coisa acontecendo lá. E Tyla ficou incomoda de que a Cortinas não quisesse que as autoridades locais o entrevistassem, mesmo que ele estivesse envolvido nesses crime.

— Espere um minuto. Você está dizendo que Cortinas sabia que ele era o serial killer?

— Não. Estou dizendo que não deram a mínima se ele era ou não. Que é como essa empresa sempre funcionou. A única coisa com que se importam é o fato de Tommy Salvo ter informações sobre “a doença da cana-de-açúcar”, e a última coisa que a empresa queria era Salvo falando com o FBI. Acho que era isso que Tyla Tomkins estava tentando contar para você. Talvez ela tivesse descoberto alguma coisa sobre o histórico dele, ou talvez tivesse uma intuição sobre esse sujeito porque ele estava na Flórida ilegalmente. Mas estava tentando dizer para você que as autoridades locais precisavam falar com Salvo.

Eu precisava dar um desconto sobre tudo o que Ed falava sobre a Açúcar Big. Mas ele de fato estava fazendo sentido.

— Pode ter sido isso que a matou — concluiu ele.

— Mas a agente Santos parece ter bastante certeza de que o Cortador não matou Tyla.

— Talvez a agente Santos esteja errada.

Santos também não achava que o Cortador tinha nada a ver com o desaparecimento de Angelina.

— Ela pode estar errada — concordei. — Ou nós dois podemos não estar vendo alguma coisa.

Meu celular vibrou com a chegada de uma mensagem. Era uma mensagem de texto da mãe de Angelina.

— Ed, obrigado, eu ligo para você depois — eu disse, desligando rápido.

Rid me perguntou alguma coisa sobre o telefonema, mas eu estava concentrado demais na mensagem de Margaret para ouvir.

IMPORTANTE. Você vai receber uma ligação de Jeffrey Winters. Atenda. Não a ignore!!!

Eu conhecia Winters. Ele tinha saído do escritório da promotoria do estado quando Carmen me promoveu, e não ele, a promotor sênior. Era difícil saber quem tinha “ganhado”. Ele era um dos principais advogados criminais em Miami.

— Rid, o que você sabe sobre essa ligação de Jeffrey Winters?

Rid olhou para mim, confuso.

— Winters? Nada.

Não acreditei.

— Você não para de me dizer que preciso de um advogado. Você e Margaret armaram isso?

— Não falei com Margaret.

Eu estava ficando bravo.

— Rid, eu sei o que está acontecendo. Jake não está do meu lado. Margaret está. Você disse para ela que eu preciso de um advogado. Minha sogra contratou Winters sem Jake saber. A ligação é sobre isso, não é?

— Abe, não tenho nada a ver com isso.

A porta se abriu. Um dos agentes do FBI encarregado da força-tarefa do Cortador entrou na sala de espera.

— Detetive Riddel, pode entrar, se quiser. A agente Santos e eu estamos disponíveis agora.

— E quanto ao Abe? — perguntou ele.

— Desculpa. Somente a força-tarefa.

Meu celular tocou. O identificador me mostrou que era do escritório de Jeffrey Winters.

— Vá em frente — eu disse. — Eu espero.

Rid e o agente desapareceram. Meu celular continuou tocando. Eu não tinha nenhuma vontade de falar com Jeffrey Winters, mas, de repente, eu queria saber se Rid “não tinha nada a ver com isso” ou, se, pela primeira vez, ele tinha mentido para mim.

Mais um toque, e a ligação teria caído na caixa porta. Atendi.

— Abe?

Fiquei paralisado.

— Abe, sou eu.

Quase derrubei o celular.

Era minha esposa.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Cheguei ao escritório de Jeffrey Winters em dez minutos. Minha conversa por telefone com Angelina foi curta.

Winters não queria que falássemos por uma linha que não fosse segura. Era importante que a conversa acontecesse em particular. Ela só me disse que não estava ferida e que nunca esteve em perigo.

— *Nunca* esteve em perigo?

— Eu explico quando você chegar aqui — ela me disse. — E não conte nada para ninguém até se encontrar comigo e com Jeffrey.

— Eu preciso avisar seus pais.

— Eles sabem.

E não me contaram? O estranho estava ficando mais estranho.

O escritório ocupava todo o último andar de um prédio novo em um bairro antigo na margem do rio Miami, a menos de um quilômetro e meio das cortes criminais. A espaçosa e reservada sala de Winters tinha uma vista impressionante do centro de Miami. Ao sul, eu podia ver onde ele costumava trabalhar. O meu escritório. O Bumerangue. Que ganhou uma conotação irônica quando minha esposa que estava desaparecida veio correndo na minha direção e jogou os braços ao meu redor.

— Eu sinto tanto, Abe.

Ela estava me abraçando forte e tremendo de emoção. Eu a abracei de volta, olhando por sobre a cabeça dela na direção da janela. Não havia nenhum espaço entre nós, e Angelina estava falando no meu ombro.

— Me desculpe por ter fugido.

Eu rompi o abraço. A expressão dela estava tomada pelo estresse, mas eu já tinha visto mulheres que de fato tinham fugido, e ela não tinha nenhum dos sinais. Angelina não cortou nem tingiu o cabelo. Nenhum spray para escurecer seu cabelo, nem óculos falsos, lentes coloridas para transformar seus olhos azuis em castanhos. Se ela estava tentando parecer mais gorda ou desarrumada, os jeans de marca e o fino suéter de cashmere não estavam dando conta do disfarce.

— Fugido do quê? — perguntei.

Winters veio até nós.

— Vamos conversar sobre isso, que tal?

Angelina pegou minha mão e me levou até o sofá. Sentamos lado a lado, mas, com tanta coisa inexplicada, ficar de mãos dadas pareceu estranho, e nós nos desvencilhamos. Estávamos apenas a centímetros de distância, mas parecia muito mais. O advogado se sentou de frente para nós em uma poltrona de couro.

Winters sempre se vestiu com elegância, mesmo quando vivia com um salário de funcionário público, mas, se a decoração do escritório servia de indicador de sucesso como advogado de defesa, seu guarda-roupa não dependia mais da liquidação anual da Hugo Boss. Os punhos franceses e os ternos passados à perfeição me deixavam ainda mais ciente da minha aparência desleixada. Eu estava sendo movido a cafeína e parecia ter dormido com aquelas roupas, se é que tinha dormido.

— Em primeiro lugar, Abe — ele começou — quero deixar claro que, mesmo sendo advogado de Angelina e não o seu, tudo o que for dito nesta sala é confidencial e está protegido pelo privilégio conjugal. De acordo?

— Tudo bem — respondi, olhando para Angelina. — Mas por que você tem um advogado?

— Minha mãe o contratou para mim — explicou ela.

— Quando?

— Hoje de manhã. Depois que liguei para ela.

Isso explicava por que meus sogros não tinham retornado minhas ligações.

— Então você falou com seus pais e contratou um advogado antes de me ligar?

— Sim, mas não fale como se eu tivesse feito algo de errado. Eu vi minha mãe ontem à noite na TV. Ela parecia mais chateada do que todo mundo. Eu precisava ligar para ela primeiro.

— Essa parte eu entendo. Foi ter falado com *ele* primeiro que está me incomodando.

Winters se inclinou para a frente, se dirigindo a mim:

— A linha do tempo é: Angelina ligou para a mãe, e Margaret ligou para mim. A preocupação dela era que a família fosse ser considerada financeiramente

responsável pelos custos do envolvimento das autoridades envolvidas na ação de emergência.

Olhei para ela.

— Porque não havia nenhuma emergência?

Angelina olhou para Winters antes de responder.

— Vá em frente e relate tudo o que aconteceu para o Abe desde o começo — instruiu ele. — Vai fazer mais sentido assim.

Eu estava tendo a nítida impressão de que os dois tinham ensaiado aqui, mas me dispus a ouvir. Ela respirou e começou a falar:

— A noite de sexta foi ruim.

Angelina rapidamente resumiu o que eu já sabia. Parecia difícil acreditar que mais ou menos um fim de semana tinha se passado desde que ela atirou a garrafa de cerveja na porta.

— Depois que você saiu, fiquei com medo de ficar sozinha na casa. Eu estava brava demais para pedir para você voltar e não queria que minha mãe me visse tão chateada. Então criei coragem e fiquei.

Ela pediu água, e Winters trouxe um copo. Em seguida, continuou.

— Eu não conseguia dormir. Levantei e vi TV por um tempo. A casa começou a fazer barulhos. Janelas rangendo. O ar-condicionado ligando e desligando. Mesmo com a televisão ligada, eu podia ouvir essas coisas. Ou estava imaginando coisas. Voltei para a cama e fiquei deitada, totalmente acordada, com medo de apagar as luzes. Pensamentos estavam invadindo minha cabeça. Um serial killer solto. Cinco mulheres mortas. Uma foto da última vítima na minha mesa de canto, deixada pessoalmente na minha caixa do correio pelo assassino. Por que ele fez isso? Ele ia voltar para me pegar? Quem ia contê-lo? Uma viatura estava estacionada no nosso quarteirão, o que me fazia sentir um pouco segura. Mas por que a polícia tinha concordado em oferecer proteção se eu não estava correndo perigo? E o que eles podiam fazer de verdade para impedir um psicopata que estava determinado a fazer da mulher de Abe Beckham sua próxima vítima? Eu estava começando a enlouquecer. E decidi...

Angelina tomou mais água.

— Não tenha pressa — disse Winters.

— Eu não podia só ficar sentada em casa esperando um maníaco homicida aparecer com um facão. Mas então me ocorreu: o Cortador não pode me matar se não souber onde estou. E não pode ameaçar minha família com uma arma branca a revelar onde eu estou *se ninguém* souber aonde eu fui. Decidi... desaparecer.

— Como? Para onde? — perguntei.

— Eu não sabia. Foi uma decisão de impulso.

Winters interveio:

— Isso é importante, Abe. Não há evidência de que o desaparecimento de Angelina seja nada além de espontâneo ou movido pelo medo. Ela não sacou dinheiro com antecedência. Não mudou de aparência. Não estava em poder de nenhum documento falso. Ela deixou o passaporte para trás e não tinha passagens compradas para voos domésticos nem internacionais.

— Como você pensou que isso iria funcionar? — perguntei a ela.

— Eu entrei em pânico. Você vê muitos filmes e começa a pensar que, se colocar o cabelo embaixo de um chapéu e colocar óculos escuros, está pronta. Mas você precisa comprar coisas para viver, e precisa ser em dinheiro, porque cartões de crédito deixam um rastro. Tudo o que consegui reunir em casa foram 175 dólares. Eu não sabia ao certo o que fazer, mas um dos programas que eu estava vendo na TV com todos os outros insones era Pawn Stars. É sobre gente normal que vende qualquer coisa nas lojas de penhores. Foi quando decidi penhorar as joias.

— As joias da Samantha, você quer dizer.

Ela desviou os olhos, mas só por um segundo, e voltou a olhar para mim.

— Você teria ficado mais feliz se eu tivesse vendido meu próprio anel?

Só havia uma resposta para essa pergunta:

— Não.

— Eu sabia do cofre, Abe. Sou a única pessoa da casa que limpa os closets.

Angelina se levantou, foi até sua bolsa, que estava no aparador, e pegou um saco plástico.

— Me desculpe — disse ela, ao me entregar a embalagem. — Eu me livrei do cofre, mas está tudo aí, com exceção dos anéis, que você já recuperou.

Abri o saco. Os brincos de diamante de Samantha e o relógio de Luther estavam lá dentro, junto com algumas outras coisas que não tinham tanto valor. Eu estava feliz que Angelina não as tivesse penhorado, mas não estava num humor para muita gratidão. Meus instintos de promotor estavam tomando conta, e eu queria ser a pessoa que fazia as perguntas.

— Como você chegou até a loja de penhores?

— Fui a pé.

— Você passou pelo policial que estava estacionado na nossa rua?

— Saí pelos fundos e deixei o carro na entrada para ele não me ver.

— Por que você escolheu a Pawn 24 em Little Havana?

— Eu podia ir andando até lá. Era a loja de penhores mais perto da nossa casa que ficava aberta 24 horas.

— Como o Mãozinha conseguiu o anel?

— Quem?

— O sujeito sem-teto que fez a venda na loja de penhor. Como ele colocou as mãos no anel?

— Eu sabia que a polícia estaria me procurando e fiquei com medo de que o dono da loja fosse lembrar de mim. Esse sujeito estava sentado na calçada perto da loja. Eu disse que ele ganharia cinquenta dólares se entrasse lá e vendesse o anel para mim.

— Você confiou nele?

— Não devia ter confiado. Quando saiu, ele se recusou a me entregar o dinheiro a menos que eu entregasse meu iPhone junto com os cinquenta dólares.

Eu me lembrei do meu encontro com Mãozinha e em sua insistência para eu que lhe desse o meu celular.

— Você deu seu iPhone para ele?

— Dei. Eu precisava do dinheiro. De todo jeito, eu não podia carregar o aparelho. Eu podia ser rastreada.

— Como o seu celular foi parar na beira da Tamiami Trail?

— Você precisa perguntar para o Mãozinha.

— Você não jogou ele lá?

— Não.

Insisti, talvez parecendo um pouco persecutório demais.

— Você não jogou o aparelho na beira da estrada para fazer a polícia pensar que você tinha sido morta e descartada nos Everglades, como Tyla Tomkins?

— Eu estava fugindo do homem que matou Tyla. Jogar meu celular fora não ia fazê-lo pensar que tinha me matado. Isso não faz sentido.

— A menos que você estivesse fugindo de outra coisa.

— Eu preciso repetir? *Não*. Eu não joguei meu celular na Tamiami Trail. Você está perguntando para a pessoa errada.

Estava ficando um pouco gélido na sala, e Winters sentiu a necessidade de intervir.

— Vamos respirar fundo — sugeriu ele.

Fiquei quieto. Angelina levantou do sofá e se sentou na poltrona ao lado de seu advogado, os dois de frente para mim.

— Aonde você foi depois de vender o anel? — perguntei em um tom menos acusatório.

— Para o hotel e cassino na reserva indígena de Miccosukee. É o único lugar onde você pode usar óculos de sol dentro do prédio à noite e se misturar com todos os

jogadores de pôquer.

— Também é um lugar fora da jurisdição das autoridades locais — acrescentei.

— Pois é, eu sei disso. Eu entrei em pânico, mas não sou totalmente idiota.

— Como você chegou lá?

— Peguei uma carona.

— Com um estranho?

— Tem um café perto da Pawn 24. Eu não entrei. Esperei do lado de fora até alguém que parecesse de confiança surgir. Duas garotas pararam para uma dose de café depois de passar a noite na farra. Eu disse a elas que meu namorado era um canalha e tinha se envolvido com outra mulher e me deixado, que eu precisava de uma carona de volta ao meu hotel e cassino, e que estava com medo de pedir um táxi às três da madrugada porque na semana anterior uma mulher tinha sido estuprada por um taxista de Miami.

A parte do namorado canalha me fez encolher um pouco.

— Você não ficou com medo que elas tivessem visto sua foto no noticiário e reconhecessem você?

— Parecia valer a pena correr o risco. A única coisa digna de nota para essas garotas são os posts do Facebook.

Afundi um pouco no sofá, minhas emoções totalmente descontroladas. Eu não estava acreditando em tudo, mas, se é que alguma coisa daquilo era verdade, eu me sentia mal por tê-la deixado sozinha em casa. Tentei me obrigar a lembrar de ficar feliz que Angelina estivesse viva e que não tivesse sido despedaçada por um sociopata, mas estava furioso que ela tivesse feito eu e todo mundo passar por esse pesadelo.

— Então você simplesmente ficou num quarto de hotel o fim de semana inteiro com tudo isso acontecendo?

— Eu estava exausta quando cheguei ao quarto. Quando acordei no sábado à tarde, tinha se tornado uma bola de neve que eu não tinha imaginado.

— Você *desapareceu*. O que achou que ia acontecer?

— Não sei, Abe!

Angelina falou tão alto que assustou os dois.

— Desculpe, eu não quis gritar — disse ela. — Eu entrei em pânico e me dei conta bem rápido de que era uma péssima ideia. As pessoas iam pensar que sou louca. A ideia de ter que me explicar para a polícia e para a mídia estava me deixando enjoada. Então, no domingo, vi minha mãe na televisão na coletiva de imprensa com meu pai e soube que aquilo precisava acabar.

— O que nos leva aonde estamos agora — Winters emendou. — Este é o plano que Angelina e eu elaboramos.

— Plano para quê?

— O anúncio do retorno dela. Não há vantagens em fazer uma coletiva de imprensa e jogá-la aos leões. Vamos lançar um vídeo pelo YouTube. O cinegrafista está se preparando na sala de reuniões. Angelina vai ler uma declaração que foi preparada pela minha consultora de relações com a imprensa.

— Você contratou uma relações públicas?

— Não, uma consultora de relações com a imprensa.

— É a mesma coisa.

— Não estamos promovendo um reality show aqui, Abe. Tudo, até o cargo das pessoas no nosso time precisa reforçar a ideia de que não estamos manipulando nada. Nosso foco é apenas a clareza da nossa mensagem.

— Qual é a mensagem?

— Simples — respondeu ela. — Somos gratos pelas autoridades que apreenderam o sr. Salvo e colocaram fim a essa série de assassinatos brutais. Agradecemos pelo fato de Angelina não estar mais temendo constantemente por sua vida. Lamentamos a inconveniência causada pela má decisão que foi motivada pelo medo.

— “Nós” quer dizer Angelina e eu?

— E os pais dela. Os quatro vão aparecer juntos no vídeo.

— Onde estão seus pais? — perguntei para minha esposa.

Winters respondeu por ela.

— Estão na sala de reuniões com o cinegrafista.

— Eu preciso dizer alguma coisa?

— Não. Você e os pais dela estão ali para oferecer apoio. Mas o release impresso vai trazer uma frase sua — ele continuou, me entregando a folha contendo o rascunho.

Li o conteúdo. Minha frase tinha uma única linha: “Só estou feliz por ter Angelina de volta, e estamos ansiosos para que nossa vida volte ao normal.”

— Tudo bem por você? — perguntou Winters.

Eu ainda tinha perguntas, até algumas dúvidas sobre a explicação de Angelina, que pareceu notar minha hesitação. Ela voltou a se sentar ao meu lado no sofá e apertou minha mão.

— Abe, você está feliz por eu ter voltado, não está?

Que tipo de marido hesitaria em dizer que estava feliz que a esposa estivesse de volta? A questão não era essa.

— Precisamos fazer isso agora — disse Winters com firmeza. — Você está dentro ou não, Abe?

Reconheci aquele tom de voz. Eu mesmo o usava quando precisava pressionar uma testemunha relutante. Winters estava me dizendo para ficar feliz que minha mulher estivesse prestes a dizer ao mundo que só tinha fugido por medo do Cortador, e não porque também tinha medo do marido. O expresso Angelina estava saindo da estação. Eu podia embarcar, ou podia ficar de fora e dar ao advogado dela um bom motivo para aconselhar a cliente a me jogar no trilho.

— A declaração está ok — respondi.

— Obrigado — disse ele. — Vou dizer para minha consultora liberá-la agora mesmo.

A consultora estava na discagem rápida de Winters, que deu a ordem para que ela “mandasse ver”, desligou e me orientou sobre o próximo passo.

— Em dez minutos, vou fazer uma ligação pessoal para a agente Santos e para todas as agências da força-tarefa.

— Eu gostaria de falar pessoalmente com o detetive Riddel — eu disse.

— Não. Precisamos manter a mensagem e falar com uma única voz — respondeu ele, se referindo à própria voz.

— Riddel é meu amigo.

— Ele é um policial — insistiu Winters.

— Por favor, ouça o que ele está dizendo, Abe. Winters sabe o que está fazendo.

E eu, não?

Winters recebeu outra ligação. Presumi que fosse a relações pública — ou melhor, consultora de relações com a mídia. A conversa foi breve, e ele pareceu ainda mais cheio de energia quando desligou e voltou a falar conosco.

— O roteiro para o vídeo do YouTube está pronto. Angelina, vamos para a sala de reuniões e fazer um ensaio. Quero que o vídeo seja lançado o mais rápido possível depois do release. Abe, a coisa mais importante que você pode fazer agora é cuidar dessas olheiras.

— Eu tenho olheiras?

— Não. Essa é a questão. Você deveria ter, e o mundo precisa vê-las. Vou pedir para a assistente da cinegrafista vir aqui fazer a sua maquiagem.

Angelina abriu um meio sorriso.

— Viu só? Ele é bom, não é?

Assenti sem concordar.

— “Bom” não é a palavra — respondi, enquanto minha mulher e seu advogado saíam pela porta.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Fizemos o vídeo em um take. A única falha técnica era eu. Eu me recusei a usar maquiagem, olheiras ou não. Não importava, na verdade. Eu era o marido apaixonado sentado à direita da esposa. Jake e Margaret eram os pais aliviados à esquerda da filha. O foco era Angelina, que leu a declaração pré-roteirizada em um tom perfeito.

—Sinto muitíssimo pela dor que causei à minha família e aos meus amigos, e pelos problemas e inconveniências que causei às autoridades e aos muitos voluntários que se ofereceram para ajudar. Decisões feitas com base no medo nunca são boas, e tomei uma decisão terrível que desapontou todos vocês. Não tenho o direito de pedir perdão, mas espero que vocês entendam que eu realmente agi porque estava temendo pela minha vida. Foi só porque achei que não tinha escolha...

Ela fez todas as pausas nos lugares certos. A voz tremeu de maneira convincente. O cinegrafista precisou de trinta minutos para finalizar o vídeo.

Ele seria colocado no YouTube às nove da manhã, mas a febre da mídia tinha começado mais cedo com o release, que às oito e meia tinha se tornado viral. Desliguei meu celular para a filmagem e, quando liguei de novo, minha caixa de entrada tinha sido invadida por uma enxurrada de mensagens e ligações perdidas. As maioria era de pessoas que eu não conhecia, jornalistas e blogueiros aleatórios em busca de declarações para embelezar o release. Mas outras eram importantes. Eu devia a Carmen e Rid uma explicação. A agente Santos também.

—Preciso retornar algumas ligações — avisei a Winters.

—Falamos como uma única voz — ele me lembrou.

—Merda nenhuma.

— Abe, por favor — pediu Angelina. — Pelo menos até a loucura da mídia acabar, deixe o release e o vídeo no YouTube falarem por nós, e deixe Jeffrey lidar com as perguntas.

Meu celular tocou de novo. Outro número desconhecido. Ignorei e coloquei o aparelho no modo “vibrar”.

— Tudo bem para os estranhos — respondi. — Mas não para os meus amigos. Especialmente os amigos na polícia e na promotoria. Eles se ofereceram para ajudar sem que eu pedisse.

— As figuras principais estão na minha lista de ligações — disse Winters.

— Precisa vir de mim. Eu sou um promotor público, pelo amor de Deus. Eu trabalho com essas pessoas. Não vou conseguir olhar nos olhos deles de novo se não der uma explicação pessoal sobre o que aconteceu.

Winters pareceu entender que aquilo não estava em debate.

— Tudo bem — disse ele. — Mas se atenha à mensagem. E tome cuidado ao usar o celular. Isso vale para você também, Angelina. A mídia está cheia de espões, e a única aposta segura é uma linha fixa ou uma conversa pessoalmente.

Concordei. Mas se eu usasse a linha fixa dele, “Escritório de Advocacia de Jeffrey Winters” apareceria na tela toda vez que eu ligasse para um amigo da polícia ou da promotoria. Não ia rolar. Estava na hora de eu ir embora, e não só para fazer as ligações. Eu tinha perguntas para fazer à minha mulher e queria as respostas longe do advogado.

— Quando posso falar com você a sós? — perguntei para Angelina.

— Vamos discutir isso — disse Winters.

— Eu estava falando com Angelina — respondi.

— Eu entendo. Mas a questão de aonde todo mundo vai daqui é o próximo item na minha lista.

— Só quero ter uma conversa com a minha mulher.

— E vai ter, assim que resolvermos isso. Cuidei para os pais de Angelina mudarem de hotel e ficarem aqui em Miami por uns dois dias. A mídia não vai conseguir entrar em contato com eles. Mais ou menos no fim da semana, quando eles estiverem descansados e prontos para ir embora, os dois vão tirar longas férias.

— Eles estão pensando em ir para a Nova Zelândia — Angelina comentou.

— Perfeito — Winters comentou.

— Eu tenho um emprego — disse eu. — Não vou me esconder nem fugir para o outro lado do mundo.

— Não é o que tenho em mente para você e Angelina. A vida de vocês deve voltar ao normal.

— De acordo — respondi. — Quanto antes melhor.

— Meu plano é fazer a polícia de Miami-Dade retirar o status de cena do crime da casa de vocês imediatamente. Eu gostaria que vocês dormissem lá hoje.

Eu me perguntei se isso significava na mesma casa.

— Parece bom — eu disse, olhando para Angelina.

— Para mim também — emendou ela, sem me olhar nos olhos.

— Essa é nossa meta — explicou Winters. — Mas, antes, temos trabalho a fazer. A presença da mídia vai ser enorme. Minha preferência é que nenhum de vocês saia deste prédio até minha consultora e eu coreografarmos tudo, da viagem de carro para casa até a maneira como vocês olham um para o outro ao entrar pela porta.

— Não é necessário — eu disse. — Angelina, por mim nós saímos agora mesmo e acabamos com isso.

— Não, não, não — interveio Winters. — A única imagem que quero para o público hoje é o vídeo do YouTube. Deixe que ele fique no ar umas oito ou doze horas. Isso nos dá tempo para ensaiar.

— Não preciso ensaiar como entrar na minha própria casa.

— Você vai ser bombardeado com perguntas assim que sair do carro. Dizer a coisa errada ou simplesmente olhar para a câmera do jeito errado pode invalidar tudo de bom que acabamos de fazer. Minha consultora vai ensaiar com vocês e garantir que os dois estejam preparados para o primeiro encontro ao vivo com a mídia.

Olhei para minha mulher.

— Angelina, vamos para casa.

— Por que você está sendo tão difícil? — perguntou ela.

— Eu estou sendo difícil? Por que nós não trocamos uma palavra até agora sem um advogado presente?

— Isso não é justo, Abe. Eu tomei algumas decisões terríveis nos últimos dias. Preciso de bons conselhos.

— Os meus são de graça.

— Os de Jeffrey são objetivos.

— Jeffrey está cuidando de Jeffrey.

Pronto. Precisava ser dito. Eu acreditava nisso desde o dia em que o conheci no escritório da promotoria. Sua determinação em transformar Angelina em queridinha da mídia e sensação do YouTube tinha me convencido de que isso era mais verdade do que nunca.

— Abe, você devia pedir desculpas para o Jeffrey agora mesmo.

— Não é necessário — disse Winters. — Abe tem o direito de ter sua própria opinião.

Ambos estavam certos, mas essa farsa estava toda errada, e eu não pretendia me desculpar.

— Abe? — ela me chamou, me cutucando.

Eu não ia cair.

— Já vi isso antes — continuou Winters. — Policiais, promotores, todo mundo no sistema judiciário. Nada pessoal, Abe, mas eu preparei Angelina para a sua reação.

— Tudo o que eu quero são trinta minutos a sós com a minha esposa.

— E você vai tê-los — respondeu ele — talvez hoje à noite mesmo, se tudo correr bem. Mas as próximas 12 horas são cruciais. Angelina precisa de um advogado. Como tal, eu a aconselhei a evitar ficar a sós com qualquer um que tente convencê-la de que ela não precisa de um advogado. Mesmo seu marido.

— Especialmente seu marido?

— Eu não disse isso — corrigiu Winters. — Desconfio que você esteja nessa categoria. Seu comportamento nesta manhã confirma isso.

— Vou fazer algumas ligações — avisei, me levantando.

Winters pareceu feliz que eu estivesse indo embora.

— Lembre-se do que eu falei sobre o celular. A recepcionista pode colocar você em uma sala de reunião com um telefone.

— Obrigado, mas vou fazer essas ligações do meu escritório.

— Você está indo embora? — perguntou Angelina.

— Estou. Você vem?

Ela olhou para o advogado, mas não se mexeu. Winters a tinha dominado com os comandos “senta” e “quieta” como se estivesse em um apresentação de cachorros.

— Achei que não mesmo — eu disse, e saí da sala.

O trânsito do horário de pico da manhã deixou o distrito do tribunal travado, e não fazia sentido adiar minhas ligações até chegar a uma linha fixa. Liguei para Carmen do carro enquanto estava parado no trânsito.

— Isso pode se transformar num inferno — disse ela.

Minha primeira ligação tinha sido para o Rid, mas caiu na caixa postal. Carmen foi a próxima. Ela tinha lido o release de Jeffrey Winters, e eu contei sobre o vídeo do YouTube que estava prestes a ser divulgado. Claro que ela ficou feliz que Angelina não estivesse machucada, mas isso não aliviou suas preocupações com o “inferno” cada vez maior. — Você está falando da mídia?

— Com essa parte eu posso lidar — respondeu ela. — Estou falando da agente Santos.

— Você já falou com ela?

— Já. Ela tem perguntas que eu simplesmente não posso responder e, se Santos não obtém respostas, essa situação vai virar uma bola de neve muito ruim. É um crime federal forjar o próprio desaparecimento e atrapalhar um trabalho de investigação de uma força-tarefa multijurisdicional.

— Nós sabemos. É por isso que Angelina tem um advogado.

— Escute o que estou dizendo, Abe. Santos não acredita que sua mulher fez isso sozinha. Ela acha que a única maneira de isso ter acontecido é se alguém de dentro indicou o caminho errado e fez os policiais ignorarem pistas e fazerem vista grossa. Alguém como o marido dela.

— Isso é loucura. Mesmo que ela tenha dito isso, deve ter sido alguma sessão de lavagem cerebral. Ela não pode *acreditar* nisso de verdade. Por que eu me envolveria em uma farsa como essa?

— Você tem razão. Não sei o que está dentro da cabeça de Santos. Mas posso pensar em uma razão para você: talvez tanto você quanto Angelina chegaram à conclusão de que a única maneira de mantê-la a salvo do Cortador seria fazê-lo acreditar que ela foi morta por um imitador.

Um imitador. Pensei de novo em como o celular de Angelina tinha ido parar na Tamiami Trail, perto de onde o corpo de Tyla foi encontrado.

— Carmen, você sabe que eu nunca faria nada assim. Eu posso perder minha licença.

— Pode, sim.

— É isso que Santos quer?

— Como eu disse, não sei aonde Santos está indo com isso. Talvez ela só esteja furiosa que a mídia esteja prestando mais atenção no retorno de Angelina do que no fato de o FBI ter prendido um serial killer. Mas meu conselho para você é descobrir o que está por trás disso.

— Bom conselho — respondi. — Vou fazer isso.

Desliguei e parei no farol. Eu estava prestes a ligar para Santos mas meus pensamentos voltaram ao fato de Carmen ter mencionado um assassino imitador, o celular de Angelina, e sua enfática negação de ter qualquer conhecimento de como ele tinha ido para no local onde o corpo de Tyla foi encontrado.

Não. Eu não joguei meu celular na Tamiami Trail. Você está perguntando para a pessoa errada.

Isso me fez pensar. Quem era a pessoa certa?

O trânsito estava finalmente andando, mas parei em um posto de gasolina e liguei para Rid. Caiu na caixa postal de novo. Liguei mais três vezes sem sucesso. Era possível que ele estivesse ocupado a manhã toda, e ia contra meu discernimento achar que ele pudesse estar qualquer outra coisa além de muito ocupado para atender. Mas eu estava bem certo de Rid estava ignorando minhas ligações.

Fiz uma manobra rápida, e os pneus cantaram quando peguei o caminho de volta para o escritório de advocacia.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Victoria Santos tinha uma prioridade: encontrar o assassino de Tyla Tomkins.

Ela sabia que não era o Cortador, e não só porque uma mulher negra de Miami-Dade não correspondia ao perfil da vítima, mulher branca do condado de Palm Beach que se relacionava com homens negros.

Não havia nenhum vídeo sádico de Tyla no computador de Tommy Salvo e nenhum sinal do DNA dela na sala dos assassinatos ou em nenhum lugar da casa ou do carro. Tecnicamente, não era jurisdição do FBI solucionar um homicídio não relacionado a um crime federal, mas detalhes técnicos legais à parte, esse caso era diferente: tinham mentido para Victoria.

O vídeo do YouTube quase a fez perder o controle.

Era um clássico Jeffrey Winters, um advogado de defesa peso-leve que se considerava um mestre na corte da opinião pública. Nada satisfaria Victoria mais do que fazê-lo cair em sua própria cilada, usar sua própria estratégia para solucionar o caso de Tyla Tomkins. Ela tinha visto o vídeo *mea culpa* de Angelina três vezes e depois foi para a residência dos Beckham. Um exército de jornalistas da TV correu para o seu carro. Victoria teve de forçar a porta do motorista e empurrar a multidão para sair do carro. Os jornalistas a cercaram enquanto Victoria atravessou o gramado, e as perguntas vieram de todas as direções.

O FBI tem algum comentário sobre o vídeo de hoje de manhã?

Alguma acusação foi feita?

Por que a casa dos Beckham ainda é uma cena de crime?

Àquela altura, era do interesse de Victoria não responder nenhuma das perguntas. Ela seguiu, olhando para a frente, “sem comentários”. Os repórteres a seguiram até a fita da polícia nos degraus de entrada.

Victoria passou por baixo da fita amarela, entrou e fechou a porta. A detetive Reyes, da unidade de violência doméstica de Miami-Dade, estava esperando na sala.

— Tem um circo da mídia lá fora — comentou Reyes.

Victoria olhou pela janela. E reconheceu muitas das mesmas equipes que participaram da cobertura “Encontre Angelina” no fim de semana, mas outras tinham se juntado à confusão para essa última reviravolta.

— Eles sentem o cheiro de sangue — disse Victoria, dando outro passo para dentro da sala, para em seguida olhar para trás, para o ponto onde tinham encontrado a garrafa de cerveja quebrada no sábado de manhã. — E eu sinto o cheiro de violência conjugal.

— Cheiro não vai me dar uma condenação — disse Reyes.

— Não. Mas tenho bastante certeza de que um exame físico do corpo de Angelina vai. Uma mulher não foge de casa depois da meia-noite e forja seu próprio desaparecimento se não estiver morta de medo do marido. Deve haver um hematoma ou um corte em algum lugar do corpo dela.

A detetive balançou a cabeça.

— Você não pode forçar uma vítima a se submeter a um exame físico. Já tentei.

— É nisso que posso ajudar — disse Victoria.

— Como?

— Você não pode forçar Angelina a se submeter ao exame. Mas se estiver diante de acusações federais e cinco anos na cadeia por forjar seu desaparecimento e por obstrução da justiça, ela pode “consentir”.

— Que generosidade, a sua ajuda — respondeu Reyes. — Mas estou imaginando que você não se jogou nessa confusão por causa da bondade do seu coração. O que você quer de mim?

Victoria chegou mais perto, com uma expressão muito séria.

— A violência doméstica é a ponta do iceberg. Estou procurando o assassino de Tyla Tomkins.

— E não encontrou junto com o Cortador?

— Não.

— Você devia estar falando com o detetive Riddel sobre isso.

— O detetive Riddel conversa demais com Abe Beckham.

— Tem certeza de que o Cortador não é o seu homem? Não há nada que o conecte a Tyla Tomkins?

Victoria não estava pronta para compartilhar a menção que Tommy Salvo fez de seu encontro com Tyla na *plantation* Cortinas na Nicarágua. Ainda não.

— Vamos dizer o seguinte. Eu tenho uma coisa que pode ligar o Cortador a Tyla Tomkins. Na noite do velório, olhei para o outro lado da rua da funerária e vi um ponto laranja brilhando na escuridão do estacionamento. Alguém estava ali assistindo e fumando um cigarro. Tommy Salvo é um fumante compulsivo.

— Então era ele?

— Ele negou de início. Depois começamos a falar sobre o Cortador na terceira pessoa, e ele insinuou que pode ter sido ele, mas fui eu que o conduzi com meu interrogatório. Pode combinar com o estereótipo do serial killer que vai ao funeral ou visita o túmulo de suas vítimas. Só que Tyla não foi vítima dele.

— Talvez ele tenha ido por curiosidade, para ver por que as pessoas acharam que Tyla Tomkins era uma das vítimas do Cortador.

— Talvez. Mas acho que não.

— Certo. Você sabe que alguém estava fumando no escuro e assistindo do outro lado da rua. Se não era ele, quem era?

— Essa é a questão — disse Victoria. — A resposta depende do que você encontrar aqui como parte da investigação de violência doméstica.

— Espero que isso não faça parecer que sou surda, mas quer me dizer exatamente o que espera encontrar aqui?

Victoria atravessou a sala devagar, passando pela mesa de apoio e pelas mesas laterais.

— Não há nenhum cinzeiro nesta casa, não é?

— Nenhum que eu tenha visto, e nenhum listado no inventário da investigação da cena do crime — respondeu Reyes.

Ela foi até as cortinas e cheirou o tecido.

— Nenhum cheiro óbvio de fumaça. — Não posso dizer que detectei nada, mas não era o foco da investigação da equipe forense quando a sra. Beckham desapareceu.

— Estou procurando o seguinte — Victoria explicou. — *Qualquer coisa*, e quero dizer qualquer coisa mesmo, que indique que Angelina Beckham fuma escondido.

— Como isso está relacionado à minha investigação de violência doméstica?

Não estava.

— Confie em mim — Victoria respondeu. — Você vai ver.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Estacionei ao lado do carro novo e brilhante de Jeffrey Winters e entrei correndo no prédio. O elevador estava lotado, sem espaço para mim, então subi as escadas. O suor se acumulou na minha sobrançelha, e eu estava ofegante quando entrei no escritório, passei correndo pela recepcionista e entrei na sala dele. Angelina e os pais estavam com Winters.

— Angelina, preciso falar com você — anunciei.

Eles olharam para mim confusos, provavelmente se perguntando por que eu estava arfando como um cachorro.

— Desculpe, eu subi correndo — expliquei. — Mas, Angelina, é urgente. Me dê cinco minutos a sós e escute o que tenho a dizer. Não vim correndo até aqui para dizer para você demitir seu advogado.

Ela olhou para Winters, que deu sinal verde.

— Vocês podem usar a sala de conferência — disse ele.

Atravessamos o hall juntos. Não era tão grande quanto a sala de Winters, mas havia bastante espaço para os dois. Assim que fechei a porta, eu me perguntei se havia grampos na sala e se Winters podia ouvir tudo. Não importava. Eu só estava feliz de ter a atenção completa de Angelina. Sentamos na mesa de reunião.

— O que está acontecendo, Abe?

Eu ainda estava ofegante e demorei um instante.

— Andei pensando na sua história.

— Não é uma “história” — disse ela. — É a verdade.

Ela estava começando a falar como o advogado.

— Certo, me deixe começar de novo.

Fiz uma pausa. Eu sabia que Winters só me daria meus cinco minutos e logo bateria na porta. Mas o que eu precisava dizer não era algo que podia ser simplesmente vomitado. Era uma situação delicada.

— Angelina, já conheci muitas vítimas como promotor. Muitas delas sofreram coisas terríveis. Ninguém quer falar sobre isso. Nunca é fácil. Algumas conseguem se lembrar de tudo e são capazes de descrever tudo com uma impressionante riqueza de detalhes. Algumas se lembram do que aconteceu, mas não conseguem falar sobre isso. Algumas poucas parecem não ter nenhuma lembrança do ocorrido. Elas bloqueiam como um mecanismo de sobrevivência.

— Do que você está falando?

— Estou falando de você — respondi.

— Não é o que parece.

— Estou preocupado com a sua história.

— Não é uma...

— Desculpe, sua declaração. Pode ser “a verdade” — eu disse, fazendo aspas no ar — mas nem tudo parece ser verdade. Ela tem lacunas. Estou tendo dificuldade de acreditar nela. Acho que o público também não vai acreditar.

— É a sua opinião.

— Vou ser mais específico. Eu acredito que você ficou com medo depois que eu saí. Você de fato saiu de casa achando que estaria mais segura do Cortador caso se escondesse. Talvez você até estivesse tão brava comigo que decidi me machucar e penhorar o anel de Samantha.

— Eu não fiz por uma questão de despeito.

— Continue me acompanhando — pedi. — Talvez você tenha ido parar num bairro perigoso às duas da madrugada, e alguma coisa ruim tenha acontecido.

— Eu não fiz nada de errado.

— Sei que não. Quando digo que algum ruim aconteceu, quero dizer que algo ruim aconteceu com você.

Ela não respondeu.

— Alguma coisa sobre a qual você não quer falar. Que você não quer ter de descrever em detalhes dolorosos para mim, para sua mãe, seu pai, para a polícia, para um júri ou para qualquer outra pessoa.

Ela balançou a cabeça, mas me pareceu mais confusão do que discordância.

— Por que você acharia isso?

— Começou por causa do seu celular. Você não tinha uma boa explicação para como ele foi parar na Tamiami Trail perto do local onde o corpo de Tyla foi recuperado. E disse que o Mãozinha obrigou você a entregar o aparelho. Quando

pedi uma explicação melhor, tudo o que você conseguiu dizer é que eu não estava perguntando para a pessoa certa. De repente me ocorreu que talvez a “pessoa certa” tenha feito mais do que levar seu celular.

— Você está analisando demais isso, Abe.

— Estou? Qualquer um que tenha visto o noticiário nos últimos dois dias sabe tudo sobre Tyla Tomkins, sabe onde o corpo foi encontrado, e sabe que a polícia está procurando um serial killer. Essa é uma informação que alguém pode usar em vantagem própria se vir uma mulher sozinha em uma loja de penhor no distrito de Little Havana. Vamos dizer que está tarde, a mulher está desesperada e precisa de uma carona. O homem para. Ela sabe que não deve entrar no carro, mas ele a força a entrar e a molesta. Por alguma razão o homem a deixa ir embora, ou talvez ela tenha resistido e fugido. Mas ele está com a bolsa e com o celular da mulher, e quer despistar a polícia. E joga o celular da vítima pela janela do carro na Tamiami Trail. O que faz a polícia procurar pelo Cortador, não por ele.

Estávamos chegando à marca dos cinco minutos, mas dei trinta segundos para Angelina pensar no que eu tinha dito. Se ela fosse uma estranha, eu teria sabido o que dizer na sequência. Eu teria dito que nada daquilo era culpa dela, que não havia por que se envergonhar de ter sido uma vítima e que agora ela era uma sobrevivente. Teria explicado que muitos crimes sexuais não eram registrados, e que era importante pegar quem tinha feito isso com ela para que não acontecesse de novo. Mas o roteiro não funcionava em se tratando de Angelina e, por mais que tentasse, eu não sabia o que estava se passando pela cabeça dela. Finalmente, Angelina falou.

— Abe, eu entendo o que você está fazendo. Sei que você está tentando ajudar. Mas você não pode colocar palavras na minha boca. *Isso* seria uma história.

— Angelina, por favor.

— Não, Abe. O que você acabou de dizer pode soar mais como a verdade. Mas vou ficar com a verdade *real*.

Houve uma batida na porta, e Winters entrou.

— Você pode nos dar mais um minuto, por favor? — eu pedi, incomodado.

— Vocês dois precisam ver isso — ele respondeu, pegando o controle remoto. A TV de tela plana se acendeu, e Winters colocou no noticiário matutino do canal Action News.

— Estão na sua casa de novo — explicou ele.

— A mídia? — perguntei.

— A polícia — ele corrigiu, e aumentou o volume.

Na tela estava a mesma repórter da *Action News* que tinha me entrevistado no sábado depois que Angelina desapareceu. Ela pareceu muito menos contida nessa

transmissão, com um ar genuíno de animação.

— Esperamos ver Angelina Beckham voltar para casa hoje de manhã — disse ela para a câmera, microfone na mão. — Em vez disso, foi a polícia de Miami-Dade quem voltou. Enquanto não temos informações do que os investigadores estão procurando, claramente a residência dos Beckham continua sendo uma cena de crime.

A câmera abriu o ângulo da calçada e percorreu o jardim e a entrada. Reconheci o carro da agente Santos parado atrás das viaturas da polícia de Miami-Dade.

— Não é um dos seus amigos? — perguntou Angelina.

— A agente Santos, você quer dizer?

— Não. O sujeito atrás da repórter. Não é o detetive Riddell?

Levantei e dei a volta na mesa de reunião para olhar para a TV mais de perto. No fundo, atrás da repórter do Action News, um homem estava correndo pela minha entrada tentando se livrar dos outros jornalistas a caminho da minha casa.

— Ele mesmo — respondi.

Winters foi até o telefone.

— Isso precisa acabar. Vou falar diretamente com o chefe de polícia sobre isso.

Fui até ele e apertei o botão para desconectar o telefone, encerrando a discagem.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

Olhei para Angelina.

— Você jura que estou errado? Que estou falando um absurdo? Que o que acabei de descrever para você não aconteceu?

Ela me encarou.

— Não aconteceu.

— Então eu cuido do Riddell.

Ela me olhou preocupada.

— Como?

— Vou para casa.

— Isso é loucura — disse Winters. — É um vespeiro. Você não pode ir para lá.

— Ah, não? — respondi.

— Que diabos você acha que vai fazer quando chegar lá? — ele perguntou.

Olhei de novo para o televisor para ver um enxame de repórteres empurrando a fita de isolamento da polícia e chamando o nome do meu amigo, que passou pela porta e desapareceu.

— Vou confrontar Rid — respondi.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

O ataque da mídia começou no instante em que saí do carro. Repórteres empurraram, puxaram e correram para me alcançar enquanto eu andava pela calçada. Não era a primeira vez que microfones eram enfiados no meu rosto, mas as experiências passadas tinham sido nos degraus do tribunal, nunca no gramado da minha casa. Não corri nem forcei minha passagem, e tentei não parecer irritado quando parei e fiz uma declaração breve e inócua que eu tinha ensaiado no carro.

— Quero agradecer a cada um de vocês pela maneira profissional como a mídia fez seu trabalho enquanto respeitou nossa privacidade depois que Angelina desapareceu. O pedido de desculpas que ela divulgou hoje de manhã foi de coração. Espero que vocês continuem a respeitar nossa privacidade, especialmente em nossa casa, agora que isso ficou no passado. Mais uma vez, obrigado.

Continuei andando na direção da casa. A multidão se moveu comigo, me cercando. Eu era a gota de geleia tentando encontrar uma forma de sair do centro do donut. As perguntas vieram junto: *Onde está Angelina? Por que a polícia está aqui? O que estão procurando?*; mas eu as ignorei. Passei por baixo da fita, sabendo bem como a situação ia parecer na mídia se eu subisse os degraus correndo e batesse a porta na cara dos jornalistas. Caminhei com calma, virei, acenei para as câmeras e entrei.

Meu sorriso para a câmera desapareceu imediatamente. Santos estava me esperando.

— Sua casa ainda é a cena de um crime — ela me informou. — Você não pode entrar aqui.

— Isso é ridículo — respondi. — Não pode haver uma cena do crime se não houve crime.

A detetive Reyes surgiu da cozinha e se juntou a nós.

— É uma investigação de violência doméstica, Abe.

— Não é verdade. Eu estava vendo o noticiário e vi Riddel entrar.

— Eu o mandei embora. O departamento de homicídios não está envolvido.

— Certo, porque eu sou um agressor — respondi, balançando a cabeça. — Estamos de volta a isso? Mesmo?

— Estou fazendo meu trabalho — disse Reyes. — Havia uma garrafa de cerveja quebrada no chão. O laboratório confirmou que o sangue em um dos estilhaços era de Angelina.

Eu sabia sobre o sangue, mas não sobre o relatório do laboratório. A confirmação da conexão com Angelina não foi nenhum choque.

— Ela provavelmente pisou nele.

— O exame físico revelou um hematoma no seu braço.

— Eu já tinha explicado isso. Bati o braço quando caí no apartamento do meu cunhado.

— Talvez. E talvez a gente acredite em você, se fizermos um exame físico no corpo de Angelina e não encontrarmos nada.

Mantive minha raiva controlada, mas não consegui fazer minha voz ficar totalmente calma.

— O único *abuso* nesta casa é o abuso de poder da polícia. Se vocês estão procurando alguma coisa, consigam um mandado. E, a propósito — eu disse, meu olhar indo para Santos — desde quando o FBI se envolve em investigações de violência doméstica?

Estávamos nos encarando como num duelo, e eu queria seriamente uma resposta.

— Vamos conversar na cozinha.

Reyes pareceu chocada de ser deixada de fora tão de repente, mas aceitou e ficou para trás. Fui com Santos para a cozinha. Ficamos de lados opostos do balcão, onde menos de três dias antes, Rid tinha devorado um prato do ossobuco de Angelina.

— Você pode nos forçar a conseguir um mandado — disse Santos. — Mas se você acha que a mídia está agitada agora, espere até eles ficarem sabendo que foi emitido um mandado e que a polícia está fazendo uma busca na sua casa. Na verdade, estou fazendo um favor para você mantendo tudo em segredo e pelo menos criando a impressão de que estamos apenas concluindo a investigação de uma cena do crime.

— Você está *me* fazendo um favor? — eu disse, desdenhando. — O FBI está fazendo um favor para *si* mesmo. Eu sei o que está acontecendo aqui. Minha casa é

uma cena de crime da força-tarefa. Agora que o Cortador está detido, sua autoridade como coordenadora da força-tarefa termina, e o FBI volta a prender ladrões de banco. Você está usando a detetive Reyes e essa bobagem de violência doméstica para ir além da jurisdição federal e entrar na minha casa. O que você está procurando, Santos? O que você está *realmente* procurando?

— O Cortador não matou Tyla Tomkins. Quero descobrir quem foi.

— Se ela não é uma das vítimas do Cortador, então não é da sua conta. Saia de cena e deixe a polícia local investigar.

Ela chegou mais perto, apertando os olhos.

— Você gostaria disso, não gostaria? Deixar seu amigo Riddel cuidar da investigação do assassinato de Tyla Tomkins.

Eu queria contra-argumentar, mas sabia que isso não ia me levar a lugar nenhum. Eu precisava partir para a ofensiva.

— Tudo bem, se você está determinada a enfiar o nariz do FBI onde ele não é chamado, melhor fazer isso no lugar certo. Quando foi a última vez que você bateu na porta de Brian Belter?

— Estou de olho em Belter.

— Não tanto quanto deveria. Ele está partindo para um acobertamento pesado.

— Não é uma surpresa que um escritório de advocacia lutaria contra uma intimação para que os e-mails e computadores de um de seus sócios sejam examinados. Especialmente, uma sócia como Tyla, que era uma das consultoras mais próximas da Açúcar Big.

— Não estou falando da sua intimação. Belter me ofereceu um suborno ontem. Duzentos e cinquenta mil dólares.

— Ontem? E você só está me contando isso hoje?

— Conte para Carmen ontem à noite — eu menti, sem saber ao certo por quê.

Estava se tornando um mau hábito quando as perguntas de Santos me deixavam desconfortável.

— E a promotoria do estado vai convocar um *grand jury*?

— Não sei. Ainda nem fiz um relatório completo. Acredite ou não, eu tinha outras coisas em mente nas últimas 16 horas.

Isso era verdade.

— O que Belter queria em troca dos 250 mil dólares?

Eu hesitei, sem saber o que contar para Santos antes de ter uma discussão completa com Carmen. Mas não era Carmen que eu precisava que saísse da minha casa. Um pouco de cooperação entre agentes da lei traria bons resultados. Pelo menos, essa tinha sido minha experiência antes da agente Santos.

— Ele estava enrolando um pouco, e fui duro. Mas tenho uma boa ideia de aonde Belter estava indo.

— Quer compartilhar?

— Quer parar de me infernizar?

— Talvez. Vamos ouvir sua teoria.

De novo, eu hesitei. Eu não tinha motivos para acreditar que a “minha teoria” me tiraria por completo da lista negra de Santos. Mas eu podia pelo menos desacelerar as coisas.

— Certo, mas lembre que isso envolve algumas suposições da minha parte. Belter acredita que o principal suspeito do assassinato de Tyla Tomkins é alguém que dormiu com ela. Acho que ele estava tentando estabelecer uma trégua entre nós dois. Ele não aponta o dedo para mim, se eu não apontar o dedo para ele, contanto que nenhum dos dois aponte o dedo para o sr. Cortinas.

— Cortinas estava dormindo com Tyla Tomkins? Você tem certeza disso?

— Sei que Tyla usava um celular pré-pago para falar com alguns homens. O dono de um dos números para os quais o celular dela ligou nunca foi identificado. Certo?

Ela não respondeu.

— Foi o que pensei — continuei. — Belter diz que é de Alberto Cortinas. Ele tinha seu próprio celular pré-pago que era usado quando ele e Tyla conversavam sobre outras coisas.

Santos observou minha expressão com cuidado enquanto pensava no que eu tinha dito. Minha honestidade parecia ter consertado uma parte do estrago. Pelo menos, por enquanto.

— Obrigada por isso — disse ela.

— De nada.

— Vamos encerrar na sua casa em uma hora. A fita de cena do crime vai desaparecer. Você e a sua esposa estão livres para voltar. Parece justo?

— Parece justo — respondi.

Ela virou e voltou para a sala. Saí pela porta dos fundos e atravessei o quintal do vizinho até a outra rua. A mídia podia ficar com o meu carro. Um táxi era mais do que suficiente para mim.

CAPÍTULO SESENTA

Caminhei quatro quarteirões da minha casa e decidi não pegar um táxi. Resolvi arriscar e liguei para Rid. Desta vez ele atendeu.

— Por que você me evitou a manhã toda? — perguntei.

— Você acha que eu tenho um único caso?

— Não me enrole, Rid. Fui para minha casa depois que vi você na TV, mas você já tinha ido embora. Santos e a detetive Reyes de fato falaram para você sair?

— Sim. Elas disseram que não era uma investigação de homicídio, mas esse não foi o motivo real por que me tiraram de lá.

— Qual foi o motivo real?

— Eu falo demais. Com você. O que precisa parar, Abe.

Ele soou oprimido, o que em geral significava que estava cansado da burocracia da polícia.

— Alguém pegou no seu pé por ficar próximo demais de mim nessa investigação?

— Nãããã — respondeu ele, com uma forte dose de sarcasmo. — De onde você tirou essa ideia?

— Vou dizer uma coisa — eu disse. — Que tal você passar aqui e me dar uma carona?

— Você não ouviu o que acabei de dizer?

— Você não precisa dizer nada. Eu falo, você escuta. Me faça esse favor.

— Eu sei o que deveria fazer com você — respondeu ele, grunhindo.

Em seguida, Rid desligou. Considerei isso um sim e mandei uma mensagem para ele com o endereço. Cinco minutos depois, Rid me pegou em um posto de gasolina em um carro da polícia não identificado.

— Para onde? — perguntou ele.

— Para o Bumerangue.

Ele conhecia a piada, mas não estava sorrindo. Rid saiu com o carro e seguiu para o meu escritório. Eu não sabia ao certo por onde começar, então ele fez as vezes.

— Você tem um grande problema nas mãos, Abe. Maior do que você imagina.

Ele virou à esquerda na direção do rio. Era o caminho mais longo para o escritório da promotoria, o roteiro pitoresco. Eu podia ver que Rid estava em conflito sobre ter ou não uma conversa comigo, mas havia alguma coisa que ele precisava me contar.

— Andei pensando sobre as fotos de você e Tyla Tomkins no restaurante — disse ele, mantendo os olhos no trajeto.

— O que têm elas?

— Como Angelina as conseguiu?

— Elas foram deixadas na caixa do correio.

— Quem as deixou lá?

— O Cortador.

— Como o Cortador as conseguiu?

— Cortador estava perseguindo suas vítimas. Já falamos sobre isso.

Ele virou outra curva. Estávamos passeando pela margem do rio, passamos por um cargueiro panamenho que estava subindo o rio sem nenhuma pressa.

— É mentira — disse Rid.

— Você está falando como Santos.

Ele olhou na minha direção.

— Eu concordo com ela.

— Sobre o quê?

— Eu vi o vídeo do depoimento do Cortador. Ele nega ter matado Tyla. E nega ter mandado as fotos para Angelina, nega até saber quem é Angelina. As cinzas pretas no rosto de Tyla não se encaixam no perfil do Cortador. O próprio filho da puta resumiu muito bem: por que pintar um rosto negro de preto? Não faz sentido. A menos que você esteja tentando *fazer parecer* que foi o Cortador que mandou as fotos.

Esperi que ele continuasse, mas Rid parou. Percorremos mais um quarteirão. Tive a impressão de que ele queria me contar mais, mas já ido mais longe do que o permitido. Eu o instiguei.

— Quem faria isso, Rid? Se não foi o Cortador, quem mandou as fotos?

— Eu ia fazer essa pergunta para você.

— Eu daria a mesma resposta que dei para Carmen — respondi. — Nós conversamos quando tudo isso começou, logo depois de você e Santos irem ao

escritório de Belter e acusá-lo de dormir com Tyla. Mandar essas fotos era contra-ataque dele, uma maneira de dizer “se vocês arruinarem o meu casamento, vou arruinar Abe Beckham”.

— Quem quer que tenha mandado essas fotos tinha de saber a marca registrada do Cortador. Belter não sabia.

— Então provavelmente foi o Cortador. A única outra opção é alguém dentro da lei.

— Ou alguém casado com um agente da lei.

Uma sirene soou atrás de nós. Rid encostou à direita para deixar uma ambulância passar.

— Santos diz que foi Angelina.

Ele estava voltando para o tráfego, sem olhar para mim enquanto falava, e eu me perguntei se tinha ouvido direito.

— O que você falou?

— Santos acha que Angelina mandou as fotos para si mesma.

A sirene da ambulância sumiu, mas as coisas não estavam mais claras para mim.

— Como ela saberia a marca registrada das cinzas no rosto?

— Talvez você tenha deixado escapar. Talvez ela tenha ouvido você falando ao telefone.

— Sou mais cuidadoso do que isso, mas vamos deixar isso para lá. *Por que* ela mandaria as fotos para si mesma?

— Para criar a impressão de que não sabia que você a estava traindo até depois da morte de Tyla.

— Eu não traí Angelina.

— Você não está entendendo. Não é uma questão de você estar traindo sua mulher ou não. Só importa se ela achava que você estava, e quando achou isso. É uma questão de motivo.

— Motivo... para matar Tyla Tomkins?

— Bingo.

— Rid, qual é. Foi um assassinato horrível e sangrento feito com um facão.

— Foi? Nós nunca recuperamos a cabeça de Tyla. Não temos como examinar o trauma. Talvez tenha sido tão simples quanto alguém aparecer por trás e acertar a parte de trás do crânio dela com um maldito rolo de massa.

— O médico legista diz que foi um golpe na nuca com uma faca grande.

— Sim, e talvez Tyla já estivesse morta quando o golpe foi dado. Talvez o único objetivo do ferimento do facão fosse fazer parecer obra do Cortador.

Eu não estava nada confortável com essa conversa, mas não podia refutá-la.

— Angelina não é uma assassina.

Eu esperava que ele concordasse, mas não aconteceu.

— Como eu disse, Abe. Andei pensando nas fotos. Aliás, andei analisando as fotos.

— E?

Paramos em um semáforo vermelho, e Rid me entregou seu celular. Uma das fotos do meu jantar com Tyla estava na tela.

— Olhe de perto — instruiu ele.

— Estou olhando — respondi.

— Olhe para o seu prato.

Aumentei a foto e coloquei o zoom no meu prato.

Rid perguntou:

— O que você estava comendo no restaurante naquela noite com Tyla?

Eu estava olhando para a tela, minha entrada claramente visível na foto. Era um prato de que eu nunca tinha ouvido falar antes de conhecer Angelina, mas, depois de provar o dela, era o que eu sempre pedia se estivesse no cardápio.

— Ossobuco.

— O que Angelina cozinhou para você na noite em que desapareceu?

Não respondi imediatamente.

— Eu sei que você lembra — disse ele. — Porque eu comi, adorei e comentei com você que era melhor do que rabada.

— Ossobuco.

— Pois é — disse Rid. — Se você acha que é uma coincidência, você é um idiota. Angelina estava jogando com você, Abe. Ela *está* jogando com você.

Devolvi o celular para ele. O farol ficou verde. Rid se aproximou mais um quarteirão do Bumerangue e parou no meio-fio.

— Está perto o bastante para você? — perguntou ele.

— Está, obrigado.

Abri a porta do passageiro, mas ele me parou antes que eu desembarcasse.

— Abe, você sabe que não podemos mais falar sobre isso, certo?

Eu assenti.

— Tudo bem entre nós?

— Sim — respondi. — Tudo.

Pisei na calçada, fechei a porta e fiquei vendo enquanto ele ia embora.

CAPÍTULO SESSENTA E UM

Victoria saiu da residência dos Beckham às dez da manhã. A detetive Reyes ficou para trás para encerrar as atividades da cena do crime.

Seu destino era o escritório de Jeffrey Winters, mas ela fez o caminho mais longo, pegando a via expressa, saindo ao norte do centro em Overtown e atravessando o distrito em um ziguezague pelas ruas de mão única. Ela tinha se recusado a fazer qualquer comentário para a mídia do lado de fora da casa, e diversos repórteres a tinham seguido, curiosos para saber aonde ela e a história estavam indo. Pelo menos dois carros continuaram atrás dela durante todo o distrito do design.

— Vamos dar mais uma volta, crianças — comentou ela ao olhar pelo retrovisor.

Victoria voltou para a via expressa e começou a jornada inútil de novo, decidida a repeti-las tantas vezes quanto necessário até se livrar da perseguição. Sua preocupação não era tanto pela mídia em si. Na verdade, ela não queria que Abe soubesse pela cobertura de imprensa ou de outro jeito que o FBI estava prestes a falar com Angelina sem ele.

Na terceira volta pela cidade, a última van da mídia tinha desistido e desaparecido de seu retrovisor. Ela parou na rua do prédio de Winters, entrou e pegou o elevador até o último andar. A recepcionista jovem e atraente pareceu educada para Victoria, mas não muito esperta — na verdade, uma sonsa, alguém que iria para as audições de *American Idol* usando um biquíni e iria embora chorando porque ninguém tinha contado para ela que era necessário saber cantar. A jovem fez um cumprimento caloroso, que se tornou menos entusiasmado quando Victoria se apresentou.

- Você é agente do FBI? Sêrio?
- Sou. Sêrio.
- O dr. Winters está esperando você?
- Só se ele for esperto.

A recepcionista não fazia ideia de como lidar com aquilo. Aflita, ela interfonou para a assistente de Winters, informou que a “Miss Simpatia” estava no lobby e pediu para Victoria se sentar. Ela foi para a sala de espera e observou a impressionante coleção de arte do escritório, que tendia para o ultramoderno. Que provavelmente tinha vindo da Art Basel. Ou de um traficante de drogas que não tinha conseguido pagar os honorários do advogado em dinheiro.

- Sinto muito — disse a recepcionista. — Como é seu nome mesmo?

Victoria se perguntou quanto tempo levaria para ela corrigir a confusão da “Miss Simpatia”. Ela esclareceu tudo e voltou a olhar para as obras.

A história de Beckham sobre a tentativa de suborno tinha sido intrigante, e Victoria sabia exatamente aonde Abe estava indo com isso. Sem dvida, uma nova conversa com Brian Belter estava na agenda. Mas, primeiro, ela queria saber o que o advogado de Angelina achava disso.

- O dr. Winters vai recebê-la agora — a recepcionista avisou.

Victoria a acompanhou pelo corredor até uma sala de conferência vazia. Ela sentou diante da mesa com tampo de vidro e esperou.

Não demorou muito até Winters e um de seus associados entrarem. Eles pareceram surpresos que Victoria estivesse sozinha, e não a dupla clássica do FBI. Ela não se deu ao trabalho de explicar que tinha sua própria maneira de fazer as coisas quando extrapolava os limites de sua autoridade no FBI, o que era uma razão por que ela estava de volta a um escritório regional e não mais em Quantico, no que deveria ser o auge de sua carreira. Todos se apresentaram e ocuparam lados opostos da mesa, dois contra uma.

- Sua cliente é bem-vinda para se juntar a nós — disse Victoria.

- Vamos dispensar — respondeu Winters, sorrindo.

- Tudo bem. O marido está falando bastante por ela.

O sorriso desapareceu.

- Falou onde?

- Não estou falando de um lugar específico. Em toda parte.

Os advogados trocaram olhares desconfortáveis, e então Winters se concentrou em Victoria.

- O dr. Beckham está falando diretamente com você?

- Claro.

— Sobre o quê?

— É o que quero discutir com vocês. Sabe, estou trabalhando muito na tarefa do Cortador, e minha conclusão é que Tommy Salvo não teve nada a ver com o assassinato de Tyla Tomkins. Conversei com Abe Beckham sobre isso, e ele está fazendo pressão na direção de Brian Belter. Você conhece o dr. Belter, tenho certeza.

— Sim, eu o conheço. Sócio administrativo da BB&L, advogado da Açúcar Big.

— E supervisor de Tyla Tomkins. Então entendo totalmente a teoria de Abe. O sócio sênior está dormindo com Tyla Tomkins, a estrela em ascensão. Tyla ganha acesso à Açúcar Cortinas, que apenas alguém que está dormindo com Brian Belter teria. Ela visita a *plantation* da empresa na Nicarágua e é testemunha de práticas comerciais estorpecedoras, para depois voltar para Miami e pedir para um “velho amigo” no escritório da promotoria ver se alguma coisa podia ser feita. Belter descobre que ela está falando com as autoridades, talvez até que Abe Beckham é seu novo amante casado favorito, o que o deixa ainda mais furioso. De repente Belter pode perder a esposa, a amante, seu melhor cliente e tudo o que importa para ele. Tyla Tomkins aparece morta.

— Honestamente, eu não faço ideia do que você está falando — disse Winters.

— Sua cliente sabe, então tome nota, Júnior — respondeu, olhando para o associado.

— Minha cliente não sabe nada sobre a morte de Tyla Tomkins — disse Winters.

— Vamos torcer para você estar certo. Mas Angelina ainda precisa se preocupar. A teoria do marido dela sobre Brian Belter tem falhas, e eu pretendo escancarar essas falhas. Quando fizer isso, Abe Beckham vai perceber que é inútil continuar apontando o dedo para Brian Belter. Quando isso acontecer, ele vai apontar o dedo em outra direção.

Winters não respondeu, mas estava claro que tinha entendido perfeitamente a implicação de Victoria: Angelina seria o próximo bode expiatório de Abe.

— Tem se falado muito sobre homicídio — continuou Winters. — No momento, a única preocupação de Angelina é uma possível acusação criminal por se fazer desaparecer.

— Está tudo ligado — disse Victoria. — Sabe, eu vi o vídeo do YouTube e não acho que Angelina fugiu por medo do Cortador. Acho que ela fugiu por medo do marido. Mas, ao contrário de alguns amigos na unidade de violência doméstica da polícia de Miami-Dade, eu não acredito que Abe era um marido violento crônico. Acho que foi um incidente isolado. Angelina descobriu alguma coisa sobre Tyla. Especificamente, sobre seu assassinato. Acho que ela confrontou Abe, que tinha sua

própria versão dos eventos, e Angelina ficou com medo ou se recusou a participar disso. Então ela fugiu.

Winters não demonstrou reação, mas o associado escrevia furiosamente. Victoria tinha plantado as sementes.

— Tudo isso é muito interessante — respondeu o advogado.

— Tem mais — ela continuou.

Ela colocou seu iPad sobre a mesa e abriu as fotos de Tyla e Abe no restaurante.

— Eu vi essas fotos — comentou Winters. — São as fotos que o assassino deixou na caixa do correio dela.

— Outra informação errônea no vídeo de Angelina — disse Victoria. — Ela não recebeu as fotos do Cortador.

— Então quem mandou?

Victoria chegou mais perto, para ter a atenção completa dele.

— Abe Beckham.

O associado parou de escrever. Nem Winters conseguiu esconder sua surpresa.

— Por que ele faria isso?

— Para criar a impressão de que o Cortador matou Tyla, não Abe Beckham. Expor-se como um adúltero é melhor do que ser condenado por assassinato.

— Você tem certeza disso? — ele perguntou. — Abe mandou as fotos?

— Ainda não — respondeu Victoria. — Mas vou provar. E, se sua cliente sabe o que é melhor para ela, vai parar de fazer o jogo do marido e me ajudar.

CAPÍTULO SESENTA E DOIS

Esperamos até 11h35 da noite e o fim dos noticiários locais. As equipes de televisão já tinham guardado o equipamento, o gramado estava escuro, e as vans da mídia foram embora. Nos canais de televisão, a essência do “noticiário das onze” tinha sido que “a casa dos Beckham não é uma cena de crime, mas nem sinal de Abe e Angelina Beckham e nenhuma informação sobre quando o casal vai voltar”.

Então Angelina e eu fomos para casa. Juntos.

Ela entrou primeiro. Fechei a porta e passei tanto o trinco quando a corrente. Notei a marca no painel onde Angelina tinha acertado a garrafa de cerveja na sexta à noite. Ela também. Os dois ignoraram.

— Lar, doce lar — ela comentou rápido.

Fui até o telefone fixo e chequei a secretária eletrônica.

— Trinta e oito mensagens — avisei Angelina. — Provavelmente todas de repórteres.

Não tive energia para ouvi-las. Desliguei e silencieei o toque para podermos descansar.

— O que vamos fazer se a mídia voltar?

— Ligar o irrigador.

Eu estava só meio brincando. Ela não riu.

— Vou me preparar para deitar.

Angelina virou e desapareceu pelo corredor na direção do quarto. Fui para o sofá e sentei diante da TV. Minha mão estava pré-programada para alcançar o controle remoto e zapear pelos canais, mas resisti. Optei por não ligar a TV, nem mesmo o rádio por satélite. Silêncio.

As doze horas anteriores tinham sido uma disputa conjugal, eu me recusando a voltar para o escritório de Jeffrey Winters, e Angelina se recusando a ir embora até seu advogado dizer que estava na hora. A promotoria tinha sido minha fortaleza. Nenhuma emboscada da mídia. Nenhum telefonema que eu não pudesse atender. Conteí para Carmen e para o chefe da unidade de corrupção sobre a tentativa de Belter de subornar um promotor assistente, especificamente, eu. Eu pretendia dar continuidade ao longo da semana, mas meu plano para o resto do dia tinha sido apenas me esconder da realidade e me atirar nos meus casos pendentes, o que provou ser impossível. Um colega depois do outro apareceu na minha sala para oferecer apoio. Todos tinham visto o vídeo de Angelina no YouTube. Ninguém disse acreditar nela. Ninguém disse não acreditar. Notei que nenhum promotor da unidade de violência doméstica apareceu para conversar. A maior parte das minhas conversas foram breves. Só uma vez me senti tentado a discutir as coisas em mais profundidade. Nosso chefe da unidade de violência sexual teria sido um excelente interlocutor para os meus medos de que alguma coisa horrível tivesse acontecido com Angelina naquela madrugada em Little Havana, alguma coisa tão traumatizante que ela tinha decidido não contar para ninguém. O promotor de violência sexual mais experiente do estado da Flórida tinha estado bem no meio da minha sala, mas diante da minha conversa com Rid e a opinião dele de que Angelina estava “jogando comigo”, preferi não tocar no assunto. Eu me perguntei se deveria ter falado com ele.

— Abe?

Olhei por sobre o ombro. Angelina estava parada nas sombras no fim do corredor, não exatamente dentro da sala. Estava de camisola.

— Você vem para a cama? — perguntou ela.

— Daqui a pouco.

— Você devia vir agora.

Ela deu meia-volta e foi para o quarto.

Eu pisquei, confuso. O que “você devia vir agora” significava? Quero me deitar ao lado do meu marido? Quero fazer amor com você? Não fique aí sentado até duas da madrugada, para depois vir rastejando para a cama e me acordar, cretino?

— Tudo bem — respondi, mesmo ela não estando mais lá.

Fui até o banheiro, escovei os dentes e coloquei um short de corrida e uma camiseta limpos.

Angelina estava do seu lado da cama, deitada no escuro, quando entrei. Atravessei o quarto, puxei o edredom e deitei ao lado dela. Ela deitou de costas. Fiz o mesmo. Ficamos lá em silêncio, de olhos abertos, olhando para o teto.

Ecuridão. Tranquilidade. Silêncio absoluto. Não havia nenhum lugar como uma cama, e nada mais palpável do que a linha que dividia uma ao meio.

— Falei com Rid finalmente — comentei.

— O que ele disse?

Hesitei, sem saber como responder. *Que você está jogando comigo? Que Santos acha que você matou Tyla Tomkins?*

— Que não pode mais conversar comigo sobre nada disso.

— Não estou surpresa — respondeu ela.

Mais silêncio. O ar-condicionado foi acionado, e o ar gelado soprou sobre nós. Minhas pupilas estavam se ajustando ao escuro, e eu podia ver as rachaduras no teto. Rachaduras longas, sinuosas, que iam de uma parede à outra. Rachaduras que existiam desde que Angelina e eu tínhamos nos mudado e que eu nunca tinha notado. Até agora.

— Abe, tem uma coisa que eu preciso dizer para você.

Minha cabeça começou a girar. Rid estava certo, e uma confissão estava a caminho? Eu estava certo, e ela estava prestes a me contar o que de fato tinha acontecido em Little Havana?

— O quê? — perguntei.

— A agente Santos se reuniu com o advogado hoje.

Não era o que eu estava esperando.

— Quando?

— Antes do almoço. Não foi planejado. Santos simplesmente apareceu querendo conversar.

— Por quê?

— Eu não estava presente. Mas Jeffrey disse que ela está investigando o assassinato de Tyla Tomkins. E está de olho em você.

Eu me apoiei em um cotovelo e olhei para Angelina. Ela continuou na mesma posição.

— Por que você não me disse isso antes?

— Jeffrey não falou nada sobre o assunto até uma hora atrás. Ele foi contra minha decisão de voltar para casa com você. Me contar foi a última tentativa dele de me convencer a não vir.

Fiquei feliz que ela tivesse ignorado o conselho, mas continuei sem gostar que Angelina tivesse esperado até estarmos na cama para me contar.

— Não acho que seja preciso dizer, mas você sabe que eu não matei Tyla Tomkins.

— Eu sei. Tecnicamente falando, a agente Santos também acha que não.

— Você acabou de dizer que ela está de olho em mim.

— Ela acha que você é responsável, mas não acha que foi você que fisicamente acertou Tyla com um facão.

Parecia que alguém tinha acabado de me acertar com um facão. Voltei a deitar de costas e fiquei olhando as rachaduras no teto.

— De alguma forma, eu achei que você fosse tentar arrastar o JT para essa história.

— Você acha que é possível?

— Não.

— Ele sempre me assustou.

— Ele não é violento.

— Ele atacou um motorista de ônibus.

— Foi mais um mal-entendido do que um ataque.

— O pai dele era cortador de cana.

— Angelina, isso não faz sentido. Que razão JT teria para matar Tyla Tomkins?

Ela não respondeu.

— Está vendo? — continuei. — Não há motivo. Não existe razão para ele ter cometido esse crime. Nenhuma.

— Nenhuma — disse ela, com um quê de nervosismo. — A menos que você pedisse para ele.

Eu me apoiei no cotovelo de novo e olhei direto para ela.

— É isso que você acha?

— Não, Abe. É o que a agente Santos acha.

Ceguei um pouco mais perto, mas não atravessei a linha da cama.

— Angelina, Santos está fazendo um jogo. Ela está tentando criar uma fissura entre nós. Ela fala com meu amigo Rid e diz que você matou Tyla. E fala com seu advogado e diz que mandei o JT matar Tyla.

— Ela disse ao Riddell que *eu* matei Tyla?

— Sim.

De repente, Angelina estava apoiada no cotovelo, a mesma reação que eu tive à notícia da reunião do advogado dela com Santos. Estávamos olho no olho, nos encarando de lados opostos da linha imaginária que dividia nosso colchão como dois soldados nas trincheiras.

— Santos acha que eu matei Tyla, e você não me conta? Por que você não me contou?

— Considerei a ideia tão absurda que achei que não precisava — respondi.

— Mesmo?

— Sim, mesmo. Tyla foi atacada até a morte com um facão. Foi uma morte horrível e sangrenta.

— Ah, então se tivesse sido uma bala limpa na nuca, teria sido diferente. É algo que você me imagina fazendo ?

Aquele não era o momento de mencionar “rolos de massa” nem as teorias alternativas de Rid sobre a *causa mortis*.

— Não, não foi isso que eu disse.

Ela voltou a deitar de costas e cruzou os braços sobre o edredom.

— Angelina, por favor, não vamos fazer isso. Estamos caindo na cilada da agente Santos. A estratégia dela é romper a confiança entre nós. Ela quer que nos voltemos um contra o outro.

— Você confia em mim? — perguntou ela.

Era uma pergunta simples, mas a resposta pareceu complicada. Hesitei por tempo demais.

— Abe, *você confia em mim?* — ela repetiu a pergunta.

— Confio, claro.

— Não diga “claro”. Nada mais é *claro*. Precisamos reconstruir tudo. Eu *quero* reconstruir. Mas não se você for dizer coisas estúpidas como “claro que eu confio em você, querida”. Isso me menospreza e menospreza tudo o que aconteceu.

Ela tinha razão.

— Desculpe.

Angelina respirou fundo e afundou um pouco mais no colchão. Deitei de costas e fiz o mesmo.

— Eu não matei Tyla — repeti. — JT não matou Tyla. Eu não pedi para o JT matar Tyla.

Ouvi-a respirar fundo de novo na escuridão.

— Obrigada — disse ela.

— De nada. Mais alguma coisa que você queira saber?

— Não por enquanto.

— Que bom.

— Bom, talvez uma coisa — disse ela.

— O quê?

— Só para deixar claro: quando eu fechar meus olhos para dormir, JT não vai saltar do armário com um facão, vai?

Eu sabia que era uma piada, e talvez eu devesse ter apreciado a tentativa de recorrer ao humor, mas não funcionou para mim, e senti que ela se arrependeu.

— Não — respondi. — Isso com certeza não vai acontecer.

Um minuto se passou. Imaginei se ela tinha mais a dizer. Não tinha.

— Boa noite, Abe.

— Boa noite.

Não houve beijo. Deitei de lado e fiz muito esforço para consegui dormir. Eu estava exausto, mas não consegui limpar minha mente e relaxar. O ar-condicionado entrou em um novo ciclo. Dez minutos ou mais se passaram. Deitei sobre o meu lado esquerdo, olhando para Angelina quando virei.

Ela continuava deitada de costas. De olhos abertos.

Eu me perguntei se sua cabeça estava tão cheia que, por mais que tentasse, ela não conseguia fechá-los. Ou se estava morta de cansaço e tentando mantê-los abertos, esperando que eu dormisse primeiro?

Inspirei, expirei e desejei que a noite acabasse.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

Às cinco e meia da manhã algo me acordou. Sentei na cama e prestei atenção. Eu tinha certeza de que tinha ouvido um barulho na sala. Angelina ainda estava dormindo. Saí da cama, atravessei o corredor em silêncio e entrei na sala. Como o sol só iria nascer dali a uma hora, estava escuro dentro da casa, e as janelas estavam pretas como a noite. Tentei ouvir o barulho de novo, mas não ouvi nada.

Uma batida da porta me assustou.

Pelo olho-mágico vi que havia uma mulher na minha entrada. Ela tinha um microfone na mão. Atrás dela estava um homem com uma câmera no ombro. Era a mesma equipe do *EyeWitness News* que tinha me entrevistado no sábado.

Você só pode estar brincando.

Ela bateu de novo. Não abri a porta. Fiquei tentado a sair pelos fundos e abrir a mangueira na direção dela. Em vez disso, tirei meu celular do carregador e redigi uma mensagem de texto. Escolhi minhas palavras com cuidado, tomando cuidado para que, não importa o quanto ela tentasse manipular aquilo para sua reportagem, a repórter fizesse papel de idiota:

Obrigada por aparecer na nossa casa às 5h30. Como a maioria das pessoas, estamos dormindo às 5h30. Por favor, saiam da nossa propriedade até 5h31, para que eu possa voltar a dormir às 5h32. Caso contrário, vou chamar a polícia às 5h33. Mais uma vez, obrigado por sua preocupação e sua consideração madrugueiras.

Pronto, era suficiente. Mandeí, esperei um minuto até a mensagem ser transmitida e fiquei observando pelo olho-mágico enquanto ela lia. A repórter era obrigada a ir embora quando fosse solicitado. Era a lei, e eu era um promotor. Ela respondeu algo como “Por favor, por favorzinho, sou uma boa pessoa”, o que eu li como: *Minhas garras só vão aparecer se você for idiota o bastante para abrir a porta*. Não caí. Ela passou um cartão pelo vão da porta — *Ah, sim, claro que eu vou ligar para você, moça* — e foi embora com a equipe.

Voltei para o quarto. Angelina dormiu o tempo todo, o que me surpreendeu, até eu notar os protetores auriculares de cera. Eram usados para nadar e, como eram impermeáveis, ela provavelmente teria continuado dormindo mesmo que aquela equipe tivesse usado granadas e um bate-estacas. Eu, por outro lado, estava oficialmente acordado. Decidi deixá-la dormir. Tomei um banho rápido e me vesti para ir trabalhar, mas não quis ir para o escritório tão cedo. Eu precisava de uma distração, alguém com quem eu pudesse conversar sobre alguma coisa além de Tyla Tomkins, Cortador e, para ser honesto, Angelina. Apenas uma pessoa se encaixava no perfil e, por acaso, também era o único sujeito na terra que ficaria feliz em me ver antes de seis e meia da manhã. Manobrei o carro na garagem, acenei quando passei pela equipe da *Eyewitness News* na rua, e fui para a clínica de repouso. Luther já tinha tomado café da manhã e estava sentado no pátio, quebrando pedaços de uma torrada para alimentar os pombos.

— Mas não briguem — disse ele. — Vamos todos ser amigos?

Era um bom conselho para os pássaros. E um bom conselho para os humanos.

— Rodney King estaria orgulhoso — comentei quando cheguei mais perto.

Meu sogro provavelmente não entendeu minha alusão aos protestos em Los Angeles em 1992, mas ficou feliz em me ver. Pedi para ele não se levantar, e Luther disse para eu não me preocupar. Era uma velha piada entre mim e um idoso que estava quase frágil demais para se levantar, mas ainda me fazia sorrir.

Sentei no banco ao lado dele.

— Por que você acordou tão cedo? — perguntou ele.

— O McRib voltou. Eu queria ser o primeiro da fila.

Ele riu e balançou a cabeça.

— Você é com certeza o branco mais engraçado que eu conheço.

Conversamos por alguns minutos, e fiquei sabendo tudo sobre a nova fisioterapeuta com um belo sorriso e mãos macias. Depois ele me contou sobre uma amiga minha que tinha ido visitá-lo.

— Uma amiga minha? — perguntei.

— “Victoria” era o nome dela. “Victoria Santos.”

Eu estava prestes a explodir. Era a segunda vez que Santos tinha contado essa história, primeiro com a mãe de Angelina e agora com o pai de Samantha.

— Sobre o que vocês dois conversaram?

— Sobre mim, basicamente. Boa moça, mas faz muitas perguntas.

— Sobre o quê?

Luther jogou mais um pedaço de pão para os pombos, que começaram a subir uns sobre os outros.

— Ela queria saber sobre os meus tempos cortando cana.

Fechei os olhos e os abri devagar, tentando manter minha raiva sob controle.

— O nome de JT foi mencionado?

Ele assentiu.

— Apareceu. Apareceu, sim.

— Como?

— Não consigo lembrar exatamente como, Abe. Para falar a verdade, eu tinha parado de prestar atenção a essa altura. Ela estava perguntando coisas como “Tem certeza de que JT nunca cortou cana?” e “Você passou a tradição para o seu filho?”. Foi mais ou menos como perguntar para o Obama se alguém na família dele manteve a tradição de colher algodão.

Eu teria rido em circunstâncias diferentes. Mas a ideia de que JT se considerava um cortador de cana não era mera curiosidade. Isso se encaixava perfeitamente com a teoria de Santos por trás do assassinato de Tyla Tomkins.

Luther fez sinal para uma das enfermeiras, que atravessou o pátio na direção dele.

— Desculpe, Abe — disse ele. — Preciso fazer xixi.

— Tudo bem. Preciso ir embora de todo jeito.

Nós nos despedimos, e fui para o meu carro. Parte de mim queria ir direto para o apartamento de Santos e esmurrar a porta dela, no melhor estilo *Eyewitness News*.

O que não resultaria em nada de bom.

Em vez disso, liguei para o Rid. Ele estava correndo na esteira, que me parecia uma metáfora interessante, e ofegando do outro lado da linha.

— Sabe o que Santos fez agora?

— Abe — disse ele, a fala entrecortada por causa da corrida. — Nós combinamos não... falar mais sobre isso.

— Ela foi falar com Luther.

A esteira parou de girar no fundo. Eu tinha atraído a atenção dele.

— Por quê?

— Porque ele é um antigo cortador de cana, e agora Santos quer provar que JT e eu elaboramos um plano para matar Tyla Tomkins e fazer parecer que tinha sido obra do Cortador.

— Ela não devia trazer o velho para essa história.

— Ela também não devia trazer o JT e eu. Rid, você precisa me ajudar.

— O que você quer?

— Me diga o que ela estava procurando na minha casa ontem.

— Abe, por favor — ele disse, grunhindo.

— Qual é, Rid. Isso já foi longe demais. Fui revistado, me submeti ao polígrafo, ela vasculhou a casa do JT, revirou a minha casa sem um mandado, encurralou meu sogro em um asilo, e essa é só a parte que a gente sabe. O que Santos vai fazer depois, exumar o corpo de Samantha?

Ele fez uma pausa, mas eu quase podia sentir que Rid estava cedendo. Foi quando ele anunciou.

— Ela está procurando evidências de que Angelina fuma.

— Ela não é uma fumante.

— De que ela fuma escondido.

— Que diabo é isso?

Rid me contou sobre o ponto laranja no estacionamento do outro lado da rua da funerária na noite do velório de Tyla.

— Parece algo que um serial killer faria — eu comentei. — Observar o funeral de uma das vítimas.

— Ela não acha que foi o Cortador.

— E acha que foi Angelina?

— Vamos apenas dizer que Santos não acha que você e Angelina têm uma relação saudável.

— Não, eu preciso de mais do que isso. Preciso saber o que Santos está pensando, Rid. Ela acha que Angelina é uma esposa maluca que me seguiu até o velório de Tyla.

— Alguma coisa a fez arremessar uma garrafa de cerveja contra a porta depois de colocar você para fora de casa, Abe. E não vamos esquecer o nariz quebrado.

Eu não queria ter essa conversa de novo com Rid.

— Certo. Isso me ajuda. Mais alguma coisa que você possa me contar?

— Só uma — respondeu ele. — Esta é de fato a última vez que falamos sobre isso, Abe.

Ele desligou. Guardei meu celular. Eu tinha ouvido a certeza em sua voz, ele estava falando sério: esse seria o último favor.

E torci para não precisar de mais nenhum.

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

Angelina estava acordada e na cozinha quando cheguei em casa. As vans da mídia não estavam mais do lado de fora. Eu me perguntei se ela tinha roubado minha ideia.

— O que você fez, abriu a mangueira da direção no *Eyewitness News*?

Ela estava de roupão, o cabelo molhado e enrolado em uma toalha. Tinha acabado de tomar banho.

— Jeffrey cuidou deles — respondeu ela, se servindo de uma xícara de café.

— Como?

Angelina misturou adoçante ao café.

— Eu disse a ele que as redes de televisão estavam lá fora. Jeffrey ligou para os produtores e prometeu uma entrevista exclusiva comigo se as vans desaparecessem.

— Você não pode prometer entrevistas exclusivas para todo mundo.

Ela provou o café e deu de ombros.

— Jeffrey pode. Deu certo.

— Quando essas exclusivas vão acontecer?

— Às quatro, com tempo suficiente para irem ao ar no noticiário da noite. Infelizmente, vou pegar uma gripe à três e meia.

Eu estava ficando cansado desse jogo.

— Vá se vestir. Quero ter uma reunião com o seu advogado.

— Sobre o quê?

— Quero renegociar nossa hipoteca. Vamos, Angelina, podemos ir?

— Desculpe.

Ela levou o café para o quarto e fechou a porta. Liguei para o escritório e marquei uma reunião com Winters para oito e meia. Não consigo imaginar porque

ela demorou tanto para se vestir, mas só saímos de casa às oito e quinze. Consegui chegar no horário. De algum jeito, a mãe de Angelina também.

— Margaret? O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Jeffrey me avisa toda vez que há uma reunião, uma vez que sou eu quem está pagando a conta.

— Oi, mãe.

— Olá, querida — Margaret respondeu, enquanto as duas se abraçavam.

Eu estava ficando *muito* cansado desse jogo.

— Margaret, eu entendo que foi ideia sua contratar um advogado, mas Angelina e eu vamos pagar a conta.

— Eu quero pagar — disse ela.

— Não. Nós vamos pagar. Mas, mesmo que você estivesse pagando, isso não faz de você a cliente, e nesta manhã, o advogado só vai se reunir com a cliente e o marido dela.

Margaret demorou alguns segundos para processar o que eu estava dizendo.

— Então... você quer que eu espere aqui?

— Por favor.

— Bom, tudo bem. Acho que está tudo bem.

— Está tudo bem, mãe.

— Tenham uma boa reunião, então. Estou bem aqui. Se você precisar de mim.

A recepcionista acompanhou Angelina e eu até a sala de Winters, que estava ao telefone, mas gesticulou para nós dois entrarmos. Sentamos nas poltronas em frente à mesa dele. Winters encerrou a ligação, mas não veio nos cumprimentar. Ele parecia incomodado e abriu mão das cortêsias de sempre.

— Desculpem a pressa, mas tenho seleção de júri às nove e meia — avisou ele.
— Como posso ajudar?

— Abe acha que os juros da nossa hipoteca estão muito altos. Não é, querido?

A bola estava comigo.

— Ele o quê? — perguntou Winters.

— Tenho algumas questões sobre a agente Santos. Tenho duas...

— Desculpe, Abe — Winters me interrompeu. — Detesto interromper, mas você pode nos dar licença?

— Dar licença para vocês?

— Isso. Pode você sair por alguns minutos? Antes de nós três termos uma conversa, eu gostaria de trocar uma palavrinha com a minha cliente.

Céus, eu estava cansado desse jogo.

— Tudo bem. Troque uma palavrinha. Troque um parágrafo. Troque o dicionário inteiro.

— Abe, pare com isso — disse Angelina.

— Vou esperar lá fora — avisei ao atravessar a sala.

Fechei a porta e saí andando pelo corredor. Eu não estava disposto a esperar e, a cada passo em direção ao lobby, senti cada vez mais vontade de ir direto para o elevador. Margaret me viu. Ela estava sentada no sofá de couro preto diante de uma TV de tela plana.

— Foi uma reunião curta — ela comentou.

— Pois é. Mais curta do que o planejado.

— Bom, só porque você paga a conta não quer dizer que você é o cliente.

Apertei o botão do elevador seis vezes. Se não chegasse logo, cogitei pular pela janela. Margaret afundou mais no sofá e suspirou.

— Esses jornalistas da TV não estão amolecendo em relação ao vídeo de Angelina — ela comentou.

O sinal soou quando as portas do elevador se abriram. Deixei ele ir embora e fui na direção de Margaret.

— Por que você está dizendo isso? — perguntei.

— Estão falando mal do vídeo a manhã toda. — ela voltou para a edição matinal de *EyeWitness News* e aumentou o volume. — Veja, ainda estão falando disso.

Dei a volta na mesa para ver melhor a TV, tomando o cuidado de não derrubar a incalculável obra de arte feita de cabideiros e bola de pingue-pongue. O expromotor do distrito sul da Flórida era o astro jurídico *du jour* no noticiário da manhã.

— Na teoria — disse ele — as autoridades podem pedir o reembolso por todos os custos dessa investigação. Mas isso seria muito improvável, a meu ver, se as autoridades acreditarem no que Angelina Beckham está dizendo, que fugiu por um medo legítimo de que seria a próxima vítima de um serial killer.

— Você acredita nela? — perguntou o jornalista.

— Isso é algo que está em debate. Um vídeo no YouTube não é suficiente. Ela e todos à sua volta vão ter de responder algumas perguntas bem duras.

Margaret levantou do sofá.

— Não posso mais ver isso — disse ela, saindo do lobby em direção ao corredor.

Não perguntei aonde minha sogra estava indo. O televisor tinha me hipnotizado. Era bom que Margaret tivesse saído. O canal estava reprisando a coletiva de imprensa de domingo à noite, o pedido de Jake e Margaret para que sua

filha voltasse em segurança. Jake era o único que tinha se pronunciado, mas meus olhos estavam em Margaret. Da primeira vez que vi a filmagem, eu me perguntei se Margaret ia sobreviver àquela situação. A segunda não estava sendo muito mais fácil. A recepcionista veio até mim.

— O dr. Winters está pronto para recebê-lo.

Passei com ela pela área da recepção e parei. O lobby no escritório de Winters no último andar tinha mais paredes de vidro do que a casa de espelhos de um parque de diversões, e eu queria ter certeza de que tinha visto o que achava que tinha visto. Eu estava olhando através de três folhas de vidro: uma parede de vidro bisotado atrás da recepcionista, um porta de vidro na sala de reunião principal, outra porta de vidro que dava para uma sacada na sala de reunião. Margaret estava do lado de fora, com certeza sem saber que eu, ou qualquer outra pessoa, estava olhando.

Eu não sabia que ela fumava, nunca senti o cheiro nela. Mas minha sogra estava acendendo um cigarro.

A mãe de Angelina fumava escondido.

Fiquei parado no corredor olhando, imaginando um ponto laranja brilhante no estacionamento do outro lado da rua do velório de Tyla.

Ela estava me observando. A mãe de Angelina estava *me* observando.

— Você está bem, dr. Beckham? — perguntou a recepcionista.

— Sim — respondi, enquanto caminhávamos para a sala de Winter. — Vou ficar.

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

A recepcionista bateu de leve e abriu a porta de Winters. Meu celular tocou quando eu estava prestes a entrar. A tela dizia “Depósito AAA”. Atendi, e era o gerente.

— Sr. Beckham?

— Sim, sou eu.

— Estou ligando para avisar que estou prestes a abrir sua unidade de depósito.

— Por quê? Eu esqueci de pagar a conta?

— Não. A polícia está aqui com um mandado de busca.

Meu primeiro pensamento foi Santos.

— A polícia?

— De Miami-Dade.

— Coloque um dos policiais na linha.

— Eles não vão falar com você, parceiro. Já pedi para ligarem para você, mas não precisam da sua presença. Eles não *querem* você aqui. É assim que as coisas funcionam.

Eu sabia disso.

— Mas o que estão procurando?

— Não sei.

— Está no mandado.

— Escute, eu não me envolvo com os detalhes. Só aviso os clientes caso eles queiram vir para cá. Ou sair da cidade.

— Obrigado. Estou chegando.

Desliguei e coloquei a cabeça para dentro da sala.

— Desculpem. Preciso ir.

— O quê? — disse Winters.

— Surgiu um imprevisto.

— O que está acontecendo? — perguntou Angelina.

— Não tenho tempo para explicar. Só fique aqui.

— O que eu devo fazer?

— Não sei. Troque outra palavrinha com seu advogado. Comecem com o dicionário de sinônimos. Eu preciso ir *mesmo*.

Dei meia-volta e saí correndo pelo corredor, passando pelo lobby, até o elevador.

Um portador segurou a porta para mim, e em três minutos eu estava no hall do prédio, passando pelas portas giratórias, e dentro do meu carro.

O gerente tinha dito que era a polícia de Miami-Dade, e eu acreditei, mas tinha certeza de que, de alguma forma, Santos estava por trás da busca. Eu nem tinha certeza de como ela tinha descoberto sobre o depósito. Talvez tivesse vindo à tona na visita a Luther. Liguei para Santos do carro, mas ela não atendeu. Rid também não. Acelerei, costurando entre carros que estavam indo mais devagar no trânsito da manhã. Parei ao lado das viaturas do lado de fora do depósito e subi a escada correndo até o quarto andar. A porta da minha unidade tinha sido levantada. A busca estava em andamento. A agente Santos estava parada no corredor, um sinal tácito de que ela estava agindo fora de sua jurisdição, a supervisora disfarçada de espectadora.

— Me deixe ver o mandado — eu pedi

— Essa é uma busca da polícia de Miami-Dade — ela me informou. — Fale com a detetive Reyes.

Até parece que aquilo era coisa da polícia de Miami-Dade. Fui até minha unidade. Uma equipe estava empilhando caixas no corredor. Algumas estavam abertas. Itens aleatórios estavam espalhados pelo chão. Parecia errado ver a polícia revirando os pertences de Samantha, suas lembranças, as minhas memórias. A detetive Reyes saiu da unidade e me entregou o mandado. Eu me concentrei imediatamente na parte que listava os itens incluídos na busca.

— Um facão de cortar cana? — perguntei. — Você está brincando comigo?

Santos se juntou a nós.

— Seu sogro me contou que tinha guardado seu antigo equipamento.

— Vamos contar os problemas que tenho com isso — respondi, furioso. — Um, vocês deveriam ter me ligado se queriam falar com Luther. Dois, vocês disseram que era uma busca de Miami-Dade, não sua. Três, mesmo que, tecnicamente, seja uma busca de Miami-Dade, que diabos um facão tem a ver com a detetive Reyes e a

unidade de violência doméstica, além do fato de que vocês duas se tornaram a detetive Debi e a agente Loide? Quatro, não tem nenhum facão aqui.

—O que você fez com ele?

—Nada.

—Como você sabe que não está aí?

Pensei em pouco antes de responder. *Porque eu queria saber se meu cunhado era um serial killer?*

—Por que vocês mesmas não vão ver?

—Vamos fazer isso.

A equipe continuou a trabalhar em silêncio, fazendo um levantamento, ticando cada item da busca. Fiquei olhando por alguns minutos, morrendo de raiva.

—Você tem outros mandados? —perguntei.

Reyes ignorou a pergunta. Santos nem olhou na minha direção.

Fui até a escada no fim do corredor, fechei a porta e liguei para JT pelo celular.

—Onde você andou, Abe? Estou quase sem comida de novo.

—JT, preste atenção. Isso é importante.

—Comida é importante.

—Pois é, comida com certeza é importante. Mas isso é ainda mais importante. Lembra quando a polícia foi ao seu apartamento com um mandado de busca?

—Dã. Você não está falando com o *Forrest Gump*. Odeio quando as pessoas me tratam como idiota. Eu sou esperto, Abe. Samantha até disse uma vez que eu era um gênio.

—Eu sei, me desculpe. O que eu ia perguntar é se você lembra como a polícia queria sair do seu apartamento e fazer uma busca no deque?

—Hum...

—Esqueça. Não importa se você lembra ou não. Minha questão é que o primeiro mandado não incluía uma busca na área externa. Mas a polícia sempre tem a opção de voltar com outro mandado.

—Merda! Eles vão voltar?

—Fique calmo, ok? Não tenho certeza se eles vão voltar.

—Não brinque comigo. Por que você ligaria para mim se a polícia não fosse voltar?

—Só quero que você esteja preparado.

—*Preparado?* —gritou ele. —Como eu me preparo? Não posso passar por isso de novo. Não posso, Abe.

—JT, vai ficar tudo bem. Só...

—É a tornozela, Abe!

— Não é a tornozeleira.

— Toda essa merda aconteceu depois que coloquei essa maldita tornozeleira!

— Não tem nada a ver com isso.

— Eu preciso sair daqui.

— JT, você não pode ir a lugar nenhum com a tornozeleira. A juíza vai mandar você para a cadeia.

— Não faz mal. Eles estão vindo. Você falou. Eu ouvi você falar. Vão voltar aqui!

— JT, estou a caminho. Fique aí.

— Eu preciso sair, Abe!

— JT, fique...

Parei de falar. Ele não estava mais lá.

— Mas que inferno, JT!

Guardei meu celular e corri pela escada até o carro. O cascalho se espalhou e uma nuvem de poeira subiu sobre as viaturas enquanto eu acelerava pelo estacionamento. Com tudo o mais que estava acontecendo, a última coisa de que eu precisava era que JT fosse preso e levado para o tribunal por violar a prisão domiciliar. Liguei para ele da estrada, mas ninguém atendeu. Mais uma vez, eu estava costurando entre os carros, até os que estavam acima do limite de velocidade. Eu estava a menos de um quarteirão de distância quando fui para trás de um grupo de ciclistas que estava vestido para o Tour de France, mas pedalando na velocidade de uma valsa francesa. O líder do grupo me mostrou o dedo médio quando passei pela direita para desviar deles, metade no acostamento, metade no gramado rebaixado. Os pneus do meu carro cantaram quando estacionei na vaga em frente ao apartamento de JT. Corri até a porta, mas estava trancada. Bati com força.

— JT, abra a porta!

Dei a ele um minuto. Bati de novo e encostei o ouvido na porta. Não ouvi nada no interior do apartamento, mas, se ele tivesse ido embora, fugido porque “eles” estavam voltando, não teria se dado ao trabalho de trancar a porta ao sair. Dei a volta no prédio até a entrada dos fundos do apartamento. Um cheiro forte de gardênia me cercou quando virei a esquina. A árvore que eu tinha plantado quando Samantha e eu fomos morar lá estava florida.

O quintal só era grande o bastante para o deque e uma árvore, e estava cercado por uma cerca de madeira de um metro e meio. Tentei o portão, mas estava trancado — outro sinal de que JT só podia estar lá dentro. Pulei a cerca e prendi minha camisa no arbusto de buganvílias cheio de espinhos. Rasguei a manga quando caí na terra e saí rolando e, quando fiquei de pé, estava olhando para o deque. Fiquei

paralisado. As tábuas de compensado que Samantha e eu tínhamos colocado estavam cobertas de sangue. Poças largas de sangue escuro.

—JT!

Meu coração batia forte quando corri na direção do deque. Tropecei e caí de joelhos. O sangue encharcou as pernas da minha calça, e vi o rastro vermelho que seguia até a cozinha. Eu sabia que JT estava lá, mas não consegui entrar de imediato. Deve ter sido apenas uma hesitação de uma fração de segundos, mas a imagem estava sendo gravada tão fundo no meu cérebro que pareceu mais. Meus olhos estavam grudados no deque coberto de sangue. Um velho facão de cortar cana estava no centro. Ao lado da lâmina estava a tornozeleira. Ainda estava presa ao pé de JT, e um pedaço do osso estava saltado na altura do calcanhar.

—Merda, JT! *Merda! Merda!*

Liguei para a emergência do celular enquanto corri para o apartamento pela porta aberta. Segui o rastro de sangue pela cozinha, pela sala de TV até a entrada. Foi até lá que a fuga em um pé só levou JT. Seu corpo estava imóvel no chão perto da porta. Chamei o nome dele e fui até lá. Gritei os detalhes para a atendente da emergência enquanto estapeava o rosto e abria seus olhos, qualquer coisa para trazê-lo de volta.

— O pé dele foi cortado! — informei a atendente. — Ele vai morrer com o sangramento! Mande uma ambulância!

Minha camisa já tinha sido rasgada pelos espinhos. Rasguei tiras para fazer um torniquete e amarrei com toda força que pude na batata da perna do JT. Deitei o corpo dele de costas e comecei o ressuscitamento.

—Vamos, irmão! Acorde!

Eu estava me alternando, três compressões rápidas no peito e pressão no ferimento da perna, até os paramédicos chegarem.

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

Fizemos o velório de JT no cemitério Mount Olive, onde os membros da família Vine estavam sepultados embaixo dos enormes galhos dos carvalhos há mais de meio século.

Meus esforços para reanimar JT foram inúteis. Os paramédicos chegaram tarde demais. A enorme quantidade de sangue perdido causou uma parada cardíaca. Ele morreu antes de chegar ao hospital.

Um caixão simples de metal estava na estrutura acima da cova aberta. Uma tenda verde nos protegia do sol da tarde. Foi discreto e sutil: Luther, eu e o mesmo ministro que tinha realizado a cerimônia de Samantha.

Eu não podia culpar Angelina por não querer participar.

Não depois que o sangue de Tyla Tomkins foi encontrado no facão.

Era o facão de cortar cana de Luther. Que JT pegou com Samantha. Era uma das heranças que ela confiou ao irmão depois que ficou doente, junto com os jornais amarelados que a polícia encontrou no criado-mudo do JT, o relógio da mãe deles e outros itens pessoais. JT tinha guardado os objetos em um lugar seguro depois que Samantha morreu. Ele o enterrou no quintal embaixo do deque depois de usá-lo para matar Tyla. Samantha o tinha feito prometer nunca perdê-lo e só entregá-lo a um museu, então era fácil olhar pelos olhos de JT e entender por que ele guardaria o facão mesmo depois de transformá-lo na arma de um assassinato.

A coisa mais difícil de entender era por que ele quis matar Tyla.

— Não estamos reunidos aqui hoje para nos demorar no pecado nem no motivo — disse o reverendo Otis Brown, parado ao lado do caixão. — A Bíblia ensina que “aquele que cumpre a lei, mas falha em um ponto, é responsável pelo todo. Porque Ele disse ‘Não cometerás adultério’ também disse ‘Não matarás’”.

Pisquei com os dois olhos, porque aquele que tinha mencionado assassinato estava olhando direto para mim quando falou em “adultério”.

— Não é o tamanho do pecado, mas a ausência de fé que nos separa do Senhor. JT era um homem atormentado, mas não era a face do mal. Vamos orar para que ele receba o perdão e encontre a vida eterna. Vamos repetir *A-mém*?

— Amém — Luther e eu repetimos em voz baixa.

Um par de gaios-azuis gritaram no pinheiro atrás de nós. O reverendo voltou para a cadeira dobrável ao lado de Luther e o confortou. Levantei e fui até o CD player. Toquei uma faixa. Era a música que JT e eu tínhamos cantado juntos na apartamento, a que Samantha cantava para o irmão. *Seja grato*.

A cerimônia acabou às três da tarde. Luther e eu nos despedimos do ministro. Estávamos a menos de cinquenta metros do túmulo de Samantha, e sugeri fazermos uma visita.

— Vá lá — respondeu Luther. — Quero sentar um pouco.

Eu o deixei e caminhei pela trilha de pedras até o túmulo dela. Foi uma caminhada tranquila e pacífica. E solitária. Literalmente centenas de pessoas de luto tinham me seguido pelo exato mesmo caminho para o enterro de Samantha. Ouvi muitos deles chorando e soluçando atrás de mim. Eu ainda podia ouvi-los.

— Como você está, Abe?

Parei. Eu não estava imaginando coisas. Rid estava parado na sombra do maior carvalho do cemitério. Estávamos a mais ou menos uma dúzia ou mais de lápides da de Samantha.

— Bem, acho. Um pouco preocupado com Luther. Não consigo acreditar que foi o facão dele, sabe... que...

— Eu sei.

O sol estava batendo, me forçando a apertar os olhos. Fui para a sombra e cheguei mais perto de Rid.

— Você teria sido bem-vindo para se juntar a nós na cerimônia — eu disse. — Não precisava observar de longe.

— Esta distância é suficiente — disse ele. — Não quero desrespeitar a família de Tyla.

— Eu entendo.

Rid foi até o banco embaixo da árvore e sentou.

— Você sabe que não acabou.

— Acabou, sim. JT a matou. Fim de papo.

O facão não era a única prova. Até Rid me mostrar o acordo de aluguel assinado no dia da morte de Tyla, eu tinha a informação desatualizada de que todas

as empresas de aluguel de carro exigiam um cartão de crédito. A ironia era que tinha sido eu quem fez JT tirar a habilitação e até abri uma conta conjunta com ele para ajudá-lo a refazer a vida. A cobrança no cartão de débito levou a polícia de Miami-Dade ao escritório da agência e, de lá, eles rastream o carro. Ainda havia vestígios do sangue de Tyla no porta-malas.

— Santos não vai desaparecer — disse Rid. — O motivo ainda é uma questão.

Ainda não se sabia exatamente *onde* ele tinha matado Tyla. Uma quantidade tão pequena de sangue no porta-malas sugeria que o golpe fatal tinha sido dado depois da viagem de carro, provavelmente não longe de onde ele descartou o corpo, e a maior parte do sangue que serviria de evidência tinha sido engolido pelos Everglades. A ausência de marcas nos ligamentos significava que ele devia tê-la deixado inconsciente antes de levá-la, talvez com um golpe do lado chato da lâmina — mas, como Rid tinha comentado no começo da semana, um cadáver sem cabeça impedia a confirmação de que houve fratura no crânio e contusão. JT teria seguido Tyla no carro alugado e a sequestrado enquanto ela estava correndo? Ou tinha usado o fato de que era cunhado de Abe Beckham para convencê-la a se encontrar com ele em algum lugar?

Uma única questão ainda importava de verdade: por quê?

— As razões podem ser complicadas — eu disse. — Especialmente para alguém como JT.

Ele se inclinou para frente com uma expressão séria.

— Santos não acha que JT queria matar Tyla. Ela acredita que ele a matou porque outra pessoa a queria morta.

— JT, o assassino contratado?

— Você precisa levar isso a sério, Abe. Existem muitas possibilidades. Santos vai considerar todas. E a maioria envolve você.

Fui até o banco e me sentei ao lado dele. Estávamos olhando na direção do túmulo de Samantha, uma longa fileira de lápides diante de nós.

— O que ela está pensando?

— Que você é um homem casado que precisava eliminar um dos problemas mais antigos do mundo. Uma teoria é que você pediu para JT matar Tyla. Outra é que JT fez isso por conta própria, achando que estava fazendo um favor para você.

— Isso não aconteceu.

— Faz mais sentido do que JT matar Tyla sem nenhum motivo.

— Ele tinha um motivo.

— Que você vai manter em segredo.

Olhei para o longe.

— Vou.

Rid balançou a cabeça e levantou.

— Certo. Espero que isso funcione para você.

— Eu também. Pelo menos enquanto Luther estiver vivo.

Ele colocou a mão no meu ombro.

— Cuide-se.

Assenti e o vi ir embora. Continuei sentado no banco por mais um minuto. Depois, levantei devagar e comecei a andar na direção do túmulo de Samantha. Doía colocar um pé diante do outro, mas só por dentro. O que provavelmente não era diferente da dor que tinha atormentado JT depois da morte da irmã.

Tyla tinha ligado para o apartamento onde Samantha e eu tínhamos morado. Talvez ela de fato quisesse delatar a Açúcar Cortinas por crimes cometidos na Nicarágua. Era mais provável que fosse uma desculpa para me ver de novo, uma vez que um promotor de Miami não tinha como fazer nada sobre crimes na Nicarágua. Da primeira vez que ela ligou, JT não atendeu. Tyla deixou uma mensagem para mim na nossa antiga secretária eletrônica, que nunca foi apagada, e que Santos, Rid e eu tínhamos ouvido. Mas será que tinha sido a única? Como seria possível saber se Tyla não tinha ligado de novo? E se JT tivesse falado com ela? Não existiria registro, porque JT atendeu um telefone fixo. Ele pode ter conversado com Tyla, e ninguém além dela e de JT saberia. Santos, Rid e eu só nos concentramos na mensagem. Mas talvez tenha sido a conversa — uma conversa de que ninguém sabia — que tivesse convencido JT de que Tyla estava de olho em mim.

Parei no túmulo de Samantha. A grama tinha sido aparada recentemente. Um visitante tinha deixado um buquê de flores fazia pouco tempo. Não havia cartão. Anônimo. Samantha tinha tantos amigos, tanta gente que a amava.

— Me desculpe, Samantha.

Matar Tyla tinha sido a redenção de JT. A punição de Tyla era o preço de um pecado, um pecado de que JT só sabia porque estava mexendo no meu celular um dia e viu evidências explícitas de sua obrigação. Tyla era um pouco mais nova e muito mais descuidada naquela época, e eu só podia presumir que meu cunhado descobrir uma mensagem de texto de conteúdo sexual para mim era a razão por trás do celular pré-pago e da precaução extrema que Tyla passou a ter depois, e nada de mandar mais mensagens.

De todo jeito, o segredo agora estava só comigo. O outro pecador.

Morrer não era uma vergonha. Mas é uma pena morrer por causa de um coração partido.

Samantha não tinha morrido por causa de um coração partido. Ela tinha morrido com um coração partido. Eu nunca traí Angelina. Mas tinha traído a minha mulher.

Caí de joelhos e toquei a grama no túmulo de Samantha.

— Eu sinto muito — sussurrei.

A morte de Tyla tinha sido uma justiça imperfeita, mas era justiça na cabeça de JT. Certo ou errado, JT nunca me culpou pelo meu “erro” com Tyla, pelo menos não depois que Samantha contou para ele que tinha me perdoado e que ele também precisava me perdoar. JT culpava apenas Tyla pelo coração partido de Samantha. E se culpava pelo fato de não ter podido salvar a própria irmã com um transplante de medula óssea porque não era compatível. Ele fez o que achou que precisava fazer para acertar as coisas.

De certa forma, Tyla Tomkins morreu por causa de um coração partido.

O de Samantha.

EPÍLOGO

Dez meses depois

A cana do Natal. Alguns dizem que é a cana-de-açúcar mais doce de todas. É mentira, só uma desculpa inventada para justificar o fato de a Açúcar Big se recusar a interromper a colheita e dar folga para os funcionários no Natal.

Com o tempo, mentiras e desculpas podem se tornar verdade.

Angelina era uma dessas pessoas que mal podia esperar pela chegada do Natal. O peru do Dia de Ação de Graças mal tinha esfriado, e ela corria para comprar o pinheiro perfeito.

A maioria das pessoas tinha previsto que nosso casamento acabaria até a Páscoa, o Memorial Day ou, no mais tardar, o feriado de Quatro de Julho. Tínhamos feito um “pausa” de dois meses, o eufemismo do nosso terapeuta conjugal para “separação”, mas tínhamos voltado, o que não se podia dizer sobre Brian Belter e sua futura ex-mulher.

Os dois tinham praticamente recorrido a armas químicas e nucleares e outras formas de destruição em massa na guerra de seu divórcio muito divulgado. O segundo passo em sua queda pessoal e profissional estava chegando, uma acusação criminal por tentativa de suborno. Feliz Ano-Novo.

Mas as especulações sobre os Beckham não eram gratuitas.

— Abe, querido, você pode ir até a mercearia comprar algumas chalotas?

Angelina estava na cozinha. Eu estava sentado na frente da televisão vendo os jogos universitário de futebol americano em um campeonato de véspera de Natal que não me interessava.

— Claro — gritei de volta.

Que diabo é uma chalota?

— Açúcar-mascavo?

— Pode deixar.

— Eles fecham às quatro hoje, então ande logo.

Peguei a chave do carro e fui até a porta.

Angelina e eu tínhamos parado de tentar ter um bebê. Não que tenhamos começado. Fazer amor esteve fora da pauta durante a separação. Na marca dos dois meses, nosso terapeuta sugeriu um “reencontro” para ver em que pé estávamos. A teoria era que eu nunca tinha dado uma chance para Angelina, que nenhuma mulher tinha chance depois da morte de Samantha. Sexo não deveria fazer parte do fim de semana do “reencontro”. Aliás, o terapeuta tinha aconselhado que não acontecesse. Quando aconteceu, tirei no momento do clímax.

— Bem lembrado — sussurrou ela no meu ouvido. — Vou voltar a tomar pílula.

Fim da discussão.

Ainda parecia curioso que a primeira vez que Angelina mencionou um bebê — o almoço no restaurante Big Fish no rio Miami — foi o mesmo dia que o noticiário divulgou que Tyla Tomkins estava morta.

Era uma estranha coincidência. Ou não. Quando pensei no assunto, as palavras de Rid voltaram.

Angelina está jogando com você. Ela está jogando com você.

Manobrei o carro para sair da garagem e parei na entrada.

Açúcar-mascavo e o quê? Quando lembrei, fui até a mercearia, passando pelas palmeiras cobertas de luzes pisca-pisca e outras decorações de fim de ano do sul da Flórida.

A agente Santos tinha seguido a vida. Literalmente. Nunca fiquei sabendo o que ela fez para irritar os poderosos da sede do FBI, mas ela pagou seus pecados no escritório de Miami, e sua transferência durou pouco.

Victoria Santos estava de volta a Quantico com a Unidade de Análise Comportamental, onde era seu lugar. Eu tinha pensado em mandar um bilhete de felicitações, mas acabei nunca mandando. Ou talvez eu tivesse medo que a resposta dela fosse algo como “Ainda não terminei meu trabalho com você, Beckham. Nem com a sua mulher.”

— Com licença, onde ficam os Skittles? — perguntei para o estoquista.

— Corredor sete.

Perdi cinco minutos na área dos doces antes me dar conta de que tinha dito a coisa errada. Encontrei chalotas e açúcar-mascavo, passei mais 15 minutos na fila do

suposto caixa rápido e fui para casa.

Angelina e eu não conversamos mais sobre a morte de Tyla. Nem sobre JT. Ela levou meses para se abrir comigo. Eu ainda não sabia o que fazer com a confissão.

Não tinha havido um segundo telefonema de Tyla para o JT. Aquela mensagem de voz tinha sido a única comunicação, o que, por si só, não seria suficiente para provocar JT e convencê-lo de que Tyla me queria de volta. Foram as fotos de Tyla comigo no restaurante que fizeram JT perder o controle. Fotos mostradas por Angelina.

Liguei para ela do carro.

— Comprei o que você queria — avisei.

— Obrigada, querido. Volte logo.

A mãe de Angelina era uma mulher esperta. Esperta o bastante para ver como a filha estava infeliz no casamento. A tal “outra” tinha sido a suspeita imediata de Margaret.

O detetive particular que Margaret contratou me seguiu em minha viagem para Orlando e fez valer seu pagamento com as fotos de Tyla comigo. Por que Angelina as mostrou para JT era um mistério para mim. Conversamos sobre isso pela última vez no fim de semana do Dia do Trabalho. Ela tinha me contado que estava apenas coletando todas as informações que podia sobre Tyla, e que queria checar se JT sabia a verdade sobre ela e eu. A explicação era plausível. Mas havia outra possibilidade, que usava as paranoias, os medos e a vulnerabilidade de JT: Angelina tinha ido falar com ele e apresentado Tyla Tomkins como uma inimiga em comum que precisava ser eliminada?

Não, ela respondeu. De jeito nenhum, Abe.

Mas eu tinha minhas suspeitas. Naquela época, eu ainda usava o aniversário de Samantha como senha do meu iPhone, e Angelina teria ficado ainda mais brava quando descobrisse. Quem mais teria atendido meu celular quando eu estava no banho e conversado com Tyla por dois minutos? Quem mais teria checado minhas mensagens de voz e deletado quatro de Tyla? Quem mais teria me ouvido falar com Rid ou Santos sobre a marca registrada do Cortador, e por que outra razão ela teria espalhado cinzas nas fotos e as mandado para si mesma, fazendo parecer que o serial killer tinha matado Tyla e estava atrás dela?

Por que outro motivo ela tinha fugido?

Angelina não fugiu porque achou que seria a próxima vítima do Cortador. Ela não fugiu para me ensinar uma lição ou porque estava com medo de mim. Angelina fugiu porque sabia que JT tinha matado Tyla Tomkins. Ela estava com medo de que JT a mencionasse como cúmplice — a pessoa que tinha colocado a ideia na cabeça

dele e talvez o encorajado a matar. Talvez ela tivesse ido ainda mais longe, convencido Tyla a encontrá-la em um lugar discreto para uma conversa de mulher para “outra mulher”, mandado JT em seu lugar e ajudado a alugar o carro que ele — ou eles — tinham usado para jogar o corpo nos Everglades. Ela entrou em pânico no meio da noite, vendeu o anel de Samantha na loja de penhor, pedido uma carona para duas garotas até o Miccosukee Resort no Everglades e jogou o celular na Tamiami Trail quando passaram pelo local onde o corpo de Tyla foi recuperado — *Ei, meninas, estou meio enjoada, então vou abrir o vidro*. Angelina tentou desaparecer, mas voltou dois dias depois de se dar conta de como dava trabalho desaparecer.

Eu não podia provar. Não queria nem pensar no assunto. Mas às vezes eu me perguntava. Às vezes eu ainda pensava que ela estava jogando comigo.

Deixei as chalotas e o açúcar-mascavo no balcão.

— Aqui está.

— Obrigada, querido.

Ela estava sorrindo. Angelina andava feliz e estava cada vez maior. A pílula, nosso obstetra explicou, só tinha 99,5% de garantia, não 100%. Eu, às vezes, me perguntava se Angelina de fato estava tomando a pílula, e se o nosso “reencontro” tinha sido planejado na época de seu período mais fértil. Mas deixei os pensamentos ruins de lado. Uma menina estava a caminho. A vida era boa, não era?

— O jantar vai ser servido às seis.

— Ótimo — respondi. — O que vamos comer?

— Seu prato favorito. Ossobuco.

Sim, Angelina continuava jogando comigo.

O que me fazia pensar qual seria o nosso último jantar.

AGRADECIMENTOS

Vinte e cinco anos atrás, comecei a escrever um romance sobre os cortadores de cana da Flórida, um mistério que se passava nos Everglades. Na época, eu era um advogado jovem em um grande escritório de advocacia em Miami e, depois de quatro anos voltando depois do trabalho para casa para escrever noite adentro, o resultado não foi tão doce. Meu agente, Artie Pine, me disse que eu tinha recebido “as cartas de recusa mais encorajadoras” que ele já tinha visto. Sério. Foram suas palavras exatas. “Deixe a história de lado, e escreva outro romance”, disse ele. Foi o que fiz. Vinte e dois, para ser exato.

Dúvida Fatal não guarda nenhuma semelhança com aquele primeiro tropeço, mas meu retorno ao açúcar e aos Everglades mais de duas décadas depois me fez pensar com frequência em “Artie, o otimista”, de quem todos sentimos falta. O filho dele, Richard, continua sendo meu agente, e serei para sempre grato por sua orientação. Minha editora, Carolyn Marino, faz parte do trio dinâmico quase desde o começo. Sua experiência e seu talento continuam a me tornar um escritor melhor. Minhas leitoras beta, Janis Koch e Gloria Villa, se tornaram membros indispensáveis deste trabalho de equipe. Obrigado pelo olhar afiado e pela atenção aos detalhes que se tornou uma arte perdida neste mundo de “corretores automáticos”. A editora assistente Emily Krump, a mais nova participante da equipe. Bem-vinda!

Também quero expressar minha gratidão especial a Rex Hamilton e à Everglades Foundation. Nossas viagens aos Everglades e à Baía da Flórida foram experiências inesquecíveis, altamente informativas e fontes de inspiração inestimáveis para este livro. Meu filho Ryan gostou dos barcos especialmente.

Por acaso, eu estava solteiro e namorando uma linda mulher que tinha um diploma em literatura inglesa quando meu primeiro romance sobre o açúcar morreu

na praia. Ela se casou comigo mesmo assim. Obrigado, Tiffany, por dividir os altos e baixos e tornar tudo ainda mais doce.

JMG, outono de 2014

PUBLISHER

Kaíke Nanne

EDITORA DE AQUISIÇÃO

Renata Sturm

EDITORA EXECUTIVA

Carolina Chagas

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Isis Batista Pinto

COPIDESQUE

Juliana Pitanga

REVISÃO

Jaciara Lima

Marcela Isensee

PRODUÇÃO DO ARQUIVO EPUB

Ranna Studio

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira